



Departamento de Arquitetura e Urbanismo

**O CULTO DO DIVINO ESPÍRITO SANTO E A ORGANIZAÇÃO DO
ESPAÇO FÍSICO E RITUAL DA ILHA DO PICO-AÇORES**

Olegário Manuel Goulart Morais

Trabalho teórico submetido como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em
Arquitetura

Orientador da vertente teórica:

Doutora Paula Cristina André dos Ramos Pinto, Professor Auxiliar, ISCTE-IUL

Co-orientador da vertente teórica:

Doutor Rui de Sousa Martins, Professor Auxiliar, Universidade dos Açores

Tutor da vertente prática:

Arq. José Neves, Professor Auxiliar Convidado, ISCTE-IUL

Outubro de 2015

Agradecimentos

À minha orientadora, professora doutora Paula André, pela disponibilidade, apoio, persistência e confiança que em mim depositou na prossecução deste trabalho.

Ao meu co-orientador, professor doutor Rui de Sousa Martins, pelo seu conhecimento nesta área do Espírito Santo e de outras áreas afins no Arquipélago dos Açores.

À minha esposa e filha que me compreenderam, apoiaram e incentivaram nos momentos mais difíceis deste trabalho.

Aos meus familiares e amigos próximos que colaboraram comigo, que me apoiaram e incentivaram na continuidade deste extenuante trabalho.

Aos conterrâneos picarotos, Altino Alvernaz, Amaro de Matos, Fernando Andrade, Geraldina Alvernaz, José Leonardo Gomes Goulart, José Sousa, Manuel Gabriel Dias Bettencourt, Manuel Serpa, Maria do Rosário Paulino, Mónica Goulart, Norberto Oliveira, Roberto Amaral e Ruben Alves, que me forneceram informação de vital importância para o meu trabalho.

Aos colegas de curso que me ouviram e apoiaram durante estes anos letivos.

Aos semanários da ilha do Pico, Ilha Maior, Jornal do Pico e O Dever, agradeço a cedência de documentação que se tornou essencial para a construção do roteiro das festas nas diferentes localidades da ilha.

Agradeço também disponibilidade dos funcionários da Biblioteca da Universidade dos Açores, da Biblioteca do ISCTE-IUL, da Biblioteca Nacional de Portugal, da Biblioteca da Fundação Calouste Gulbenkian, da Biblioteca Municipal Dias de Melo nas Lajes do Pico e do Museu dos Baleeiros nas Lajes do Pico.

Resumo

O culto ao Divino Espírito Santo na ilha do Pico remonta à época do povoamento, pelo que as diferentes gerações que deram continuidade a estas festas continuam a celebrar as mesmas embora com alterações resultantes da dinâmica social. Deste modo, o presente estudo pretende analisar diversas formas de celebração das festas que se foram alterando e adaptando ao longo do tempo às características da sociedade e do espaço ritual.

A alteração mais significativa que se verificou na celebração das festas do Espírito Santo na ilha do Pico, aconteceu após a construção das Capelinhas (final do século XIX) e posteriormente dos salões, os quais vieram substituir a casa do mordomo.

No trabalho de campo realizado entre 20 de Maio e 3 de Junho de 2015 foram observados, fotografados e posteriormente mapeados em base cartográfica todos os cinquenta e três circuitos processionais realizados nos núcleos urbanos de cada freguesia ou localidade dos três concelhos da ilha do Pico.

Como resultado deste mapeamento foi possível conhecer todos os tipos de dávidas oferecidas nas diferentes festas da ilha, assim como as mudanças dos rituais festivos, quer em termos de circuitos das procissões com o quase abandono da casa do mordomo, quer da alteração organizativa das procissões com a introdução das rainhas e o conseqüente aumento de quadros ou ainda da forma como se realiza o almoço partilhado nos salões.

Palavras-chave: Açores, Ilha do Pico, Espaço Físico e Ritual do Divino Espírito Santo.

Abstract

The cult of the Holy Spirit on Pico Island dates back to the time of settlement, whereby the various generations carried on with these festivities, celebrating today with changes resulting from the social dynamic. In this way, this study aims to examine various ways of celebrating the ceremonies, which have changed and adapted over time to the characteristics of society and the physical space.

The most significant change produced on the celebrations of the Holy Spirit on Pico Island happened after the construction of shrines (late nineteenth century) and later of the dining halls, which have come to replace the role of the hosts's house.

On the fieldwork conducted between May 20th and June 3rd, 2015, all fifty-three processional courses performed and the urban centers of each parish or locality of the three municipalities of the island of Pico were photographed, observed and, subsequently mapped into a cartographic database.

As a result of this mapping it was possible to observe various oblations offered in the different festivities throughout the island, as well as the changes in the ceremonial rituals, in terms of the processions courses and the virtual abandonment of the host's house, as in terms of the changes in the organization of the processions with the introduction of the *queens*, and consequently the increase of the number of stages or yet the way lunch is shared in the dining halls.

Keywords: Azores, Pico Island, Physical Space and Ritual of the Holy Spirit.

O CULTO DO DIVINO ESPÍRITO SANTO E A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO FÍSICO E RITUAL DA ILHA DO PICO-AÇORES

1.	INTRODUÇÃO.....	3
1.1.	Projeto Final de Arquitetura (PFA)	3
1.2.	Tema	3
1.3.	Metodologia.....	4
1.4.	Estado da Arte.....	5
1.5.	Objectivos	8
1.6.	Estrutura.....	9
2.	A ILHA DO PICO.....	13
2.1.	Meio Biofísico	13
2.1.1.	Situação Geográfica e Superfície	14
2.1.2.	Geologia, Vulcanismo e Sismicidade.....	15
2.1.3.	Orografia.....	17
2.1.4.	Clima	18
2.1.5.	Hidrografia.....	20
2.1.6.	Cobertura Vegetal.....	22
2.1.7.	Demografia	23
2.2.	Divisão Administrativa	23
2.2.1.	Concelhos e Freguesias	23
2.3.	Atividades Económicas.....	25
2.3.1.	Agricultura e Lavoura.....	25
2.3.2.	Vitivinicultura.....	25
2.3.3.	Pescas	29
2.3.4.	Indústrias	30
2.3.4.1.	Construção Naval.....	30
2.3.4.2.	Destilação, Infusão e Maceração	32

2.3.4.3.	Laticínios	32
2.3.4.4.	Indústria Conserveira	32
3.	O CULTO DO DIVINO ESPÍRITO SANTO NA ILHA DO PICO	35
3.1.	Impérios e Coroações: tradição e mudança no ciclo ritual	37
3.2.	Os espaços da festa	37
3.2.1.	Casas dos Mordomos.....	37
3.2.2.	Capelinhas do Espírito Santo.....	40
3.2.3.	Igrejas Paroquiais, Conventuais e Ermidas	56
3.2.4.	Salões e outros espaços recreativos	82
3.2.5.	Arraiais	85
3.3.	As procissões e a sacralização do espaço	87
3.4.	Distribuição de alimentos	97
4.	A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO FÍSICO E RITUAL DO DIVINO ESPÍRITO SANTO.....	103
4.1.	Freguesias.	103
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	127
6.	FONTES	133
6.1.	Bibliografia Citada.....	133
6.2.	Bibliografia Auxiliar.....	137
6.3.	Índice e Créditos das Imagens.	138
6.4.	Webgrafia.....	150
	ANEXOS.....	153

Capítulo 1
INTRODUÇÃO

1. INTRODUÇÃO

1.1. Projeto Final de Arquitetura (PFA)

No âmbito da vertente teórica do Projeto Final de Arquitetura, do Mestrado Integrado em Arquitetura (MIA), relativamente ao ano letivo de 2014/2015, ministrado pelo ISCTE-IUL (Instituto Universitário de Lisboa), pretende-se analisar a organização do espaço físico e ritual pelas celebrações do culto ao Espírito Santo, na ilha do Pico. Deste modo, realizar-se-á um trabalho de campo para conferir as diferentes alterações que se verificaram no espaço público e ritual, a partir do início do século XX, aquando das construções das Capelinhas bem como dos Salões recreativos e consequentes alterações no paradigma da realização das festas, devido à sua importância na organização dos rituais. Mostrar-se-á que, ao ocupar os novos espaços construídos, os quais foram, gradualmente, substituindo a casa do mordomo, a logística que se prende com a preparação e serviço do *jantar das sopas* ou da confeção das massas foi facilitada e operou-se uma diferente ocupação do espaço físico e ritual, a nível dos circuitos processionais e ou de realização do arraial.

1.2. Tema

O núcleo essencial deste trabalho é o culto do Divino do Espírito Santo e a organização do espaço físico e ritual da ilha do Pico.

A construção das Capelas e, posteriormente, dos Salões foram de grande relevância na reorganização do espaço festivo, pois vieram alterar significativamente os

rituais e a organização do contexto espacial de comemoração das festas do Espírito Santo, quer seja ao nível das procissões, quer seja dos espaços de permanência nos arraiais, e ainda da forma como se guarda temporariamente, as varas de Espírito Santo, as Coroas, bem como os pães, as rosquilhas, os bolos e o vinho que são distribuídos a todas as pessoas presentes no Império.

As alterações nos rituais deste culto do Divino, como acima se disse, não se verificaram apenas ao nível das procissões, mas também nos espaços de permanência onde decorrem os arraiais das festas. O tempo que decorre entre o final da refeição oferecida e a distribuição das massas é preenchido pela atuação das filarmónicas que, em locais improvisados ou em *quiosques* (coretos) próprios, tocam para os presentes. Com o intuito de estudar a organização do espaço ritual das celebrações, representaram-se todos os circuitos processionais das festas do Espírito Santo na ilha do Pico, de forma a dar conhecer os espaços onde circulam, assim como os locais de arraial onde as pessoas permanecem até ao esperado momento da distribuição das massas: bolos, pães e rosquilhas.

1.3. Metodologia

Na metodologia adotada foram seguidas as seguintes etapas:

Pesquisa bibliográfica que decorreu na Biblioteca da Universidade dos Açores, na Biblioteca do ISCTE-IUL, na Biblioteca Nacional de Portugal, na Biblioteca da Fundação Calouste Gulbenkian, na Biblioteca do Museu dos Baleeiros, nas Lajes do Pico e na Biblioteca Municipal Dias de Melo, nas Lajes do Pico;

Definição da estrutura do trabalho sobre o culto ao Espírito Santo na ilha do Pico;

Trabalho de campo na ilha do Pico, entre 20 de Maio e 3 de Junho de 2015 (período em que decorreram 45 das 53 festas da ilha);

Desenho em gabinete dos circuitos processionais observados, fotografados e esboçados no trabalho de campo, com o intuito de implantar os três edifícios onde se realizam as festividades do Espírito Santo (capela, salão e igreja);

O texto será escrito com base no novo acordo ortográfico, sendo ainda respeitadas as “Normas de apresentação e de harmonização gráfica para os Trabalhos de Projeto realizados na Unidade Curricular de Projeto Final de Arquitetura, do Mestrado Integrado em Arquitetura, 2014-2015”, conforme as normas estabelecidas pelo ISCTE-IUL. A norma adotada para as referências bibliográficas será a ISO 690.

1.4. Estado da Arte

O culto do Espírito Santo nos Açores tem vindo a ser muito estudado a nível regional, nacional e internacional. Podemos também salientar as diversas monografias locais, conferências, exposições e artigos sobre o Espírito Santo que têm vindo a ser publicados e que contribuem com um manancial de excelência para o estado da arte. Em contexto regional, existem diversos trabalhos sobre o Espírito Santo, quer tenham sido produzidos para a obtenção de grau académico, quer tenham surgido como monografias.

Um dos trabalhos de referência, que faz um paralelo entre as festas ainda existentes no continente português, as do arquipélago da Madeira e as do arquipélago

dos Açores é a obra de João F. Leal, *As Festas do Espírito Santo nos Açores – Um Estudo de Antropologia Social* (1994). A ilha de Santa Maria foi a que João F. Leal estudou com mais profundidade, visto que o autor residiu durante algum do tempo do trabalho na ilha, com o intuito de desenvolver os seus estudos na freguesia de Santa Bárbara. Este autor caracteriza, também, nas vertentes religiosa, social, económica, cadastral e demográfica, a freguesia de Santo Antão, na ilha de São Jorge, e a freguesia da Piedade, na ilha do Pico. Nestes estudos, João Leal encontra alguns paralelismos entre os impérios de Santa Bárbara, de Santo Antão e da Piedade, essencialmente a nível religioso e social.

Relativamente à ilha do Pico destaca-se a obra de Maria Jesus Maciel, *A Casa do Espírito Santo* (2011) que resulta de uma proposta de Professor Doutor António José de Saraiva a realizar um estudo sobre as festas do Espírito Santo da sua ilha, quando era aluna do 4º ano do Curso de História, da Faculdade de Letras de Lisboa (Maciel 2011:25). A autora evidencia um conjunto de sensações que lhe vêm da alma e das memórias de infância, dado que nasceu na freguesia que mais sofreu com o vulcanismo na ilha do Pico, a freguesia de São João (Maciel 2011:47,66). No entanto, o trabalho de Maria de Jesus Maciel não se resume à sua freguesia, ao seu concelho, mas a uma ilha que ela bem conhece, tecendo ainda considerações sobre o surgimento do culto ao Espírito Santo nos Açores, mencionando o papel da Rainha Santa Isabel e dos Franciscanos como iniciadores destas festividades (Maciel 2011:37,38).

A monografia de Maria Fernanda Simões, *Em Cada Canto um Divino Espírito Santo* (2012), é dedicada ao lugar das Terras, na freguesia das Lajes do Pico. A autora,

que nasceu nesta localidade em 1942, recolheu informação a partir do final primeira metade do século XX e cresceu-lhe as suas recordações de infância, quando o Espírito Santo era vivido com muita intensidade, apesar das dificuldades que descreve para a realização das festas. A autora refere que, na localidade das Terras, apenas em dezembro de 1965, foi inaugurado o salão recreativo, mesmo antes da ermida, que só é inaugurada em 27 de março de 1972. Podemos verificar na obra as dificuldades que esta população sentiu nos quatro séculos anteriores à construção do salão e da ermida, tendo de se deslocar para a celebração da missa, por caminhos íngremes, cerca de quatro quilómetros, até à igreja da vila das Lajes. A tenacidade que ainda hoje se pode verificar nas gentes das Terras permitiu construir o salão e a ermida, de forma a proporcionar à localidade a autonomia para a realização das festas.

A autora demonstra um sentimento profundo, no relato de cerca de 65 anos de vivências sobre o Espírito Santo, apesar de estar emigrada. Dá realce ainda ao período que lecionou nas Flores, mencionando alguns detalhes das festas naquela ilha Açoriana. Maria Fernanda Simões em 2007, quando decide realizar a festa na sua localidade, tornando-se mordoma. Porém esta estudiosa não deixa de criticar alguns abusos, que se verificam na realização nas festas do Espírito Santo, assim como noutras atividades adjacentes que servem de base à realização das festas.

Ao longo do tempo têm sido publicados relevantes contributos sobre as festas do Espírito Santo. Deste modo, indicamos alguns trabalhos que foram consultados: Carreiro da Costa (1955), Manuel Madruga (1957), Manuel Coelho (1961), Manuel Simões (1987), João Machado (1990), Dias de Melo (1991), Francisco Machado (1991),

Ermelindo Ávila (1993), Jean Poirier e outros (1998), Antonieta Costa (1999), Mari Lyn Salvador (2003), Manuel Oliveira (2001), Hélder Mendes (2006) e Carlos Lobão (2008).

Por fim, para caraterizar o meio biofísico da ilha do Pico, recorreremos a trabalhos publicados por especialistas que constam da bibliografia.

1.5. Objectivos

A realização deste trabalho pretende contribuir para o conhecimento da organização e celebração do culto do Divino do Espírito Santo e a organização do espaço físico e ritual da ilha do Pico.

Para atingir estes objetivos partimos de um calendário das festas que se realizaram na ilha do Pico em 2015:

Desenho do calendário em base cartográfica das festas que se realizaram na ilha, em 2015, entre o Sábado do Espírito Santo, primeira festa realizada na ilha, a 23 de maio, e a festa de 11 de outubro, que encerrou o calendário das festas;

Elaboração de cartas com vista a circunscrever os núcleos urbanos que, nas diferentes localidades e freguesias da ilha, realizam as festas do Espírito Santo;

Mapeamento, em base cartográfica, dos circuitos processionais que se realizam em toda a ilha do Pico;

Desenho do mapa de localização das capelinhas do Espírito Santo na ilha do Pico;

Desenho do mapa da distribuição das dávidas que são oferecidas nos arraiais das festas em torno da ilha;

Por fim, analisamos as diferenças mais significativas nas procissões, como resultado da introdução da figura da rainha, o que provocou um aumento do número de quadros, que variava de três a cinco, antes da rainha, e passou a ter entre oito a treze, neste novo período de celebração das festas, assim como o ritual do carro do vinho que integra a procissão da Segunda Feira do Espírito Santo na freguesia da Piedade.

1.6. Estrutura

O trabalho está dividido em seis capítulos: *Introdução; A Ilha do Pico; O Culto do Divino Espírito Santo na Ilha do Pico; A Organização do Espaço Físico e Ritual do Divino Espírito Santo; Considerações Finais e Fontes.*

No capítulo dois caracterizamos a ilha do Pico no contexto do Arquipélago dos Açores, em termos biofísicos sobre a situação geográfica e a superfície da ilha, a geologia, o vulcanismo, a sismicidade, a orografia, o clima, a hidrografia, a cobertura vegetal, a demografia, a divisão administrativa e as atividades económicas com maior destaque.

No capítulo três são estudadas e caracterizadas todas as formas de celebração do culto ao Divino, que se soleniza no Pico há cerca de seis séculos. Os impérios e as coroações são expressões da fé e do culto ao Espírito Santo que vêm desde a origem o povoamento, devido, principalmente, às diferentes adversidades que o povo enfrentou nesta ilha de contrastes acentuados. Os picarotos foram construindo espaços que

dignificaram e atenuaram as dificuldades para solenizarem as festividades em louvor do Espírito Santo. Nos finais do século XIX, iniciou-se a construção das Capelinhas do Espírito Santo (excetuando-se a da Silveira, que é de 1723) e, a partir de 1925 (primeira casa/salão de que há registo), iniciaram-se a construção de salões para comemorar condignamente o almoço realizado em louvor do Divino. No trabalho de campo realizado em maio e agosto de 2015, foi possível verificar a construção em curso de um salão e dois outros ainda em fase de projeto (Ribeira Grande e Pontas Negras), os quais servirão, certamente, de suporte a estes festejos. Estas construções revitalizaram as festas de um culto enraizado nas ilhas dos Açores, desde o povoamento, e, no caso do Pico, estes edifícios construídos dignificaram a forma como o Espírito Santo é celebrado.

Por fim no capítulo quatro estudamos os núcleos urbanos que realizam as festividades do Espírito Santo e os circuitos processionais que sacralizam o espaço público e organizam os rituais em louvor do Divino por cada freguesia, em torno da ilha do Pico.

Capítulo 2
A ILHA DO PICO

2. A ILHA DO PICO

2.1. Meio Biofísico

A ilha do Pico viveu, ao longo da sua história, diversas mutações sociais, devido aos acontecimentos que se verificaram desde o seu povoamento, quer em termos naturais, quer em termos dos sistemas produtivos. As constantes readaptações das suas gentes iniciaram-se com as primeiras erupções vulcânicas, pois, foi necessário deslocar populações e construir novas localidades. Também, a nível do tecido empresarial e industrial, se encontram períodos relevantes, que mais tarde são alterados por influências externas ou internas, as quais obrigaram a alternâncias nas atividades geradoras de riqueza que proporcionaram a sobrevivência das diferentes gerações. Assim aconteceu com atividades como a agricultura, a lavoura, os laticínios, a pesca, a cultura da vinha, a construção naval, a caça à baleia e as conservas de peixe.

Neste contexto de grandes dificuldades, a devoção ao Divino, que tinha sido trazida do reino na época do povoamento, foi assumindo cada vez maior fervor entre os picoenses, que prometiam realizar festas em louvor do Espírito Santo, em quase todas as localidades da ilha, se o Divino os protegesse e ajudasse. Assim, as adversidades da natureza empurraram o povo para a devoção ao Espírito Santo como forma de atenuar as dificuldades sentidas na ocupação, na forma de explorar o território ou nos impactos negativos na produção. Deste modo, a devoção e o culto do Espírito Santo foi-se enraizando nas diferentes gerações da população residente na ilha mas também nas comunidades emigrantes onde residem açorianos.

2.1.1. Situação Geográfica e Superfície

A ilha do Pico está situada, geograficamente, no grupo central do Arquipélago dos Açores, o qual é constituído por nove ilhas, distribuídas por três grupos, nomeadamente, o grupo ocidental, o grupo central e o grupo oriental.

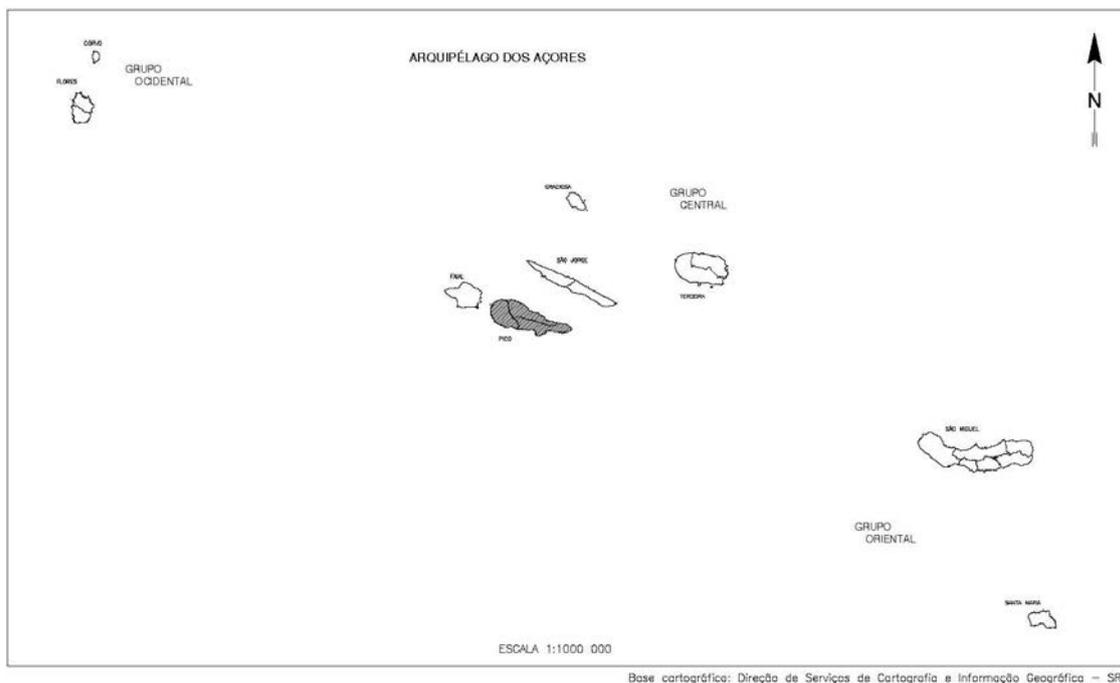


Figura 1 – Mapa do Arquipélago dos Açores (fonte DSCIG da Secretaria Regional do Turismo e Transportes).

Neste arquipélago, a ilha do Pico (ilha de São Dinis) é a segunda mais extensa, com uma área de 447 Km² e uma altitude de 2.351m (a maior elevação de Portugal). O perímetro da orla costeira tem 126 km de comprimento, sendo a mesma muito agreste e com pequenas e raríssimas praias de areia negra (Cruz, et al., 2005:223; França, et al., 2014:9).

2.1.2. Geologia, Vulcanismo e Sismicidade

A ilha do Pico desenvolve-se de forma alongada, em termos geomorfológicos, com uma direção próxima de WNW-ESSE, evidenciando-se “o controlo geotécnico que restringiu a sua edificação”, assemelhando-se ao que aconteceu nas ilhas vizinhas do Faial e de São Jorge. Poderemos dizer que se podem observar três zonas distintas no mapa de relevo da ilha do Pico: a oeste, o “Estratovulcão da Montanha do Pico”, composto por escoadas lávicas em alternância com depósitos de piroclastos; o alinhamento de cones de piroclastos, no Planalto da Achada, que tem uma direção WNW-ESSE; por fim podemos considerar, o “empilhamento de escoadas lávicas, situado no flanco sul da ilha do Pico”, as quais correspondem ao vulcão em escudo da montanha do Topo da ilha do Pico (França, et al., 2014:32).

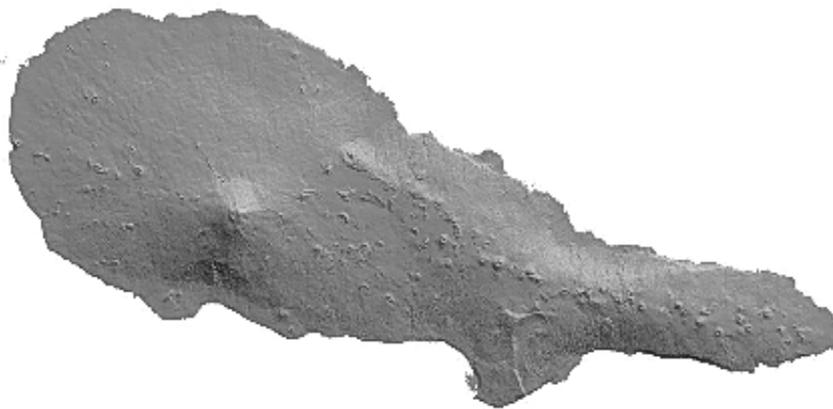


Figura 2 – Mapa da Orografia da Ilha do Pico – fonte (França, et al., 2014:15).

Volumetricamente, a montanha do Pico tem uma forma elíptica ao nível do mar, considerando-se um diâmetro máximo de 16Km e um volume próximo dos 97Km³. A

forma côncava das vertentes deste estratovulcão deriva do aumento acentuado de inclinação, que podemos verificar acima dos 1150 m, atingindo aproximadamente 50° a 70° no ponto mais alto da montanha - o Piquinho (França, et al., 2014:32,33).

A ilha do Pico desenvolve-se de forma alongada, em termos geomorfológicos, com uma direção próxima de WNW-ESSE, evidenciando-se “o controlo geotécnico que restringiu a sua edificação”, assemelhando-se ao que aconteceu nas ilhas vizinhas do Faial e de São Jorge. Poderemos dizer que se podem observar três zonas distintas no mapa de relevo da ilha do Pico: a oeste, o “Estratovulcão da Montanha do Pico”, composto por escoadas lávicas em alternância com depósitos de piroclastos; o alinhamento de cones de piroclastos, no Planalto da Achada, que tem uma direção WNW-ESSE; por fim podemos considerar, o “empilhamento de escoadas lávicas, situado no flanco sul da ilha do Pico”, as quais correspondem ao vulcão em escudo da montanha do Topo da ilha do Pico (França, et al., 2014:32).

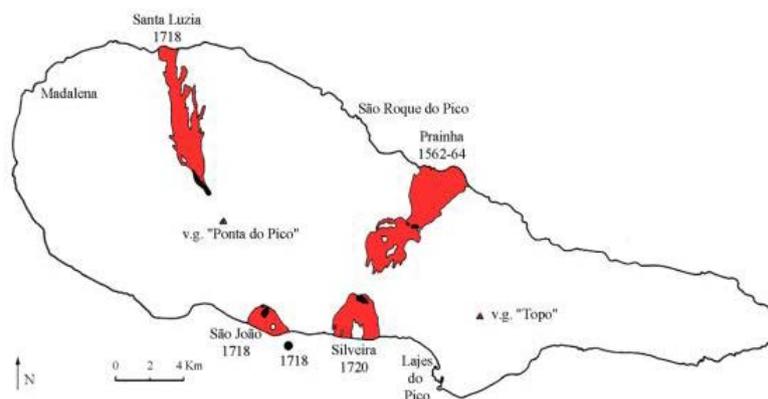


Figura 3 – Mapa das diversas erupções vulcânicas da ilha do Pico – fonte (Nunes:1999:23).

Outras crises sísmicas têm atingido os Açores ao longo da sua história, salientando-se os mais recentes que causaram enorme destruição como foi o caso da ilha Terceira, em 1980, e em 1988, na ilha do Faial. Estas crises, em especial a de 1998, provocaram imensos danos na ilha do Pico, destruindo 142 casas e atingindo mais de 225 habitações com diferentes níveis de prejuízos, provocando derrocadas de muros e abertura de fendas ou bloqueios em estradas (França, et al., 2014:70,72).

2.1.3. Orografia

A orografia da ilha do Pico diferencia-se da das restantes ilhas, não só pela montanha que tem 2.351m de altura, mas também pela quantidade de pequenos cones vulcânicos dispersos pela ilha. Com base nos *Mapas de Hipsometria e Declives, do Guia de História Natural da Ilha do Pico*, podemos observar que esta ilha possui um acentuado número de cones vulcânicos no centro e leste da ilha, sendo de referir que, a norte e a oeste da montanha, o seu número é mais reduzido. Relativamente aos maiores declives, destacam-se 5 locais: a encosta sul da montanha, na freguesia de São Caetano; a encosta de São Roque do Pico; a encosta leste do vulcão do Topo, no Arrife; a encosta norte, entre a Prainha e a Terra Alta; e a encosta sul, entre a Ribeira Grande e o Caminho de Cima, nas Ribeiras (França, et al., 2014:17).

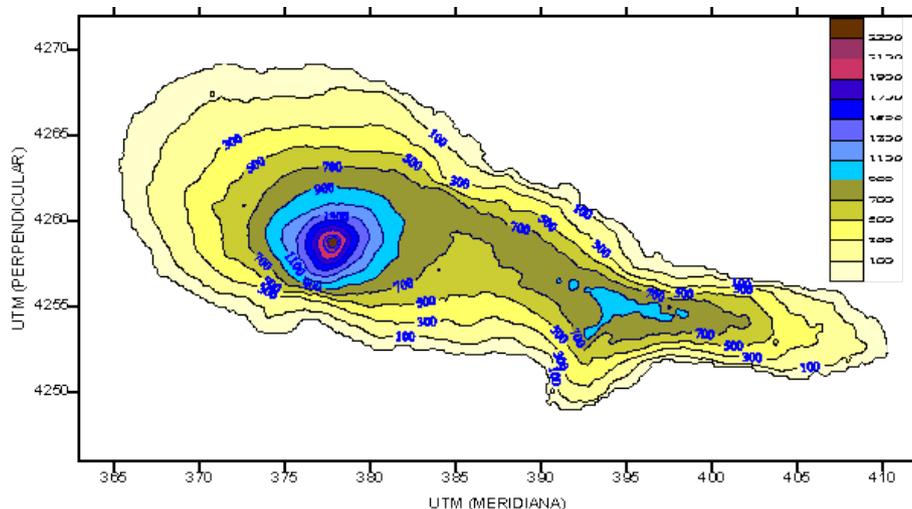


Figura 4 – Mapa de hipsometria e declives da ilha do Pico – fonte (Nunes:1999:102).

2.1.4. Clima

Na ilha do Pico, o clima caracteriza-se por ser temperado oceânico, com temperaturas amenas, rondando a temperatura média os 17.4 °C. Os ventos fortes que se fazem sentir nalgumas épocas do ano são influenciados diretamente pela orografia acentuada do terreno, gerando uma nebulosidade mais acentuada nas zonas da ilha com maior declive, nomeadamente, no limite do planalto da Achada e na montanha do Pico (Nunes, 1999:18,19).

A orografia acentuada da ilha do Pico permite ainda o surgimento de outro fenómeno climático relevante, a queda de neve na montanha, o que se verifica acima dos 1.500 m. A presença da neve tem maior permanência acima dos 2.000 m entre janeiro e março, provocando baixas temperaturas na envolvente (Nunes, 1999:19).

O culto do divino Espírito Santo e a organização do espaço físico e ritual da ilha do Pico-Açores

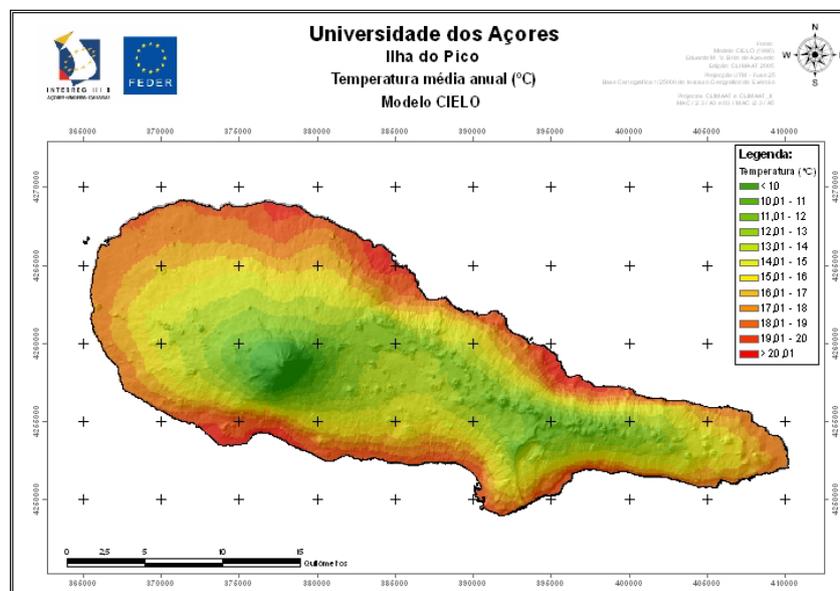


Figura 5 – Mapa da temperatura da ilha do Pico (<http://www.climaat.angra.uac.pt/projecto/projecto.htm>).

As amplitudes térmicas provocam um valor elevado de precipitação, com uma média anual, no litoral, que varia entre 1002 mm/ano e 1895 mm/ano, enquanto, nas zonas de maior altitude, varia entre os 3168 mm/ano e 4547 mm/ano, para cotas entre 750/800 m. Existe uma relação direta entre a temperatura, a humidade relativa do ar e a precipitação, verificando-se entre os meses de setembro e março o ponto mais alto de humidade, com um valor aproximado de 75% (Nunes, 1999:18,19).

A permanente luta que as populações açorianas, nomeadamente as do Pico, travaram contra a terra instável onde se instalaram, instabilidade influenciada pelo clima, pelas paisagens e fenómenos naturais, difundiram manifestações religiosas em

forma de promessas (em especial o culto do Espírito Santo) para acalmar a fúria dos vulcões e dos terremotos (Cruz, et al., 2005:27).

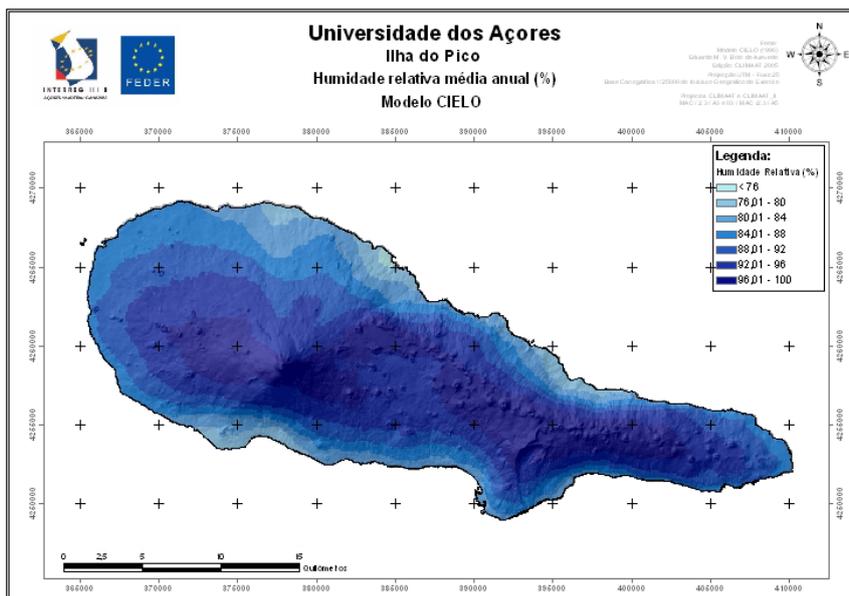


Figura 6 – Mapa da humidade relativa da ilha do Pico (<http://www.climaat.angra.uac.pt/projecto/projecto.htm>).

2.1.5. Hidrografia

A rede hidrográfica da Ilha do Pico tem uma densidade de cursos de água que se acentua de poente para nascente, em especial nas zonas das vertentes mais abruptas do perímetro do planalto da Achada (França, et al., 2014:21). As zonas húmidas têm, também, predominância no planalto da Achada, local onde se verifica a maior concentração de lagoas e lagoeiros da ilha (cerca de 30), coincidindo com os cursos de água no limite do planalto, que se caracterizam por cursos de água do tipo efémero

O culto do divino Espírito Santo e a organização do espaço físico e ritual da ilha do Pico-Açores

torrencial. Apesar das acentuadas quedas pluviométricas na montanha, não existem ribeiras na parte ocidental da ilha (Nunes, 1999:121,125; Cruz, et al., 2005:224).

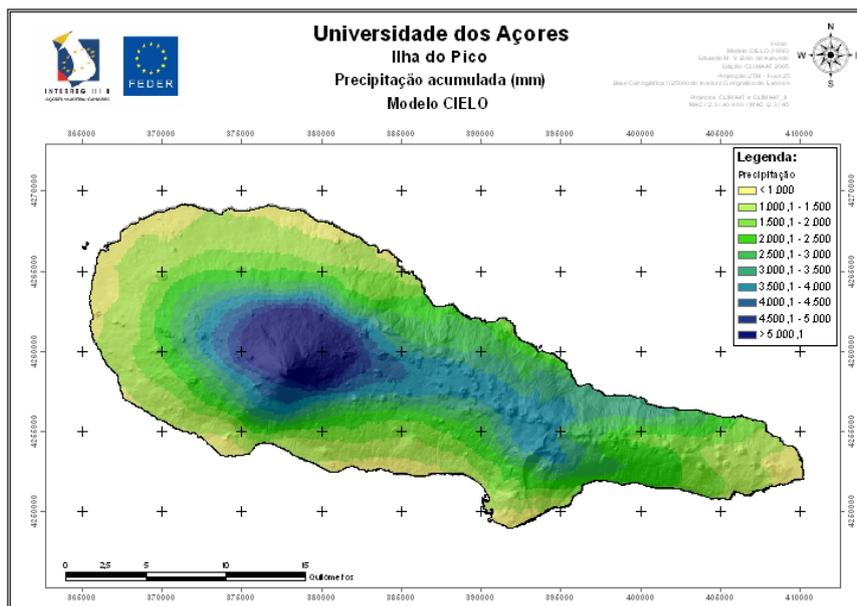


Figura 7 – Mapa com o registo da precipitação acumulada da ilha do Pico (<http://www.climaat.angra.uac.pt/projecto/projecto.htm>).

Hoje, o abastecimento de água às populações é influenciado por esses recursos hídricos, nomeadamente, o aproveitamento de água da lagoa do Caiado (Nunes, 1999:125). No entanto, grande parte da ilha do Pico é abastecida, na atualidade, por poços do subsolo ou furos e nascentes, mas, anteriormente, até meados do século XX, a água das chuvas era captada para cisternas (França, et al., 2014:23; Cruz, et al., 2005:224).

2.1.6. Cobertura Vegetal

No arquipélago dos Açores, o património natural de espécies de plantas vasculares endémicas, nativas e exóticas está inventariado, estimando-se que a quantidade total de espécies seja de 947. Na ilha do Pico, existem cinco destes endemismos açorianos e treze endemismos da Macaronésia”. Existem ainda diversas espécies de líquenes, algas e cianobactérias que povoam a ilha e conseguem adaptar-se desde a orla costeira até ao cume da montanha (França, et al., 2014:126,127).

Algumas das espécies exóticas foram introduzidas, principalmente, no século XX, e têm uma capacidade de resistência até cerca de 300 m de altitude. A vegetação natural dos Açores destaca-se a partir dos 500 m de altitude, caracterizando-se por ser densa e com diversas espécies de louro, cedro e urze. A ilha do Pico tem ainda uma particularidade que deriva da altitude, sendo que a sua floresta natural vai até os 1100m, o que faz com que tenha a maior mancha florestal de todas as ilhas dos Açores (Marques, et al., 2003; Cruz, et al., 2005:225; Dias, et al., 2007:305).

Desde a época do povoamento que a floresta da ilha do Pico foi abundante, embora, em 1509, tenha sido publicada uma postura com o intuito de evitar o corte e exportação de madeiras. No entanto, ainda no século XVI, o Pico volta a exportar madeiras e lenhas para as outras ilhas. Houve grande abundância de espécies na floresta da ilha e de grande qualidade, nomeadamente, a do louro, a do cedro, a da acácia (embora esta seja considerada invasora) e ainda a do pinheiro (Dias, et al., 2007:152, 212, 227,237).

2.1.7. Demografia

O Pico teve o seu auge populacional em 1849, com 31246 habitantes, com uma densidade demográfica de 70 habitantes por km². Porém, em 1864 a ilha já tem apenas 27721 habitantes. Saliente-se ainda que, em 1849, o Pico tinha umas das sete freguesias do Arquipélago – São Mateus – com mais de 4000 habitantes (Rocha, et al., 1983:338,342).

No censo de 2001, o Pico tinha 14.806 habitantes, enquanto que, em 2011, a população decresceu para 14.148 habitantes (média de 31 habitantes por km²), segundo os dados estatísticos do Serviço Regional de Estatística dos Açores (SREA, 2011:45,46).

2.2. Divisão Administrativa

Em termos regionais (Arquipélago dos Açores) a ilha do Pico pertencia ao Distrito Autónomo da Horta, que era constituído pelas ilhas do Pico, Faial, Flores e Corvo. A alteração político-administrativa verificada a partir de Setembro de 1976, com o “atual figurino autonómico dos Açores – Assembleia Legislativa e Representante da República e o correspondente fim da reforma administrativa de Marcello de Caetano”, o Pico deixou de estar afeto ao Distrito da Horta (França, et al., 2014:12).

2.2.1. Concelhos e Freguesias

Administrativamente, a Ilha do Pico está dividida em 3 concelhos – Madalena, São Roque e Lajes – englobando 17 freguesias (França, et al., 2014:12).

O culto do divino Espírito Santo e a organização do espaço físico e ritual da ilha do Pico-Açores

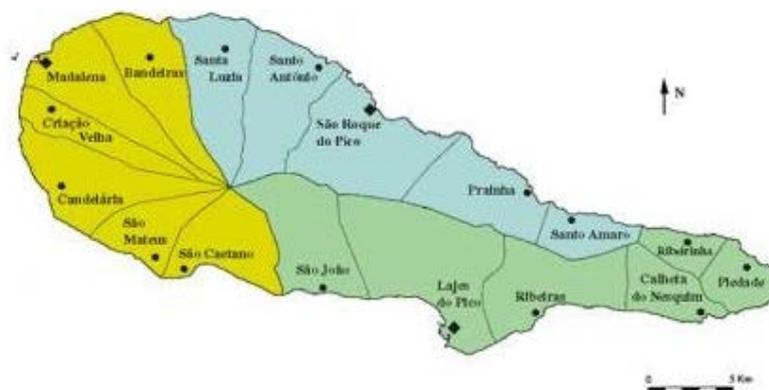


Figura 8 – Mapa das 17 freguesias e dos 3 concelhos da ilha do Pico – fonte (Nunes:1999:18).

O concelho da Madalena é constituído por 6 freguesias (São Caetano, São Mateus, Candelária, Criação Velha, Madalena e Bandeiras), sendo o concelho de São Roque constituído por 5 freguesias (Santo Amaro, Prainha, São Roque, Santo António e Santa Luzia). Por sua vez, o concelho das Lajes é constituído por 6 freguesias: Ribeirinha (a freguesia mais jovem da ilha), Piedade, Calheta de Nesquim, Ribeiras, Lajes e São João.

De seguida, apresentamos uma tabela por nós elaborada, com base na informação do último Censo do INE (página 97), na qual é possível verificar alguns dados sobre cada uma das dezassete freguesias da ilha do Pico e ainda sobre cada um dos três concelhos.

3	Município - Freguesia	População residente			População presente			Famílias		Alojamentos familiares			Alojamentos coletivos	Edifícios
4		HM	H	M	HM	H	M	Clássicas residentes	Institucionais	Total	Clássicos	Outros		
4	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14
139	Lajes do Pico	4711	2327	2384	4492	2229	2263	1672	2	3187	3187	0	13	3127
140	Calheta de Nesquim	343	176	167	338	173	165	133	0	347	347	0	0	346
141	Lajes do Pico	1802	881	921	1691	831	860	607	1	829	829	0	9	774
142	Piedade	844	433	411	825	425	400	303	1	698	698	0	3	698
143	Ribeiras	925	456	469	882	437	445	338	0	690	690	0	1	689
144	Ribeirinha	374	178	196	355	170	185	129	0	329	329	0	0	329

O culto do divino Espírito Santo e a organização do espaço físico e ritual da ilha do Pico-Açores

145	São João	423	203	220	401	193	208	162	0	294	294	0	0	291
146	Madalena	6049	2963	3086	5910	2928	2982	2129	4	3162	3162	0	13	3087
147	Bandeiras	626	296	330	614	294	320	213	0	357	357	0	1	356
148	Candelária	822	391	431	795	377	418	292	3	551	551	0	4	554
149	Criação Velha	768	379	389	735	367	368	258	0	347	347	0	0	344
150	Madalena	2581	1284	1297	2574	1301	1273	929	1	1166	1166	0	8	1101
151	São Caetano	480	233	247	450	225	225	170	0	341	341	0	0	336
152	São Mateus	772	380	392	742	364	378	267	0	400	400	0	0	396
153	São Roque do Pico	3388	1666	1722	3190	1577	1613	1241	1	2267	2264	3	30	2248
154	Praíinha	547	285	262	531	282	249	208	0	457	457	0	12	464
155	Santa Luzia	422	194	228	400	184	216	161	0	462	472	0	8	470
156	Santo Amaro	288	135	153	285	134	151	115	0	230	230	0	2	232
157	Santo António	815	404	411	770	384	386	287	0	412	410	2	1	409
158	São Roque do Pico	1316	648	668	1204	593	611	470	1	706	705	1	7	673

Figura 9 – Tabela com base na informação da página 97 do INE, IP., 2012.

2.3. Atividades Económicas

2.3.1. Agricultura e Lavoura

As atividades económicas, agricultura e lavoura, encontram-se em declínio devido a uma nova forma de utilização dos solos e à reformulação dos sistemas industriais, dado que, na agricultura, quase toda a produção de cereais, nomeadamente o milho, se verifica para a silagem, que permite o tratamento de animais, visto que a lavoura evoluiu para a produção de carne de bovino, em detrimento dos laticínios que eram produzidos na ilha.

2.3.2. Vitivinicultura

Há relatos sobre a introdução da cultura da vinha nos Açores desde o início do seu povoamento, e sobre as condições climáticas do arquipélago assim como sobre as origens dos povoadores que propiciaram o cultivo de diversas espécies, principalmente em zonas baixas. As fajãs, junto ao mar, foram escolhidas como os locais preferidos

pelos povoadores para a cultura da vinha, a qual, no caso do Pico, é atribuída a Frei Pedro Gigante. O cultivo da vinha tinha como objetivo a produção de vinho para consumo e, mais tarde, para exportação, o qual era considerado um suplemento nutricional, visto que, aquando da sua ingerência, provocava satisfação física e estimulava os consumidores (Duarte, 2001:21; Sousa, 2004:126).

A água das chuvas infiltra-se com facilidade nos biscoitos e nos lajidos do Pico, garantindo, desta forma, que os terrenos mais secos possam produzir melhores vinhos. Os solos da orla costeira da ilha foram desde o início apropriados ao cultivo da vinha, sendo classificados como os melhores nos Açores, já no final do século XVI e mantendo este atributo até à atualidade (Medeiros, 1994:204,205,209).

O sul e o oeste da ilha do Pico foram considerados os melhores locais para a expansão desta atividade, cifrando-se, já no século XVI, entre 12.000 e 15.000 o montante de pipas de vinho produzidas em São Roque, na Madalena e nas Lajes. O terreno pedregoso da parte ocidental da ilha, associado ao menor índice de pluviosidade, relativamente à restante ilha, proporcionou cultura de árvores de carouço e de vinhas. Carlos Alberto Medeiros, ao citar o *Archivo dos Açores* (vol. X, cit., p. 297), relativamente aos dados estatísticos da produção agrícola de 1702, apresenta valores que evidenciam a importância dos vinhos da ilha, dizendo que o Pico produz 20.000 das 34.000 pipas de todas as ilhas dos Açores (Medeiros, 1994:205,206,211).

O início da segunda metade do século XIX foi catastrófico para a produção dos vinhos nos Açores e o Pico não escapou a estas crises. O surgimento, de uma forma faseada, do oídio, da filoxera, do míldio e da antracnose deu origem à destruição das

castas europeias e alterou definitivamente o futuro da produção de vinhos (Duarte, 2001:73,74,78; Sousa, 2004: 115,148,149,152,206).

O impacto do oídio, no verão de 1852, e os maus anos agrícolas de 1857 a 1859 foram dramáticos para as ilhas do Triângulo, em especial para a ilha do Pico, porque, nesta época, “a vinha e o vinho eram a única e principal riqueza”. Os espetros da fome foram devastadores e provocaram alguma emigração para o Brasil e para os Estados Unidos. No início do século XX, veio visitar as ilhas do Faial e do Pico o enólogo e professor de Agronomia, Pedro Pinto Bravo, visita promovida pelo Ministério da Agricultura, a pedido do governador civil da Horta. Pedro Pinto Bravo tentou com as suas ações e conselhos alterar os hábitos dos vitivinicultores do Pico. (Duarte, 2001:73,74; Sousa, 2004:157,158,205-207; Gaspar, 2005:133).

A formação da cooperativa vitivinícola, na década de 1960, no Pico, foi um fator preponderante para salvar o vinho do Pico e para o desenvolvimento dos produtos e das áreas envolvidas nestas atividades, como evidenciam os quadros publicados pela Secretaria Regional da Agricultura e Pescas e pelo recenseamento geral agrícola de 1989, salientando-se que a área instalada na ilha do Pico para a produção de vinhos era maior do que a de qualquer das outras ilhas (Duarte, 2001:80; Medeiros, 1994:221,224).

A Cooperativa Vitivinícola da Ilha do Pico, em 1977, possuía uma capacidade de transformação de 5800 hectolitros. Estima-se que, nesse ano, o Pico tinha uma área vitivinícola de 4632 hectares, o que, comparado com épocas anteriores, demonstra crescimento nas áreas de cultivo da vinha (Sousa, 2004:215,216).

DELIMITAÇÃO DA ÁREA DE PRODUÇÃO DE VINHO COM DO - PICO

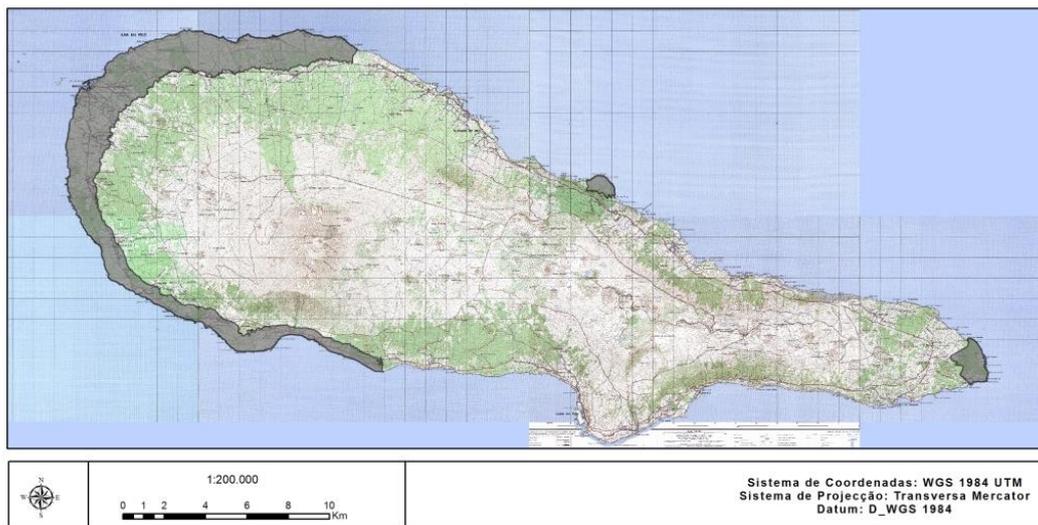


Figura 10 – Mapa das localidades de melhor qualidade na produção de vinho na ilha do Pico (<http://www.cvracores.pt/vlqprd-pico.html>).

A UNESCO, em 2004, elevou a Património Mundial “A Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico”, reconhecendo, assim, séculos de atividade das gentes desta ilha, quer a nível do tratamento e adaptação do território às melhores condições de exploração, quer a nível de escolhas do plantio das castas adequadas às condições climáticas, pois a ilha do Pico, devido às características do solo, tem boas condições para a cultura da vinha, no entanto os ventos desfavoráveis levaram muitas gerações a levantar paredes de basalto para abrigar a vinha (Gaspar, 2005:138,139).

2.3.3. Pescas

A pesca é uma atividade que desde o povoamento nos Açores tem sido exercida, com menor ou maior impacto no setor económico do Arquipélago. Os primeiros povoadores instalaram-se nas zonas mais próximas do mar e, deste modo, o acesso às atividades da pesca era facilitada e concorria grandemente para a subsistência.

A pesca nos Açores também englobou a caça à Baleia, a partir do século XVI. No Pico, no século XX, surgiram duas fábricas – uma em São Roque e outra nas Lajes. A captura deste cetáceo era realizada com sistemas arcaicos, em botes frágeis, mas foi fonte de subsistência para muitas famílias. A caça à baleia termina nos Açores em 1985 devido à convenção de Brigton, que foi retificada por Portugal, aceitando a proibição desta atividade.

A ilha do Pico não possui terrenos de grande aptidão agrícola e, por este facto, as suas gentes viraram-se para outras atividades, sendo a pesca fundamental. O regresso da Califórnia de um emigrante, João Silveira Alves, impulsionou a pesca e o transporte inter-ilhas, proporcionando bons serviços à Região com a aquisição do *Ribeirense*. A transformação do *Ribeirense* em atuneiro e os conhecimentos trazidos de San Diego pelo mestre João foram fundamentais para o desenvolvimento das pescas na ilha do Pico (Teixeira, 1981:75).

A partir de meados do século XX, a pesca torna-se industrial, em especial a do atum, com o surgimento de fábricas de transformação do pescado, as quais se instalaram nas diferentes ilhas e, no Pico, surgiram nos 3 concelhos. Analisando o quadro estatístico do SREA da última década, relativamente à captura de peixe nos Açores,

podemos verificar que a ilha do Pico tem um forte impacto no valor económico deste setor da economia. Esta ilha, embora tenha cerca de 1/10 da população da ilha de São Miguel, capturou, nos anos de 2006, 84% do pescado capturado na ilha de São Miguel e, em 2007, cerca de 76%.

Estes valores são significativos para se perceber a capacidade empreendedora dos homens do Pico neste setor da economia Regional.

2.3.4. Indústrias

2.3.4.1. Construção Naval

A construção Naval nos Açores surge da necessidade de ligar as diferentes ilhas, pois, na sequência do povoamento, os primeiros colonizadores começaram logo a sentir a dificuldade mas também a necessidade de comunicar por via marítima. Deste modo, a construção de barcos que permitissem a ligação entre as ilhas tornou-se um imperativo, quer para o transporte de bens necessários à sobrevivência das populações, quer para as trocas comerciais. Diferentes tipologias de barcos sulcaram os mares dos Açores, embora muitos habitantes das ilhas não tenham conhecimento das especificidades que os caracterizam. Goulart Quaresma refere-se a cada um, caracterizando-os na obra que escreveu em 1993 (Quaresma - Vol.II, 1993:11).

O Pico, desde o seu povoamento, sempre foi uma ilha voltada para o mar, porque as características dos solos não permitiam a produção de cereais (trigo e milho) para a sustentabilidade das populações. Do Pico saíam para outras ilhas barcos carregados de vários produtos alimentares, como vinho, uvas, figos, laranjas, pêssegos,

e artigos fabricados em junco e vimes, barcos esses que regressavam ao Pico com os cereais que os terrenos da ilha não conseguiam produzir (Ávila,1993:199).

Goulart Quaresma refere que, além das trocas comerciais entre as diversas ilhas, existe ainda o movimento de passageiros e o correio como forma de comunicação no arquipélago. Quaresma faz também uma referência à construção naval já existente no século XVI, no reinado de D. João III, relativamente ao Galeão Trindade, o qual seria construído para pagamento de uma dívida de Garcia Gonçalves Madruga (Quaresma - Vol.III, 1993:1; Frutuoso - Livro VI:128).

Segundo Ermelindo Ávila, a construção naval na ilha do Pico acontece desde o reinado de D. João III. Esta indústria desenvolveu-se durante séculos, tornando-se um fator de sobrevivência de grande parte da população, nos locais onde esta atividade se desenvolveu com maior relevância. Os barcos construídos na ilha do Pico estiveram ao serviço de diferentes setores de atividade marítima: “pesca, caça à baleia e cabotagem” (Ávila,1993:199).

A freguesia de Santo Amaro do Pico foi o baluarte desta atividade, embora se tenham construído diversas tipologias de barcos um pouco por toda a ilha, com maior destaque para o lugar da Furna, em Santo António, no concelho do Cais do Pico e do lugar da Aguada, nas Ribeiras, no concelho das Lajes. A capacidade empreendedora dos construtores navais santamarenses não se ficou pela ilha do Pico e pelos Açores. Emigrando para o continente americano, demonstraram as suas capacidades (em especial no sul e no centro da Califórnia), construindo barcos em estaleiros com grande suporte tecnológico (Quaresma - Vol.III, 1993:3,10,16-19,25-27; Silva, 1982:119,120).

Na atualidade, a construção naval na ilha do Pico encontra-se em declínio acentuado, pelo fato dos transportes marítimos se efetuarem com barcos de grande porte, os quais são construídos em estaleiros em Portugal continental ou no estrangeiro.

2.3.4.2. Destilação, Infusão e Maceração

A destilação de aguardente é resultante do bagaço das uvas, dos vinhos de fraca qualidade, dos figos e dos pêsegos. Estes produtos foram ao longo do tempo o suporte base da produção de aguardente em quase todas as freguesias da ilha do Pico. Por sua vez a produção de licores é mais recente mas com receitas importantes na economia da Ilha (Garcia, 2012:9,10).

2.3.4.3. Laticínios

Os laticínios e seus derivados são um setor importante na economia da ilha do Pico, embora em declínio a produção de queijo ainda representa uma importante fonte de receita para a economia da ilha.

2.3.4.4. Indústria Conserveira

As conservas de peixe foram, durante algumas décadas do século XX, um setor de grande importância para a ilha do Pico, verificando-se na atualidade um forte declínio pelo fato de apenas se encontrar a laborar uma das três fábricas que existiram na ilha, as quais desenvolveram um importante papel na economia da ilha.

Por conseguinte, os sistemas produtivos da ilha do Pico foram significativamente alterados no século XX.

Capítulo 3

**O CULTO DO DIVINO ESPÍRITO SANTO NA ILHA DO
PICO**

3. O CULTO DO DIVINO ESPÍRITO SANTO NA ILHA DO PICO.

O culto do Espírito Santo na ilha do Pico é uma manifestação religiosa de índole católica com ritos festivos muito próprios, a qual é vivenciada com grande entusiasmo e devoção pela maioria dos habitantes de uma ilha que foi flagelada por diversas erupções vulcânicas, nomeadamente, as que decorreram nos séculos XVI e XVIII, as quais alteraram definitivamente a paisagem e as formas de vida das gentes desta ilha.

As manifestações sísmicas começaram a fazer-se sentir cerca de um século após o início do povoamento e produziram torrentes de lava, que formaram mistérios cinzentos os quais marcaram definitivamente a paisagem e as gentes que se tinham instalado nesta ilha.

Sem grande margem de erro, podemos afirmar que as festas do Espírito Santo na ilha do Pico se originaram na invocação ao Divino como forma de acalmar a natureza que se tornara madrasta, e na promessa de dar continuidade a um culto trazido do reino, na época do povoamento. Assim, a devoção das gentes do Pico ao Espírito Santo advém dos momentos de profunda aflição causados pelas catástrofes sísmicas que assolaram a ilha, momentos esses em que o povo não encontrava outro conforto ou ajuda senão implorar ao Espírito Santo para interceder por ele.

No Pico, as festas do Espírito Santo são as mais importantes manifestações religiosas da ilha, não só por serem celebradas em todas as freguesias mas também pela prevalência durante um longo período do ano, decorrendo num calendário que varia entre a Páscoa e o mês de outubro. Este calendário inicia-se na localidade da Silveira, com a celebração do Sábado do Espírito Santo, e é encerrado no mês de outubro, na

localidade das Terras, nas Lajes do Pico (ver figura 110). Estas festas mantêm ainda hoje, na sua maioria, as suas características, embora a passagem dos séculos tenha trazido algumas modificações, nomeadamente as originárias das comunidades de emigrantes, nomeadamente, o papel da rainha, que alterou o figurino das procissões, as quais, antes do século XX, eram menos faustuosas.

Este capítulo será dedicado aos diferentes aspetos relacionados com este culto das gentes do Pico ao Divino Espírito Santo assim como à relação existente entre a capelinha, o salão e a igreja que proporcionam a realização das festividades. Para tal, serão relacionadas as fichas cartográficas com as imagens das Capelinhas e das Igrejas, situando-as nos circuitos processionais que ligam os edifícios que organizam o espaço ritual das festas do Espírito Santo, de salientar que as capelinhas localizam-se quase sempre na proximidade das igrejas. Estudaremos as dádivas oferecidas ao povo nos dias de festa, nomeadamente, os bolos de véspera, o pão e as rosquilhas. Mostraremos que a Casa do Mordomo e a Igreja foram as edificações à volta das quais se concentravam todas as tarefas e rituais da festa e que, no final do século XIX e no início do século XX, com a construção das Capelinhas e mais tarde dos Salões, se verificou uma transformação do espaço ritual das festas do Espírito Santo na ilha do Pico. Tentaremos esclarecer que essas alterações provocaram uma transformação definitiva no ritual das festas, dado que a Capelinha e o Salão passaram a ser o espaço, por excelência, das funções que anteriormente eram realizadas na Casa do Mordomo, surgindo ainda uma alteração do local dos Arraiais, que passaram a realizar-se em lugares próximos das Igrejas ou das Capelinhas.

3.1. Impérios e Coroações: tradição e mudança no ciclo ritual

Os impérios e as coroações são acontecimentos celebrados de forma diferenciada, principalmente, pelo facto de o império ser uma celebração realizada por uma irmandade, enquanto a coroação resulta de uma promessa individual, em louvor do Divino, feita por pessoas residentes ou ausentes da ilha, nomeadamente, os emigrantes nos Estados Unidos e no Canadá (Leal, 1994:224,228). Contudo, nos impérios, também existem casos de pessoas que embora estejam ausentes da ilha, continuam a ser *irmãos* e participam na realização, de forma coletiva ou individual, nas festas do Espírito Santo.

3.2. Os espaços da festa

3.2.1. Casas dos Mordomos

As casas dos mordomos foram, ao longo do tempo, um local de vital importância na realização das festas do Divino Espírito Santo, mantendo-se esta situação até à primeira metade do século XX. Estas casas tiveram, nos primeiros séculos do povoamento dos Açores até meados do século XX, um papel relevante na realização das festas do Espírito Santo. A casa do mordomo era o local de realização de todas as atividades inerentes à preparação e ao serviço das sopas, assim como aos rituais de invocação do Divino, como, por exemplo, «Rezar ou cantar o Terço» (Melo, 1990:128).

As antigas construções eram providas, em média, apenas de dois ou três compartimentos, sendo a cozinha, muitas vezes, separada do resto da casa. No entanto,

um dos compartimentos tinha, nesses tempos, muito destaque – a designada *sala de fora*. Este compartimento era o maior e mais importante da casa, pois era nesta sala que aconteciam várias atividades sociais, desde os bailes, os convívios da matança do porco e o altar do trono ao Divino, o qual, no final da semana, dava lugar ao jantar das sopas do Espírito Santo. Nestes tempos passados, em algumas localidades, designavam de *armar a casa* a um conjunto de atividades que se realizavam na casa, a fim de lhe dar condições para a realização das festas (Maciel, 2011:10; Oliveira, 2001:117; Simões, 2012:38-39).

A *sala de fora* que era o melhor compartimento da casa do mordomo recebia durante uma semana a coroa e o cetro do Espírito Santo, assim como um conjunto de emblemas que são utilizados nas procissões para louvar o Divino, nomeadamente os estandartes, a vara do mordomo e as varas. Estes símbolos eram visitados durante a semana em que a coroa permanecia em casa do mordomo, onde era rezado ou cantado o terço, à noite (Melo, 1990:128; Oliveira, 2001:117; Simões, 2012:43-44).

Mas a casa do mordomo era durante uma semana um local de imensas atividades, normalmente a partir da terça-feira que antecede o domingo do Espírito Santo ou o domingo da Trindade. Era necessário cozer o pão branco para a sopa, o pão doce, as rosquilhas ou os bolos de véspera, em conformidade com o local da ilha em que se realizasse a festa do Espírito Santo. Desde o início da realização das festas era hábito fazer-se, com os restos da massa, *as pombinhas*, *as brindeirinhas* ou os *biscoitinhos*, para serem dadas às crianças. A verdadeira azáfama acontecia na noite de sábado, pois,

nessa noite, pouco se dormia para cozer ou assar as carnes para a refeição do domingo (Simões, 2012:46-51).

Em consequência da construção das capelas do Espírito Santo, que surgem no final do século XIX (excetuando-se a da Silveira, que foi construída em 1723) e ainda da construção dos salões, que surgem no final da primeira metade do século XX (com exceção da “Casa da Segunda Feira” de Santa Cruz das Ribeiras, a qual se estima ter sido construída na segunda década do século XX), a casa do mordomo começou a deixar de ter a centralidade que antes possuía. Foram as capelinhas e os salões que vieram, então, ocupar o espaço mais importante nos rituais das festas do Espírito Santo (Maciel, 2011:93). Assim, os símbolos do Espírito Santo passaram a ser aí guardados e as atividades que antes eram realizadas na Casa do Mordomo começaram a realizar-se nestes dois novos espaços dedicados ao culto do Divino. Acreditamos que estas alterações vieram melhorar significativamente as condições de realização das festas e minimizar muitas dificuldades aos mordomos e aos seus colaboradores, pois a exiguidade da Casa do Mordomo impedia, de alguma maneira, a exuberância e a dimensão que os almoços do Espírito Santo hoje têm. Até ao início do século XX, para servir o almoço a todos os convidados e colaboradores, tinha de se pôr várias vezes a mesa, diferentemente da atualidade, após a construção dos salões, já que agora todos os convidados partilham a refeição em simultâneo.

Nos estudos realizados em trabalho de campo, pudemos verificar que, nas cinquenta e três procissões realizadas, saíram da casa do mordomo onze procissões em 2015, o que é um número bastante baixo. Como vimos anteriormente, a capelinha e o

salão vieram substituir a casa do mordomo em todas as suas funções, articulando-se estes dois novos espaços com a Igreja ou Ermida, consoante o local da festa.



Figura 11 – Início da procissão da Terça Feira do Espírito Santo em Santa Cruz das Ribeiras (ver figura 173).



Figura 12 – Procissão a sair da Casa do Mordomo na Terça Feira do Espírito Santo em Santa Cruz das Ribeiras.

3.2.2. Capelinhas do Espírito Santo

As capelas do Espírito Santo também eram conhecidas por *Casa do Espírito Santo*, *Império ou Ermida* (Maciel, 2011:102). Ainda, nalgumas localidades da ilha do Pico, é conhecida por *Capelinha do Espírito Santo ou Copeira*, nomeadamente na costa norte, onde o nome mais atribuído é de *Copeira* (Ávila, 1993:201; Ávila, 2005:195).

A construção das 29 capelas do Espírito Santo da ilha do Pico (uma das quais sem atividade – a capela de Sant’Ana) decorreu desde o final do século XIX até ao final do século XX, excetuando-se a Capela da Silveira que foi construída em 1723. Esta capela foi construída na sequência das diversas erupções vulcânicas que decorreram no Pico entre 1562 e 1720, terminando precisamente na Silveira, na zona do Cabeço do Soldão, (França, et al., 2014:55-57).

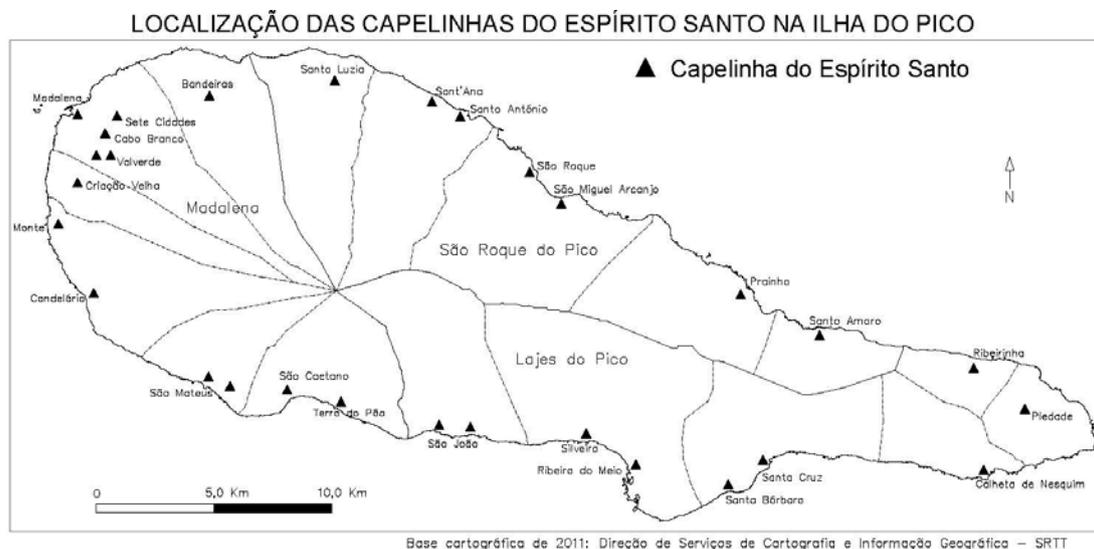


Figura 13 – Mapa da localização das Capelinhas na ilha do Pico (ver figuras 15 a 46).

No que concerne às restantes capelas que foram construídas em redor da ilha do Pico, podemos verificar diferentes épocas de construção, tipologias, dimensões e características construtivas. Estas capelas enriqueceram o património edificado da ilha e vieram dinamizar a forma como as festas se passaram a realizar, nomeadamente, no circuito das procissões, na distribuição do pão e na realização dos arraiais. A utilidade da construção das capelas veio a evidenciar-se ao longo do tempo, quer na guarda de símbolos ou insígnias do Espírito Santo, ou ainda na distribuição das massas pelos presentes nas festas (Leal, 1994:228-229,233,234; Maciel, 2011:19).

Os bolos de véspera, os pães de água, os pães doces e as rosquilhas são os quatro tipos de massa distribuídos ao longo do calendário das festas do Espírito Santo, na ilha do Pico, sendo depositadas na capelinha ou em edifício próximo do salão ou da igreja,

nos casos onde aquela não existe, nomeadamente nas localidades do Campo Raso, do Cais do Pico, da Prainha de Cima, dos Fetais, da Ribeira Grande, das Pontas Negras, das Terras e das Lajes do Pico.



Figura 14 – O pão, o bolo de véspera e a rosquilha são as principais dádivas oferecidas nos dias de festa em todas as localidades da ilha do Pico (ver figura 183).

No trabalho de campo, fez-se o levantamento de todas as Capelas e verificaram-se as suas características, dimensões e época de construção. Para tal, estabeleceu-se um critério de análise, percorrendo os três concelhos de forma sequencial, com início no concelho da Madalena, passando depois a São Roque e concluindo nas Lajes do Pico. Deste modo, o mapa das capelinhas da ilha inicia-se na freguesia de São Caetano e termina na freguesia de São João.

Concelho da Madalena do Pico

Na freguesia de São Caetano, foram edificadas duas capelas, uma na localidade da Terra do Pão, em 1935, e uma segunda em São Caetano, em 1960. No império da Terra do Pão, que fica situado no limite da Estrada Regional, é realizada a festa em louvor ao Divino no terceiro domingo de julho, enquanto, em São Caetano, a capela localiza-se no largo da igreja, sendo realizada a festa na terça feira do Espírito Santo.



Figura 15 – Capelinha da Terra do Pão (ver figuras 13, 110, 111 e 131).



Figura 16 – Capelinha de São Caetano (ver figuras 13, 110, 111 e 130).

As duas capelas da freguesia de São Mateus foram edificadas em 1914 e 1933, respetivamente. É de referir que a capela edificada em 1914 se situa no largo da igreja e aí são realizadas duas festas; a do domingo do Espírito Santo e a de 21 de setembro. Esta festa que se realiza a 21 de setembro tem quase trezentos anos, visto que foi instituída em 1718, aquando da erupção vulcânica em São João. Quanto à segunda capela, que foi edificada em 1933, na zona do Paço, era, no início, sede da festa do domingo da Trindade. No entanto, a “Associação da Mocidade Católica” alterou a data da festa para o primeiro domingo de julho, visto que a quantidade de festas realizadas na ilha do Pico no domingo da Trindade dificultavam a realização desta festa.



Figura 17 – Capelinha do Largo da Igreja em São Mateus (ver figuras 13, 110, 112, 113, 132 e 134).



Figura 18 – Capelinha do Paço em São Mateus (ver figuras 13, 110, 112 e 133).

Na freguesia da Candelária, existem duas capelas do Espírito Santo, uma das quais foi construída em 1962, na envolvente da igreja de Nossa Senhora das Candeias, enquanto a outra foi construída em 1918, próximo da Ermida do Monte. As festas que se realizam nestas localidades são a do domingo e a da segunda feira do Espírito Santo, respetivamente. Nesta freguesia realiza-se ainda a festa do domingo da Trindade, na localidade de Campo Raso, apesar de aí não existir capela do Espírito Santo.



Figura 19 – Capelinha de Santo António do Monte (ver figuras 13, 110, 114 e 137).



Figura 20 - Capelinha do Largo da Igreja, na Candelária (ver figuras 13, 108, 114 e 136).

A casa do Espírito Santo da freguesia da Criação Velha foi construída na envolvente da igreja de Nossa Senhora das Dores, em 1902. A sua proximidade do largo onde decorrem as festas do domingo e da segunda feira do Espírito Santo permite-lhe dar apoio na guarda das insígnias e ainda na partilha do pão ou das rosquilhas que são distribuídas.



Figura 21 – Capelinha do Espírito Santo da Criação Velha (ver figuras 13, 110, 115, 138 e 139).

Na freguesia e sede do concelho da vila da Madalena, realizam-se cinco festas do Espírito Santo, em quatro localidades – Sete Cidades, Cabo Branco, Valverde e na zona central da vila da Madalena. Em cada uma destas localidades existe uma Capelinha do Espírito Santo (excetuando-se o Valverde, que tem duas), sendo a mais antiga a das Sete Cidades, que foi construída em 1897. A capela do Cabo Branco surgiu em 1912 e as do Valverde em 1944 e 1949. As localidades de Sete Cidades e do Cabo Branco realizam a festa no domingo da Trindade, o Valverde realiza a festa da segunda feira do Espírito Santo e do domingo da Trindade, enquanto a zona centro da Madalena realiza a festa da terça feira do Espírito Santo.



Figura 22 – Capelinha das Sete Cidades
(ver figuras 13, 110, 116 e 142).



Figura 23 – Capelinha do Cabo Branco
(ver figuras 13, 110, 116 e 141).



Figura 24 – Capelinha do Valverde (ver
figuras 13, 110, 116 e 144).



Figura 25 – Capelinha do Império da Segunda Feira do Espírito
Santo do Valverde (ver figuras 13, 110, 116 e 143).



Figura 26 – Capelinha da Terça Feira do Espírito Santo da
Madalena (ver figuras 13, 110, 116 e 140).

A capela do Espírito Santo construída na freguesia da Bandeiras, localiza-se no largo a norte da igreja da Boa Nova, junto de um espaço ajardinado que permite realizar os arraiais do Espírito Santo e a distribuição dos bolos de véspera sem a utilização da estrada regional. Na freguesia das Bandeiras, realizam-se duas festas do Espírito Santo, a do domingo do Espírito Santo e a do domingo da Trindade.



Figura 27 – Capelinha do Espírito Santo das Bandeiras (ver figuras 13, 110, 117, 145 e 146).

Concelho de São Roque do Pico

Na freguesia de Santa Luzia foi construída uma capela do Espírito Santo em 1921, que se localiza no largo contíguo à igreja e ao salão paroquial onde se realizam as festas do domingo do Espírito Santo e do domingo da Trindade. Este largo adjacente aos três edifícios é bastante amplo, permitindo, deste modo, a realização dos arraiais das festas sem utilização do espaço da estrada regional.



Figura 28 – Capelinha do Espírito Santo de Santa Luzia (ver figuras 13, 110, 118, 147 e 148).

Apesar de haver duas capelas em Santo António, uma no largo adjacente à igreja de Santo António, construída em 1916, e outra no adro da Ermida, em Sant'Ana, construída em 1921, apenas se realiza a festa do domingo do Espírito Santo, em Santo António, pois a capela de Sant'Ana não se encontra em condições de ser utilizada, necessitando de obras de restauração.



Figura 29 – Capelinha do Espírito Santo de Santo António (ver figuras 13, 110, 119 e 149).



Figura 30 – Capelinha do Espírito Santo de Santa Ana (inativa).

Na vila de São Roque do Pico e sede do concelho, foram construídas duas capelas, uma em São Roque, no largo adjacente à igreja, e outra em São Miguel Arcanjo, contígua à Ermida. Estas duas localidades realizam cada uma apenas uma festa ao Divino: a do domingo do Espírito Santo e a do domingo da Trindade, respetivamente, em São Roque e em São Miguel Arcanjo. Na localidade do Cais do Pico realiza-se a festa da segunda feira do Espírito Santo, contudo nesta localidade não existe capela.



Figura 31 – Capelinha do Espírito Santo de São Roque (ver figuras 13, 110, 120 e 151).



Figura 32 – Capelinha de São Miguel Arcanjo (ver figuras 13, 108, 118 e 152).

A capela do Espírito Santo da freguesia da Prainha localiza-se no Largo do Império, estando disposta num local adequado para a função que foi construída, pois a sua centralidade em relação à igreja e à sociedade filarmónica onde decorrem as atividades relacionadas com o Espírito Santo conferem-lhe um papel aglutinador no percurso das procissões e na distribuição dos bolos de véspera. Nesta freguesia realizam-se três festas em louvor do Divino, a do domingo e a da segunda feira do Espírito Santo e ainda a do domingo da Trindade.



Figura 33 – Capelinha do Espírito Santo da Prainha (ver figuras 13, 110, 121, 153 a 156).

Na freguesia de Santo Amaro (última do concelho de São Roque do Pico), existe uma capela do Espírito Santo construída em 1925, a qual se localiza no largo da igreja, na proximidade dos dois salões. Saliente-se que todos os edifícios que estão dedicados ao culto do Divino se localizam neste largo central da freguesia, estando assim articulados entre si e de forma a funcionar em conjunto na realização das três festas do Espírito Santo que se realizam neste lugar: a do domingo e a da segunda feira do Espírito Santo e ainda a do domingo da Trindade.



Figura 34 – Capelinha do Espírito Santo de Santo Amaro (ver figuras 13, 110, 122, 157 a 159).

Concelho de Lajes do Pico

A capela do Espírito Santo, na freguesia da Ribeirinha (a primeira do concelho das Lajes do Pico), localiza-se no largo contíguo à igreja de Santo Antão. Esta capela foi construída em 1928, ficando ao serviço das três festas que se realizam nesta freguesia, no domingo e segunda feira do Espírito Santo e ainda no domingo da Trindade.



Figura 35 – Capelinha do Espírito Santo da Ribeirinha (ver figuras 13, 110, 123, 160 a 162).

Num dos locais mais simbólicos da freguesia da Piedade, foi construída uma capela do Espírito Santo em 1917, a qual serve de apoio e se destaca na realização das três festas em louvor do Divino, no domingo e na segunda feira do Espírito Santo e ainda no domingo da Trindade. Esta capela tem uma particularidade muito interessante, dado que está dividida interiormente em três compartimentos, um para arrumar o vinho, o segundo para expor os símbolos ou emblemas do Espírito Santo e o terceiro para guardar os bolos de véspera, que são distribuídos pelas pessoas que participam no arraial da festa e também pelos excursionistas e locais que, hoje, de carro, se deslocam à volta da ilha para recolher o pão, as rosquilhas ou os bolos de véspera. Apesar de, na localidade dos Fetais, se realizar desde há cerca de 20 anos uma festa do Espírito Santo, em junho, no dia de Santo António, não há aqui uma capela do Espírito Santo.

O culto do divino Espírito Santo e a organização do espaço físico e ritual da ilha do Pico-Açores



Figura 36 – Capelinha do Espírito Santo da Piedade (capela subdivida em três compartimentos: um para o vinho, um para os símbolos do Espírito Santo e outro para os bolos) com acessos diretos do exterior (ver figuras 13, 110, 124, 163 a 166).



Figura 37 – Compartimento do vinho para distribuição no arraial.



Figura 38 – Compartimento dos símbolos do Espírito Santo.



Figura 39 – Compartimento dos bolos de véspera.

A capela existente na freguesia da Calheta de Nesquim, edificada em 1954, e posteriormente restaurada em 1997, não corresponde à capela construída nos primeiros tempos, a qual foi destruída pelo ciclone de 1946. Esta nova capela localiza-se no largo adjacente à igreja e à Casa do Povo, em cujo salão se realizam as sopas do Espírito

Santo. Neste local, realizam-se três festas em louvor do Divino, a do domingo e a da segunda feira do Espírito Santo e ainda a do domingo da Trindade.



Figura 40 – Capelinha do Espírito Santo da Calheta de Nesquim (três compartimentos com acesso interior), (ver figuras 13, 110, 125, 167 a 169).

A freguesia das Ribeiras está dividida em duas paróquias, Santa Cruz e Santa Bárbara. Em Santa Cruz, foi construída uma capela em 1934, no largo adjacente à igreja, sendo realizadas duas festas em louvor do Divino, a da segunda e a da terça feira do Espírito Santo. Por sua vez, a capela de Santa Bárbara localiza-se no largo da igreja de Santa Bárbara e está anexa ao salão da filarmónica, apoiando as duas festas que aqui se realizam – a do domingo do Espírito Santo e a do domingo da Trindade. Na freguesia das Ribeiras, realizam-se mais duas festas do Espírito Santo, uma no lugar da Ribeira Grande e uma no lugar das Pontas Negras, respetivamente, na segunda e na terceira semanas de julho.



Figura 41 – Capelinha do Espírito Santo de Santa Cruz das Ribeiras (ver figuras 13, 110, 126, 172 e 173).



Figura 42 – Capelinha do Espírito Santo de Santa Bárbara das Ribeiras (ver figuras 13, 110, 126, 174 e 175).

Na vila das Lajes, sede do concelho, foram construídas duas capelas de Espírito Santo. Nesta vila realizam-se cinco festas do Espírito Santo, duas das quais em localidades que não possuem capelinha. A capela mais antiga da ilha do Pico, construída em 1723, na localidade da Silveira, contribui para a realização das festas do sábado do Espírito Santo e do domingo da Trindade. Quanto à capela da Ribeira do Meio, construída em 1919, tem uma cooperação direta na festa do domingo do Espírito Santo, que se realiza nesta localidade. A 29 de junho, na Ermida de São Pedro, nas Lajes, e em 11 de outubro, na localidade das Terras celebra-se também o Espírito Santo, mas, estas duas localidades não possuem capelinhas do Espírito Santo. Assim, realiza-se o ritual de distribuição das rosquilhas, no caso das Lajes, no largo fronteiro à igreja Matriz, e, no caso das Terras, no largo a jusante da ermida.

O culto do divino Espírito Santo e a organização do espaço físico e ritual da ilha do Pico-Açores



Figura 43 – Capelinha do Espírito Santo da Silveira (construída em 1723), (ver figuras 13, 110, 127, 179 e 180).



Figura 44 – Capelinha da Ribeira do Meio (ver figuras 13, 110, 127 e 178).

As capelas da freguesia de São João pertencem aos dois impérios instituídos nesta freguesia. A Companhia de Baixo realiza a festa do domingo do Espírito Santo e a sua capela foi construída em 1917, enquanto que, a Companhia de Cima realiza a festa da terça feira do Espírito Santo e a capela desta localidade foi construída em 1911.



Figura 45 – Capelinha do Espírito Santo da Companhia de Cima em São João (ver figuras 13, 110, 128 e 182).



Figura 46 – Capelinha do Espírito Santo da Companhia de Baixo em São João (ver figuras 13, 110, 128 e 181).

3.2.3. Igrejas Paroquiais, Conventuais e Ermidas

A ilha do Pico está dividida em 19 paróquias, embora administrativamente apenas existam 17 freguesias, isto porque a Silveira, nas Lajes do Pico, e Santa Cruz, nas Ribeiras, foram elevadas à categoria de paróquia. Em todas estas paróquias se realizam as festas do Espírito Santo.

Nos estudos realizados, verificamos que dos cinquenta e três impérios que se realizam na ilha do Pico, quarenta e um fazem a coração em igrejas paroquiais, embora neste número estejam englobadas as localidades sem igreja ou ermida. Deste modo, dez atos litúrgicos das festas do espírito Santo realizam-se em ermidas e dois em outras igrejas, nomeadamente em conventos.

A Ilha do Pico também possui dez pequenas ermidas, algumas das quais construídas muito recentemente, como é o caso da ermida do Campo Raso, inaugurada apenas em 1980. Pela sua pequenez, estas ermidas trazem algumas dificuldades para a realização dos atos religiosos afetos ao culto do Divino Espírito Santo. Assim acontece com as localidades da Terra do Pão, Campo Raso, Monte, São Miguel Arcanjo, Prainha de Cima, Fetais, Ribeira Grande, Pontas Negras, Terras e Lajes. É de salientar que algumas destas localidades tiveram dificuldades na construção das suas ermidas, dado que são núcleos habitacionais com pequeno número de habitantes. A construção das ermidas passou, quase na sua totalidade, pela ajuda de emigrantes nos Estados Unidos e no Canadá ou ainda por influência de homens que, na época, eram poderosos e abastados.

Também existem algumas localidades na ilha do Pico que, mesmo não dispendo de igreja ou ermida, realizam as festas do Espírito Santo. Salientaremos as localidades de Valverde, Cabo Branco e Sete Cidades, pertencentes à vila da Madalena, cujos habitantes se deslocam à igreja paroquial para realizar a festa do Domingo da Trindade. Tive a oportunidade de participar neste ato litúrgico, único na ilha do Pico, realizado em simultâneo pelas três comunidades, as quais, após as cerimónias na igreja, regressam, em procissão, às três localidades de origem, para o almoço das sopas do Espírito Santo. O Valverde realiza ainda, nesta mesma igreja, a festa da segunda feira do Espírito Santo, deslocando-se a população a pé, em procissão, por mais de dois mil e duzentos metros.

Pela mesma razão, ou seja, falta de uma ermida, a comunidade da Companhia de Cima, em São João, embora possuindo capela do Espírito Santo e Salão para realização das festas, tem necessidade de se deslocar, em procissão, mil e novecentos metros, para a realização do ato litúrgico na igreja, que se localiza na Companhia de Baixo.

Assim, podemos dizer que nem todas as populações têm ao seu dispor as condições mais favoráveis para a realização do culto ao Divino. No entanto, a força da tradição, a tenacidade e a profunda fé no Espírito Santo das gentes desta ilha são capazes de vencer todas as dificuldades.

Para um melhor conhecimento das comunidades, iremos falar, de uma forma sintética, de todas as igrejas paroquiais, conventuais e ermidas da ilha e das cerimónias do Espírito Santo que se realizam em cada uma. Note-se que a realização desse roteiro em torno da ilha, se iniciará na freguesia de São Caetano (primeira freguesia do

concelho da Madalena) e será concluído em São João (última freguesia do concelho das Lajes).

Concelho da Madalena do Pico

São Caetano é uma freguesia que pertenceu à Paróquia de São Mateus até 1886. O crescimento populacional desta localidade levou a população a apresentar um pedido de criação de curato, o que veio a acontecer por Decreto de 27 de Agosto de 1862. Por iniciativa do Padre José Moniz Barreto e com a colaboração de Manuel Silveira Ávila de Melo, que gastou quase toda a sua fortuna nesta obra, foi possível realizar a construção da atual igreja paroquial, cuja construção se iniciou em novembro de 1874, ficando concluída em setembro de 1878, embora já em 1876 se tenha realizada a bênção da Capela. Desta forma, a freguesia de São Caetano passou a realizar a festa da terça feira do Espírito Santo com missa solene celebrada na sua igreja (Mendes, 2011:46; Costa, 1955:123).



Figura 47 – Igreja da freguesia de São Caetano (ver figuras 110, 111 e 130).

A freguesia de São Mateus está dotada de uma igreja que é uma das maiores e mais antigas da ilha. Contudo, os sucessivos sismos e terremotos que arruinaram a localidade levaram a que a antiga igreja fosse restaurada diversas vezes. Deste modo, está inscrito numa moldura elíptica “São Mateus 1842”, embora esta não seja a data da construção mais antiga. Neste templo, foi instituído, em 1862, o culto ao Senhor Bom Jesus, o qual ainda hoje se celebra no dia 6 de Agosto de cada ano. As festas do Espírito Santo também se notabilizam em São Mateus, realizando-se a do domingo do Espírito Santo junto da Capela, construída em 1914, no largo da citada igreja. Na primeira metade do século XX (1930), foi instituída em São Mateus a “Associação da Mocidade Católica”, a qual ainda mantém uma grande vitalidade. Esta associação passou a promover as festas da irmandade da Trindade (embora a sua realização seja no primeiro domingo de julho), sendo construída uma nova Capela do Espírito Santo em 1933.

São Mateus, em 1849, era uma das mais populosas freguesias dos Açores, dado que o vulcão de 1718 destruiu a igreja e uma boa parte da freguesia de São João, o que provocou uma migração de pessoas de São João para São Mateus. O rebentamento do vulcão fez com que fosse feita uma promessa pelas gentes de São Mateus, as quais invocaram o seu padroeiro, pedindo que, se o fogo não atingisse a sua freguesia, realizariam uma festa (21 de setembro) e seriam distribuídas rosquilhas pelas pessoas que participassem nessa celebração. É com grande orgulho que Manuel Serpa, um estudioso da freguesia, nos refere que o fervor que levou a esta promessa nunca se perdeu, embora falem apenas três anos para se chegar aos três séculos de realização da mesma. (1718-2018). Assim, todos os anos, às pessoas que por ali passam

(permanecendo ou não na festa) é oferecida uma rosquilha, que invoca essa antiga promessa (Mendes, 2011:47; Costa, 1955:48).



Figura 48 – Igreja da freguesia de São Mateus (ver figuras 110, 112, 113, 130, 132 a 134).

A freguesia da Candelária possui um bonito templo, dedicado a Nossa Senhora das Candeias e começado a construir em 1760, embora anteriormente outro tenha existido desde 1626. As dificuldades que as populações sentiram para a construção da sua igreja levaram a que a mesma só fosse concluída em 1803, conforme a moldura circular que existe no seu frontão. Nesta igreja, decorrem todos os atos litúrgicos desta comunidade, inclusivamente aqueles que estão relacionados com a festa do domingo do Espírito Santo, a qual se realizou, até 2008, apenas com a distribuição das rosquilhas. No entanto, a tenacidade desta população levou a que, posteriormente, se fizessem também as sopas do Espírito Santo para oferecer aos convidados. (Mendes, 2011:32; Costa, 1955:96).



Figura 49 – Igreja da freguesia da Candelária (ver figuras 110, 114 e 136).

A população residente na Criação Velha viu em 1779, por ação do Padre António Garcia da Rosa, este curato da Madalena reconhecido e elevado a freguesia. Mais tarde, em 1782, Manuel Lourenço e sua mulher Quitéria Maria mandaram construir a atual igreja, a qual foi inaugurada em 1785. Na verdade, a ação do Padre António Garcia e de Manuel Lourenço e sua esposa foram relevantes na vida religiosa das gentes da Criação Velha. Na igreja da Senhora das Dores são celebrados os atos litúrgicos da localidade, inclusivamente, as solenidades do domingo e da segunda feira do Espírito Santo (Mendes, 2011:33; Costa, 1955:91).



Figura 50 – Igreja da freguesia da Criação Velha (ver figuras 110, 115, 138 e 139).

Na freguesia e vila da Madalena há uma magnífica igreja, construída em frente à rampa de varar os barcos do antigo porto e com a ilha do Faial no horizonte. A atual igreja só ficou concluída em 1891, contudo a primeira construção é de 1645, possuindo na época, poucas condições, que mais tarde foram melhoradas. Esta igreja tem sido alvo de sucessivas obras, dado que foi atingida pelos sismos de 1973 e de 1998. A imponência deste templo permite que, no domingo da Trindade, as localidades de Sete Cidades, Cabo Branco e Valverde integrem os três impérios num só ato litúrgico, facto único na ilha do Pico. Ao participar na missa destas três irmandades do Espírito Santo, verifiquei que, neste grandioso evento, se invocou o culto ao Divino de uma forma exemplar. À saída da igreja, é um espetáculo maravilhoso ver as três procissões, cada qual a dirigir-se à localidade de proveniência. De salientar que todas as três irmandades presentes na igreja, neste dia, percorreram distâncias superiores a mil e quinhentos metros, com destaque para o Valverde (maior procissão da ilha) com uma procissão de

mais de dois quilómetros. Na Igreja da Madalena decorrem ainda mais duas solenidades do Espírito Santo, a da segunda Feira do Espírito Santo, que se realiza no Valverde, e a da terça feira do Espírito Santo, na Vila da Madalena (Mendes, 2011:34).



Figura 51 – Igreja da freguesia (vila) da Madalena (ver figuras 110, 116, 140 a 144).

Bandeiras é a última freguesia do concelho da Madalena, na qual existe uma grandiosa igreja, que foi construída graças ao trabalho do Padre Manuel Joaquim de Serpa. Pouco se sabe sobre este edifício, só que se realizavam ali atos litúrgicos em 1860, como é confirmado pela inscrição no seu frontão em moldura elíptica: “N. S. da Boa Nova 1860”. Na igreja da Boa Nova são realizados os atos litúrgicos desta freguesia, nos quais incluímos o do domingo do Espírito Santo e o do domingo da Trindade (Mendes, 2011:30; Costa, 1955:124).



Figura 52 – Igreja da freguesia das Bandeiras (ver figuras 110, 117, 145 e 146).

A ermida de Santa Margarida, na Terra do Pão, localidade da freguesia de São Caetano, foi mandada construir por Manuel José Sequeira, de São Mateus, em cumprimento da promessa de que, se os habitantes da Terra do Pão votassem nele nas eleições, lhes construiria um templo, o que veio a acontecer em 1879 (Costa, 1955:51).



Figura 53 – Ermida da localidade da Terra do Pão, freguesia de São Caetano (ver figuras 110, 111 e 131).

Na freguesia da Candelária, foi construída, em 1980, a ermida de Nossa Senhora de Fátima do Campo Raso, a qual serve a população que anteriormente tinha de se

deslocar à igreja paroquial, para a prática dos atos religiosos. Após a construção desta pequena ermida, a localidade construiu também um salão, em 1987. Deste modo, foram criadas as condições para a realização das festas do Espírito Santo, sendo aí louvado o Divino no domingo da Trindade. Em Santo António do Monte, localidade da mesma freguesia, há uma ermida construída em 1912, cuja torre só ficou concluída em 1951, devido às dificuldades financeiras com que a população se deparou durante a construção do pequeno edifício religioso. Anteriormente, os habitantes destas duas localidades tinham de se deslocar à sede da paróquia, na Candelária, percorrendo a pé aproximadamente três quilómetros até ao centro da freguesia, com o intuito de assistirem aos atos religiosos. (Costa, 1955:96).



Figura 54 – Ermida da localidade do Campo Raso, freguesia da Candelária (ver figuras 110, 114 e 135).



Figura 55 – Ermida de Santo António do Monte, freguesia da Candelária (ver figuras 110, 114 e 137).

Concelho de São Roque do Pico

Na freguesia de Santa Luzia (primeira do concelho de São Roque do Pico), existe uma igreja que se deve à iniciativa de Vicente Pereira Furtado, o qual, muitos

anos atrás, mandou construir, junto à sua casa, uma ermida dedicada a Santa Luzia, a qual, no início, tinha poucas condições para o culto. Por isso, talvez, só em 1723 Santa Luzia se tornou paróquia. A elevação a paróquia tornou Santa Luzia a primeira freguesia do concelho de São Roque, que tem como limite poente a freguesia de Bandeiras, do concelho da Madalena. Essa igreja foi reedificada e ampliada por duas vezes, em 1733 e em 1800. Em Santa Luzia, são promovidas duas festas do Espírito Santo, a do domingo do Espírito Santo e a do domingo da Trindade. (Mendes, 2011:42: Costa, 1955:97).



Figura 56 – Igreja da freguesia de Santa Luzia (ver figuras 110, 118, 147 e 148).

A freguesia de Santo António foi promovida a paróquia em 1696, pelo Bispo de Angra Dom António Vieira Leitão, o qual mandou construir a igreja. Esta sofreu diversos melhoramentos, como se deduz da data «1917», inscrita no basalto da igreja. Nesta freguesia, realiza-se apenas a festa do domingo do Espírito Santo, embora, na localidade de Sant’Ana, já se tenha realizado a festa do domingo da Trindade, a qual

deixou de se realizar devido ao estado degradante da Ermida de Sant'Ana (Mendes, 2011:44; Costa, 1955:90).



Figura 57 – Igreja da freguesia de Santo António (ver figuras 110, 119 e 149).

A igreja de São Roque do Pico, que se localiza no centro da freguesia (Vila de São Roque e sede do concelho), apenas em 1716 se tornou Matriz, embora existam relatos de uma antiga igreja, de 1480. São Roque do Pico possui ainda uma igreja no convento de São Pedro de Alcântara, na localidade do Cais do Pico, e uma ermida, na localidade de São Miguel Arcanjo, nas quais também se realizam festas do Espírito Santo. Porém, a festa do domingo do Espírito Santo é realizada na Igreja Matriz de São Roque (Mendes, 2011:36; Costa, 1955:155).



Figura 58 – Igreja da freguesia (vila) de São Roque do Pico (ver figuras 110, 120 e 151).

Na freguesia da Prainha do Norte, em 1787, foi reedificada a igreja paroquial que já existia anteriormente. Esta reedificação prolongou-se até 1856, ano em que se concluiu a construção das torres da igreja. Nestas alterações foi ainda modificado o orago para Nossa Senhora da Ajuda. Nesta igreja, são realizados os atos litúrgicos de três festas do culto ao Divino: a do domingo e a da terça feira do Espírito Santo e ainda a do domingo da Trindade (Mendes, 2011:38).



Figura 59 – Igreja da freguesia da Prainha (ver figuras 110, 121, 154 a 156).

Em 1629, deu-se a reedificação da Igreja de Santo Amaro sobre a igreja paroquial anteriormente ali edificada, cuja data de construção se desconhece, embora se costume referir o século XVI, como data de construção da anterior igreja. Esta igreja foi alvo de vários e sucessivos melhoramentos, que têm como datas prováveis 1736, 1847 e 1864. Aqui são realizadas três celebrações ao culto do Divino, a do domingo e a da segunda feira do Espírito Santo e ainda a do domingo da Trindade (Mendes, 2011:43; Costa, 1955:20).



Figura 60 – Igreja da freguesia de Santo Amaro (ver figuras 110, 122, 157 a 159).

A irmandade da segunda feira do Espírito Santo do Cais do Pico, freguesia de São Roque, realiza o ato litúrgico da referida festa na Igreja de São Pedro de Alcântara, no convento com o mesmo nome. Esta igreja foi iniciada em outubro de 1721 e concluída em 1726, embora na noite de Natal de 1724 já se tenha rezado ali missa. A irmandade da segunda feira do Espírito Santo deste curato realiza as festividades religiosas neste local, visto que a distância de dois quilómetros para a Igreja de São Roque dificultaria a realização dos atos litúrgicos e da procissão (Costa, 1955:153).



Figura 61 – Igreja do Convento de São Roque do Pico (ver figuras 110, 120 e 150).

A pequena ermida da localidade de São Miguel Arcanjo, freguesia de São Roque do Pico, é um templo do século XVIII, embora na torre sineira esteja inscrita a seguinte data “R-1960”, que certamente se refere ao penúltimo restauro. Esta ermida serve a população da localidade de São Miguel Arcanjo na totalidade dos seus atos litúrgicos assim como nas festas do Espírito Santo, que se realizam no domingo da Trindade.



Figura 62 – Ermida da localidade de São Miguel Arcanjo, na freguesia (vila) de São Roque do Pico (ver figuras 110, 120 e 152).

Na localidade da Prainha de Cima, freguesia da Prainha, existe uma ermida dedicada a Nossa Senhora da Piedade. Esta ermida foi construída em 1765, no entanto havia uma primitiva ermida do século XVI, a qual foi destruída pela erupção vulcânica de 1562. Na ermida da Senhora da Piedade, são realizados os atos litúrgicos para a população da Prainha de Cima, inclusivamente, a celebração da festa da segunda feira do Espírito Santo.



Figura 63 – Ermida da localidade da Prainha de Cima, freguesia da Prainha (ver figuras 110, 121 e 153).

Concelho de Lajes do Pico

A freguesia da Ribeirinha, que foi até muito recentemente um lugar da freguesia, é a mais recente freguesia da ilha do Pico e tem como templo paroquial uma igreja construída em 1762 e sofreu uma profunda restauração em 1961, mas tem sido alvo de pequenos restauros e conservação ao longo do tempo, mantendo, no entanto, a traça original. Nessa igreja, são realizados diversos atos litúrgicos, de entre os quais três festas invocando o culto ao Divino: a do domingo e a da segunda feira do Espírito Santo e também a do domingo da Trindade (Mendes, 2011:39; Costa, 1955:75).



Figura 64 – Igreja da freguesia da Ribeirinha (ver figuras 110, 123, 160 a 162).

A freguesia da Piedade sofreu no século XVIII um rude golpe no seu templo principal, dado que a Igreja da Senhora da Piedade foi destruída pelo terramoto de 1757, que atingiu violentamente a ilha de São Jorge, mas cujos efeitos se fizeram sentir nesta freguesia da ilha do Pico. A construção da nova igreja teve início em 1757 e ficou concluída em 1767. Nesta igreja, são realizados os atos religiosos, no domingo e na segunda feira do Espírito Santo e ainda no domingo da Trindade, realizando-se assim as festas do Espírito Santo na freguesia da Piedade (Mendes, 2011:37; Costa, 1955:74).



Figura 65 – Igreja da freguesia da Piedade (ver figuras 110, 124, 163 a 165).

A Igreja de São Sebastião localiza-se junto ao porto da Calheta de Nesquim. A igreja atual não é a primitiva, que provavelmente terá sido construída no século XVI e tornada paróquia em 1680. Na verdade, a construção da atual igreja foi iniciada em 1851 e inaugurada em 1857. No entanto, apenas em 1860, se concluíram as suas torres. É de salientar a iniciativa do Vigário daquela época, o Padre António Silveira d'Ávila Furtado que trabalhou arduamente para que se concretizasse esta grandiosa obra. A igreja acolhe três celebrações em louvor ao Divino: a do domingo e a da segunda feira do Espírito Santo, assim como a do domingo da Trindade (Mendes, 2011:31; Costa, 1955:76).



Figura 66 – Igreja da freguesia da Calheta de Nesquim (ver figuras 110, 125, 167 a 169).

Santa Cruz é uma localidade da freguesia das Ribeiras, sendo a sua igreja elevada a paróquia no início do século XX. Nesta localidade já existia anteriormente uma pequena ermida, provavelmente do século XVI, a qual foi alterada significativamente em 1818, 1821 e 1871, com a ajuda dos pescadores. É de destacar que em 1931 e 1932, já após a elevação a paróquia, José Vieira Soares mandou executar

os altares bem como o seu douramento. Nesta igreja, realizam-se dois atos litúrgicos em louvor do Divino: o da segunda e o da terça feira do Espírito Santo (Mendes, 2011:48; Costa, 1955:68).



Figura 67 – Igreja de Santa Cruz da freguesia das Ribeiras (ver figuras 110, 126, 172 e 173).

Santa Bárbara é outra localidade das Ribeiras e a segunda paróquia desta freguesia, a qual tem ainda um conjunto de curatos, nomeadamente, o das Pontas Negras e o da Ribeira Grande. A primitiva igreja de Santa Bárbara, que existia no local da atual, decerto seria de pequenas dimensões. A nova igreja, que foi edificada em 1965, era uma ambição antiga das populações que vivem nesta localidade. A realização dos atos litúrgicos em louvor do Divino acontece nesta igreja no domingo do Espírito Santo e no domingo da Trindade (Mendes, 2011:40).



Figura 68 – Igreja de Santa Bárbara da freguesia das Ribeiras (ver figuras 110, 126, 174 e 175).

A Silveira é uma localidade da freguesia da vila das Lajes. Foi um curato das desta freguesia até 1957, data em que o Bispo da Diocese de Angra a elevou a paróquia. Da primitiva ermida não existem dados que nos possam elucidar sobre a data da sua construção. Sabemos, contudo, que a construção da atual igreja se iniciou em 1878, vindo a mesma a ser concluída uma década depois, em 1888. Na segunda década do século XX, a igreja da Silveira sofreu um violento incêndio que a destruiu completamente. Apesar disso, o padre Manuel Vieira Feliciano conseguiu, com o seu grande dinamismo, reerguer de novo o templo destruído por este incêndio. Esta igreja, dedicada a São Bartolomeu, veio a sofrer, novamente, uma grande destruição a 15 de Agosto de 1966, visto que ali deflagrou outro incêndio que destruiu o templo parcialmente. Após o sismo de 1998, a igreja sofreu, de novo, vários melhoramentos. Na Igreja de São Bartolomeu são praticados os atos litúrgicos necessários à população residente, inclusivamente as duas festas em louvor do Divino, que se realizam no

sábado do Espírito Santo e no domingo da Trindade. É de salientar que é nesta paróquia que se inicia o calendário das festas do Divino Espírito Santo na ilha do Pico (Mendes, 2011:48; Costa, 1955:125).



Figura 69 – Igreja da Silveira da freguesia (vila) das Lajes do Pico (ver figuras 110, 127, 179 e 180).

A freguesia de São João é o limite do concelho das Lajes, a poente. Esta freguesia foi devastada parcialmente em 2 de Fevereiro de 1718 por uma erupção vulcânica, que surgiu no dia seguinte à que acontecera em Santa Luzia. Essa erupção destruiu completamente a primitiva igreja da freguesia, a qual tinha sido construída em 1619, por Domingues Marques, no lugar da Arruda, atualmente um parque, onde, no verão, se realizam algumas festas e confraternizações entre famílias e amigos. As lavas que por ali escorreram destruíram os terrenos, tornando-os estéreis. Os pinheiros que foram plantados fazem sombra ao parque de recreio ali instalado. A Junta de Freguesia, em 1934, erigiu, no local da antiga igreja, um nicho com uma pequena imagem de São João e o local passou a designar-se de São João Pequenino. A freguesia deslocou-se

para leste e foi encontrado um terreno para a construção da nova igreja, que veio a concluir-se em 1832. A atual igreja de São João Batista está dotada das condições necessárias para a realização dos atos litúrgicos, incluindo as festividades do domingo do Espírito Santo e da terça feira do Espírito Santo (Maciel, 2011:73,76; Mendes, 2011:45).



Figura 70 – Igreja da freguesia de São João (ver figuras 110, 128, 181 e 182).

As celebrações religiosas do domingo do Espírito Santo, na Ribeira do Meio, localidade das Lajes do Pico, têm lugar na Igreja de Nossa Senhora da Conceição, no Convento de São Francisco, que foi construída em 1621, por doação de Ana Cardoso (Costa, 1955:121).



Figura 71 – Igreja do Convento das Lajes do Pico (ver figuras 110, 127 e 178).

A ermida dos Fetais, na freguesia da Piedade, foi construída já no final do século vinte e constitui um pequeno curato, no qual são realizados os atos litúrgicos a favor da população ali residente. Aqui surgiu, muito recentemente, uma irmandade do Espírito Santo dedicada a São João, mas que, por esse dia não ser feriado, realiza a sua festa no domingo mais próximo do dia de São João. Este império surgiu devido a desavenças que aconteceram na primeira metade do século XX entre as populações da Piedade e do lugar dos Fetais dessa freguesia, conforme descreve João Leal no trabalho que realizou em 1989 sobre a freguesia da Piedade. As gentes dos Fetais foram excluídas do Império do domingo da Trindade, que ainda hoje é realizado pelos habitantes da Altamura, outro local da Piedade (Leal, 1994:234-235).



Figura 72 – Ermida da localidade de Fetais, freguesia da Piedade (ver figuras 110, 124 e 166).

No curato da Ribeira Grande, que faz parte da freguesia das Ribeiras, existe uma ermida que foi construída em 24 de Junho de 1970. Esta ermida está dedicada a São João Batista, sendo aí realizados os atos litúrgicos necessários à população residente no local bem como a festa ao Divino que aí tem lugar na segunda semana do mês de julho.



Figura 73 – Ermida da localidade da Ribeira Grande, freguesia das Ribeiras –fotografia cedida por Noélia Alvernaz (ver figuras 110, 126 e 170).

Pontas Negras é outra localidade da freguesia das Ribeiras, realizando-se neste local diversos atos litúrgicos, na ermida aqui construída em 1950, por ação de uma emigrante, a qual reuniu as verbas suficientes para a sua edificação. O início da sua construção deu-se em 13 de Julho de 1948 e foi benzida em 6 de Agosto de 1950. A realização da festa do Espírito Santo ocorre todos os anos no terceiro domingo de julho (Costa, 1955:56).



Figura 74 – Ermida da localidade das Pontas Negras, freguesia das Ribeiras (ver figuras 110, 126 e 171).

Terras é uma localidade da freguesia das Lajes, que dista mais de três quilómetros do centro da vila. Esta distância criava muitas dificuldades à população para assistir aos atos litúrgicos e, por isso, se decidiu construir uma ermida que foi inaugurada a 27 de março de 1972. A enorme tenacidade da população desta localidade permitiu que esta obra se realizasse poucos anos após a construção do salão, que foi construído em 1965. Mas os habitantes das Terras, mesmo antes destas duas construções, já realizavam festas em louvor do Divino. Fernanda Simões uma das

autoras consultadas, nas suas memórias de uma infância muito anterior a 1972, relembra ainda o som dos foguetes, que eram um sinal do local onde se encontrava a procissão do Espírito Santo. Na atualidade, a festa em louvor do Divino realiza-se em outubro, usufruindo dos dois edifícios construídos por aquela laboriosa população (Simões, 2012:53,27,59).



Figura 75 – Ermida da localidade das Terras, da freguesia (vila) das Lajes do Pico (ver figuras 110, 127 e 176).

Na primeira ermida a ser construída na ilha do Pico, a ermida de S. Pedro, também é celebrado o culto ao Divino. Esta ermida foi edificada em 1460, por testamento do Infante D. Henrique e foi restaurada em 1677, pelo facto de o anterior templo ser coberto de colmo. Esta pequena ermida dedicada a São Pedro acolhe, no dia 29 de julho, a irmandade que celebra este dia com a realização do ato litúrgico e posterior procissão para a Sociedade Filarmónica, onde se realizam as sopas do Espírito Santo. Este império de São Pedro, que foi restaurado em 1940, mantém a tradição desde

há muitos anos, realizando as sopas do Espírito Santo e a distribuição de rosquilhas (Ávila 2005:161; Costa, 1955,128).



Figura 76 – Ermida de São Pedro das Lajes do Pico (templo mais antigo da ilha do Pico), (ver figuras 110, 127 e 177).

3.2.4. Salões e outros espaços recreativos

Os salões da ilha do Pico estão dotados, quase na sua totalidade, das condições adequadas à realização das festas do Espírito Santo, quer sejam sedes das filarmónicas, salões paroquiais, salões recreativos, casa do povo, pavilhões desportivos ou mesmo a adaptação de antigas escolas desativadas, como é o caso dos Fetais, na Piedade. É aí que se realiza o almoço de sopas, também conhecido por *Jantar do Espírito Santo*. Isto aconteceu a partir da segunda metade do século XX, dado que antes as *sopas* eram servidas na casa do mordomo. Provavelmente, a *Casa da Segunda Feira*, em Santa Cruz das Ribeiras, que, na segunda década do século XX, abriu as portas à realização das festas, poderá ser o modelo a que muitas outras localidades se foram adaptando.



Figura 77 – Casa da Segunda Feira do Espírito Santo de Santa Cruz das Ribeiras (ver figuras 110, 126 e 172).

A realização, na mesma freguesia ou local, das festas no domingo, na segunda e/ou na terça feira do Espírito Santo, causa problemas logísticos na cozedura das rosquilhas, do pão para as sopas, ou do pão doce. Por isso, algumas das freguesias ou localidades que realizam dois ou três dias consecutivos de festas ao Divino Espírito Santo, como são os casos da Candelária, Criação Velha, Madalena, São Roque, Prainha, Santo Amaro, Ribeirinha, Calheta, Ribeiras, Lajes e São João, possuem mais do que um salão para a realização do almoço do Espírito Santo, visto que a sua preparação varia entre três a quatro dias, o que dificulta a preparação da festa dos dias seguintes.



Figura 78 – Salão da paróquia de Santo Amaro (ver figuras 110, 122, 157 a 159).



Figura 79 – Sede da filarmónica Santamarense – fotografia cedida por Elina Fontes (ver figuras 110, 122, 157 a 159).

Porém, se a casa da segunda feira do Espírito Santo tem quase um século de vida, existem ainda localidades que estão a trabalhar arduamente para a construção dos seus espaços de realização das festas, como são os casos do Valverde (Madalena), em que a irmandade da segunda feira do Espírito Santo está a construir o espaço para a realização do almoço da festa. Também, na Ribeira Grande (Ribeiras), as populações andam a trabalhar para construir um espaço novo. Outras irmandades, como é o caso dos Fetais, na Piedade, adaptaram uma escola primária desativada para a realização do almoço do Espírito Santo.



Figura 80 – Salão da Segunda Feira do Espírito Santo, do Valverde (em construção), (ver figuras 110, 116 e 143).



Figura 81 – Escola primária dos Fetais, freguesia da Piedade (adaptada para o Espírito Santo), (ver figuras 110, 124 e 166).

Nos estudos que realizamos sobre os salões e outros espaços recreativos, foi ainda possível tomar conhecimento de que mais do que uma irmandade tem como objetivo a construção de um novo salão, como é o caso das Pontas Negras (Ribeiras), visto que o atual espaço (salão paroquial) não tem as dimensões adequadas para albergar a quantidade de pessoas que normalmente participam na festa que é realizada na terceira semana de julho. Também tomámos conhecimento de vários casos de transformação e ampliação dos salões, com vista a servir com dignidade as sopas de

Espírito Santo, que são cada vez servidas a mais convivas, devido a algum desafogo monetário, à fé no Divino Espírito Santo e ao apreço que os picoenses e não só têm por esta iguaria. Por isso, podemos afirmar que as condições para a realização dos preparativos, assim como para o almoço aos convidados dos mordomos das festas do Espírito Santo virão a ter condições de excelência, pois acreditamos que as irmandades estão a trabalhar para a concretização dos seus objetivos para melhorar, ampliar ou construir novos espaços e vão, certamente, conseguir ver os seus sonhos realizados, pois a fé no Divino Espírito Santo parece ter vindo a aumentar.



Figura 82 – Sala de refeições preparada para o almoço do Espírito Santo, na Calheta de Nesquim.



Figura 83 – Detalhe das mesas do Domingo da Trindade, na Calheta de Nesquim.

3.2.5. Arraiais

Os arraiais das festas do Espírito Santo decorrem após o almoço, normalmente nos espaços envolventes da igreja, da capela do Espírito Santo ou do salão. Estes espaços são irregulares na sua forma geométrica, os quais dependem dos vazios ou interstícios urbanos entre edifícios ou ainda outro tipo de construções dessas zonas.



Figura 84 – Domingo do Espírito Santo, em São Mateus – fotografia cedida por Manuel Hélder.



Figura 85 – Terça Feira do Espírito Santo, em São João - fotografia cedida por Manuel Hélder.

Existem arraiais que decorrem em espaços contíguos a estradas municipais e outros em espaços de proximidade com a estrada regional, por isso a acessibilidade daqueles que se deslocam para receberem os bolos de véspera, o pão e as rosquilhas, ao final da tarde, torna-se diferenciada. Estes arraiais são, quase na sua totalidade, abrilhantados por filarmónicas, que realizam concertos, os quais decorrem após o almoço e prolongam-se até à hora da distribuição das ofertas (bolos de véspera, rosquilhas, pão doce), o que acontece, habitualmente, a partir das dezanove horas.



Figura 86 – Arraial com banda a tocar, na Madalena (ver figuras 110, 116 e 140).



Figura 87 – Arraial da Terça Feira do Espírito Santo, na Madalena (ver figuras 110, 116 e 140).

Contudo, os arraiais já não são como há duas ou três décadas, pois, quase sempre, as pessoas almoçam e, de seguida, abandonam o local da festa, só regressando ao final da tarde, em hora próxima da distribuição das ofertas. O aumento do parque automóvel que se verificou nas últimas décadas proporcionou uma forma mais fácil das pessoas se deslocarem, sendo esta uma das razões para que as pessoas não permaneçam por muito tempo nos arraiais. Existem relatos de que, há algumas décadas, a dificuldade de transporte provocava uma maior permanência das pessoas nas festas da sua localidade. Algumas pessoas deslocavam-se em transportes públicos para outro local em que se realizasse festa do Espírito Santo e até mesmo, como refere Ermelindo Ávila, deslocavam-se de barco, dado que a estrada regional da ilha do Pico foi construída só no início da segunda metade do século XX. Por esta razão, anteriormente, os transportes eram feitos por mar ou em transportes terrestres movidos por animais, nomeadamente o burro e o cavalo (Ávila, 2005:195,196; Maciel, 2011:9).

3.3. As procissões e a sacralização do espaço

As procissões são um momento de grande simbologia na realização das festas do Espírito Santo, dado que os mordomos ou imperadores tentam dar ênfase a este momento, convidando para os lugares de maior destaque do referido cortejo, os familiares e os amigos mais íntimos, incorporando-se ainda na procissão os restantes convidados para o almoço que decorre após a celebração da missa. A forma como as procissões se organizam foi sendo alterada ao longo do tempo, pelo que atualmente foram aumentados a quantidade de quadros em cada procissão. Porém, a procissão

inicia-se sempre com os quadros que são fechados por varas do Senhor Espírito Santo e/ou fitas, fitas estas que só começaram a ser usadas nas últimas décadas, fruto do acentuado aumento de quadros em cada procissão, que variava entre três a cinco (Leal, 1994:226; Oliveira, 2001:111). A partir da segunda metade do século XX, o número de quadros tem vindo a aumentar para uma presença de oito a treze quadros (Terça Feira do Espírito Santo em Santa Cruz das Ribeiras) assim como a integração de insígnias e dávidas para ofertar ao Divino, seguindo-se os convidados em duas filas e finalmente a filarmónica.



Figura 88 – Início da procissão do domingo da Trindade, na Calheta de Nesquim (ver figuras 110, 125 e 169).



Figura 89 – Mordomos da festa do domingo da Trindade, na Calheta de Nesquim (ver figuras 110, 125 e 169).



Figura 90 – Familiares do Mordomo da festa do Espírito Santo, na Calheta de Nesquim (ver figuras 110, 125 e 169).

A forma solene como decorrem as procissões, apesar de, em certos casos se percorrerem distâncias superiores a dois quilómetros, tem um grande significado para os celebrantes que procuram unir pontos importantes – a igreja e o salão, ou, em casos esporádicos, a igreja e a casa do mordomo. A capela do Espírito Santo também pode

servir de ponto de partida do início da procissão, como acontece hoje na Calheta, na Ribeirinha, na Ribeira do Meio e na Silveira. No entanto, a capela é quase sempre a referência final onde se colocam os emblemas do Espírito Santo e é a partir dela que, ao final da tarde, se distribuem os bolos de véspera, o pão ou as rosquilhas.

Na procissão da Silveira integraram-se ainda os foliões que cantam e tocam cânticos próprios e que evidenciam outro detalhe de vital importância, a introdução das massas numa vara transportada por um dos foliões, vara essa que é encimada pela *pombinha*, símbolo por excelência do Espírito Santo. Esta procissão que já integra as rainhas que transportam a *coroa do Espírito Santo* encerra com a filarmónica das Lajes.



Figura 91 – Procissão do Sábado do Espírito Santo, na Silveira (ver figuras 110, 127 e 179).



Figura 92 – Rosquilhas em Santa Bárbara (ver figuras 110, 126 e 174).

A participação das filarmónicas nas procissões tem a finalidade de acompanhar e alegrar o desfile com as melodias características da época religiosa. Quando isso não é possível ou não é hábito, existe um grupo de foliões que participa neste ritual. Na

procissão da Terça Feira do Espírito Santo de São João integraram-se as filarmónicas de São João e das Lajes bem como um grupo de foliões (Melo, 1990:128).



Figura 93 – Procissão da Terça Feira do Espírito Santo da Companhia de Cima, em São João (com a participação de duas filarmónicas), (ver figuras 110, 128 e 182).

Os locais de passagem das procissões são motivo de interesse, porque as pessoas que não participam na festa, quer seja por doença ou pelo fato de não serem convidados pelo mordomo, procuram ver a passagem da procissão, avaliando o desempenho dos figurantes no desfile, em especial o das crianças e o da rainha, inovação que foi introduzida na ilha, nomeadamente nas freguesias da Criação Velha, Madalena, Piedade, Calheta, Ribeiras, Lajes e São João. Esta alteração surge num cenário de influências da emigração, visto que, nos Estados Unidos e Canadá, a participação de rainhas e de *aias* ou *damas de honor* nas procissões do Espírito Santo tornou-se um ritual. Por este motivo, existe um intenso trabalho artesanal das costureiras e ajudantes que preparam as roupas para este dia, sendo mesmo motivo de segredo para que nada

seja igual nas diferentes festas, quer seja a cor, quer seja a forma como se desenham as roupas, ou os bordados nelas inscritas (Oliveira, 2001:112,117).



Figura 94 – Rainhas e mordomos da Terça Feira do Espírito Santo, em Santa Cruz das Ribeiras (ver figuras 110, 126 e 173).

Na ilha do Pico este hábito da participação das rainhas nas procissões verifica-se há mais de quarenta anos, como se pode confirmar nas fotos que anexo, em que duas gerações da mesma família dão continuidade a esta tradição, ou seja, mãe e filha foram rainhas em diferentes épocas da realização deste culto ao Divino (Oliveira, 2001:112).



Figura 95 – Rainha da Terça Feira do Espírito Santo, em 1970, em Santa Cruz das Ribeiras (Fig. 110).



Figura 96 – Rainha da festa da comunidade migrante de outras ilhas, em 2002, em Ponta Delgada (filha da rainha da Fig. 95).

Deste modo, o empenho na preparação dos participantes quer em termos de vestuário quer da forma como se integram na procissão é um motivo de interesse das pessoas, as quais desejam que a sua procissão seja a mais bonita.



Figura 97 - Rainhas da Terça Feira do Espírito Santo de Santa Cruz das Ribeiras (ver figuras 110, 126 e 173).

No âmbito dos estudos que foram realizados em toda a ilha, com intuito de verificar o percurso de todas as procissões, foi possível fazer uma análise detalhada de como se concretizam as mesmas, desde as que percorrem algumas centenas de metros até às que percorrem cerca de dois quilómetros.

A Base Cartográfica de 2011, cedida pela Direção de Serviços de Cartografia e Informação Geográfica da Secretaria Regional do Turismo e Transportes, que permitiu o registo do trabalho de campo e posterior desenho em base digital, foi fundamental na realização do presente trabalho. Esta base cartográfica permitiu desenhar os cinquenta e três circuitos das procissões, o calendário das festas, a localização das capelinhas e

ainda o registo da distribuição das massas (bolo de véspera, pão de água, pão doce e rosquilha).

A participação, na freguesia da Piedade, em dois momentos de ritualidade pouco comuns despertou o nosso interesse e o nosso apreço por estas festas que apresentam manifestações e rituais algo diferenciados, de freguesia para freguesia. Um desses momentos foi o percurso do transporte de vinho para o Jantar de Espírito Santo, transporte realizado nos antigos carros de bois, desde o Calhau, lugar de adegas à beira mar, até à Capelinha que fica no Centro da freguesia. O outro momento inesperado e desusado em outras freguesias foi a refeição, que constou de um caldo de peixe, servida pelas oito horas da manhã, antes da procissão do transporte do vinho. Estes dois acontecimentos realizam-se na manhã de segunda feira do Espírito Santo, na freguesia da Piedade. A nossa participação nestes eventos permitiu-nos recolher informação importante para o presente trabalho. O primeiro ritual, que é o transporte de vinho em carro de bois, dura há mais de um século, enquanto o caldo de peixe servido antes se realiza apenas há doze anos. Existem pormenores dignos de referência, como é o caso do carro de bois ornamentado com bandeiras coloridas, que se desloca desde o local de adegas do Calhau, e a integração no circuito processional de bolos de véspera, no largo do império, a jusante da igreja, e percorrendo o circuito até à capelinha do Espírito Santo. De salientar ainda que o vinho transportado no barril até à capelinha não é de um só produtor, mas o contributo de cada irmão, com uma canada de vinho (12 litros).



Figura 98 – Procissão da Segunda Feira do Espírito Santo na Piedade (carro de bois com o vinho), (ver figuras 110, 124 e 164).



Figura 99 – Chegada à capelinha do Carro de bois com vinho do Calhau (ver figuras 110, 124 e 164).

Neste trabalho, serão reveladas as posições em base cartográfica de cada um dos três edifícios que fazem parte do roteiro das procissões: a capelinha, a igreja e/ou ermida e o salão ou espaço recreativo onde decorrem as sopas do Espírito Santo. O circuito da procissão será também apresentado, com a indicação do início da procissão, a entrada na igreja ou ermida e a deslocação para o local de almoço e ainda a reorganização da procissão, após o almoço, agora incorporando mulheres que transportam à cabeça os açafates com as dádivas para a capela, onde mais tarde serão benzidas, para, no final do arraial, serem distribuídas. Cabe aqui mencionar que, na Piedade, cada irmão entrega as dádivas na capelinha, antes do almoço, sendo que os bolos de véspera são entregues, mediante a chamada de cada irmão, o qual espera no exterior da capela pela sua vez até cumprir o ritual de entrega da sua conta de bolos. Este é um ato simbólico da presença de cada irmão que cumpre a sua promessa de

entregar as massas que mais tarde serão oferecidas a todos os presentes na festa, ao final da tarde (Melo, 1990:128).



Figura 100 – Entrega dos bolos na Capelinha da Piedade (ver figuras 110, 124 e 164).



Figura 101 – Açafate com rosquilhas (enfeitado com flores).

As localidades que não têm capelinha utilizam o salão ou outro tipo de anexo para colocarem esses símbolos, os quais serão partilhados por todas as pessoas que estão no arraial e por aqueles que se deslocam pelas diversas freguesias.

Os diferentes circuitos desenhados sobre base digital das procissões serão colocados em anexo neste trabalho, permitindo que se analise o percurso de cada procissão, assim como o tipo de dádiva que é oferecido em cada festa das diversas localidades da ilha. A metodologia adotada neste trabalho foi a mesma que a utilizada para as capelinhas e igrejas, iniciando-se em São Caetano e terminando em São João.

Em São Mateus e São Caetano, respetivamente, nas procissões do domingo e da terça feira do Espírito Santo, é integrada a imagem da Rainha Santa Isabel, uma invocação à rainha de Portugal. Esta situação não se verifica em qualquer outra localidade, sendo, assim, um ritual que diferencia estas procissões das restantes da ilha.



Figura 102 – Bênção das rosquilhas em São Mateus com a presença da Rainha Santa Isabel – foto cedida por Manuel Hélder (ver figuras 110, 112 e 132).

Da Madalena, há que salientar que as três procissões que chegam à igreja antes da missa, provenientes das Sete Cidades, do Cabo Branco e do Valverde, partilham o mesmo ato litúrgico e partem, após este, para os locais referidos anteriormente, por percursos diferentes. Estes momentos foram registados no trabalho de campo que realizámos, em que verificámos as diferentes direções que as três procissões retomaram em direção aos respetivos salões para a realização do almoço.



Figura 103 – Procissão das Sete Cidades na saída da igreja da Madalena (Domingo da Trindade), (ver figuras 110, 116 e 141).



Figura 104 – Procissão do Valverde na saída da igreja da Madalena (Domingo da Trindade), (ver figuras 110, 116 e 144).

Estas três procissões percorreram distâncias superiores a mil e quinhentos metros, destacando-se a do Valverde, cujo percurso é superior a dois mil metros, o que faz com que seja a procissão, entre todas as procissões da ilha do Pico, a que percorre maior distância.

3.4. Distribuição de alimentos

A distribuição dos alimentos passou por, pelo menos, dois períodos distintos, o período anterior ao surgimento do automóvel e o posterior, que veio facilitar a locomoção das pessoas que fazem a distribuição de alimentos. Estes dois períodos estiveram ainda ligados à Casa do Mordomo, mas, com a construção dos salões, os meios de trabalho do mordomo e dos seus colaboradores foram facilitados, dado que, em muitos dos salões, as condições de preparação dos alimentos para posterior distribuição tem excelentes condições.



Figura 105 – Cozinha do Salão da Calheta de Nesquim (anexo da Capelinha do Espírito Santo).



Figura 106 – Cozinha do Salão das Sete Cidades (Sede da Filarmónica das Sete Cidades).

Os trabalhos para cozer o pão ou a carne já se realizam em condições muito boas, existindo mesmo cozinhas de salões que possuem fornos com medição de temperatura. Na época em que a casa do mordomo era usada para confeccionar os alimentos eram as senhoras mais experimentadas em cozer o pão que verificavam a temperatura do forno sem qualquer equipamento e orientavam em todas as tarefas as mulheres que vinham ajudar. Um pão de água cozido serve, em média, para fazer sopas para quatro pessoas e cada pessoa come, em média, quinhentas gramas de carne. Deste modo, o cozinheiro solicita que seja cozido o número de pães sendo ainda adquirida a carne, em conformidade com o número de convidados. Relativamente ao pão doce, este serve, no início da refeição, como uma espécie de entrada, sendo acompanhado com queijo colocado antecipadamente nas mesas, mas pode também acompanhar a carne assada, que é servida depois das «sopas de Espírito Santo» e da carne cozida.



Figura 107 – Pão de água para as sopas na sede da filarmónica das Sete Cidades.



Figura 108 – Pão doce na filarmónica das Sete Cidades.



Figura 109 – Calheta - O corte (partir) da carne é um trabalho de preparação para a realização das sopas – foto cedida por Claudina Oliveira.

A distribuição de alimentos pelas casas apresenta diferenças de local para local, mas tem a mesma finalidade, que é a de oferecer uma refeição aos que não podem participar no *almoço das sopas*, quer seja por doença, por luto ou por dificuldades de locomoção. A distribuição é quase sempre destinada a pessoas de idade avançada e temos relatos de dezenas de refeições entregues, destacando-se o caso das Sete Cidades, que chega a distribuir mais de duas centenas na comunidade local. Estas refeições são normalmente entregues antes do almoço e, quase sempre, enquanto decorre a missa da festa, evitando, desta forma, a interferência com o momento do almoço, o que dificultaria a logística do serviço global a todos os convivas que participam no almoço do Espírito Santo.

Poderemos ainda considerar que a partilha dos bolos de véspera, dos pães de água (no caso da Criação Velha), dos pães doces e das rosquilhas são uma distribuição de alimentos em forma de dávida a todos os presentes nas festas e remete para o espírito de caridade que estas festas tinham no seu início, pretendendo-se alimentar aqueles que tinham muitas dificuldades económicas e que, muitas vezes, nada tinham para comer.

Serve de exemplo, a festa da Terça Feira do Espírito Santo, na vila da Madalena, que é motivo de deslocação de muitas pessoas da ilha do Faial para o Pico. A todas as pessoas que viajam no barco são-lhe oferecidas rosquilhas, quer venham propositadamente para a festa ou estejam em viagem do Faial para o Pico ou mesmo as que estão em trânsito para a ilha de São Jorge.

Capítulo 4

**A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO FÍSICO E
RITUAL DO DIVINO ESPÍRITO SANTO**

4. A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO FÍSICO E RITUAL DO DIVINO ESPÍRITO SANTO

4.1. Freguesias.

Neste capítulo será dado especial ênfase aos espaços rituais das festas do Espírito Santo (ermida, salão e igreja) com o estudo de todos os núcleos urbanos ao nível da sua localização, área e volume populacional, sendo numerados os diferentes dias das festas de um a doze, iniciando-se o ciclo no Sábado do Espírito Santo na localidade da Silveira e culminando na localidade de Terras, em outubro. No tratamento destes dados foi utilizado o mapa da ilha do Pico cedido pela Direção de Serviços de Cartografia e Informação Geográfica (DSCIG), mapa este que foi elaborado por freguesias, excetuando-se o cartograma comum das freguesias de São Mateus e São Caetano, dado que a festa de 21 de setembro engloba as populações das duas freguesias (promessa conjunta desde 1718), sendo cruzadas as informações das diferentes fichas.

Para tal, foram efetuados dezoito cartogramas, os quais permitem analisar o espaço global da ilha através do calendário festivo. Esta caracterização permite verificar o número de festas se realizam na ilha, em cada freguesia e em cada localidade. Estes cartogramas gerais por freguesia são ainda melhorados com uma escala gráfica maior onde são marcados individualmente os cinquenta e três traçados das procissões realizadas em 2015. Note-se que a realização deste roteiro em torno da ilha se iniciará na freguesia de São Caetano, do concelho da Madalena, e será concluído em São João, do concelho das Lajes.

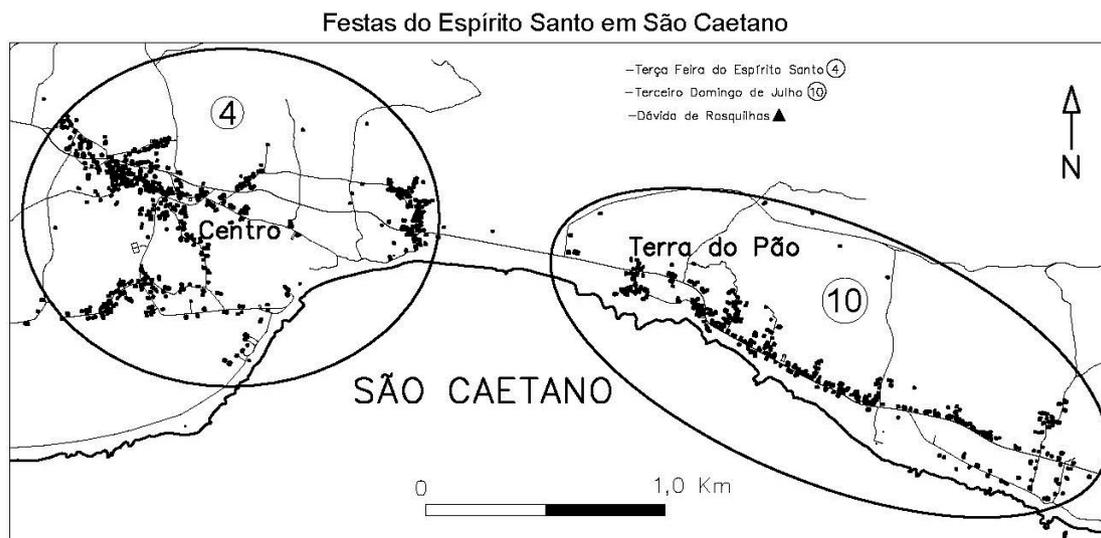


- ① Sábado do Espírito Santo
- ② Domingo do Espírito Santo
- ③ Segunda Feira do Espírito Santo
- ④ Terça Feira do Espírito Santo
- ⑤ Domingo da Trindade
- ⑥ 14 de Junho (Domingo mais próximo de São João)
- ⑦ 29 de Junho (Dia de São Pedro)
- ⑧ 5 de Julho (Primeiro Domingo de Julho)
- ⑨ 12 de Julho (Mais próximo do Domingo pequeno)
- ⑩ 19 de Julho (Terceiro Domingo de Julho)
- ⑪ 21 de Setembro (dia dedicado ao São Mateus)
- ⑫ 11 de Outubro

Figura 110 – Calendário das Festas por cada freguesia, na ilha do Pico (ver figuras 111 a 128 dos núcleos urbanos).

Concelho da Madalena do Pico

São Caetano é a primeira freguesia do concelho da Madalena, delimitando este concelho, a nascente, do vizinho concelho da Lajes. Localiza-se a sul da ilha, numa bela enseada. Também conhecida por Prainha do Galeão, esta freguesia está limitada a leste pelo Mistério de São João da referida freguesia de São João e a oeste pela freguesia de São Mateus. Esta freguesia tem uma área de 23,90 Km² e uma população de 480 habitantes (Fig. 9). A freguesia de São Caetano inclui a localidade da Terra do Pão, realizando-se em São Caetano (no centro da freguesia) a festa da Terça Feira do Espírito Santo e, na localidade da Terra do Pão, a do terceiro domingo de julho.

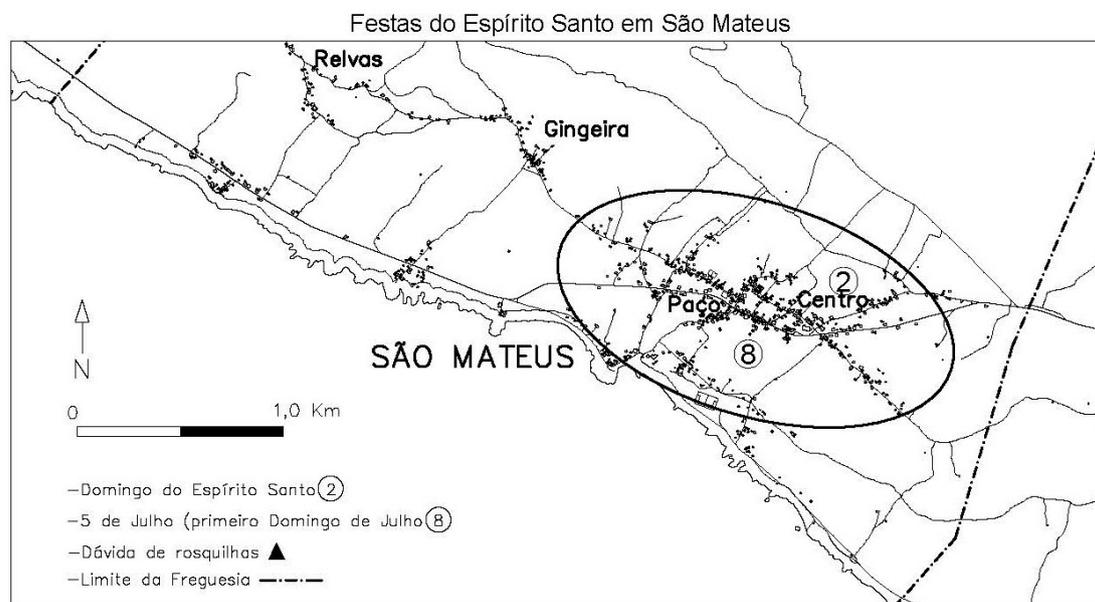


Base cartográfica de 2011: Direção de Serviços de Cartografia e Informação Geográfica – SRTT

Figura 111 – Núcleos urbanos onde se realizam as festas do Espírito Santo em São Caetano (ver figuras 110, 130 e 131).

São Mateus é a segunda freguesia do concelho da Madalena, localizando-se a sudoeste da ilha, entre as freguesias de São Caetano, a leste, e da Candelária, a noroeste.

Está referenciada como uma das primeiras localidades da ilha a serem povoadas e a primeira a atingir uma população de mais de 4.000 habitantes (Rocha, et al., 1983:342). Esta freguesia tem uma área de 17,40 Km² e uma população de 772 habitantes (Fig. 9).

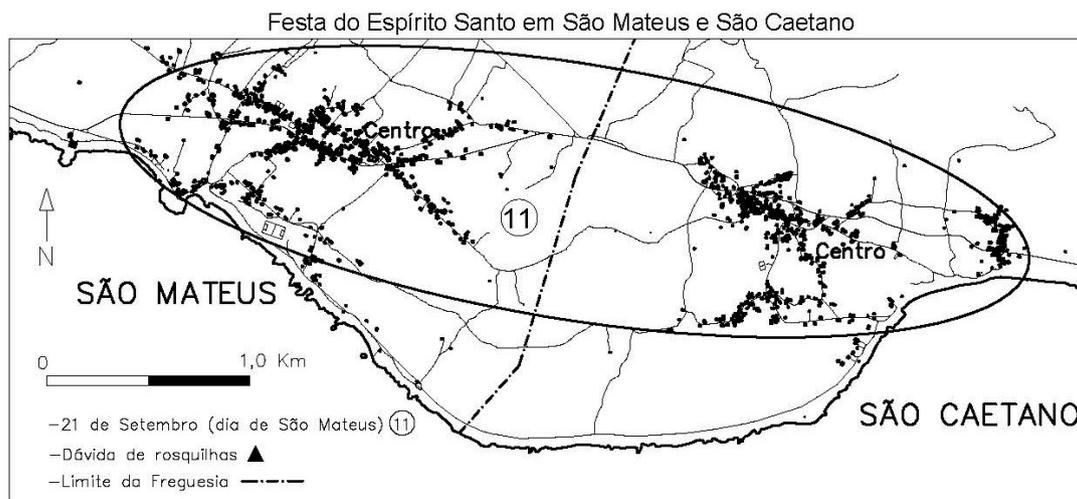


Base cartográfica de 2011: Direção de Serviços de Cartografia e Informação Geográfica – SRTT

Figura 112 – Núcleo urbano das festas de São Mateus (ver figuras 110, 132 e 133).

Na freguesia de São Mateus, realizam-se duas festas em louvor do Divino, a festa do domingo do Espírito Santo, na Capelinha localizada no largo da igreja de São Mateus, e, na Capelinha localizada no Paço, realiza-se a do primeiro domingo de julho. A festa que se realiza no mês de julho viu o seu calendário alterado há alguns anos, por iniciativa da *Associação da Mocidade Católica*, visto que a data inicial da festa era no domingo da Trindade e, na ilha do Pico, realizam-se, nesse dia, muitas festas, o que dificulta a logística de mais uma festa.

A freguesia de São Mateus realiza uma festa em louvor do Divino a 21 de setembro, no dia do padroeiro (São Mateus), participando também nesta festa a população da freguesia de São Caetano, dado que esta freguesia era, no passado, uma localidade da freguesia de São Mateus. A realização da festa advém de uma promessa conjunta destas populações que se sentiram ameaçadas pela erupção vulcânica de 1718, em São João. A festa realiza-se há quase 300 anos e a comemoração de 2018 será um marco histórico de uma promessa que nunca foi esquecida pelas gentes destas localidades, que sentiram o infortúnio aos seus pés, após a violência sísmica destruir os bens e edifícios construídos com o esforço e dedicação das gentes.



Base cartográfica de 2011: Direção de Serviços de Cartografia e Informação Geográfica – SRTT

Figura 113 – Núcleos urbanos de São Mateus e São Caetano que partilham a festa de São Mateus (ver figuras 110 e 134).

A Candelária é a terceira freguesia do concelho da Madalena, localizando-se a oeste da ilha, entre a freguesia de São Mateus, a sudeste, e da Criação Velha, a norte. Esta freguesia tem uma área de 29,70 Km² e uma população de 822 habitantes (Fig. 9).

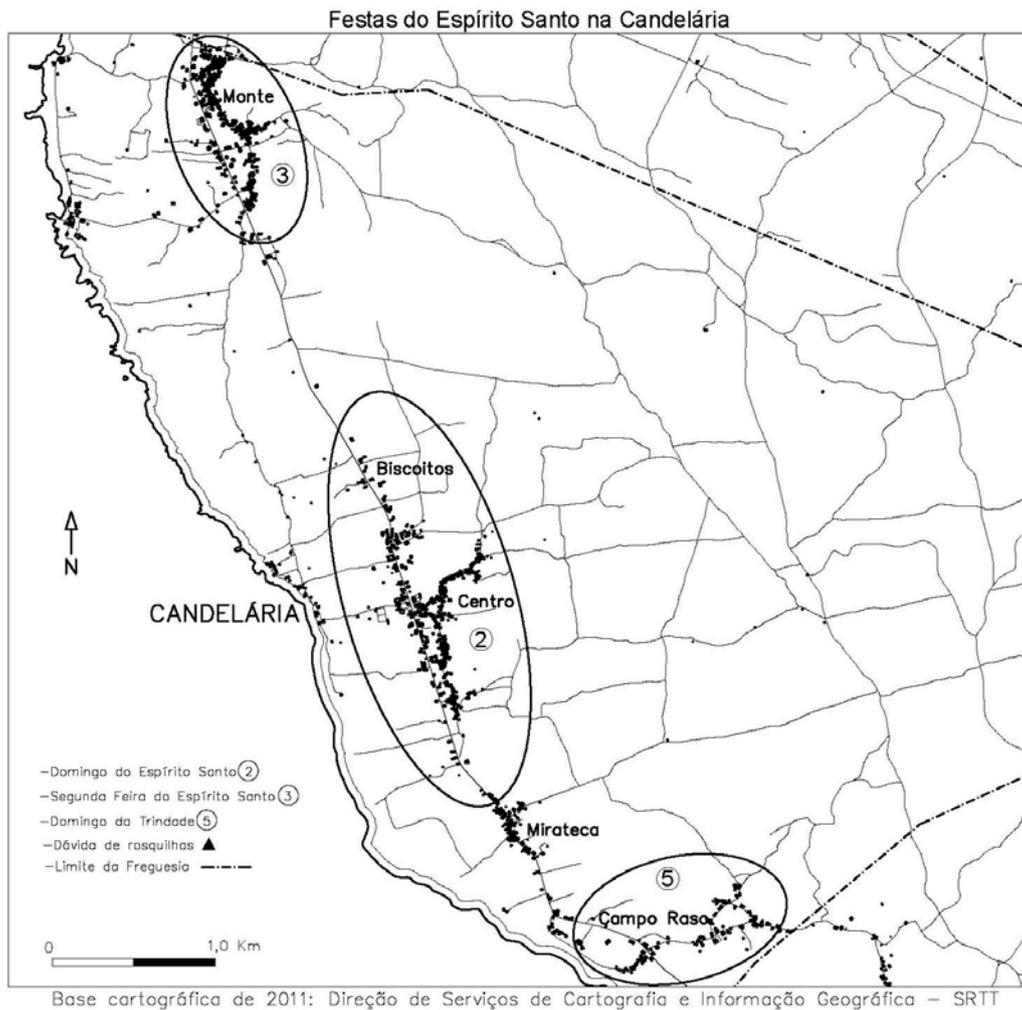


Figura 114 – Núcleos urbanos da Candelária e das localidades do Campo Raso e do Monte (ver figuras 110, 135 a 137).

Na Candelária, realizam-se três festas do Espírito Santo, iniciando-se o ciclo no centro da freguesia, com a realização da festa do Domingo do Espírito Santo; na localidade do Monte, festeja-se a Segunda Feira do Espírito Santo; por sua vez, na localidade do Campo Raso, celebra-se o Domingo da Trindade.

Criação Velha é a quarta freguesia do concelho da Madalena, localizando-se a nor-noroeste da ilha, entre as freguesias da Candelária, a sul, e da Madalena, a norte. Esta freguesia tem uma área de 18,40 Km² e uma população de 768 habitantes (Fig. 9).

Na freguesia da Criação Velha, realizam-se duas festas em louvor do Divino, a do Domingo e a da Segunda Feira. Neste dia de festa, são distribuídas rosquilhas, mas, no domingo, oferece-se não o tradicional pão doce, mas pão de água, caso único na ilha.

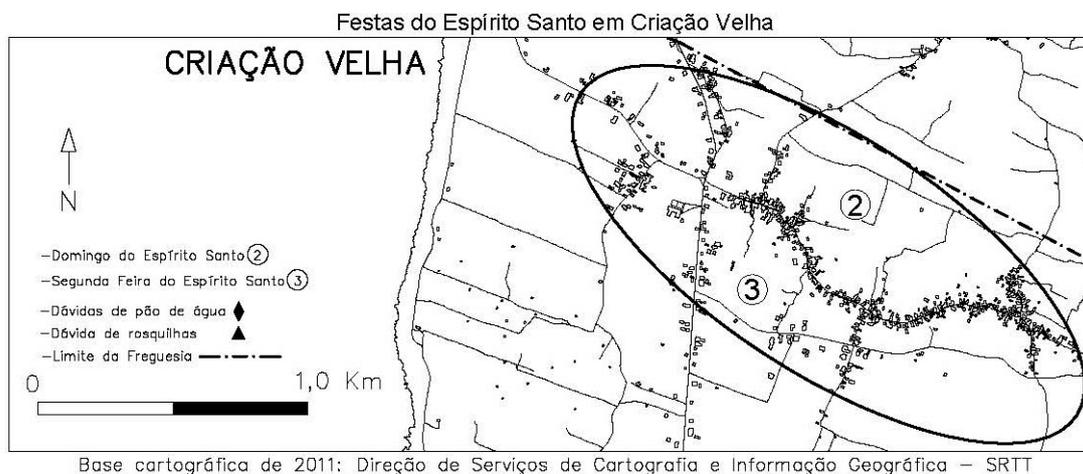


Figura 115 – Núcleo urbano da Criação Velha (ver figuras 110, 138 e 139).

A freguesia da Madalena é a maior do concelho e, simultaneamente, sede do mesmo, localizando-se a noroeste da ilha, entre as freguesias da Criação Velha, a su-

sudoeste, e a das Bandeiras, a lés-nordeste. A sua localização permitiu-lhe um franco desenvolvimento, por ser porta de passagem para a vizinha ilha do Faial. Esta freguesia tem uma área de 35,60 Km² e uma população de 2.581 habitantes (Fig. 9).

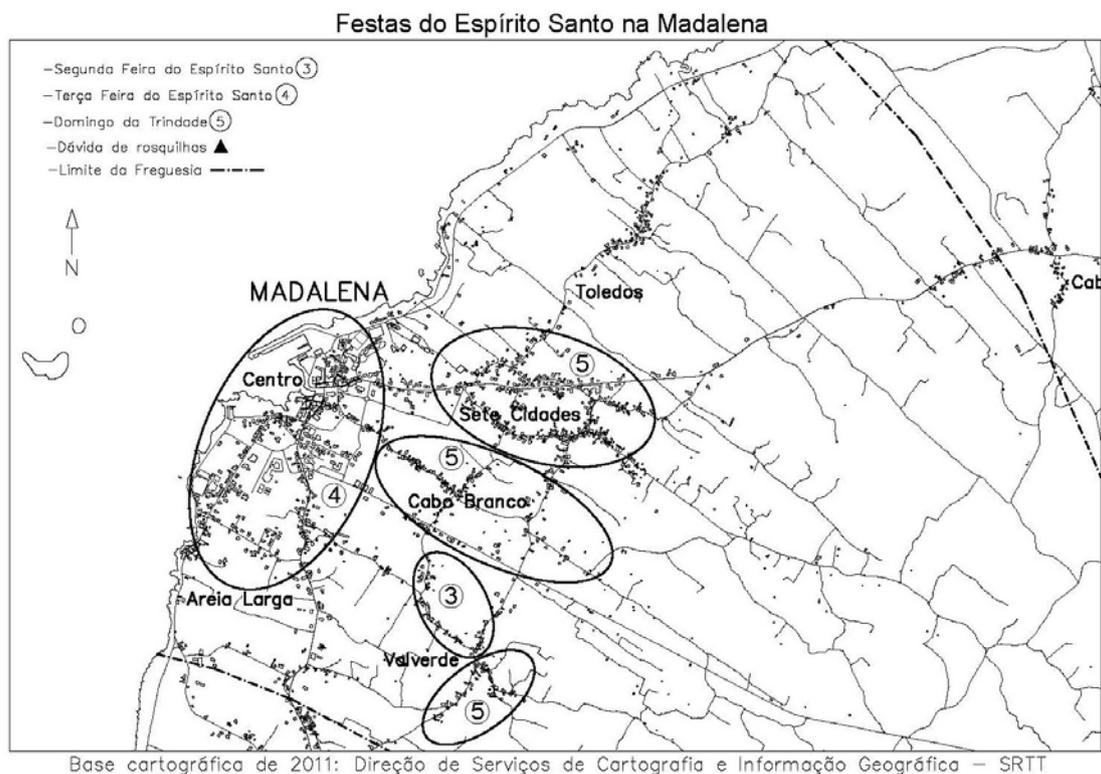
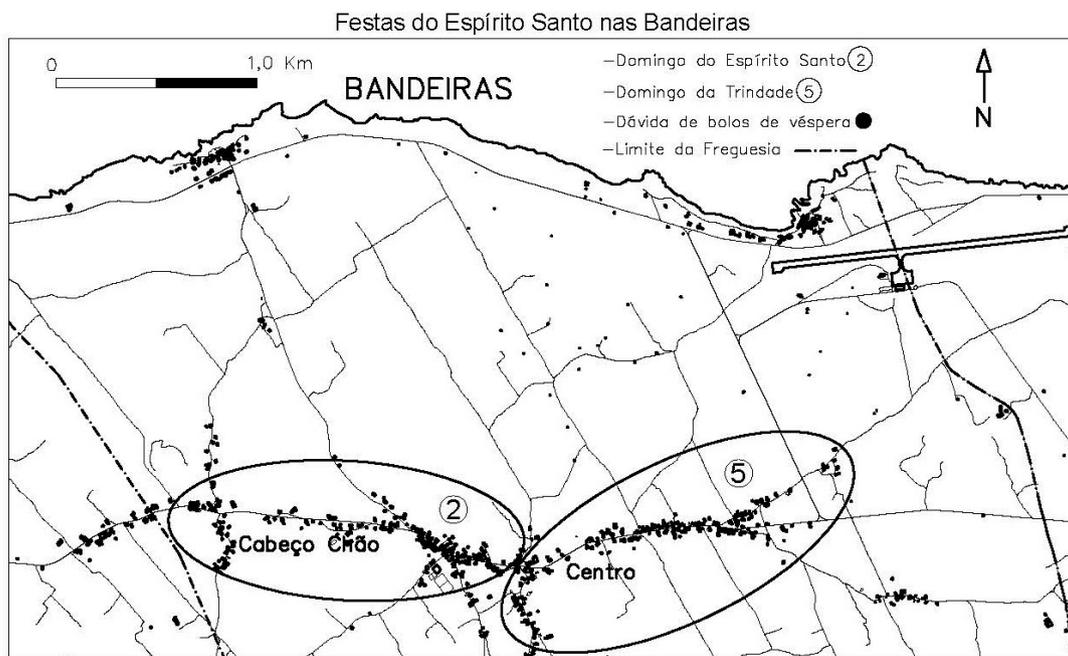


Figura 116 - Núcleos urbanos da Madalena e das localidades do Cabo Branco, Sete Cidades e Valverde (ver figuras 110, 140 a 144).

Na freguesia da Madalena, realizam-se cinco festas do Espírito Santo, iniciando-se o ciclo na localidade do Valverde, com a realização da Segunda Feira do Espírito Santo. No centro da freguesia realiza-se a Terça Feira do Espírito Santo e, por sua vez, nas localidades das Sete Cidades, Cabo Branco e do Valverde realizam-se as festas do

Domingo da Trindade, sendo o ato litúrgico muito peculiar, pois é praticado em simultâneo na igreja da Madalena.

A freguesia das Bandeiras limita, a leste, o concelho da Madalena do concelho de São Roque, estando localizada a noroeste da ilha, entre as freguesias da Madalena, a oés-sudoeste, e a de Santa Luzia, a leste. A freguesia tem uma área de 22,20 Km² e uma população de 626 habitantes (Fig. 9).



Base cartográfica de 2011: Direção de Serviços de Cartografia e Informação Geográfica – SRTT

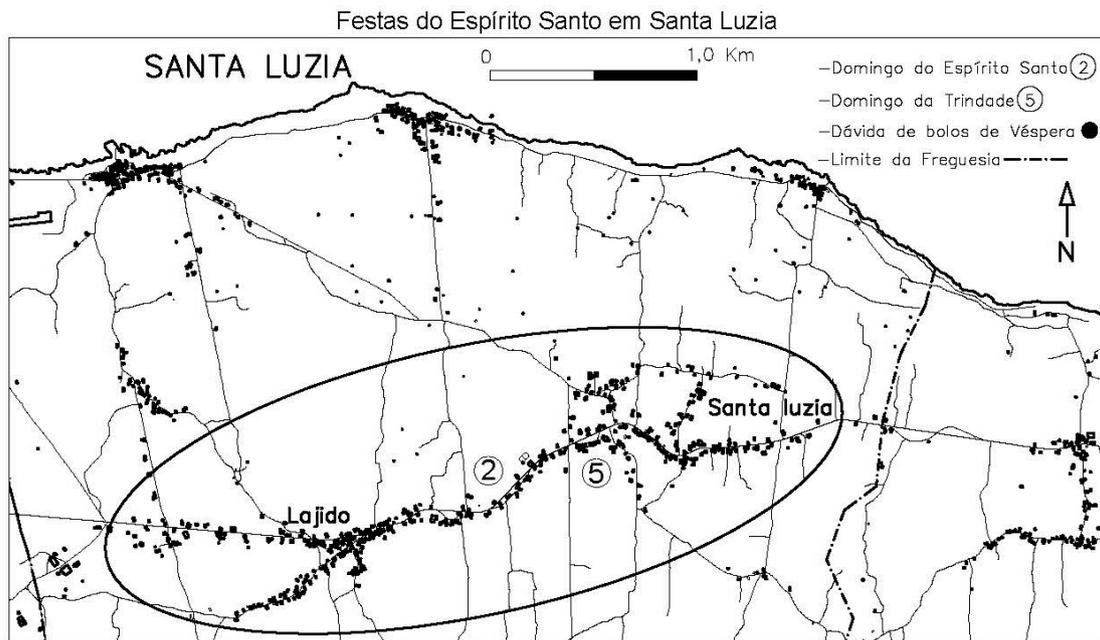
Figura 117 – Núcleos urbanos das Bandeiras (ver figuras 110, 145 e 146).

Na freguesia das Bandeiras realizam-se duas festas em louvor do Divino, o Domingo do Espírito Santo, no lado poente, e o Domingo da Trindade, no lado nascente da freguesia.

Concelho de São Roque do Pico

A freguesia de Santa Luzia localiza-se a norte da ilha e é a primeira do concelho de São Roque, delimitando a oeste este concelho do da Madalena. Insere-se entre as freguesias das Bandeiras, a oeste, e a de Santo António, a leste. Esta freguesia tem uma área de 30,10 Km² e uma população de 422 habitantes (Fig. 9).

Na freguesia de Santa Luzia, realizam-se duas festas em louvor do Divino, a do Domingo do Espírito Santo e a do Domingo da Trindade, organizando-se as duas irmandades na mesma área geográfica.

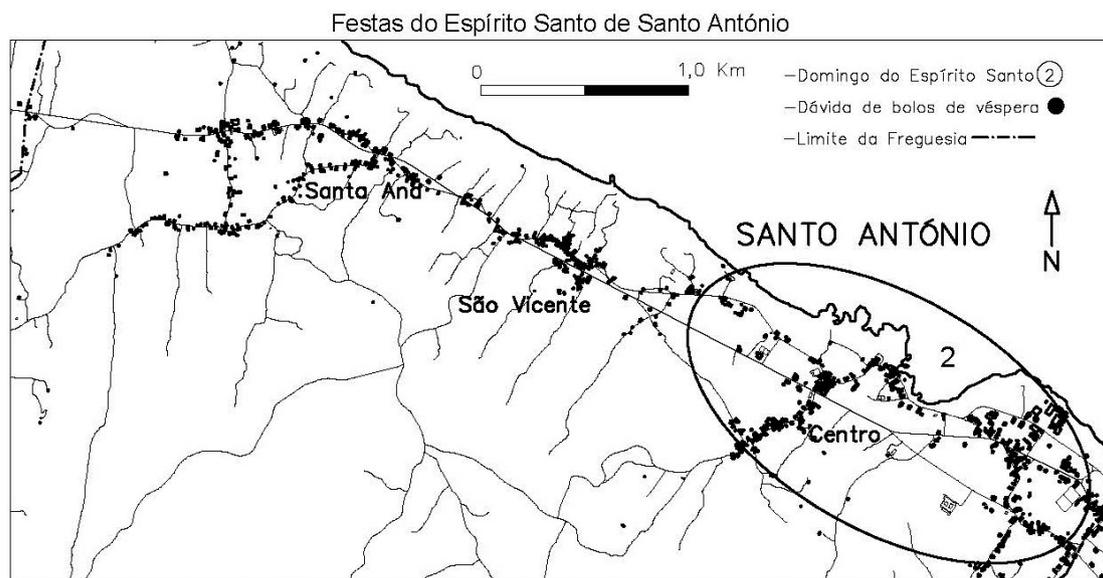


Base cartográfica de 2011: Direção de Serviços de Cartografia e Informação Geográfica – SRTT

Figura 118 – Núcleo urbano de Santa Luzia (ver figuras 110, 147 e 148).

Santo António é a segunda freguesia do concelho de São Roque, localizando-se a norte da ilha entre a freguesia de Santa Luzia, a oeste, e a vila de São Roque do Pico, a lés-sudeste. Esta freguesia tem uma área de 32,00 Km² e uma população de 815 habitantes (Fig. 9).

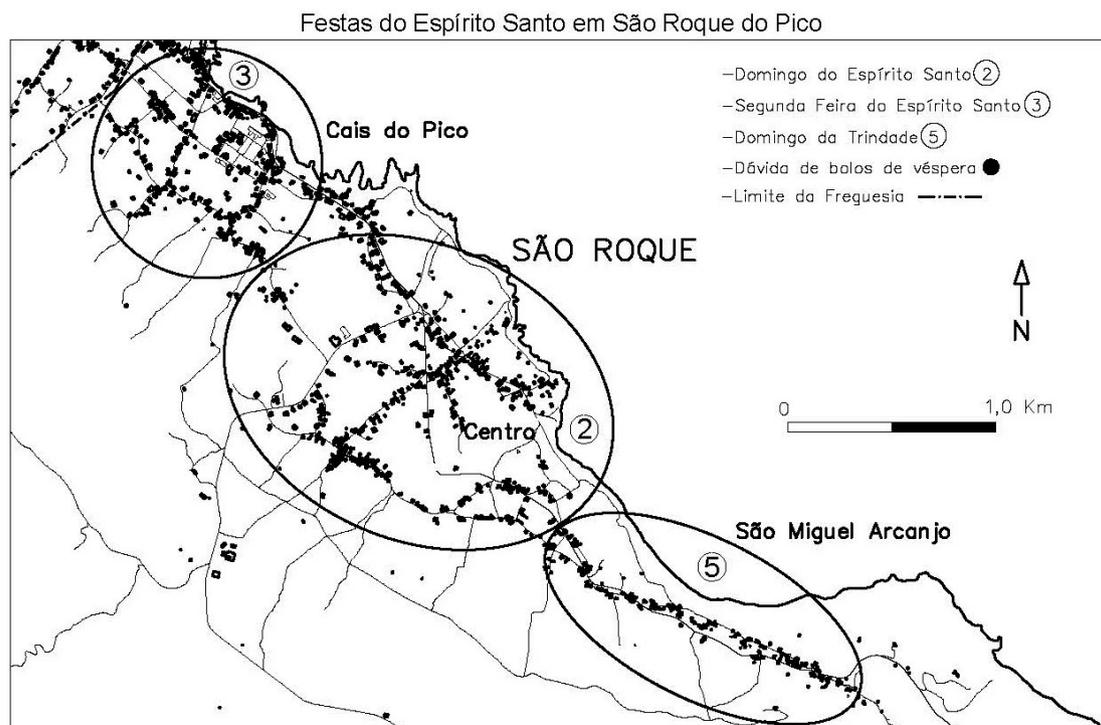
Na freguesia de Santo António, realiza-se apenas uma festa em louvor do Divino, o Domingo do Espírito Santo. No entanto, a localidade de Santa Ana possui Capelinha e realizava a festa do Domingo da Trindade. Contudo a degradação da ermida e da capelinha do Espírito Santo não permitem, agora, a organização da festa nem qualquer tipo de ato religioso.



Base cartográfica de 2011: Direção de Serviços de Cartografia e Informação Geográfica – SRTT

Figura 119 – Núcleo urbano de Santo António (ver figuras 110 e 149).

A freguesia de São Roque do Pico é a maior do concelho e a segunda maior da ilha do Pico, sendo, simultaneamente, sede de concelho. Está localizada a nor-nordeste da ilha, entre a freguesia de Santo António, a oés-noroeste, e a Prainha, a lés-sudeste. Esta freguesia tem uma área de 42,20 Km² e uma população de 1316 habitantes (Fig. 9).



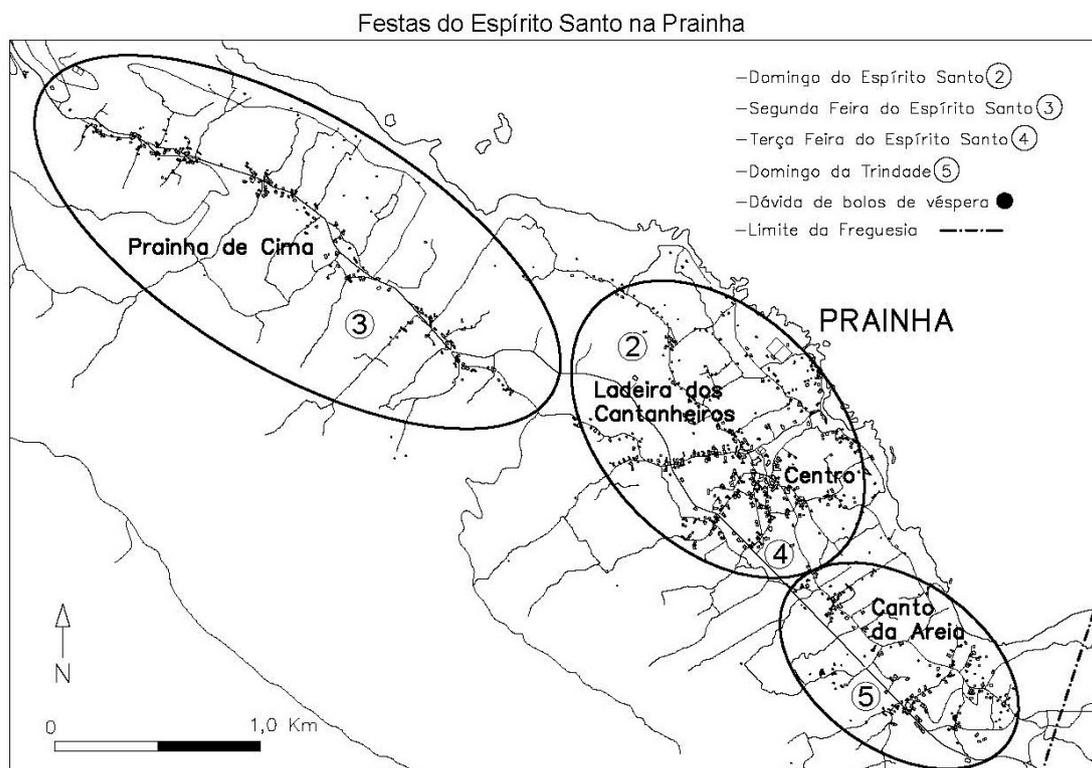
Base cartográfica de 2011: Direção de Serviços de Cartografia e Informação Geográfica – SRTT

Figura 120 – Núcleos urbanos de São Roque (ver figuras 110, 150 a 152).

Na freguesia de São Roque do Pico realizam-se três festas do Espírito Santo, iniciando-se o ciclo no centro da freguesia, com a realização do Domingo do Espírito

Santo; no Cais do Pico, celebra-se a Segunda Feira do Espírito Santo e, por sua vez, em São Miguel Arcanjo, realiza-se a festa do Domingo da Trindade.

Prainha é a quarta freguesia do concelho de São Roque do Pico, localizando-se a nor-nordeste da ilha, entre a freguesia de São Roque do Pico, a oés-noroeste, e a de Santo Amaro, a lés-sudeste. Esta freguesia tem uma área de 26,10 Km² e uma população de 547 habitantes (Fig. 9).

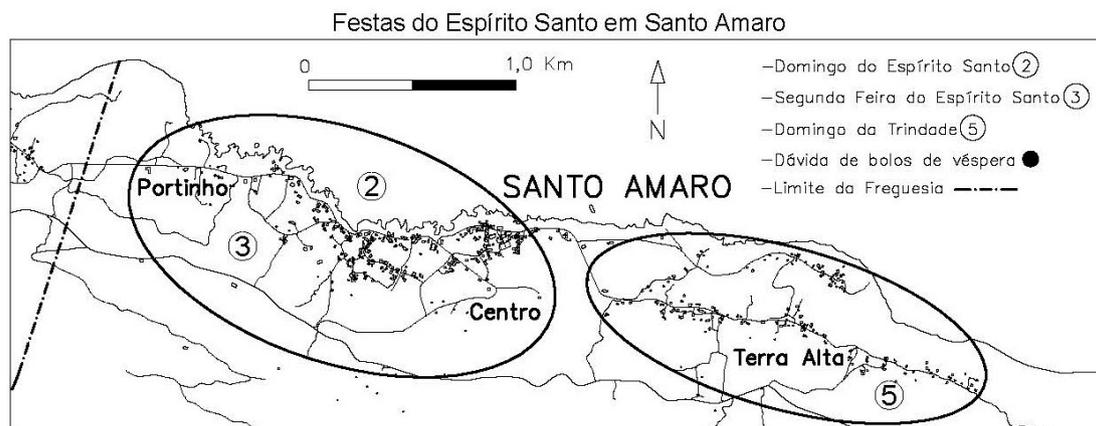


Base cartográfica de 2011: Direção de Serviços de Cartografia e Informação Geográfica – SRTT

Figura 121 – Núcleos urbanos da Prainha (ver figuras 110, 153 a 156).

Na freguesia da Prainha, realizam-se quatro festas do Espírito Santo, iniciando-se o ciclo no centro da freguesia, com a realização do Domingo do Espírito Santo. Na localidade da Prainha de Cima, celebra-se a Segunda Feira do Espírito Santo enquanto que, na localidade do Canto da Areia, se realiza a festa do Domingo da Trindade.

Santo Amaro é a última freguesia do concelho de São Roque do Pico e delimita o do concelho das Lajes, localizando-se a norte da ilha, entre a freguesia da Prainha, a oés-noroeste, e a Ribeirinha, a leste. Esta freguesia tem uma área de 11,9 Km² e uma população de 288 habitantes (Fig. 9).



Base cartográfica de 2011: Direção de Serviços de Cartografia e Informação Geográfica — SRTT

Figura 122 – Núcleos urbanos de Santo Amaro (ver figuras 110 e 157 a 159).

Na freguesia de Santo Amaro, realizam-se três festas do Espírito Santo, as quais se iniciam no centro e na zona poente da freguesia, com a realização do Domingo e da Segunda Feira do Espírito Santo. Por sua vez, na localidade da Terra Alta, realiza-se a festa do Domingo da Trindade.

Concelho de Lajes do Pico

A Freguesia da Ribeirinha é a primeira do concelho das Lajes, localizando-se a norte da ilha, no limite oeste do concelho, confrontando, a oeste, com a freguesia de Santo Amaro, a lés-sudeste com a Piedade e a sudoeste com a Calheta de Nesquim. Esta freguesia é a mais jovem da ilha e tem uma área de 8,50 Km² e uma população de 374 habitantes (Fig. 9).

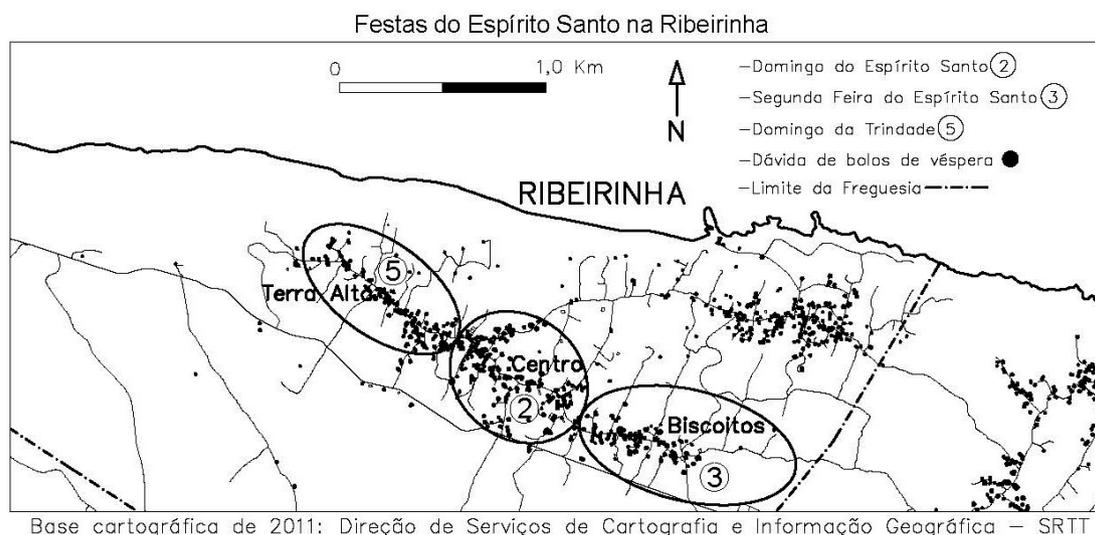


Figura 123 – Núcleos urbanos da Ribeirinha (ver figuras 110, 160 a 162).

Na freguesia da Ribeirinha, realizam-se três festas do Espírito Santo, iniciando-se o ciclo no centro da freguesia, com a realização do Domingo do Espírito Santo; na localidade dos Biscoitos, celebra-se a Segunda Feira do Espírito Santo e a localidade da Terra Alta realiza a festa do Domingo da Trindade.

A Piedade é a segunda freguesia do concelho das Lajes do Pico, localizando-se no extremo leste da ilha entre a freguesia da Calheta de Nesquim, a sudoeste, e a Ribeirinha, a oés-noroeste. A freguesia da Piedade abrange ainda as localidades do Calhau, Altamora, Fetais, Ponta da Ilha e Manhenha. Esta freguesia tem uma área de 12,80 Km² e uma população de 844 habitantes (Fig. 9).

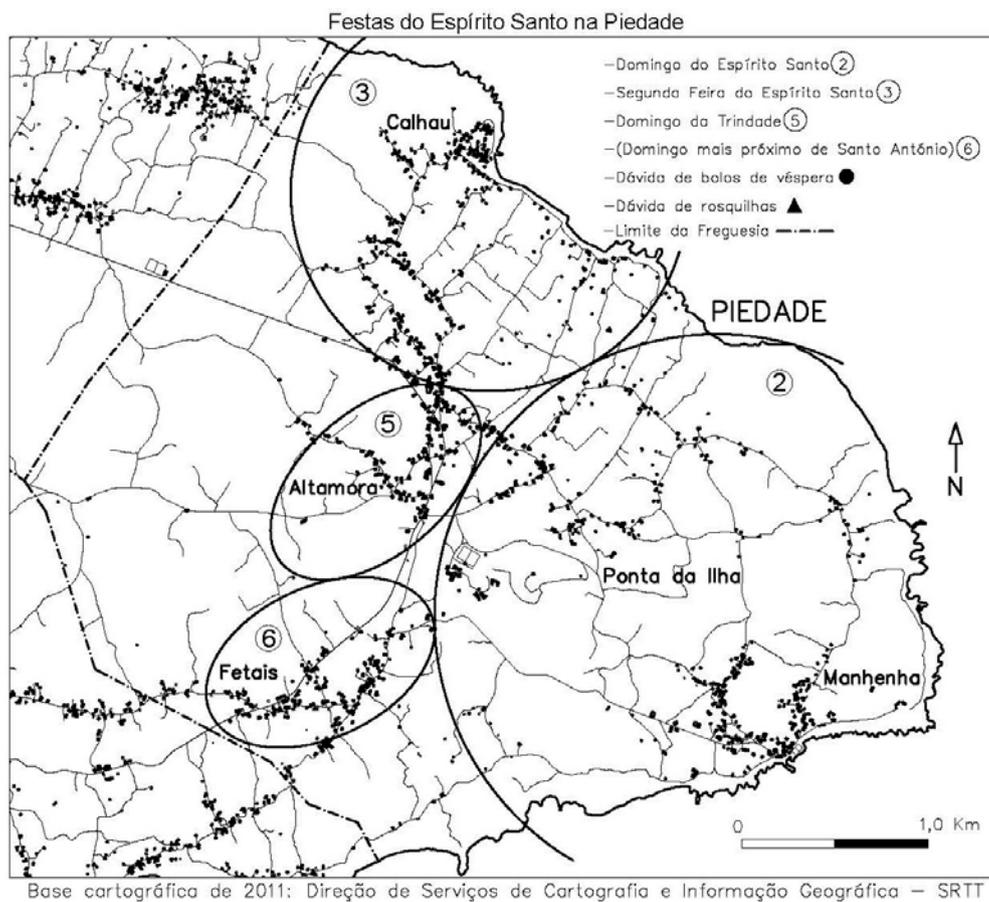
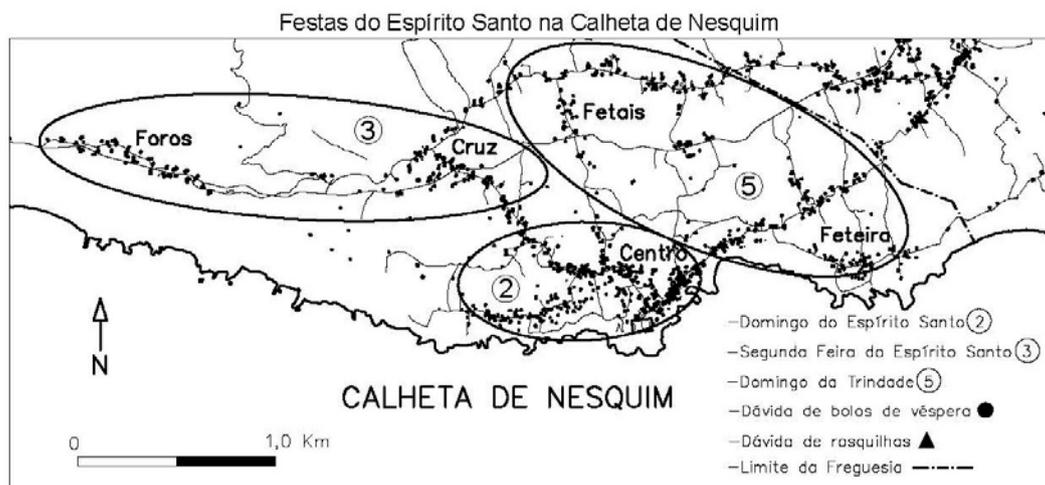


Figura 124 – Núcleos urbanos da Piedade (ver figuras 110 e 163 a 166).

As localidades da Ponta da Ilha e da Manhêna realizam a festa do Domingo do Espírito Santo, a zona do Calhau realiza a Segunda Feira do Espírito Santo, enquanto a Altamura realiza a festa em louvor do Divino no Domingo da Trindade. Os Fetais deixaram de fazer a festa do Domingo da Trindade em conjunto com a Altamura, mas realizam uma festa de Espírito Santo no domingo mais próximo do dia de Santo António. Aí se distribuem rosquilhas, ao contrário do que acontece na restante freguesia da Piedade, que distribui os bolos de véspera, em conformidade com toda a zona norte da ilha (Leal, 1994:234).

A Calheta de Nesquim é a terceira freguesia do concelho das Lajes do Pico, localizando-se a sul da ilha entre a freguesia da Ribeirinha, a norte, a da Piedade, a leste, a das Ribeiras, a oeste, e a de Santo Amaro, a noroeste. Esta freguesia tem uma área de 13,80 Km² e uma população de 343 habitantes (Fig. 9).



Base cartográfica de 2011; Direção de Serviços de Cartografia e Informação Geográfica – SRTT

Figura 125 - Núcleos urbanos da Calheta de Nesquim (ver figuras 110 e 167 a 169).

Na freguesia da Calheta de Nesquim, realizam-se três festas do Espírito Santo, iniciando-se o ciclo com a celebração do Domingo do Espírito Santo pelas pessoas da zona baixa, na envolvente da Igreja e do porto e ainda alguns pescadores do lugar da Feteira. As gentes das localidades dos Foros e da Cruz realizam a Segunda Feira do Espírito Santo e, por sua vez, os calhetenses que vivem nas localidades dos Fetais e em parte da Feteira realizam a festa do Domingo da Trindade. Aqui são oferecidas rosquilhas nos domingos do Espírito Santo e da Trindade, mas, na segunda feira, são oferecidos os saborosos bolos de véspera.

A freguesia das Ribeiras é a quarta do concelho das Lajes do Pico. Está localizada a sul da ilha, numa das maiores e melhores enseadas do Pico, entre a freguesia da Calheta de Nesquim, a leste, as Lajes, a oeste, e a Prainha e Santo Amaro, a norte. Esta freguesia tem uma área de 34,20 Km² e uma população de 925 habitantes (Fig. 9).



Figura 126 – Núcleos urbanos das Ribeiras (ver figuras 110 e 170 a 175).

Na freguesia das Ribeiras, realizam-se seis festas do Espírito Santo, iniciando-se o ciclo em Santa Bárbara, com os habitantes da envolvente da igreja e da localidade do Arrife, que realizam a festa do Domingo do Espírito Santo. Os residentes da localidade do Caminho de Baixo e de Cima realizam as festividades do Domingo da Trindade. Os da localidade de Santa Cruz realizam a festa da Segunda e da Terça Feira do Espírito Santo, organizando-se deste modo as duas irmandades na mesma área geográfica. Por sua vez, nas localidades da Ribeira Grande e das Pontas Negras celebram-se, no segundo e no terceiro Domingo de julho, respetivamente, uma festa em louvor do Divino.

A freguesia das Lajes do Pico é a maior da ilha do Pico e a segunda maior dos Açores e localiza-se a sul da ilha do Pico, entre a freguesia das Ribeiras, a leste, a de São João, a Oeste, e as freguesias de São Roque e Prainha, a norte. Esta freguesia tem uma área de 53,10 Km² e uma população de 1.802 habitantes (Fig. 9).

Na freguesia das Lajes, realizam-se cinco festas do Espírito Santo. A que abre o ciclo das festividades em honra do Divino Espírito Santo em toda a ilha do Pico tem lugar na localidade da Silveira, no Sábado do Espírito Santo. Aqui ainda se realiza outra festa no Domingo da Trindade. Na da Ribeira do Meio, festeja-se o Domingo do Espírito Santo e, no centro das Lajes, celebra-se uma festa em louvor ao Divino, no dia de São Pedro. Por sua vez, na localidade das Terras, festeja-se em outubro, uma festa em louvor do Divino.

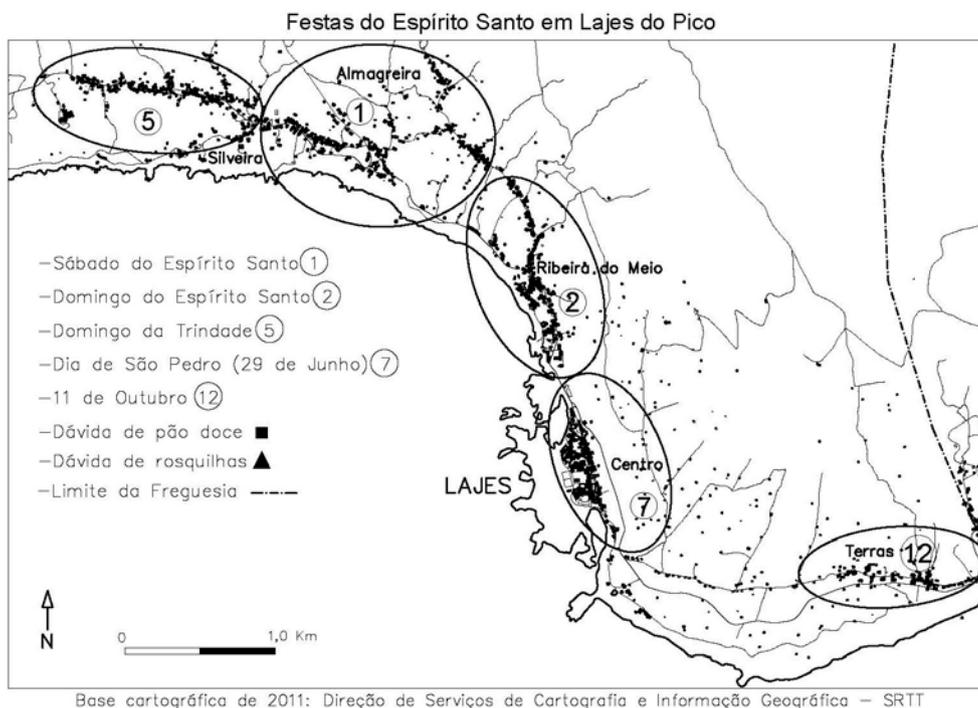
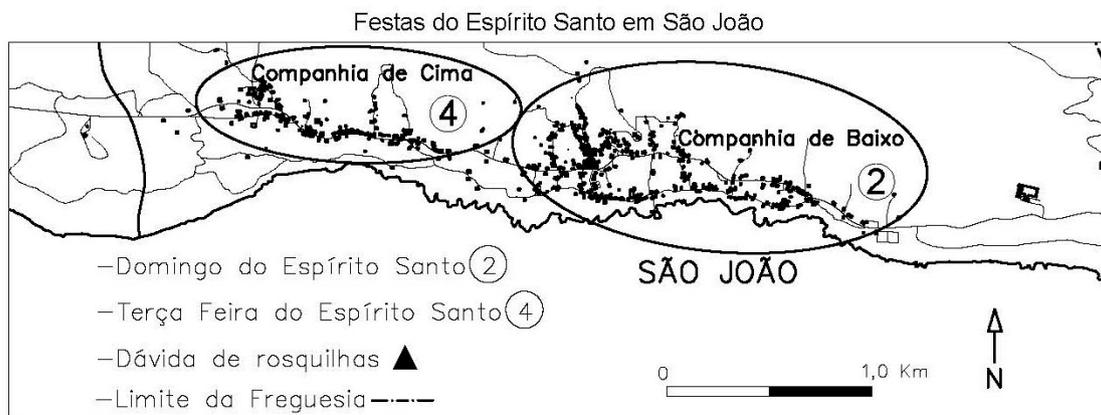


Figura 127 – Núcleos urbanos das Lajes do Pico (ver figuras 110, 176 a 180).

A freguesia de São João é a sexta e última do concelho, localizando-se a sul da ilha, no limite oeste do concelho das Lajes do Pico, entre a freguesia das Lajes do Pico, a leste, e a de São Caetano, a oeste. Esta freguesia tem uma área de 32,90 Km² e uma população de 423 habitantes (Fig. 9).

Na freguesia de São João, realizam-se duas festas em louvor do Divino, a do Domingo do Espírito Santo, na Companhia de Baixo, e a da Terça Feira do Espírito Santo, na Companhia de Cima.



Base cartográfica de 2011: Direção de Serviços de Cartografia e Informação Geográfica – SRTT

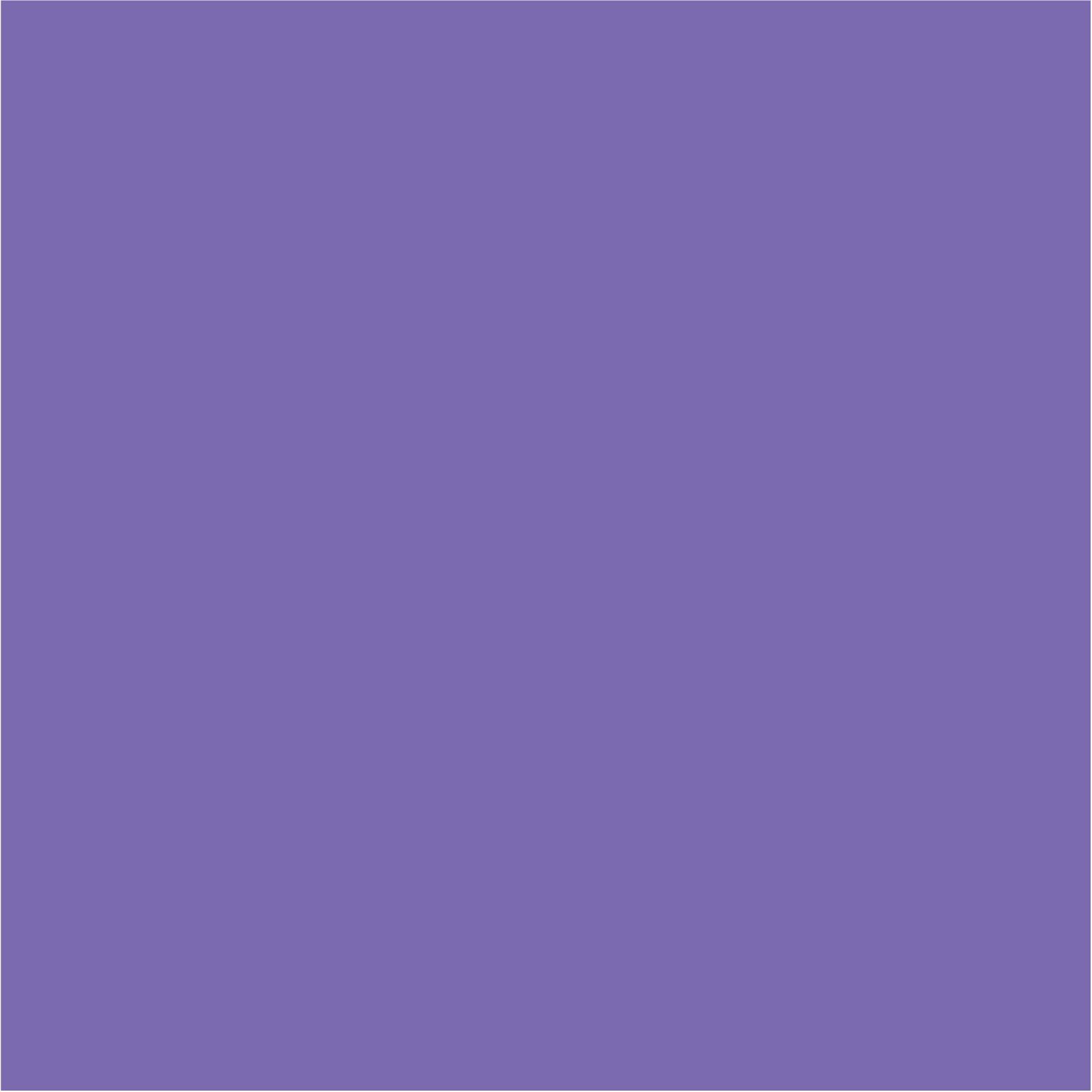
Figura 128 - Núcleos urbanos de São João (ver figuras 110, 181 e 182).

As dezoito imagens dos núcleos urbanos das dezassete freguesias da ilha definem os aglomerados populacionais onde residem os irmãos que realizam as festas do Espírito Santo em cada freguesia, salientando-se uma imagem comum (figura 113), das freguesias de São Mateus e São Caetano resultante da realização da Festa de São Mateus que se realiza desde 1718 (após a erupção vulcânica em São João).

Em cada um destes aglomerados populacionais realizam-se uma festa, excetuando-se as freguesias de São Mateus, Criação Velha, Santa Luzia, Prainha, Santo Amaro e Santa Cruz das Ribeiras que o mesmo aglomerado populacional realiza duas festas do Espírito Santo.

Capítulo 5

CONSIDERAÇÕES FINAIS



5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os primeiros povoadores terão trazido para os Açores o culto ao Espírito Santo e este culto encontrou terreno propício na alma dos açorianos, que viviam isolados no meio do Atlântico e sentiam com mais intensidade as forças da natureza. Ora, sendo os Açores e, nomeadamente, o Pico, ilhas de formação vulcânica mais ou menos recente, frequentemente, dão-se crises sísmicas, resultantes de vulcões adormecidos que desabrocham. Essas manifestações provocaram efeitos profundos e irreversíveis no ambiente natural da ilha do Pico, na forma de vida, tendo levado a deslocamentos das populações afetadas pelas erupções vulcânicas para outros locais, que se constituíram, então como freguesias. Assim, desde o povoamento das ilhas, estes habitantes, aterrorizados por manifestações que eles não conseguiam explicar, ou afetados por carências diversas proporcionadas pelo clima, pela geomorfologia e orografia da ilha, pelas pouco rentáveis atividades económicas, apoiavam-se na sua fé e faziam promessas ao Divino Espírito Santo, como forma de ultrapassarem dificuldades ou de amainarem a natureza, que foi muito violenta e madrastra, principalmente, entre 1562 e 1720.

Assim, o culto ao Divino Espírito Santo e a celebração de festas com espírito caritativo, que foi desaparecendo na metrópole, foi-se, ao longo dos séculos, arreigando no Açores, e no Pico, em particular. Evidentemente que um espaço temporal de cinco séculos levou a uma evolução em toda a sociedade picoense e, também, nas manifestações religiosas e profanas ligadas às festas do Espírito Santo. Mas é a partir do início do século XX que o culto ao Divino sofreu mais profundas transformações, como consequência de fatores sociais evolutivos diversos e também devido à construção de

novas estruturas de suporte à realização das festas, nomeadamente, as Capelinhas do Espírito Santo. A sua construção iniciou-se, na generalidade, no final do século XIX, provocando mudanças no ritual das festas. A construção das Capelinhas dá-se pela ação e determinação das gentes pobres do Pico e dos emigrantes, que deram o seu contributo financeiro. Seguiram-se, na primeira metade do século XX, outras construções de espaços socio-culturais que vieram impulsionar e melhorar a celebração deste culto na ilha do Pico. Estas novas construções são designadas de salões (sedes de filarmónicas, casas do povo, salões paroquiais e recreativos), destacando-se, como uma das primeiras, a casa da Segunda Feira do Espírito Santo, nas Ribeiras, construída em 1925. O aparecimento destes salões trouxe uma profunda melhoria nas condições do trabalho inerente à realização das festas, quer seja nos impérios ou nas coroações. Servir o almoço de sopas, tradicionalmente denominado de «jantar do Espírito Santo», deixou de ser um ato rotativo, como era necessário na pequena casa do mordomo, onde eram postas as mesas por diversas vezes para se conseguir servir todos os convidados. Presentemente, estão reunidas as condições para se servir, ao mesmo tempo, o almoço que é partilhado por centenas de convidados.

Deste modo, estes novos equipamentos construídos desempenharam um papel importante, alterando definitivamente a forma como se construiu o espaço ritual da celebração das festas do Espírito Santo na ilha do Pico, dado que passaram a ser reguladores de todas atividades inerentes à realização das festas, quer seja na preparação das refeições de índole caritativa, quer seja no ritual das procissões ou na celebração dos atos religiosos, constituindo-se como alternativa à casa do mordomo. Nos estudos que

realizamos, foi possível verificar que, das cinquenta e três procissões realizadas no Pico, ainda saíram doze da casa do mordomo. No entanto, se no percurso dos cortejos processionais ainda existe alguma continuidade nesta tradição secular, ou seja, alguns, embora raros, continuem a sair da casa do mordomo, na preparação dos alimentos para o almoço da festa e das diferentes dávidas para oferta no final do arrail (bolo de véspera, pão de água, pão doce e rosquilha), a casa do mordomo deixou de ter qualquer papel.

No presente estudo, pudemos verificar que, na segunda metade do século XX, as procissões (no lado sul da ilha do Pico) foram enriquecidas com um novo simbolismo de cariz emblemático (a rainha), invocação à rainha Santa Isabel que desempenhou um papel importante na implementação deste culto em Portugal. Esta inovação tem início em Santa Cruz das Ribeiras pelo contributo das comunidades emigrantes e, no presente, foi possível observar a sua implantação entre a Piedade e a Madalena (no lado sul da ilha), excetuando-se as freguesias de São Caetano, São Mateus e Candelária. Porém, no lado norte, a presença de um quadro com a rainha que transporta a coroa do Espírito Santo nunca se verificou. As freguesias de São Caetano e São Mateus não adotaram este ritual da rainha no estilo que as restantes freguesias do sul da ilha fizeram, mas têm uma característica peculiar que é a presença da imagem religiosa da rainha Santa Isabel, transportada em andor nas procissões.

Estas inovações provocaram o aumento do número de quadros fechados por varas que era, em média, de três a cinco. No presente estudo, pudemos verificar que, nas localidades onde existem rainhas, se formam entre oito a treze quadros, isto porque a fé no Espírito Santo e a melhoria das condições económicas fizeram com que cada

freguesia tenha mais do que uma coroa, que foram oferecidas por habitantes locais ou emigrantes nos Estados Unidos ou no Canadá. Talvez por isto, para fechar os quadros, deu-se uma mudança: para suprir a falta de varas usam-se fitas coloridas.

Entre o final do século XIX e o início do século XX, deu-se ainda uma alteração significativa nas procissões do Espírito Santo na ilha do Pico com a incorporação de filarmónicas, sendo possível, atualmente, ver-se cortejos processionais com filarmónicas e foliões, outras apenas com filarmónicas e ainda outras só com foliões, os quais, até ao final do século XIX, é que abrilhantavam as maifestações deste culto.

Em conclusão, as festas do Espírito Santo, na ilha do Pico, estão cada vez mais vivas, neste início do século XXI, embora com inovações inevitáveis, devido à evolução acelerada dos tempos em que vivemos, tanto a nível social, como cultural e religioso.

FONTES

6. FONTES

6.1. Bibliografia Citada.

AMORIM, Maria N. e CORREIA A., 1999. *Francisca Catarina (1846-1940) – Vida e Raízes em São João do Pico*. Guimarães: Universidade do Minho – Instituto de Ciências Sociais.

ÁVILA, Ermelindo. 1993. *Figuras & Factos (notas históricas)*. Associação de Defesa do Património da Ilha do Pico. Lajes do Pico: Câmara Municipal das Lajes do Pico.

ÁVILA, Ermelindo. 2005. *Figuras & Factos - II Volume*. Câmara Municipal das Lajes do Pico. Lajes do Pico: Associação de Defesa do Património da Ilha do Pico.

COELHO, Manuel de A'vila., 1961. A Freguesia de Nossa Senhora da Piedade na Ilha do Pico. *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*. Horta, Vol. II(3), 291-378.

COSTA, Antonieta, 1999. *O Poder e as Irmandades do Espírito Santo*. Lisboa: Editora Rei dos Livros.

COSTA, Carreiro. 1955. *História das Igrejas e Ermidas dos Açores*. Grande concurso Popular do Jornal Açores, Biblioteca da Universidade dos Açores.

COSTA, Susana M. G. P. da, 1995. *O PICO (Séculos XV-XVIII) - Contributo para o estudo de uma Ilha – Com pouca História*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.

CRUZ, José V., et al, 2005. *Livro das Paisagens dos Açores: Contributos para a Identificação e Caracterização das Paisagens dos Açores*. Horta: Secretaria Regional do Ambiente e do Mar/Direcção Regional do Ordenamento do Território e dos Recursos Hídricos.

Demografia 2011, 2012. Angra do Heroísmo: Serviço Regional de Estatística dos Açores-SREA

DIAS, Eduardo., 1996. *Vegetação Natural dos Açores – Ecologia e sintaxonomia das florestas naturais*. Angra do Heroísmo, Universidade dos Açores – Departamento de Ciências Agrárias. Tese de doutoramento.

- DIONÍSIO, Manuel, 2001. *Costumes Açorianos*. Horta: Museu da Horta/Câmara Municipal da Horta.
- DUARTE, Tomaz, 2001. *O vinho do Pico*. Pico: Câmara Municipal da Madalena.
- DUARTE, Tomaz, 2001. *O Culto do Espírito Santo*. Angra do Heroísmo: Direcção Regional das Comunidades.
- FRANÇA, Zilda Melo, et al., 2014. *Guia de História Natural da Ilha do Pico*. Ponta Delgada: Observatório Vulcanológico e Geotérmico dos Açores (OVGA).
- FRUTUOSO, Gaspar, 1977. Livro Quarto Saudades da Terra. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, Livro IV.
- FRUTUOSO, Gaspar, 1978. Livro Sexto Saudades da Terra. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, Livro VI.
- GARCIA, José C. A., 1998. *Semana dos Baleeiros – Construção da Identidade das Lajes do Pico*. Lajes do Pico: Câmara Municipal de São Roque do Pico, Câmara Municipal da Madalena e Câmara Municipal das Lajes do Pico.
- GARCIA, Susana C. S., 2012. *Os Alambiques da Ilha do Pico-Açores – Sistemas Técnicos, Património e Museologia*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores. Tese de Mestrado.
- GASPAR, José E. P., 2005. *Os Bons e os Maus - Vinhos e Categorias Nativas nos Açores*. Lisboa, ISCTE. Tese de doutoramento policopiada.
- GOUVEIA, Paulo D. M., 1996. *Arquitetura Baleeira nos Açores / Whaling Architecture in the Azores*. Angra do Heroísmo: Presidência do Governo Regional dos Açores. Gabinete de Emigração e Apoio às Comunidades Açorianas.
- Censos 2011 Resultados Definitivos - Região Autónoma dos Açores*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, I. P. 2012.

- LEAL, João F., 1994. *As Festas do Espírito Santo nos Açores - Um Estudo de Antropologia Social*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, Lda.
- LOBÃO, Carlos M. G., 2008. *Na Rota das Ilhas - Casas do Espírito Santo*. Horta: Clube de Filatelia “O Ilhéu”.
- MACHADO, Francisco S. de L., 1991. *Vocabulário Regional*. Pico: Associação de Defesa do Património da Ilha do Pico/Câmara Municipal das Lajes do Pico.
- MACIEL, Maria de J., 2011. *A Casa do Espírito Santo*. Pico: Câmara Municipal das Lajes do Pico/Junta de Freguesia de São João.
- MADRUGA, Manuel A., 1957. A Freguesia de S. João Batista da Ilha do Pico na Tradição Oral dos seus Habitantes. *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*. Horta, Vol. I(2), 143-167.
- MARQUES, Luís; GOMES, Carla, 2003. *Ilha do Pico*. In: *Pesquisar Património. Sistema de Informação para o Património Arquitectónico* [Em linha]. IHRU, Lisboa, [Consult. 2015-03-15]. Disponível em http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=20035
- MEDEIROS, Carlos Alberto, 1994. Contribuição para o estudo da vinha e do vinho nos Açores. *Finisterra*. Lisboa, Vol. XXIX(58), 199-229.
- MELO, Dias de, 1990. *Na Memória das Gentes, Livro II – Gentes da terra falam da terra e do mar, Vol. I*. Angra do Heroísmo: Secretaria Regional de Educação e Cultura/Direcção Regional de Orientação Pedagógica.
- MELO, Dias de, 1991. *Na Memória das Gentes, Livro II – Gentes da terra falam da terra e do mar, Vol. II*. Angra do Heroísmo: Secretaria Regional de Educação e Cultura/Direcção Regional de Orientação Pedagógica.
- MENDES, Hélder Manuel Fonseca, 2006. *Do Espírito Santo à Trindade – Um programa Social de cristianismo inculturado*. Porto: Universidade Católica Portuguesa.

- MENDES, Hélder Manuel Fonseca, 2010. *Igrejas Paroquiais dos Açores*. Angra do Heroísmo: Diocese de Angra.
- NUNES, João Carlos Carreiro, 1999. *A Actividade Vulcânica na Ilha do Pico do Plistocénico Superior ao Holocénico: Mecanismo Eruptivo e Hazard Vulcânico*. Ponta Delgada, Universidade dos Açores. Tese de doutoramento policopiada.
- OLIVEIRA, Manuel A., 2001. Pontas Negras – Memórias de uma aldeia açoreana. Lajes do Pico: Câmara Municipal das Lajes do Pico.
- POIRIER, Jean, et al., 1998. *História dos Costumes – O tempo, O espaço e os ritmos*. Lisboa: Editorial Estampa, Lda.
- QUARESMA, Amílcar G., 1993. *Maresias – III Volume*. Pico: Câmara Municipal da Madalena.
- QUARESMA, Amílcar G., 1993a. *Maresias – II Volume*. Pico: Câmara Municipal da Madalena.
- ROCHA, Gilberta Pavão Nunes e RODRIGUES, Vítor Luís Gaspar, 1983. A população dos Açores no ano de 1849. *Arquipélago*. Ponta Delgada, Nº Especial, pp. 333-385.
- SALVADOR, Mari L., As rainhas das festas na Califórnia: inversão e reversão ritual. In: SIMAS, Rosa M. N., ed. *A mulher nos Açores e nas Comunidades*. Ponta Delgada: Rosa Maria Neves Simas, pp. 281-299.
- SIMÕES, Manuel B., 1987. *Roteiro Lexical do Culto e Festas do Espírito Santo nos Açores*. Lisboa: Ministério da Educação/Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- SIMÕES, Maria F., 2012. *Em Cada Canto um Divino Espírito Santo*. Pico: Câmara Municipal das Lajes do Pico/Junta de Freguesia das Lajes do Pico.
- SOUSA, Paulo Silveira, 2004. Para uma história da vinha e do vinho nos Açores (1750-1950). *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*. Angra do Heroísmo, Vol. LXII, pp. 115-217.

6.2. Bibliografia Auxiliar.

BRUNO, Jorge A. P., 1998. *O inventário Imóvel do Concelho de São Roque do Pico*. Angra do Heroísmo: Direcção Regional da Cultura – Instituto Açoriano de Cultura.

BRUNO, Jorge A. P., 1998. *O inventário Imóvel do Concelho das Lajes do Pico*. Angra do Heroísmo: Direcção Regional da Cultura – Instituto Açoriano de Cultura.

BRUNO, Jorge A. P., 1998. *O inventário Imóvel do Concelho da Madalena*. Angra do Heroísmo: Direcção Regional da Cultura – Instituto Açoriano de Cultura.

CALDAS, João V., 2000. *Arquitetura Popular dos Açores*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos.

FERNANDES, José M. et al., 1996. *Cidades e Casas da Macaronésia*. Porto: FAUPpublicações.

FERNANDES, José M., 2008. *História Ilustrada da Arquitectura dos Açores*. Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura.

FERREIRA, Idalmiro, 2002. *Esta Terra – Esta gente*. Pico: Câmara Municipal de São Roque do Pico.

FERREIRA, José I. Á., 2005. *Notas Históricas – Santo António do Pico*. Pico: Câmara Municipal de São Roque do Pico.

PACHECO, Norberto C., 1983. *Freguesia das Ribeiras – Pico*. Pico: Câmara das Lajes do Pico.

VEIGA, Teresa Rodrigues, 2004. *A População Portuguesa no século XIX*. Porto: GEPSE e Edições Afrontamento Lda.

6.3. Índice e Créditos das Imagens.

Figura 1 – Mapa do Arquipélago dos Açores (fonte DSCIG da Secretaria Regional do Turismo e Transportes).	14
Figura 2 – Mapa da Orografia da Ilha do Pico – fonte (França, et al., 2014:15).15	
Figura 3 – Mapa das diversas erupções vulcânicas da ilha do Pico – fonte (Nunes:1999:23).	16
Figura 4 – Mapa de hipsometria e declives da ilha do Pico – fonte (Nunes:1999:102).	18
Figura 5 – Mapa da temperatura da ilha do Pico (http://www.climaat.angra.uac.pt/projecto/projecto.htm).	19
Figura 6 – Mapa da humidade relativa da ilha do Pico (http://www.climaat.angra.uac.pt/projecto/projecto.htm).	20
Figura 7 – Mapa com o registo da precipitação acumulada da ilha do Pico (http://www.climaat.angra.uac.pt/projecto/projecto.htm).	21
Figura 8 – Mapa das 17 freguesias e dos 3 concelhos da ilha do Pico – fonte (Nunes:1999:18).	24
Figura 9 – Tabela com base na informação da página 97 do INE, IP., 2012.	25
Figura 10 – Mapa das localidades de melhor qualidade na produção de vinha na ilha do Pico (http://www.cvracores.pt/vlqprd-pico-.html).	28
Figura 11 – Início da procissão da Terça Feira do Espírito Santo em Santa Cruz das Ribeiras (ver figura 173).	40
Figura 12 – Procissão a sair da Casa do Mordomo na Terça Feira do Espírito Santo em Santa Cruz das Ribeiras.	40
Figura 13 – Mapa da localização das Capelinhas na ilha do Pico (ver figuras 15 a 46).	41

Figura 14 – O pão, o bolo de véspera e a rosquilha são as principais dádivas oferecidas nos dias de festa em todas as localidades da ilha do Pico (ver figura 183)...	42
Figura 15 – Capelinha da Terra do Pão (ver figuras 13, 110, 111 e 131).....	43
Figura 16 – Capelinha de São Caetano (ver figuras 13, 110, 111 e 130).	43
Figura 17 – Capelinha do Largo da Igreja em São Mateus (ver figuras 13, 110, 112, 113, 132 e 134).	44
Figura 18 – Capelinha do Paço em São Mateus (ver figuras 13, 110, 112 e 133).	44
Figura 19 – Capelinha de Santo António do Monte (ver figuras 13, 110, 114 e 137).....	44
Figura 20 - Capelinha do Largo da Igreja, na Candelária (ver figuras 13, 108, 114 e 136).	44
Figura 21 – Capelinha do Espírito Santo da Criação Velha (ver figuras 13, 110, 115, 138 e 139).	45
Figura 22 – Capelinha das Sete Cidades (ver figuras 13, 110, 116 e 142).....	46
Figura 23 – Capelinha do Cabo Branco (ver figuras 13, 110, 116 e 141).	46
Figura 24 – Capelinha do Valverde (ver figuras 13, 110, 116 e 144).	46
Figura 25 – Capelinha do Império da Segunda Feira do Espírito Santo do Valverde (ver figuras 13, 110, 116 e 143).....	46
Figura 26 – Capelinha da Terça Feira do Espírito Santo da Madalena (ver figuras 13, 110, 116 e 140).	46
Figura 27 – Capelinha do Espírito Santo das Bandeiras (ver figuras 13, 110, 117, 145 e 146).	47
Figura 28 – Capelinha do Espírito Santo de Santa Luzia (ver figuras 13, 110, 118, 147 e 148).	47
Figura 29 – Capelinha do Espírito Santo de Santo António (ver figuras 13, 110, 119 e 149).	48
Figura 30 – Capelinha do Espírito Santo de Santa Ana (inativa).	48

Figura 31 – Capelinha do Espírito Santo de São Roque (ver figuras 13, 110, 120 e 151).....	49
Figura 32 – Capelinha de São Miguel Arcanjo (ver figuras 13, 108, 118 e 152).	49
Figura 33 – Capelinha do Espírito Santo da Prainha (ver figuras 13, 110, 121, 153 a 156).	49
Figura 34 – Capelinha do Espírito Santo de Santo Amaro (ver figuras 13, 110, 122, 157 a 159).	50
Figura 35 – Capelinha do Espírito Santo da Ribeirinha (ver figuras 13, 110, 123, 160 a 162).	51
Figura 36 – Capelinha do Espírito Santo da Piedade (capela subdivida em três compartimentos: um para o vinho, um para os símbolos do Espírito Santo e outro para os bolos) com acessos diretos do exterior (ver figuras 13, 110, 124, 163 a 166).....	52
Figura 37 – Compartimento do vinho para distribuição no arraial.....	52
Figura 38 – Compartimento dos símbolos do Espírito Santo.....	52
Figura 39 – Compartimento dos bolos de véspera.....	52
Figura 40 – Capelinha do Espírito Santo da Calheta de Nesquim (três compartimentos com acesso interior), (ver figuras 13, 110, 125, 167 a 169).	53
Figura 41 – Capelinha do Espírito Santo de Santa Cruz das Ribeiras (ver figuras 13, 110, 126, 172 e 173).	54
Figura 42 – Capelinha do Espírito Santo de Santa Bárbara das Ribeiras (ver figuras 13, 110, 126, 174 e 175).	54
Figura 43 – Capelinha do Espírito Santo da Silveira (construída em 1723), (ver figuras 13, 110, 127, 179 e 180).	55
Figura 44 – Capelinha da Ribeira do Meio (ver figuras 13, 110, 127 e 178).	55
Figura 45 – Capelinha do Espírito Santo da Companhia de Cima em São João (ver figuras 13, 110, 128 e 182).	55

Figura 46 – Capelinha do Espírito Santo da Companhia de Baixo em São João (ver figuras 13, 110, 128 e 181).	55
Figura 47 – Igreja da freguesia de São Caetano (ver figuras 110, 111 e 130)....	58
Figura 48 – Igreja da freguesia de São Mateus (ver figuras 110, 112, 113, 130, 132 a 134).	60
Figura 49 – Igreja da freguesia da Candelária (ver figuras 110, 114 e 136).	61
Figura 50 – Igreja da freguesia da Criação Velha (ver figuras 110, 115, 138 e 139).....	62
Figura 51 – Igreja da freguesia (vila) da Madalena (ver figuras 110, 116, 140 a 144).....	63
Figura 52 – Igreja da freguesia das Bandeiras (ver figuras 110, 117, 145 e 146).	64
Figura 53 – Ermida da localidade da Terra do Pão, freguesia de São Caetano (ver figuras 110, 111 e 131).	64
Figura 54 – Ermida da localidade do Campo Raso, freguesia da Candelária (ver figuras 110, 114 e 135).	65
Figura 55 – Ermida de Santo António do Monte, freguesia da Candelária (ver figuras 110, 114 e 137).	65
Figura 56 – Igreja da freguesia de Santa Luzia (ver figuras 110, 118, 147 e 148).	66
Figura 57 – Igreja da freguesia de Santo António (ver figuras 110, 119 e 149). 67	
Figura 58 – Igreja da freguesia (vila) de São Roque do Pico (ver figuras 110, 120 e 151).	68
Figura 59 – Igreja da freguesia da Prainha (ver figuras 110, 121, 154 a 156)....	68
Figura 60 – Igreja da freguesia de Santo Amaro (ver figuras 110, 122, 157 a 159).....	69
Figura 61 – Igreja do Convento de São Roque do Pico (ver figuras 110, 120 e 150).....	70

Figura 62 – Ermida da localidade de São Miguel Arcanjo, na freguesia (vila) de São Roque do Pico (ver figuras 110, 120 e 152).....	70
Figura 63 – Ermida da localidade da Prainha de Cima, freguesia da Prainha (ver figuras 110, 121 e 153).....	71
Figura 64 – Igreja da freguesia da Ribeirinha (ver figuras 110, 123, 160 a 162).	72
Figura 65 – Igreja da freguesia da Piedade (ver figuras 110, 124, 163 a 165)..	72
Figura 66 – Igreja da freguesia da Calheta de Nesquim (ver figuras 110, 125, 167 a 169).	73
Figura 67 – Igreja de Santa Cruz da freguesia das Ribeiras (ver figuras 110, 126, 172 e 173).	74
Figura 68 – Igreja de Santa Bárbara da freguesia das Ribeiras (ver figuras 110, 126, 174 e 175).	75
Figura 69 – Igreja da Silveira da freguesia (vila) das Lajes do Pico (ver figuras 110, 127, 179 e 180).	76
Figura 70 – Igreja da freguesia de São João (ver figuras 110, 128, 181 e 182). ..	77
Figura 71 – Igreja do Convento das Lajes do Pico (ver figuras 110, 127 e 178).	78
Figura 72 – Ermida da localidade de Fetais, freguesia da Piedade (ver figuras 110, 124 e 166).	79
Figura 73 – Ermida da localidade da Ribeira Grande, freguesia das Ribeiras – fotografia cedida por Noélia Alvernaz (ver figuras 110, 126 e 170).....	79
Figura 74 – Ermida da localidade das Pontas Negras, freguesia das Ribeiras (ver figuras 110, 126 e 171).	80
Figura 75 – Ermida da localidade das Terras, da freguesia (vila) das Lajes do Pico (ver figuras 110, 127 e 176).	81
Figura 76 – Ermida de São Pedro das Lajes do Pico (templo mais antigo da ilha do Pico), (ver figuras 110, 127 e 177).	82

Figura 77 – Casa da Segunda Feira do Espírito Santo de Santa Cruz das Ribeiras (ver figuras 110, 126 e 172).....	83
Figura 78 – Salão da paróquia de Santo Amaro (ver figuras 110, 122, 157 a 159).	83
Figura 79 – Sede da filarmónica Santamarense – fotografia cedida por Elina Fontes (ver figuras 110, 122, 157 a 159).....	83
Figura 80 – Salão da Segunda Feira do Espírito Santo, do Valverde (em construção), (ver figuras 110, 116 e 143).....	84
Figura 81 – Escola primária dos Fetais, freguesia da Piedade (adaptada para o Espírito Santo), (ver figuras 110, 124 e 166).	84
Figura 82 – Sala de refeições preparada para o almoço do Espírito Santo, na Calheta de Nesquim.....	85
Figura 83 – Detalhe das mesas do Domingo da Trindade, na Calheta de Nesquim.....	85
Figura 84 – Domingo do Espírito Santo, em São Mateus – fotografia cedida por Manuel Hélder.	86
Figura 85 – Terça Feira do Espírito Santo, em São João - fotografia cedida por Manuel Hélder.	86
Figura 86 – Arraial com banda a tocar, na Madalena (ver figuras 110, 116 e 140).....	86
Figura 87 – Arraial da Terça Feira do Espírito Santo, na Madalena (ver figuras 110, 116 e 140).	86
Figura 88 – Início da procissão do domingo da Trindade, na Calheta de Nesquim (ver figuras 110, 125 e 169).....	88
Figura 89 – Mordomos da festa do domingo da Trindade, na Calheta de Nesquim (ver figuras 110, 125 e 169).	88
Figura 90 – Familiares do Mordomo da festa do Espírito Santo, na Calheta de Nesquim (ver figuras 110, 125 e 169).	88

Figura 91 – Procissão do Sábado do Espírito Santo, na Silveira (ver figuras 110, 127 e 179).	89
Figura 92 – Rosquilhas em Santa Bárbara (ver figuras 110, 126 e 174).	89
Figura 93 – Procissão da Terça Feira do Espírito Santo da Companhia de Cima, em São João (com a participação de duas filarmónicas), (ver figuras 110, 128 e 182).	90
Figura 94 – Rainhas e mordomos da Terça Feira do Espírito Santo, em Santa Cruz das Ribeiras (ver figuras 110, 126 e 173).	91
Figura 95 – Rainha da Terça Feira do Espírito Santo, em 1970, em Santa Cruz das Ribeiras (Fig. 110).	91
Figura 96 – Rainha da festa da comunidade migrante de outras ilhas, em 2002, em Ponta Delgada (filha da rainha da Fig. 95).	91
Figura 97 - Rainhas da Terça Feira do Espírito Santo de Santa Cruz das Ribeiras (ver figuras 110, 126 e 173).	92
Figura 98 – Procissão da Segunda Feira do Espírito Santo na Piedade (carro de bois com o vinho), (ver figuras 110, 124 e 164).	94
Figura 99 – Chegada à capelinha do Carro de bois com vinho do Calhau (ver figuras 110, 124 e 164).	94
Figura 100 – Entrega dos bolos na Capelinha da Piedade (ver figuras 110, 124 e 164).	95
Figura 101 – Açafate com rosquilhas (enfeitado com flores).	95
Figura 102 – Bênção das rosquilhas em São Mateus com a presença da Rainha Santa Isabel – foto cedida por Manuel Hélder (ver figuras 110, 112 e 132).	96
Figura 103 – Procissão das Sete Cidades na saída da igreja da Madalena (Domingo da Trindade), (ver figuras 110, 116 e 141).	96
Figura 104 – Procissão do Valverde na saída da igreja da Madalena (Domingo da Trindade), (ver figuras 110, 116 e 144).	96
Figura 105 – Cozinha do Salão da Calheta de Nesquim (anexo da Capelinha do Espírito Santo).	97

Figura 106 – Cozinha do Salão das Sete Cidades (Sede da Filarmónica das Sete Cidades).....	97
Figura 107 – Pão de água para as sopas na sede da filarmónica das Sete Cidades.	98
Figura 108 – Pão doce na filarmónica das Sete Cidades.	98
Figura 109 – Calheta - O corte (partir) da carne é um trabalho de preparação para a realização das sopas – foto cedida por Claudina Oliveira.	98
Figura 110 – Calendário das Festas por cada freguesia, na ilha do Pico (ver figuras 111 a 128 dos núcleos urbanos).....	102
Figura 111 – Núcleos urbanos onde se realizam as festas do Espírito Santo em São Caetano (ver figuras 110, 130 e 131).	103
Figura 112 – Núcleo urbano das festas de São Mateus (ver figuras 110, 132 e 133).....	104
Figura 113 – Núcleos urbanos de São Mateus e São Caetano que partilham a festa de São Mateus (ver figuras 110 e 134).	105
Figura 114 – Núcleos urbanos da Candelária e das localidades do Campo Raso e do Monte (ver figuras 110, 135 a 137).	106
Figura 115 – Núcleo urbano da Criação Velha (ver figuras 110, 138 e 139)... ..	107
Figura 116 - Núcleos urbanos da Madalena e das localidades do Cabo Branco, Sete Cidades e Valverde (ver figuras 110, 140 a 144).	108
Figura 117 – Núcleos urbanos das Bandeiras (ver figuras 110, 145 e 146).	109
Figura 118 – Núcleo urbano de Santa Luzia (ver figuras 110, 147 e 148).....	110
Figura 119 – Núcleo urbano de Santo António (ver figuras 110 e 149).....	111
Figura 120 – Núcleos urbanos de São Roque (ver figuras 110, 150 a 152).	112
Figura 121 – Núcleos urbanos da Prainha (ver figuras 110, 153 a 156).....	113
Figura 122 – Núcleos urbanos de Santo Amaro (ver figuras 110 e 157 a 159).	114
Figura 123 – Núcleos urbanos da Ribeirinha (ver figuras 110, 160 a 162).	115
Figura 124 – Núcleos urbanos da Piedade (ver figuras 110 e 163 a 166).	116

Figura 125 - Núcleos urbanos da Calheta de Nesquim (ver figuras 110 e 167 a 169).....	117
Figura 126 – Núcleos urbanos das Ribeiras (ver figuras 110 e 170 a 175).	118
Figura 127 – Núcleos urbanos das Lajes do Pico (ver figuras 110, 176 a 180).	120
Figura 128 - Núcleos urbanos de São João (ver figuras 110, 181 e 182).	121
Figura 129 – Calendário das festas do Espírito Santo na ilha do Pico (ver figuras 111 a 128 e 130 a 182 – núcleos urbanos e circuitos das procissões).	150
Figura 130 – Procissão do Espírito Santo em São Caetano (ver figuras 111 e 129).....	151
Figura 131 - Procissão do Espírito Santo na Terra do Pão (ver figuras 111 e 129).....	152
Figura 132 - Procissão do Espírito Santo em São Mateus (ver figuras 112 e 129).	153
Figura 133 - Procissão do Espírito Santo em São Mateus (ver figuras 112 e 129).	154
Figura 134 - Procissão do Espírito Santo em São Mateus com a participação das pessoas de São Caetano (ver figuras 113 e 129).	155
Figura 135 - Procissão do Espírito Santo na localidade do Campo Raso na freguesia da Candelária (ver figuras 114 e 129).....	156
Figura 136 - Procissão do Espírito Santo na Candelária (ver figuras 114 e 129).	157
Figura 137 - Procissão do Espírito Santo na localidade do Monte na freguesia da Candelária (ver figuras 114 e 129).	158
Figura 138 - Procissão do Espírito Santo na Criação Velha (ver figuras 115 e 129).....	159
Figura 139 - Procissão do Espírito Santo na Criação Velha (ver figuras 115 e 129).....	160

Figura 140 - Procissão do Espírito Santo na Madalena (ver figuras 116 e 129).	161
Figura 141 - Procissão do Espírito Santo na localidade do Cabo Branco na Madalena (ver figuras 116 e 129)......	162
Figura 142 - Procissão do Espírito Santo na localidade das Sete Cidades na Madalena (ver figuras 116 e 129)......	163
Figura 143 - Procissão do Espírito Santo na localidade do Valverde na Madalena (ver figuras 116 e 129)......	164
Figura 144 - Procissão do Espírito Santo na localidade do Valverde na Madalena (ver figuras 116 e 129)......	165
Figura 145 - Procissão do Espírito Santo nas Bandeiras (ver figuras 117 e 129).	166
Figura 146 - Procissão do Espírito Santo nas Bandeiras (ver figuras 117 e 129).	167
Figura 147 - Procissão do Espírito Santo em Santa Luzia (ver figuras 118 e 129).	168
Figura 148 - Procissão do Espírito Santo em Santa Luzia (ver figuras 118 e 129).	169
Figura 149 - Procissão do Espírito Santo em Santo António (ver figuras 119 e 129)......	170
Figura 150 - Procissão do Espírito Santo na localidade do Cais do Pico em São Roque (ver figuras 120 e 129).	171
Figura 151 - Procissão do Espírito Santo em São Roque (ver figuras 120 e 129).	172
Figura 152 - Procissão do Espírito Santo na localidade de São Miguel Arcanjo em São Roque (ver figuras 120 e 129).	173
Figura 153 - Procissão do Espírito Santo na localidade da Prainha de Cima na Prainha (ver figuras 121 e 129).	174

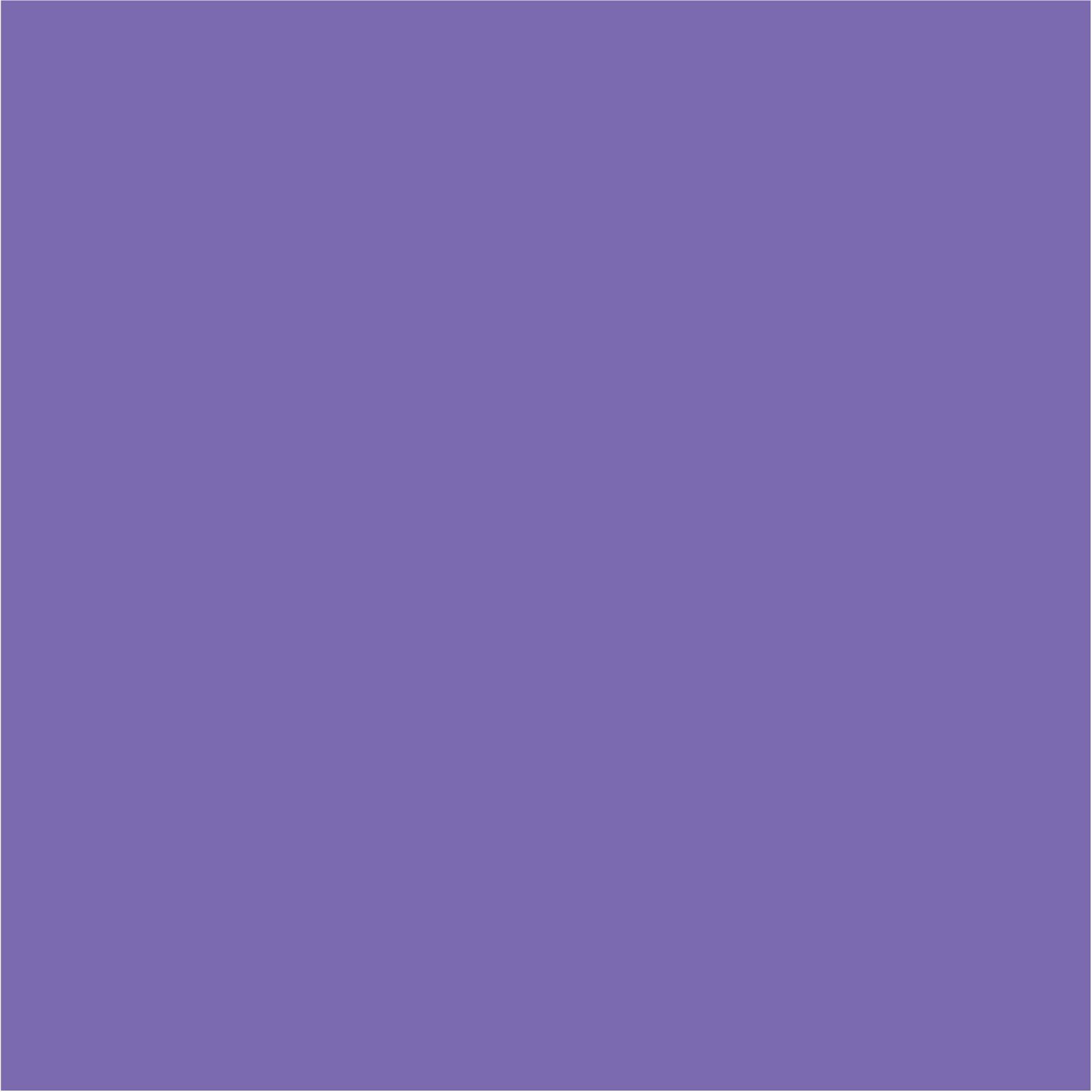
Figura 154 - Procissão do Espírito Santo na Prainha (ver figuras 121 e 129)..	175
Figura 155 - Procissão do Espírito Santo na Prainha (ver figuras 121 e 129)..	176
Figura 156 - Procissão do Espírito Santo na Prainha (ver figuras 121 e 129)..	177
Figura 157 - Procissão do Espírito Santo em Santo Amaro (ver figuras 122 e 129).....	178
Figura 158 - Procissão do Espírito Santo em Santo Amaro (ver figuras 122 e 129).....	179
Figura 159 - Procissão do Espírito Santo em Santo Amaro (ver figuras 122 e 129).....	180
Figura 160 - Procissão do Espírito Santo na Ribeirinha (ver figuras 123 e 129).	181
Figura 161 - Procissão do Espírito Santo na Ribeirinha (ver figuras 123 e 129).	182
Figura 162 - Procissão do Espírito Santo na Ribeirinha (ver figuras 123 e 129).	183
Figura 163 - Procissão do Espírito Santo na Piedade (ver figuras 123 e 129).	184
Figura 164 - Procissão do Espírito Santo na Piedade (ver figuras 124 e 129).	185
Figura 165 - Procissão do Espírito Santo na Piedade (ver figuras 124 e 129).	186
Figura 166 - Procissão do Espírito Santo na localidade dos Fetais na Piedade (ver figuras 124 e 129).....	187
Figura 167 - Procissão do Espírito Santo na Calheta de Nesquim (ver figuras 125 e 129).....	188
Figura 168 - Procissão do Espírito Santo na Calheta de Nesquim (ver figuras 125 e 129).....	189
Figura 169 - Procissão do Espírito Santo na Calheta de Nesquim (ver figuras 125 e 129).....	190
Figura 170 - Procissão do Espírito Santo na localidade da Ribeira Grande nas Ribeiras (ver figuras 126 e 129).	191

Figura 171 - Procissão do Espírito Santo na localidade das Pontas Negras nas Ribeiras (ver figuras 126 e 129).	192
Figura 172 - Procissão do Espírito Santo na localidade de Santa Cruz nas Ribeiras (ver figuras 126 e 129).	193
Figura 173 - Procissão do Espírito Santo na localidade de Santa Cruz nas Ribeiras (ver figuras 126 e 129).	194
Figura 174 - Procissão do Espírito Santo na localidade de Santa Bárbara nas Ribeiras (ver figuras 126 e 129).	195
Figura 175 - Procissão do Espírito Santo na localidade de Santa Bárbara nas Ribeiras (ver figuras 126 e 129).	196
Figura 176 - Procissão do Espírito Santo na localidade das Terras nas Lajes do Pico (ver figuras 127 e 129).	197
Figura 177 - Procissão do Espírito Santo nas Lajes do Pico (ver figura 127 e 129).	198
Figura 178 - Procissão do Espírito Santo na localidade da Ribeira do Meio nas Lajes do Pico (ver figura 127 e 129).	199
Figura 179 - Procissão do Espírito Santo na localidade da Silveira nas Lajes do Pico (ver figura 127 e 129).	200
Figura 180 - Procissão do Espírito Santo na localidade da Silveira nas Lajes do Pico (ver figura 127 e 129).	201
Figura 181 - Procissão do Espírito Santo em São João (ver figura 128 e 129).	202
Figura 182 - Procissão do Espírito Santo em São João (ver figura 128 e 129).	203
Figura 183 – Mapa com a distribuição das massas em todas as festas do Espírito Santo na ilha do Pico (ver figuras 129 a 182).	204

6.4. Webgrafia.

- http://www.monumentos.pt/Site/DATA_SYS/STUDYandDOCUMENTS/NORMAL/da746d0b-f751-4b93-acad-fd95fd88ef28/Artigo%20final.pdf – (site dos monumentos IHRU – SIPA - Os impérios do Espírito Santo na Ilha Terceira).
- http://www.geocaching.com/geocache/GC5XE0H_baleeiros – (retirado do blog GEOCACHING – sobre a história da caça à baleia nos Açores).
- <http://historiadosacores.tumblr.com/post/50265715807/caça-à-baleia-alguns-dados-históricos-datados> – (retirado da rede social Tumblr. - História da caça à baleia nos Açores).
- <http://www.climaat.angra.uac.pt/projecto/projecto.htm> - (Mapas sobre o Clima do polo de Angra da Universidade dos Açores com base no projeto CLIMAAT).
- <http://www.ihit.pt/new/boletins.php> - (site dos boletins do Instituto Histórico da Ilha Terceira).
- <http://estatistica.azores.gov.pt/upl/%7B34d5e717-fd0f-4157-8bd5-8bc7f8198d51%7D.pdf> – SREA/INE
- http://www.cvracores.pt/images/Mapa_DOPico1.jpg – (Mapa da cultura da vinha – Pico).
- <http://siaram.azores.gov.pt/patrimonio-cultural/vinhas-pico/ intro.html> – (site da Paisagem da Cultura da Vinha do Pico).
- <http://siaram.azores.gov.pt/patrimonio-cultural/vinhas-pico/PatrimonioCultural-Vinhas-do-Pico.pdf> – (Centro de Interpretação da Paisagem Protegida da Cultura da Vinha do Pico).
- <http://estatistica.azores.gov.pt:81/ReportServer/Pages/ReportViewer.aspx?%2fRelatoriosVarios%2fPesca-Total+de+Pesca+Descarregada+nos+Portos+dos+A%u00e7ores&rs%3aCommand=Render> – (site do SREA-INE sobre as Pescas nos Açores).

ANEXOS



ANEXOS.

- **Calendário das Festas do Espírito Santo**
- **Circuitos Processionais do Espírito Santo**
- **Distribuição das Massas do Espírito Santo**

O desenho do mapa da Calendarização das Festas do Espírito Santo da ilha do Pico pretende ser um documento de apresentação das diversas festas que se realizam nas diferentes freguesias da ilha, assim como as datas de realização das mesmas. Neste contexto, foi fundamental o trabalho desenvolvido pelos três jornais ilha; Ilha Maior, Jornal do Pico e O Dever. Deste modo o estudo desenvolvido pelos jornalistas destes órgãos de informação, os quais percorrem a ilha com o intuito de apresentarem os diferentes mordomos que realizam em cada ano as festas em louvor do Divino Espírito Santo, pelo que, a informação que me foi facultada foi importante para a realização do trabalho de campo.

A escala gráfica foi a metodologia utilizada para apresentação das fichas (em anexo) dos núcleos urbanos onde se realizam as procissões, assim como dos locais onde acontecem os arraiais, sendo utilizada uma base cartográfica da DSCIG. Estas fichas estão diretamente relacionadas com os núcleos urbanos apresentados no capítulo quatro de onde são procedentes os irmãos que realizam as festas nas diferentes localidades da ilha.

O culto do divino Espírito Santo e a organização do espaço físico e ritual da ilha do Pico-Açores

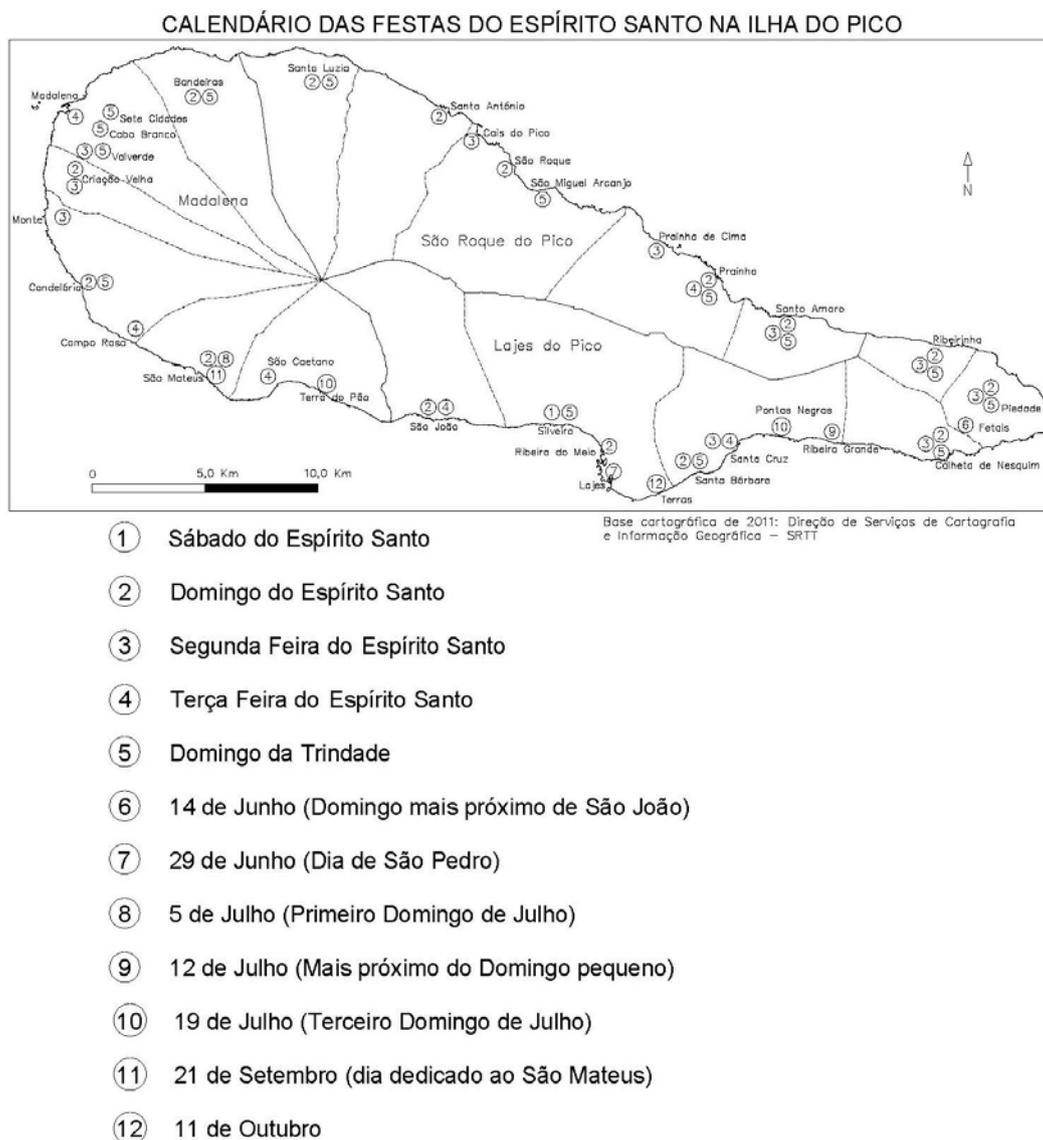


Figura 129 – Calendário das festas do Espírito Santo na ilha do Pico (ver figuras 111 a 128 e 130 a 182 – núcleos urbanos e circuitos das procissões).

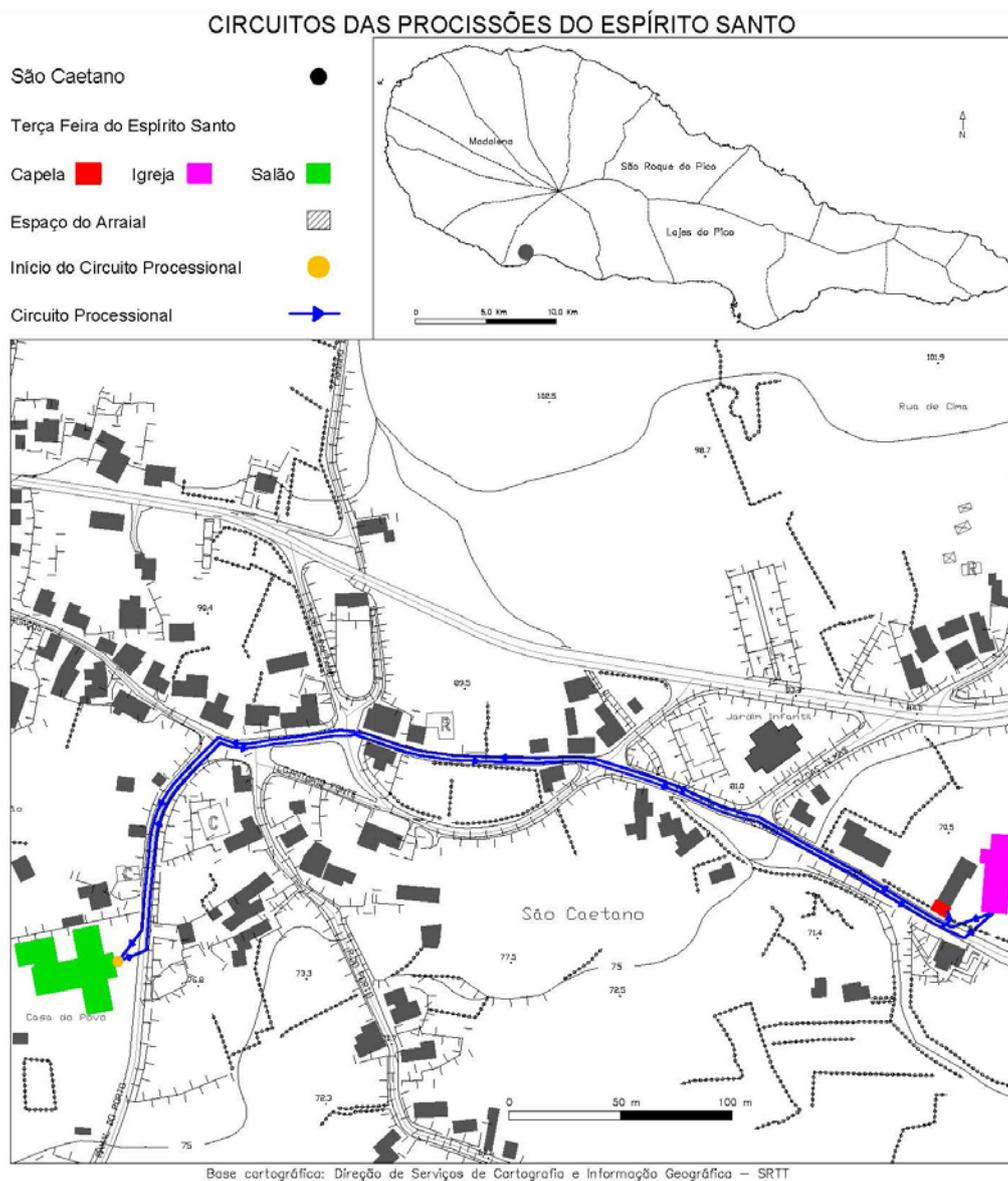


Figura 130 – Procissão do Espírito Santo em São Caetano (ver figuras 111 e 129).

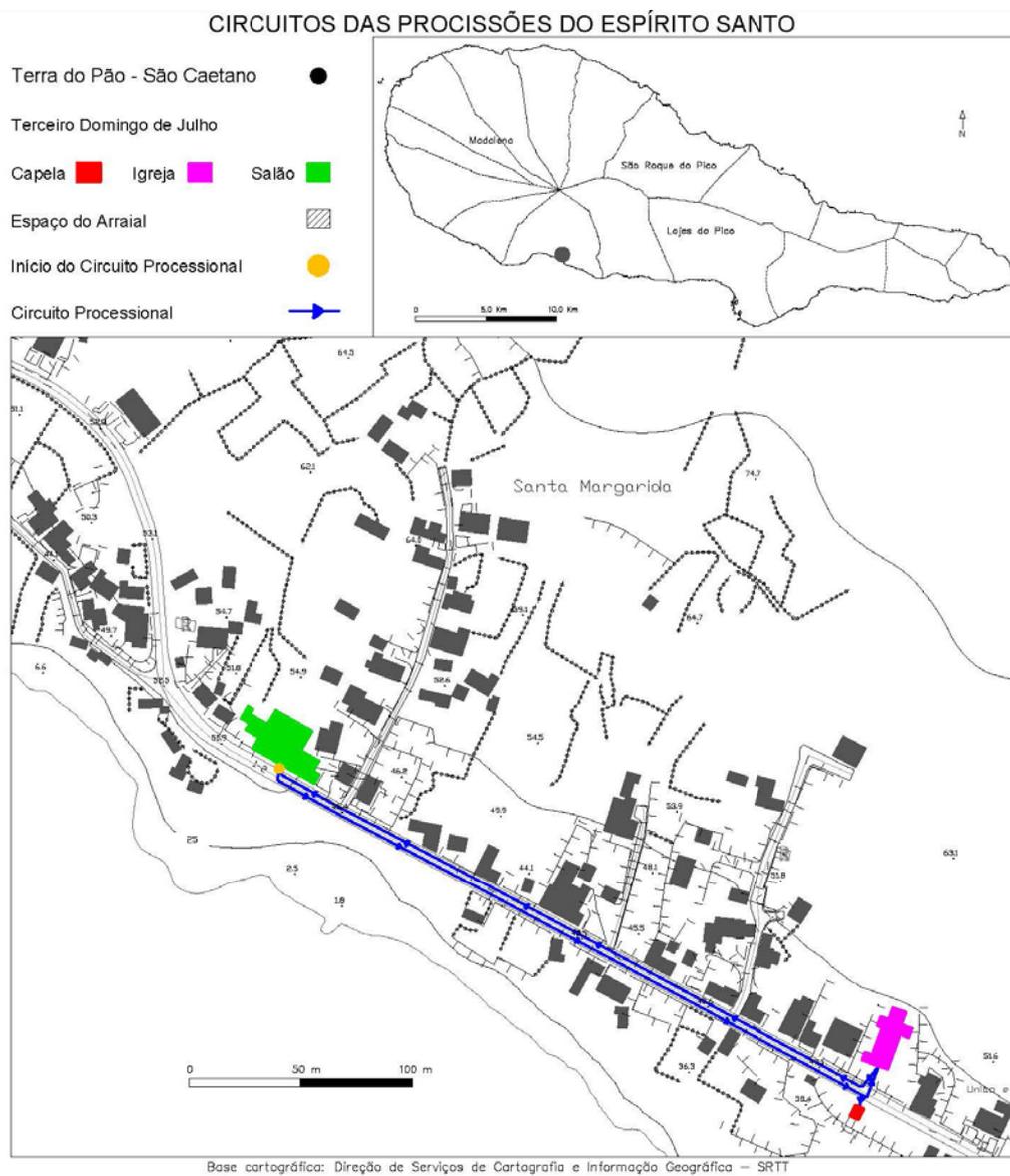


Figura 131 - Procissão do Espírito Santo na Terra do Pão (ver figuras 111 e 129).

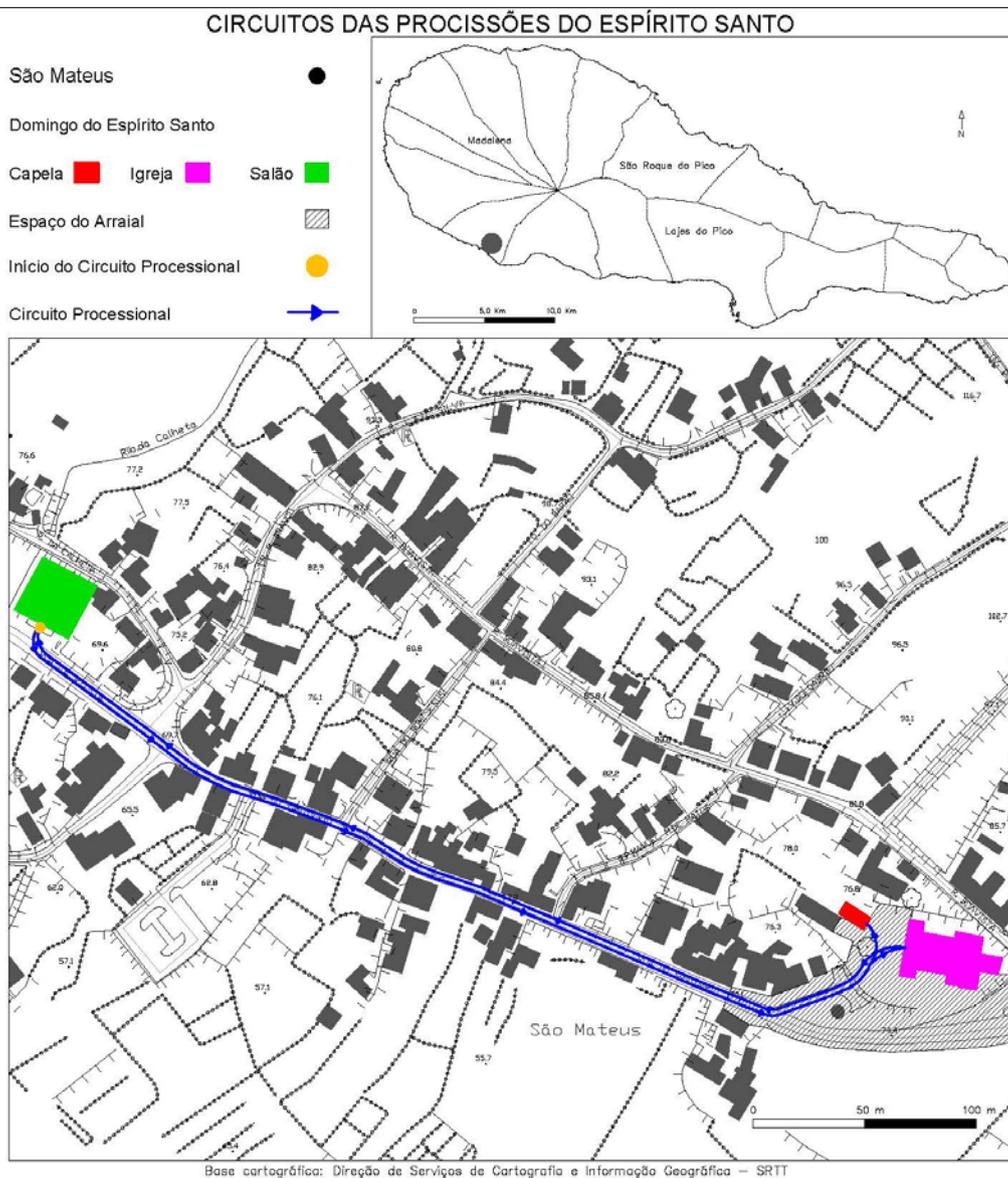


Figura 132 - Procissão do Espírito Santo em São Mateus (ver figuras 112 e 129).

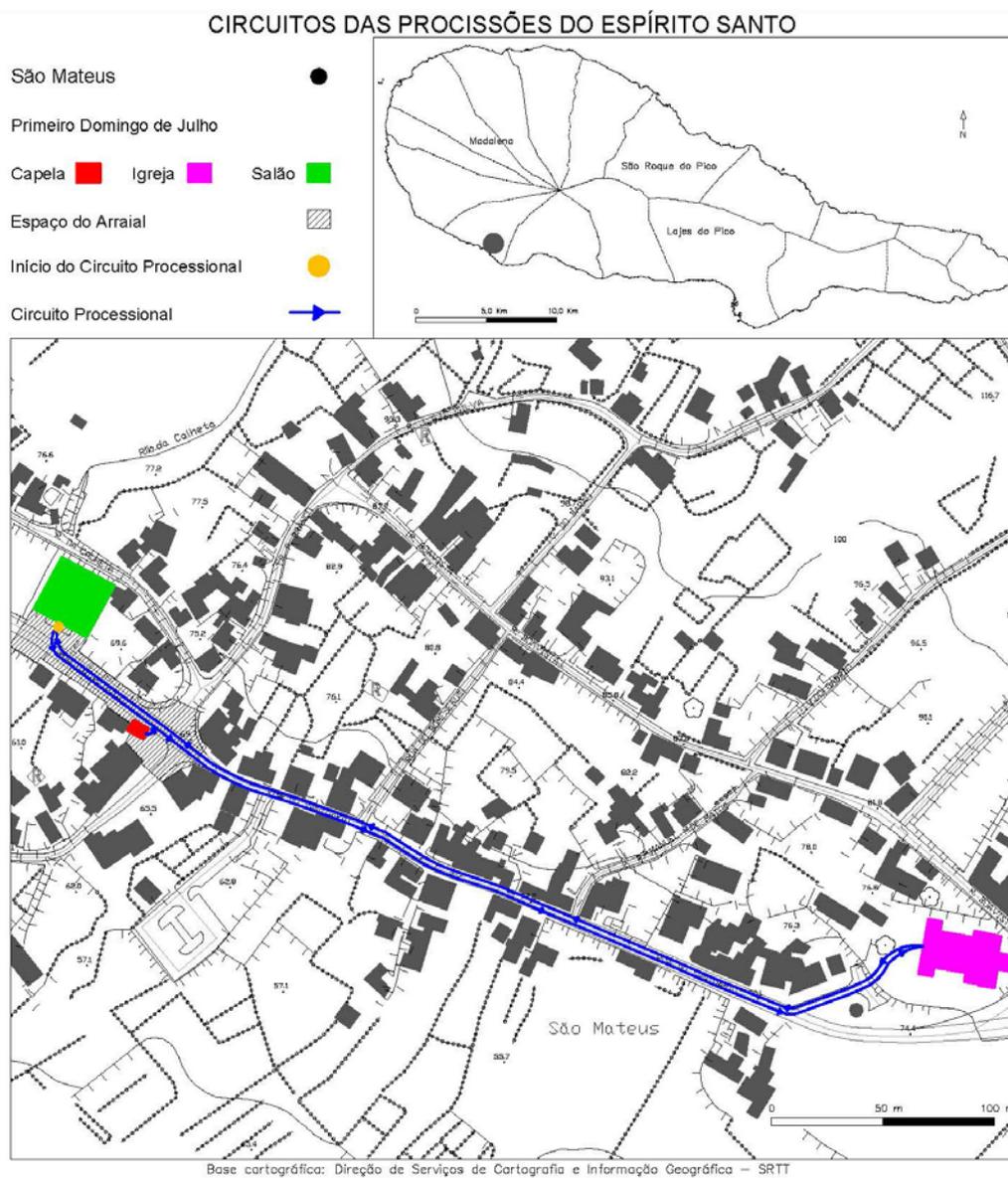


Figura 133 - Procissão do Espírito Santo em São Mateus (ver figuras 112 e 129).

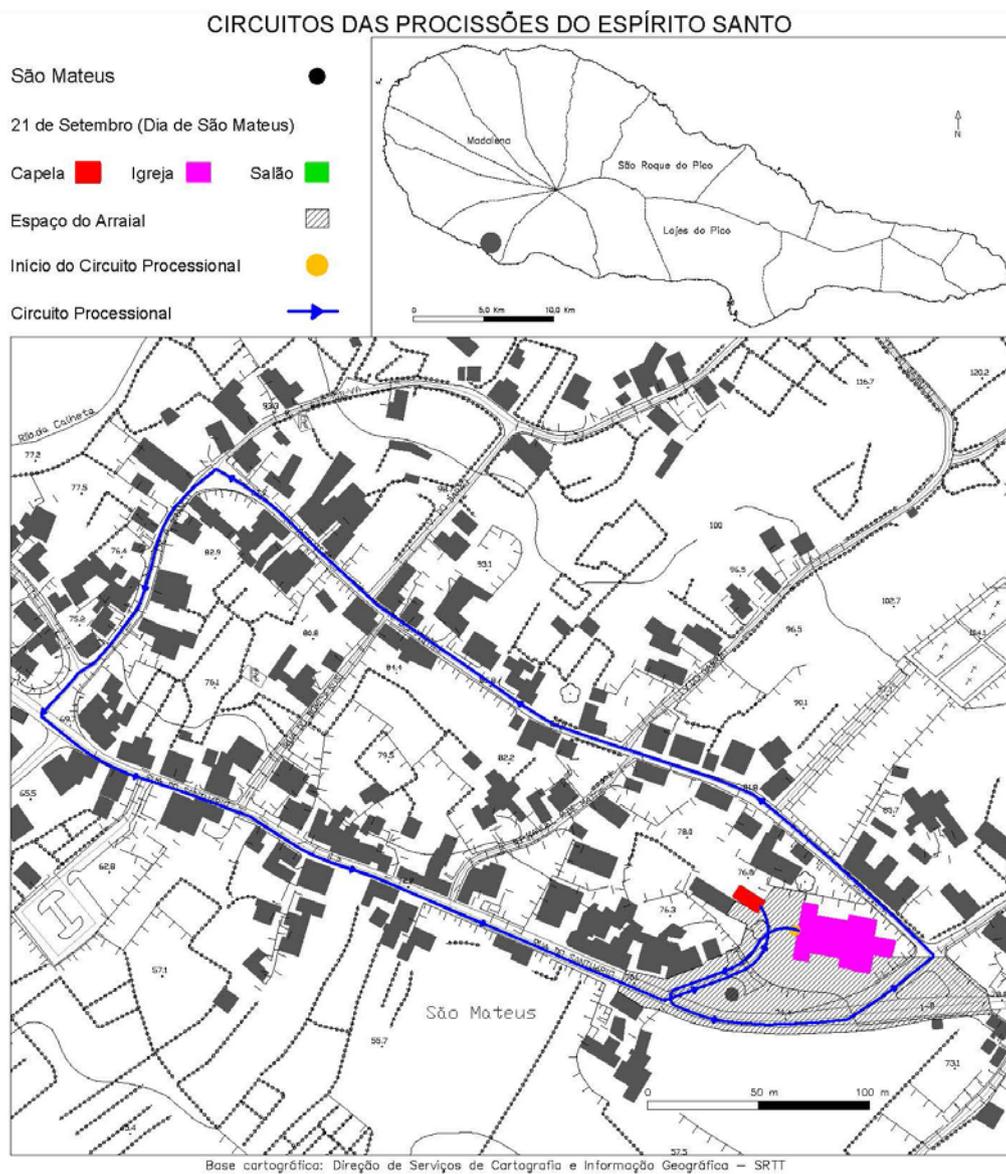


Figura 134 - Procição do Espírito Santo em São Mateus com a participação das pessoas de São Caetano (ver figuras 113 e 129).

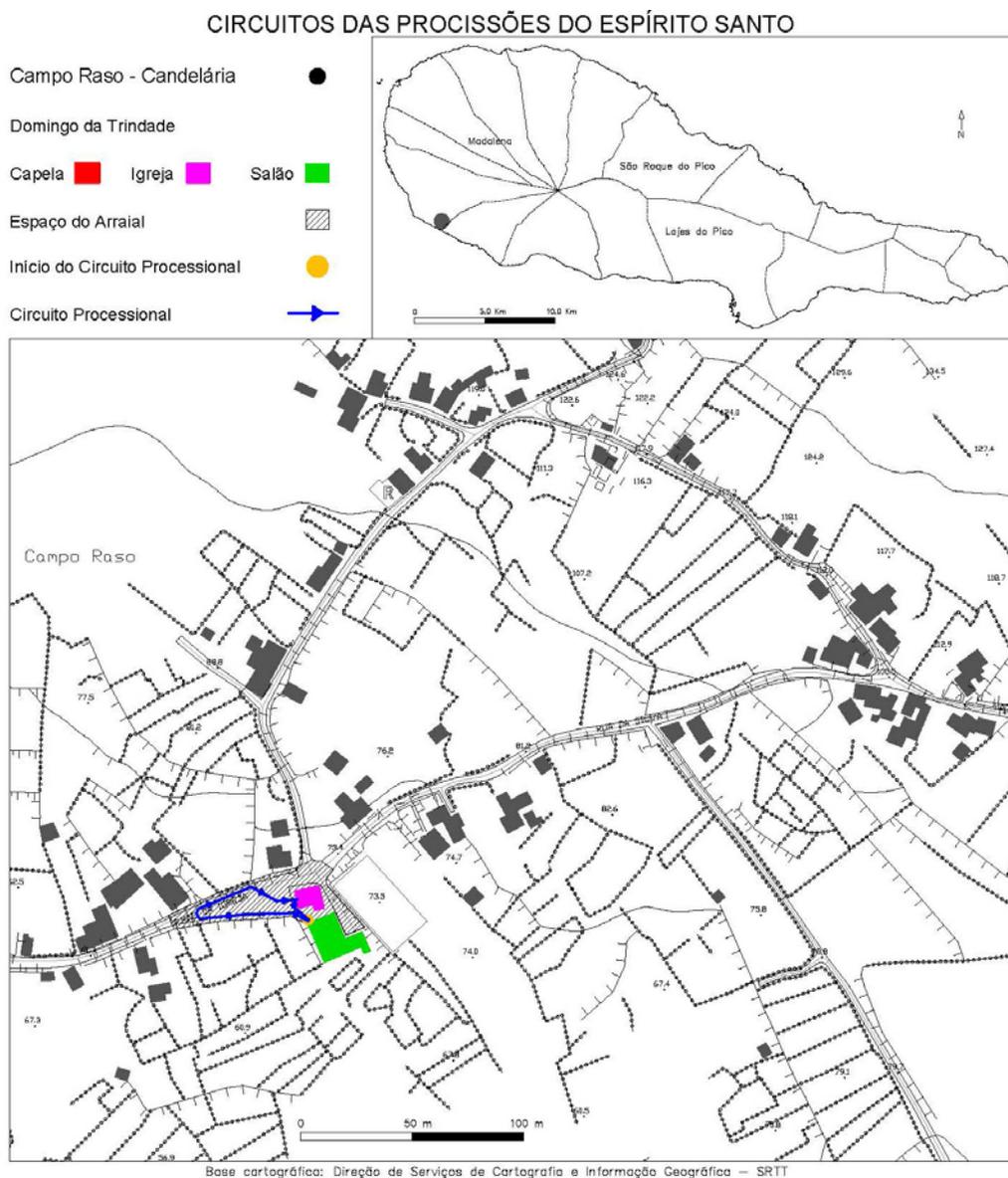


Figura 135 - Procissão do Espírito Santo na localidade do Campo Raso na freguesia da Candelária (ver figuras 114 e 129).

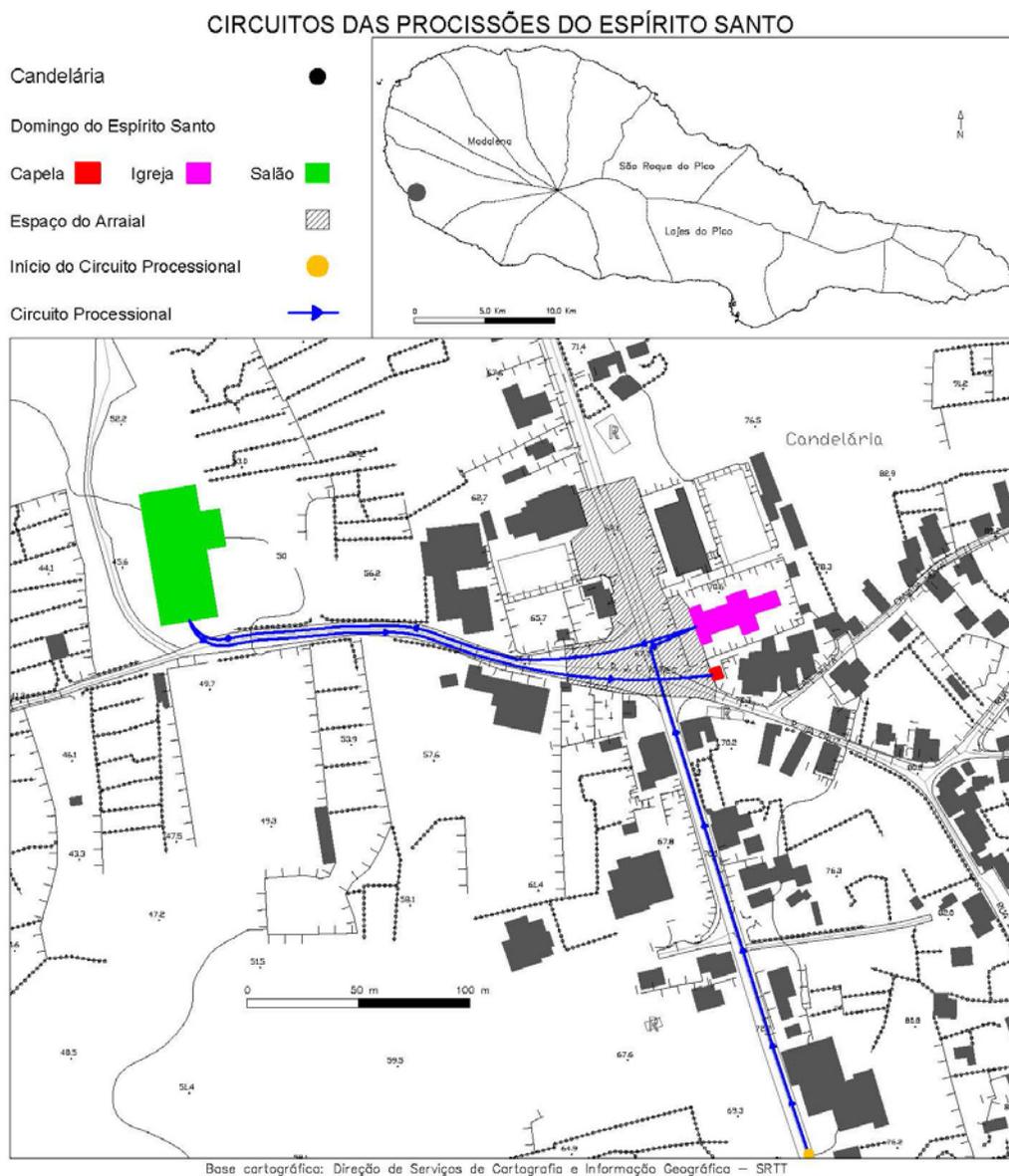


Figura 136 - Prociissão do Espírito Santo na Candelária (ver figuras 114 e 129).

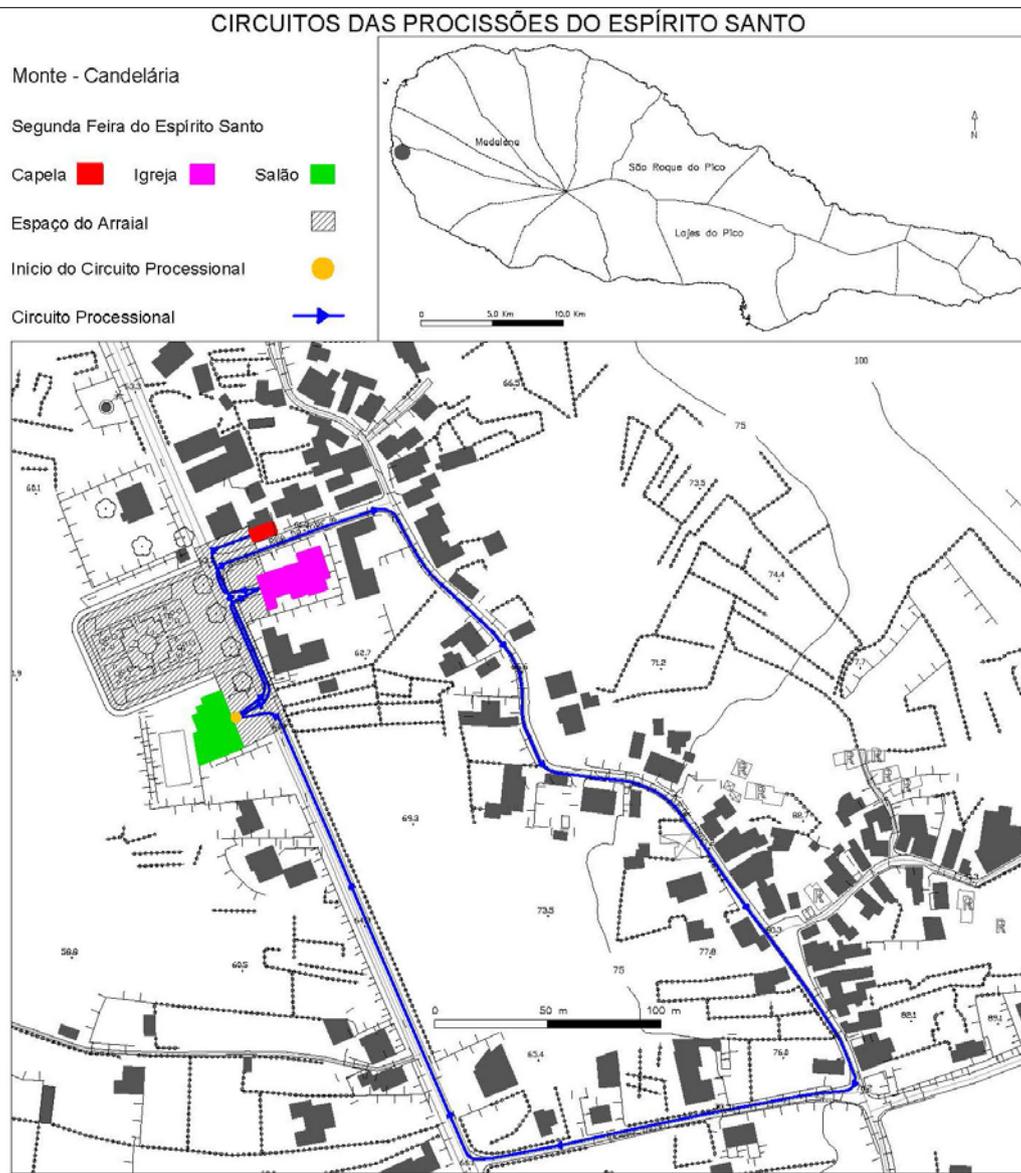


Figura 137 - Procissão do Espírito Santo na localidade do Monte na freguesia da Candelária (ver figuras 114 e 129).

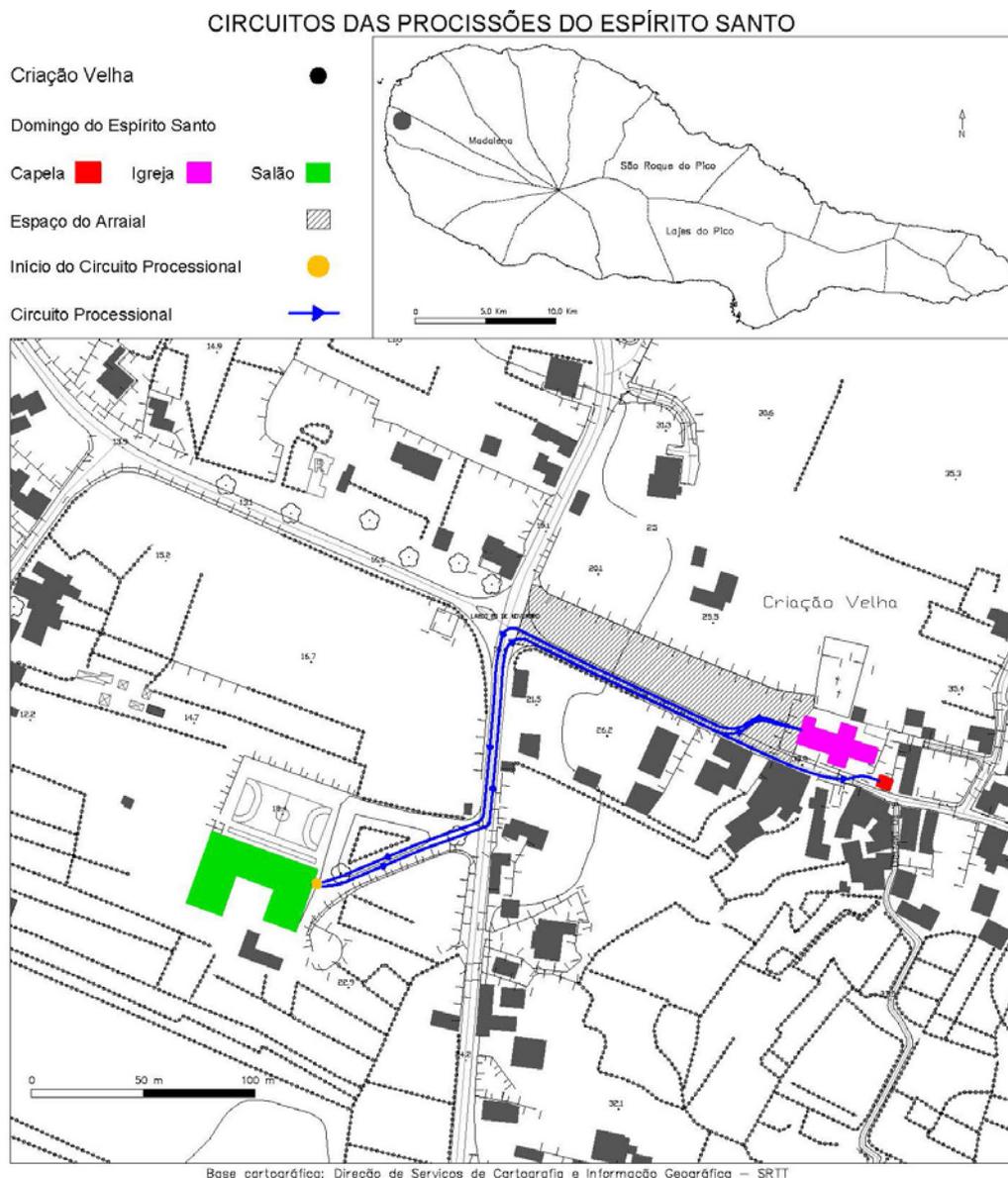
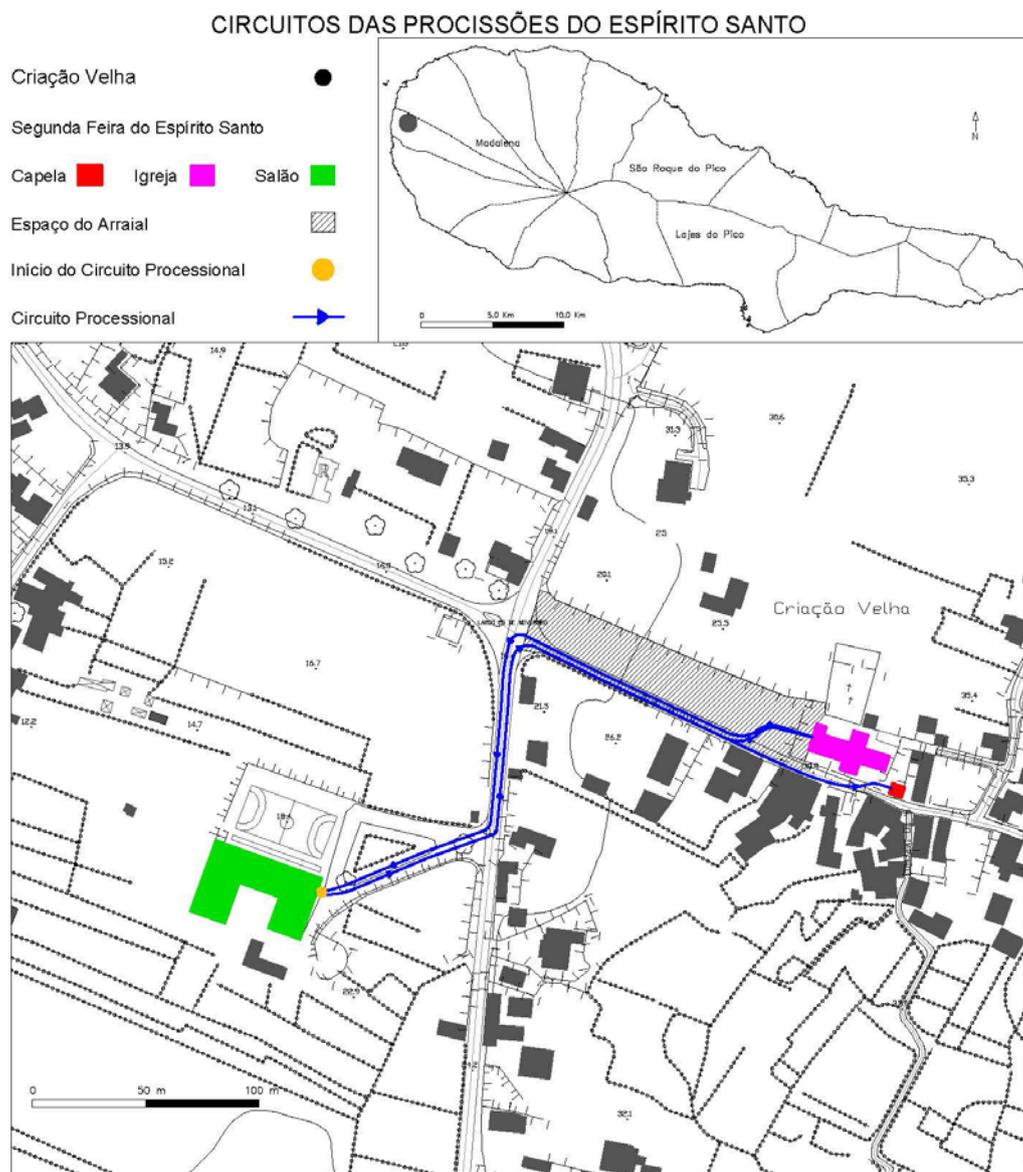


Figura 138 - Procissão do Espírito Santo na Criação Velha (ver figuras 115 e 129).



Base cartográfica: Direção de Serviços de Cartografia e Informação Geográfica – SRTT
Figura 139 - Procissão do Espírito Santo na Criação Velha (ver figuras 115 e 129).

O culto do divino Espírito Santo e a organização do espaço físico e ritual da ilha do Pico-Açores

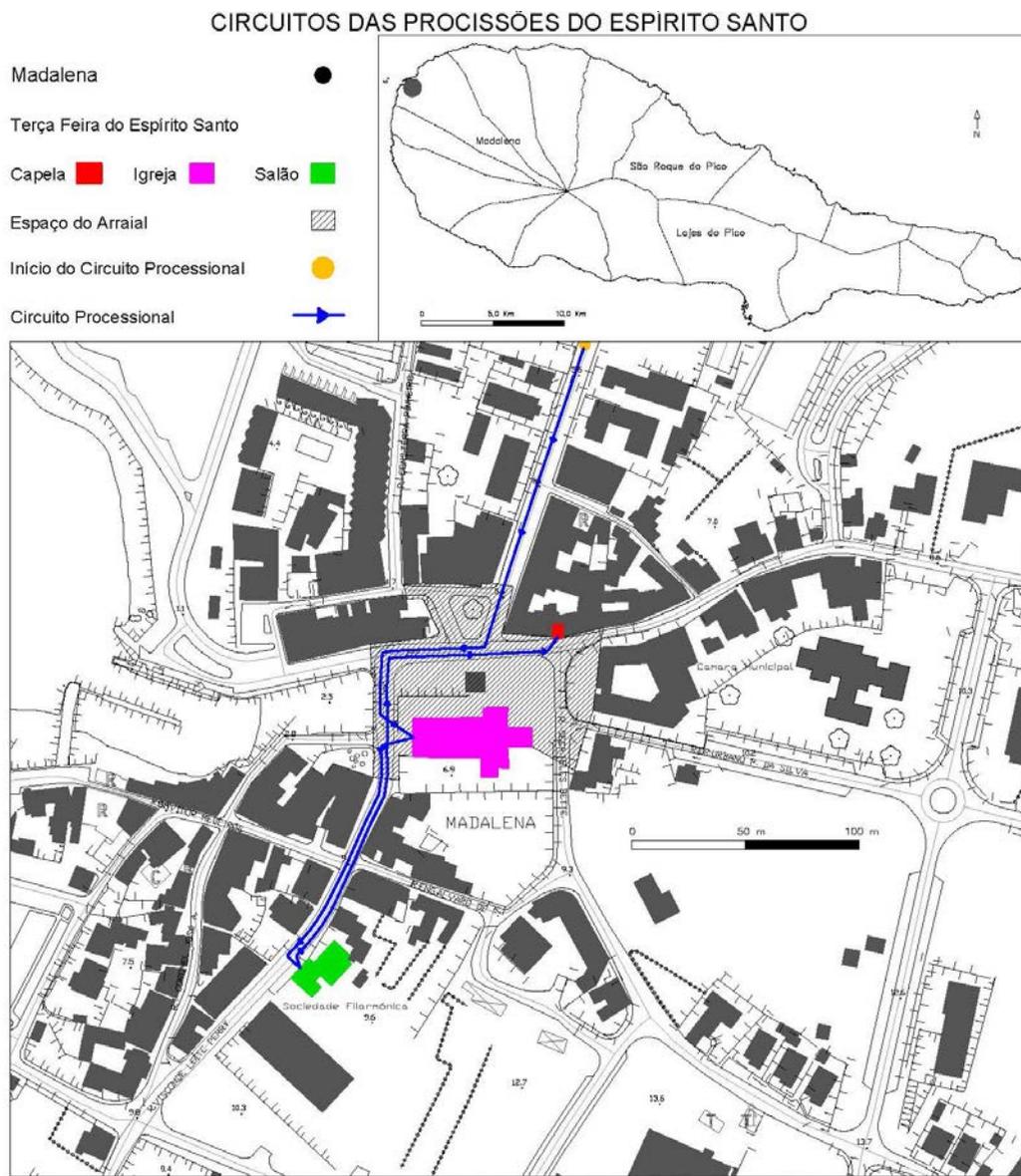
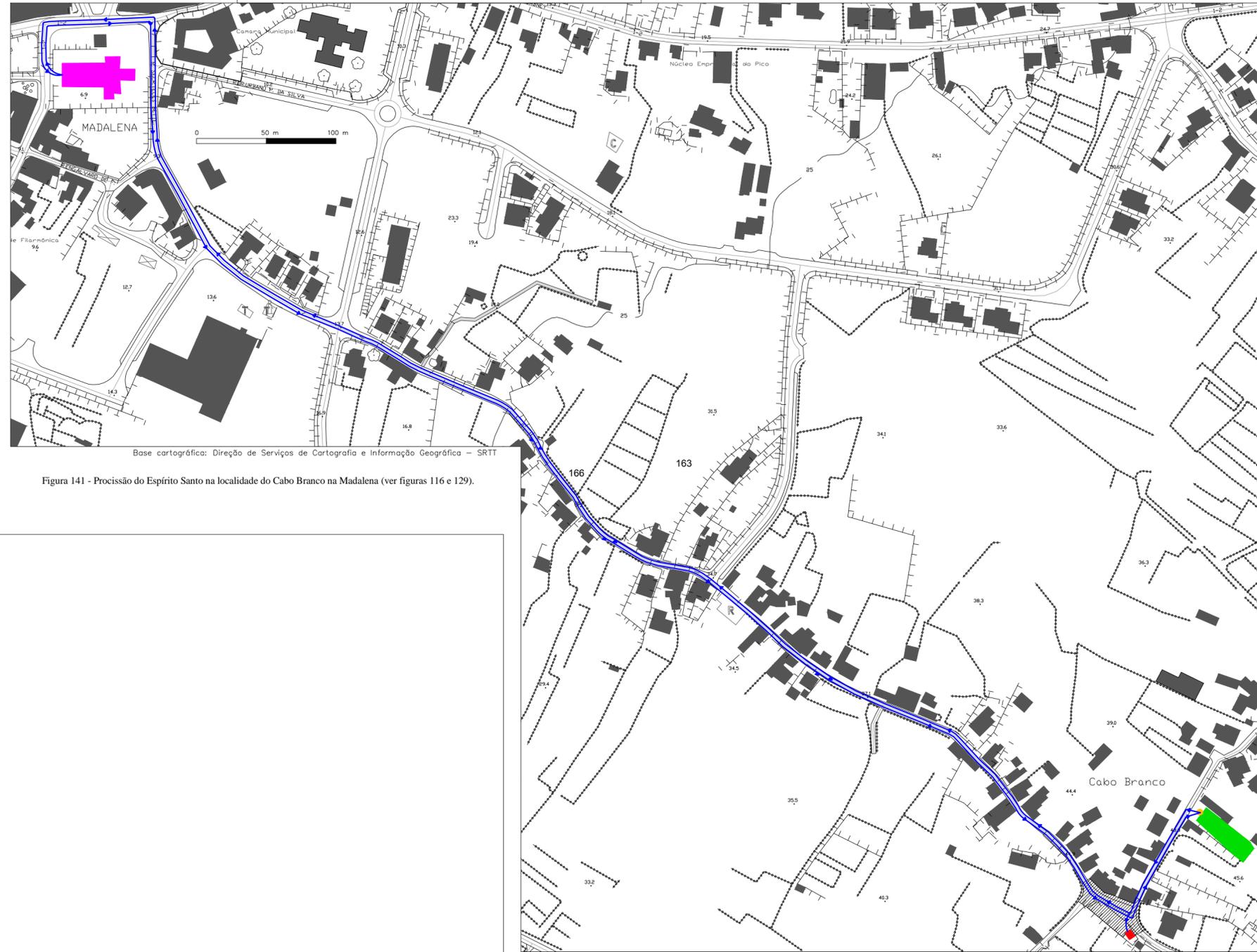
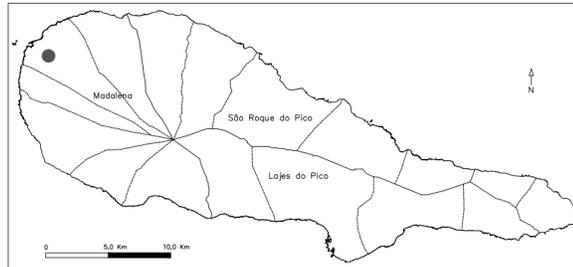


Figura 140 - Procissão do Espírito Santo na Madalena (ver figuras 116 e 129).

CIRCUITOS DAS PROCISSÕES DO ESPÍRITO SANTO

- Cabo Branco - Madalena ●
- Domingo da Trindade
- Capela ■ Igreja ■ Salão ■
- Espaço do Arraial ▨
- Início do Circuito Processional ●
- Circuito Processional →

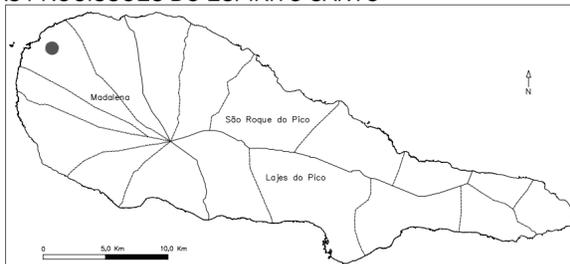


Base cartográfica: Direção de Serviços de Cartografia e Informação Geográfica - SRTT

Figura 141 - Procissão do Espírito Santo na localidade do Cabo Branco na Madalena (ver figuras 116 e 129).

CIRCUITOS DAS PROCISSÕES DO ESPÍRITO SANTO

- Sete Cidades - Madalena ●
- Domingo da Trindade
- Capela ■ Igreja ■ Salão ■
- Espaço do Arraial ▨
- Início do Circuito Processional ●
- Circuito Processional →



Base cartográfica: Direção de Serviços de Cartografia e Informação Geográfica - SRTT

Figura 142 - Procissão do Espírito Santo na localidade das Sete Cidades na Madalena (ver figuras 116 e 129).

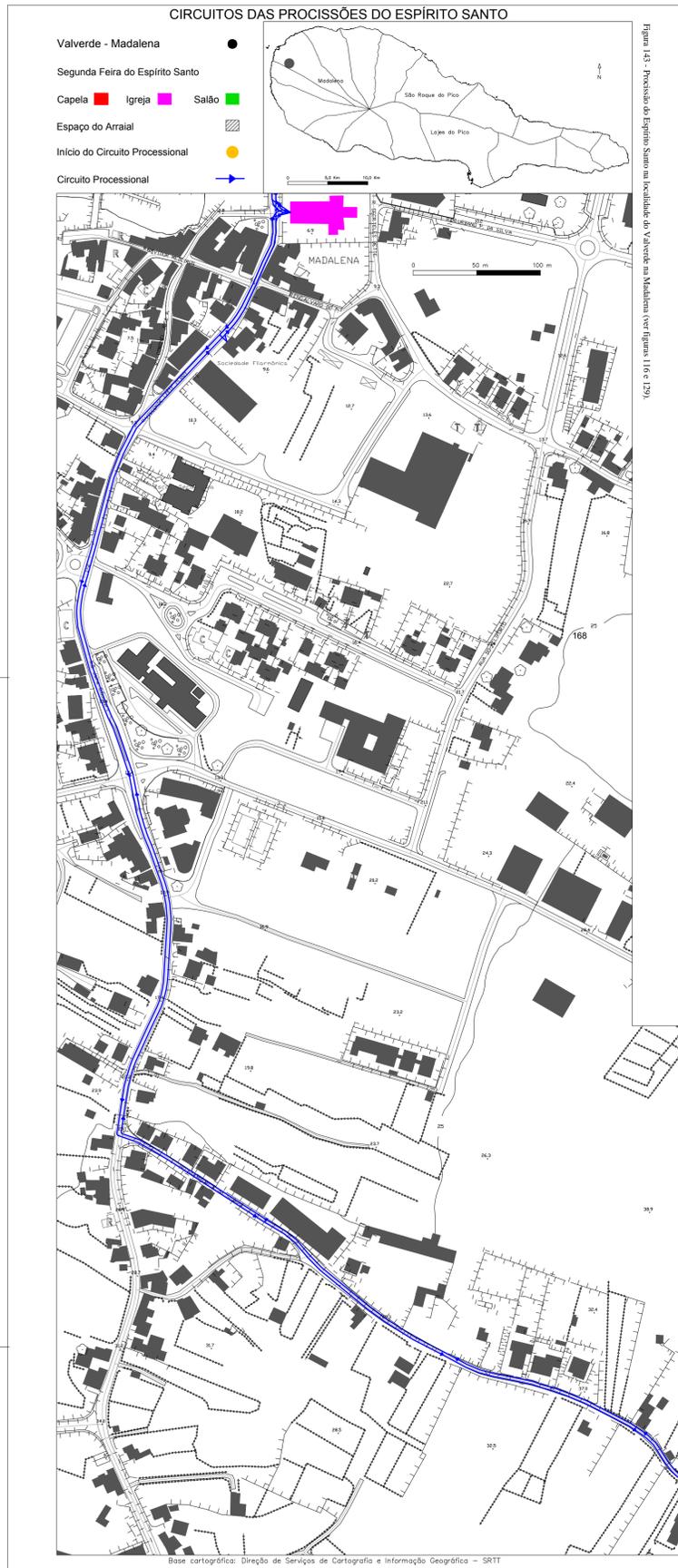
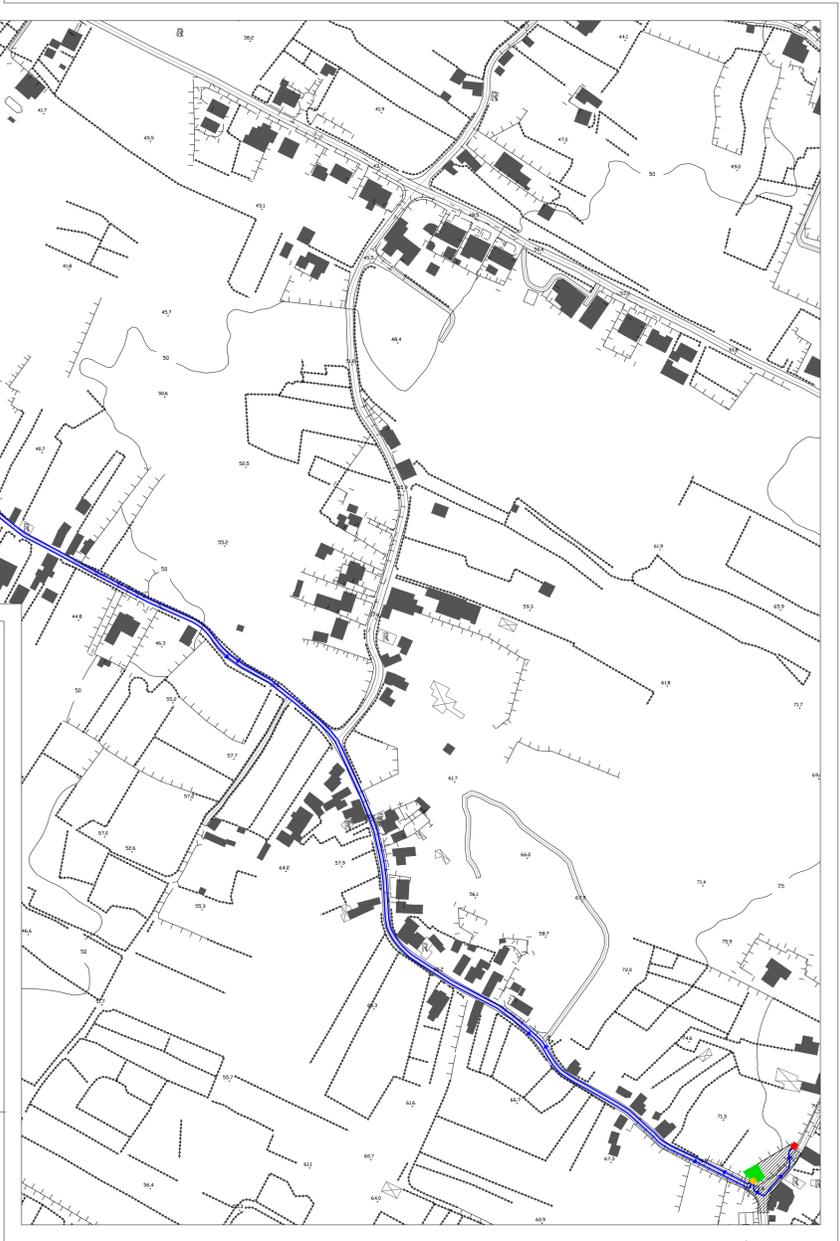
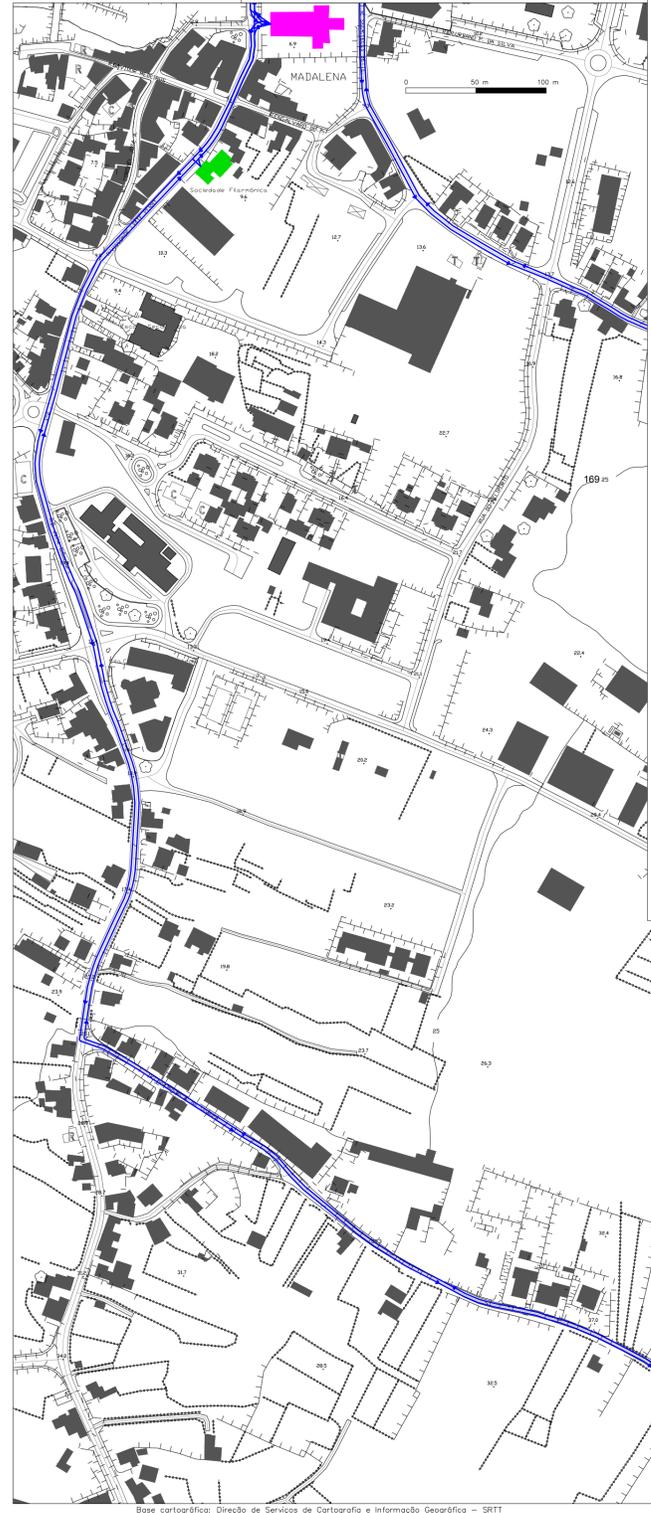
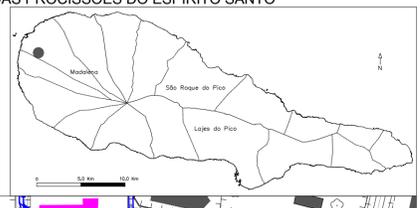


Figura 143 - Procissão do Espírito Santo na localidade de Valverde em Madalena (ver figuras 116 e 129)



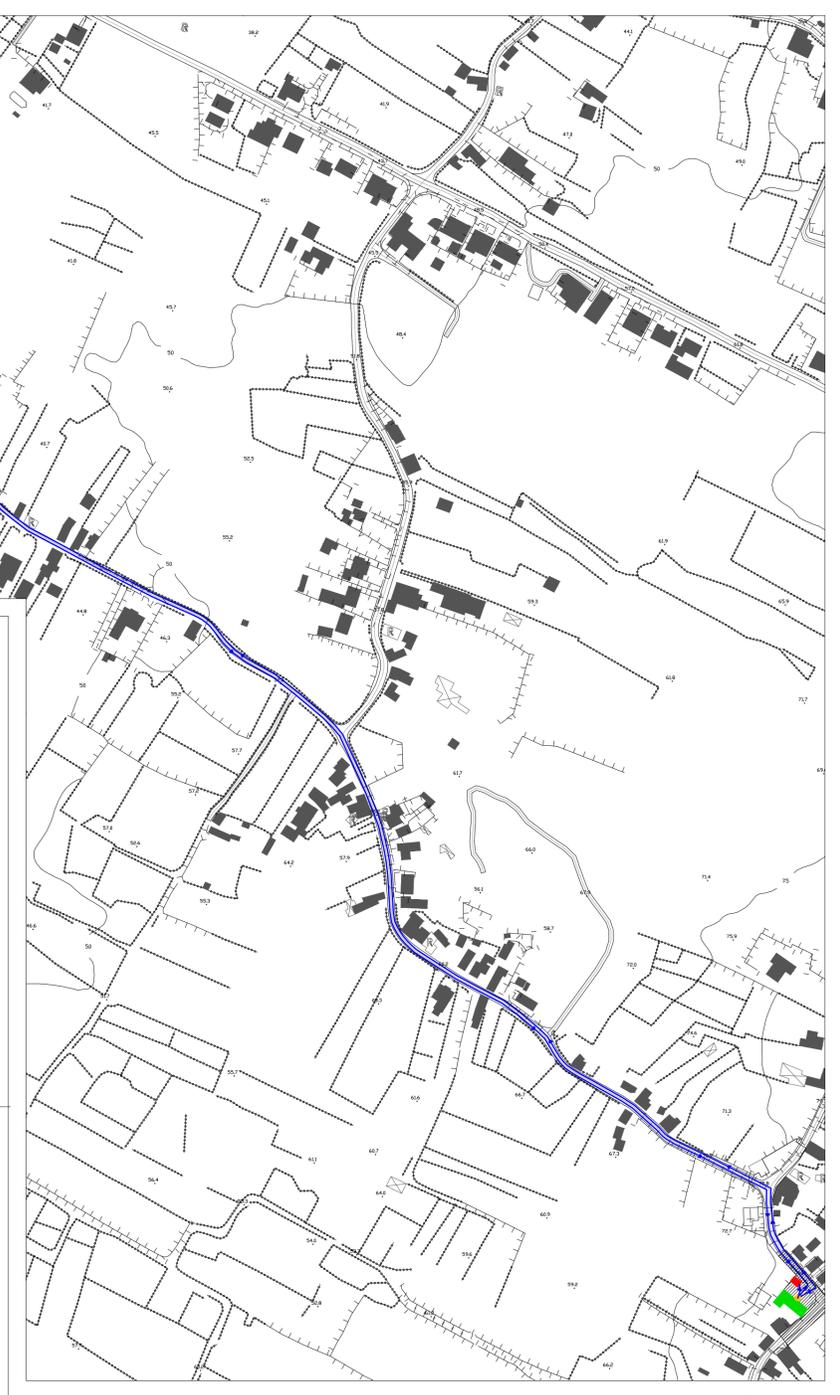
CIRCUITOS DAS PROCISSÕES DO ESPÍRITO SANTO

- Valverde - Madalena ●
- Domingo da Trindade
- Capela ■ Igreja ■ Salão ■
- Espaço do Arraial ▨
- Início do Circuito Processional ●
- Circuito Processional →



Base cartográfica: Direção de Serviços de Cartografia e Informação Geográfica - SRTT

Figura 144 - Procição do Espírito Santo na localidade de Valverde na Madalena (ver figuras 146 e 129).



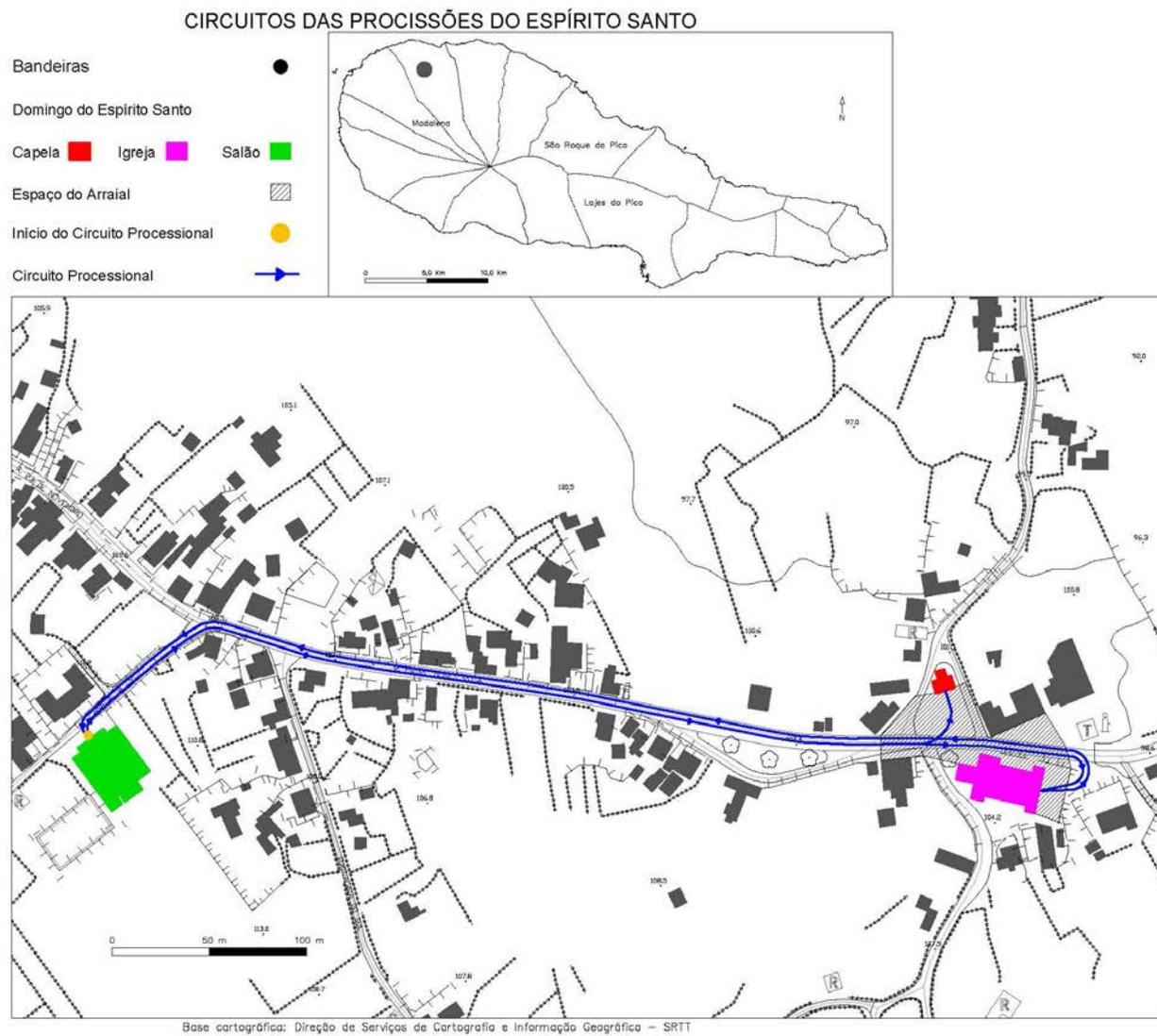
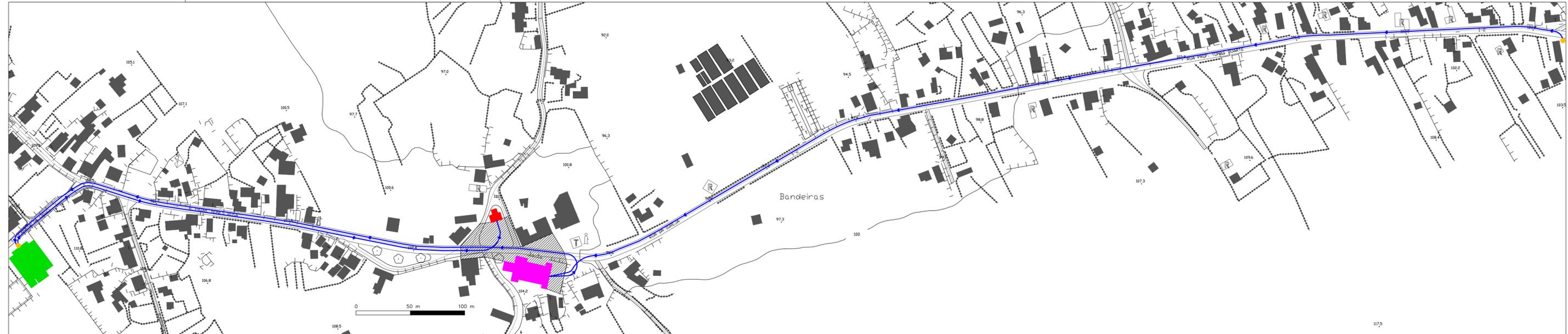
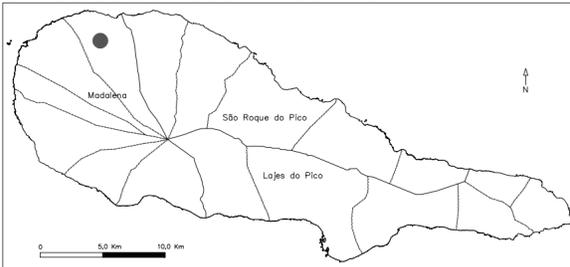


Figura 145 - Procição do Espírito Santo nas Bandeiras (ver figuras 117 e 129).

CIRCUITOS DAS PROCISSÕES DO ESPÍRITO SANTO

- Bandeiras ●
- Domingo da Trindade
- Capela ■ Igreja ■ Salão ■
- Espaço do Arraial ■
- Início do Circuito Processional ●
- Circuito Processional →



Base cartográfica: Direção de Serviços de Cartografia e Informação Geográfica - SRTT

Figura 146 - Procissão do Espírito Santo nas Bandeiras (ver figuras 117 e 129)

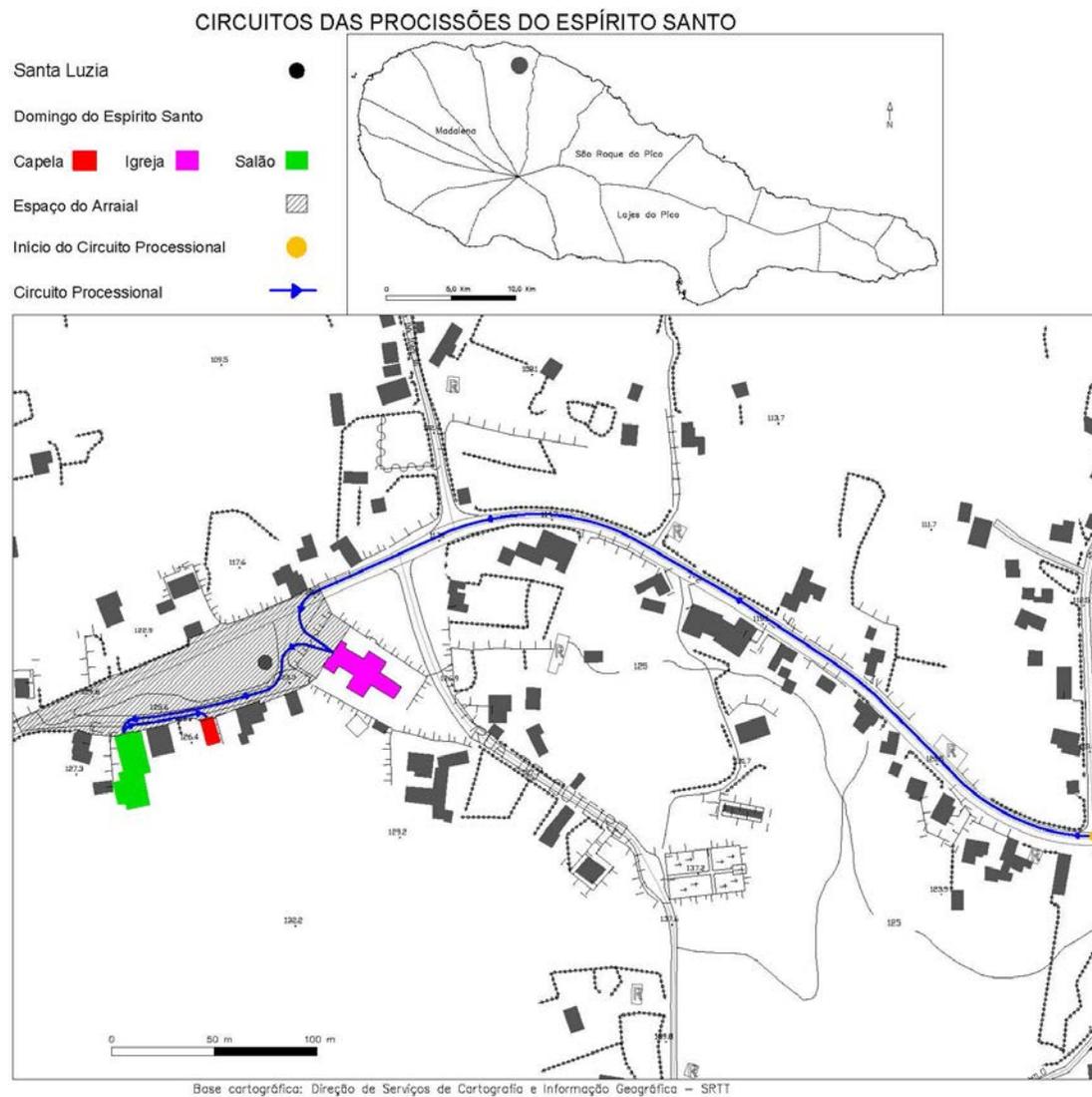


Figura 147 - Procição do Espírito Santo em Santa Luzia (ver figuras 118 e 129).

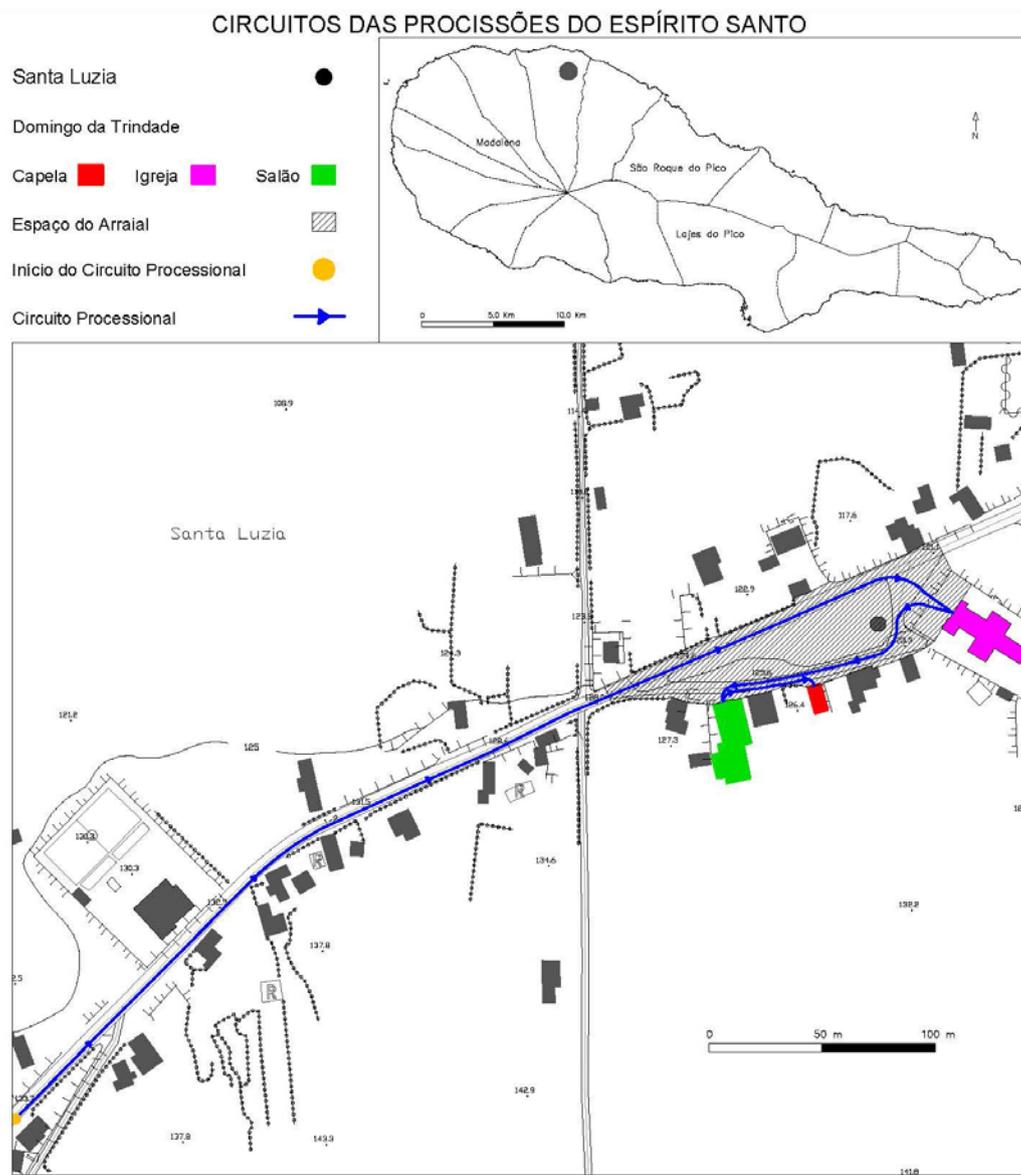


Figura 148 - Procição do Espírito Santo em Santa Luzia (ver figuras 118 e 129).

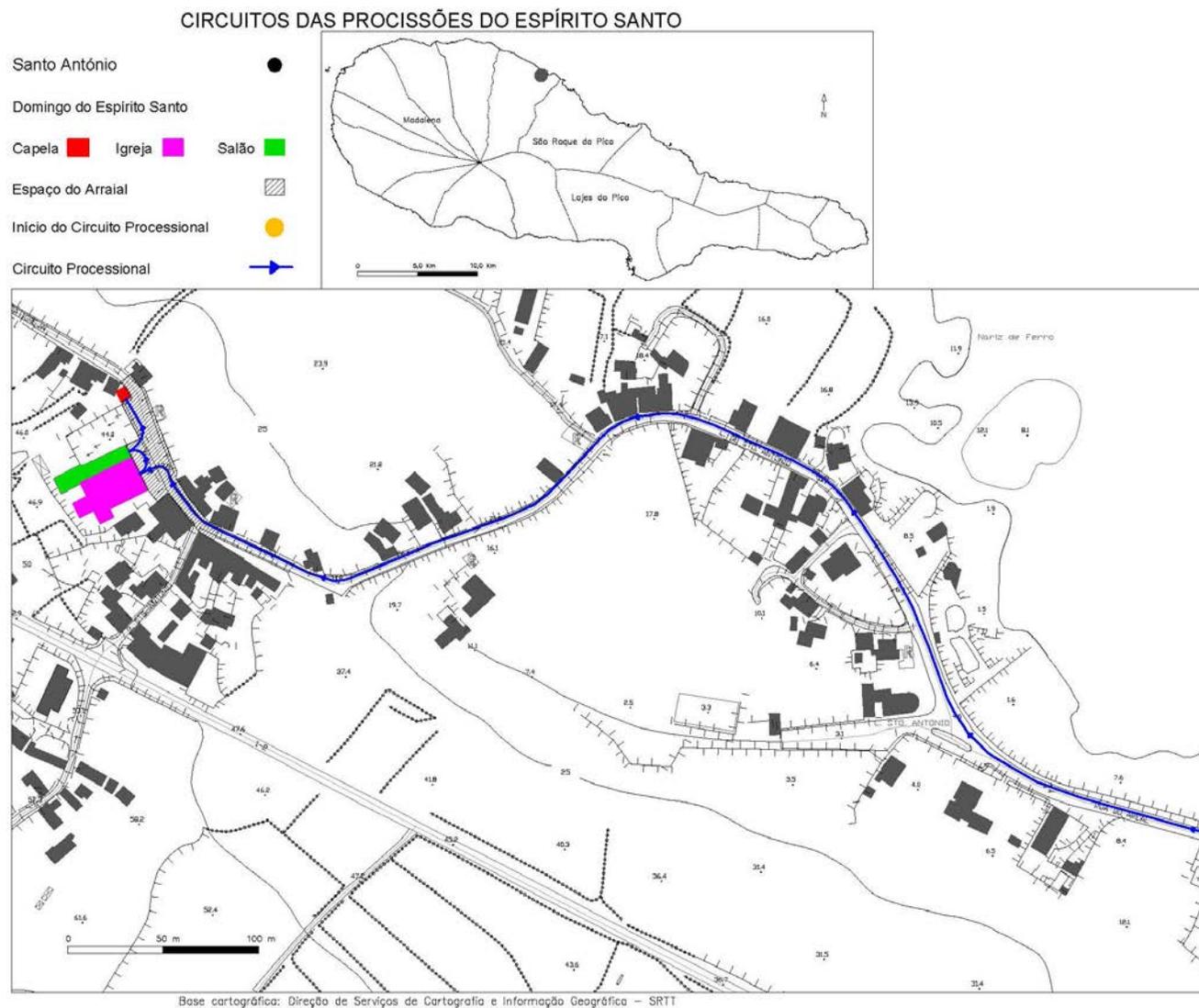


Figura 149 - Procição do Espírito Santo em Santo António (ver figuras 119 e 129).

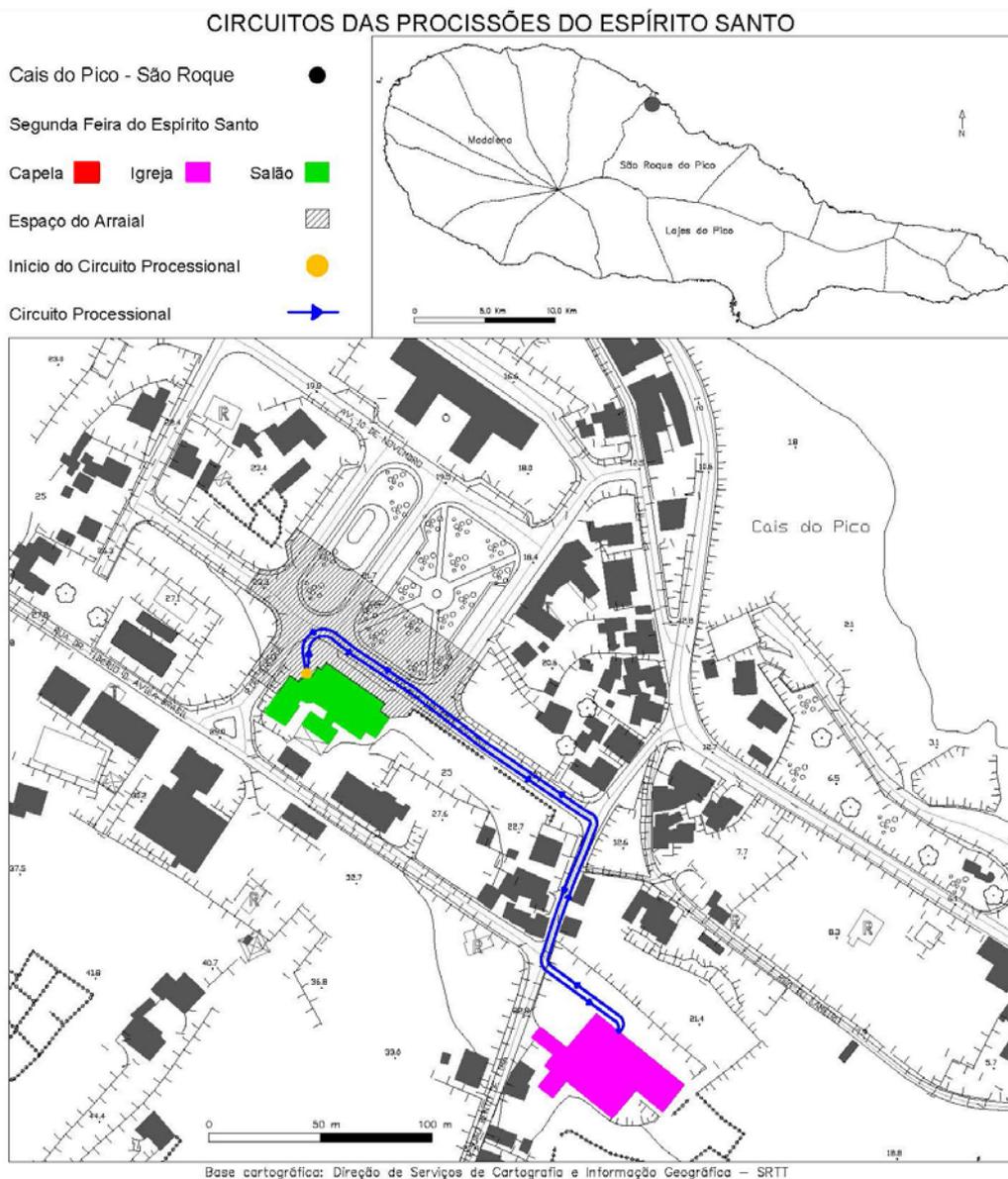


Figura 150 - Procissão do Espírito Santo na localidade do Cais do Pico em São Roque (ver figuras 120 e 129).

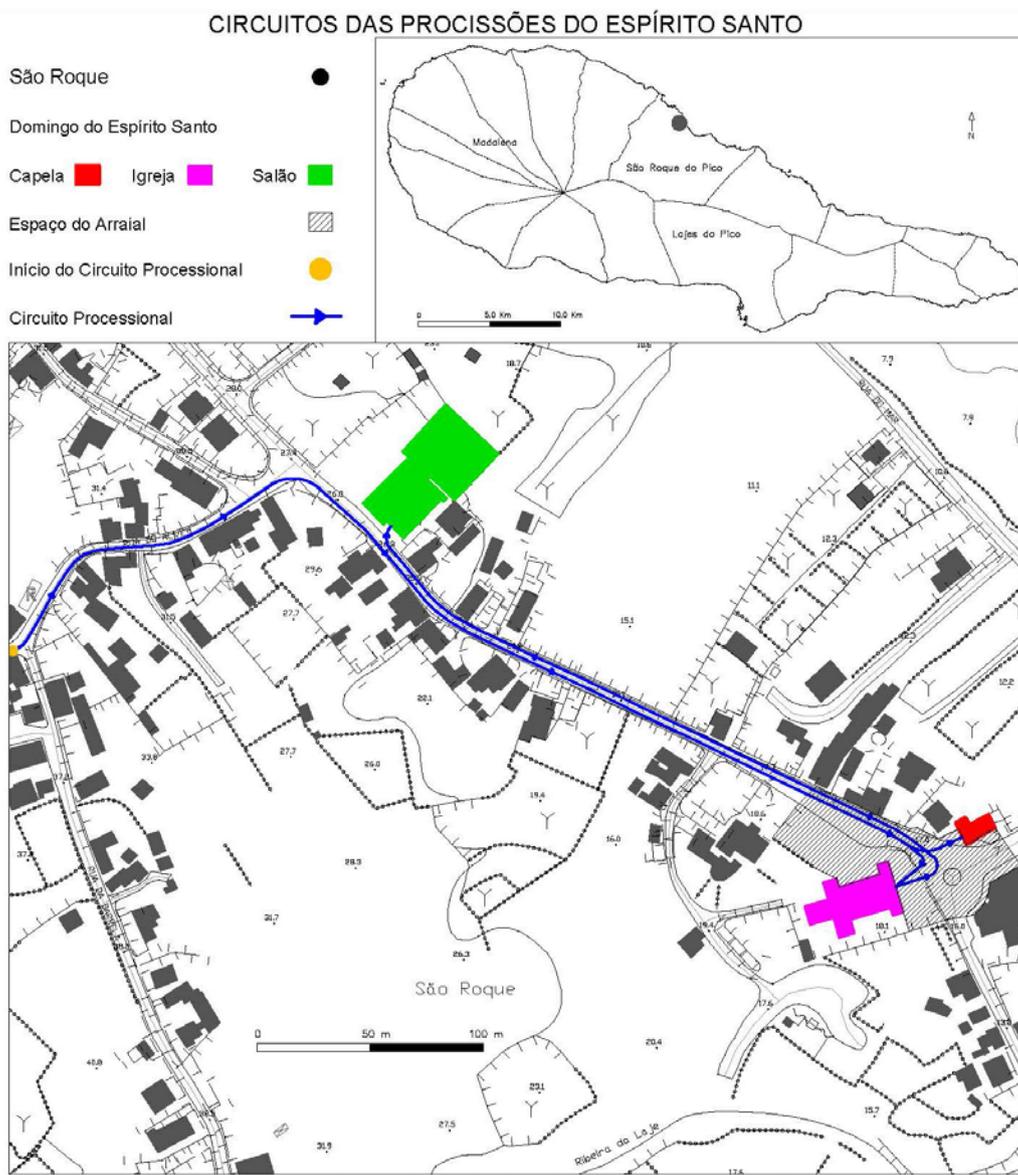


Figura 151 - Procissão do Espírito Santo em São Roque (ver figuras 120 e 129).

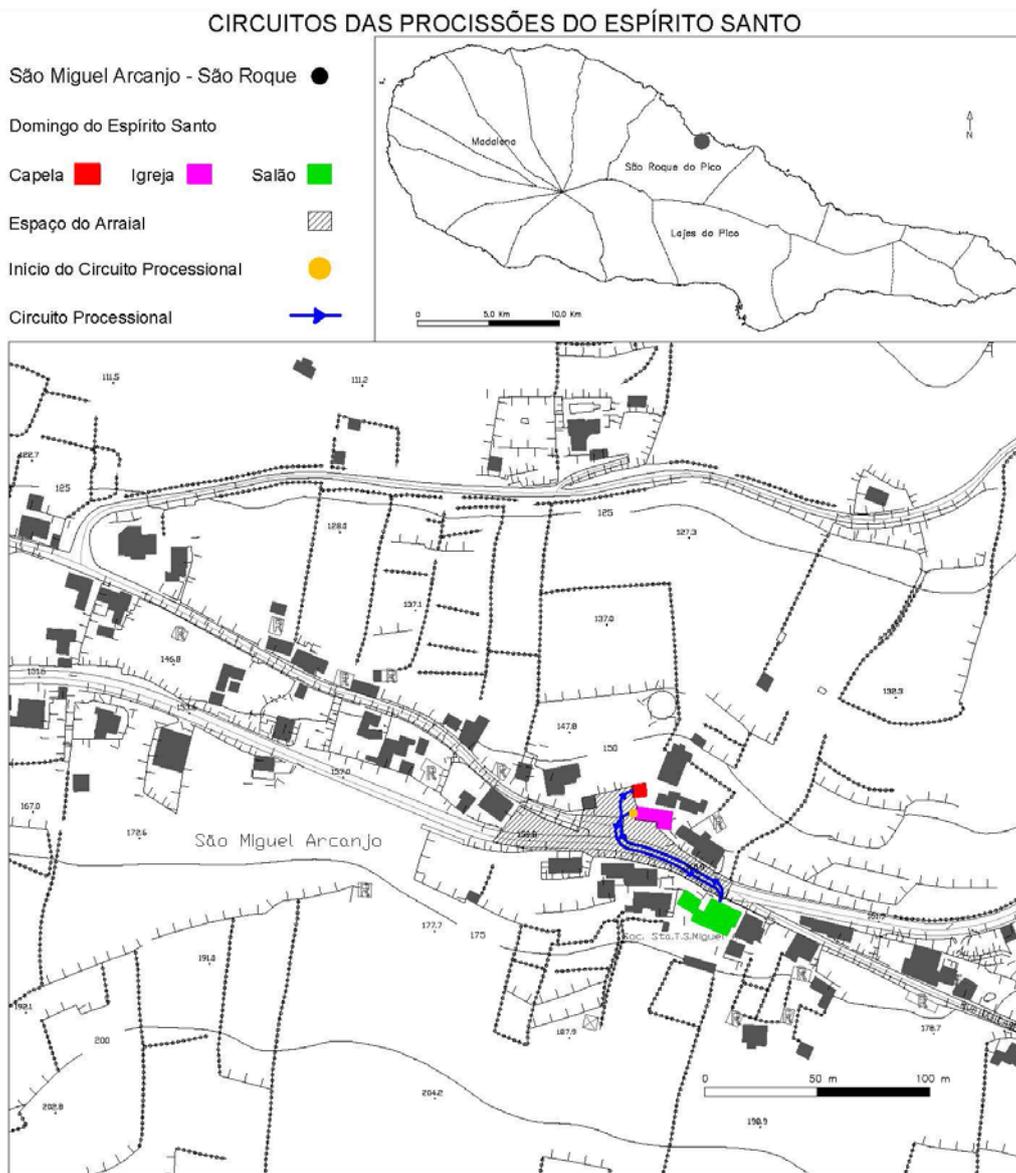


Figura 152 - Procissão do Espírito Santo na localidade de São Miguel Arcanjo em São Roque (ver figuras 120 e 129).

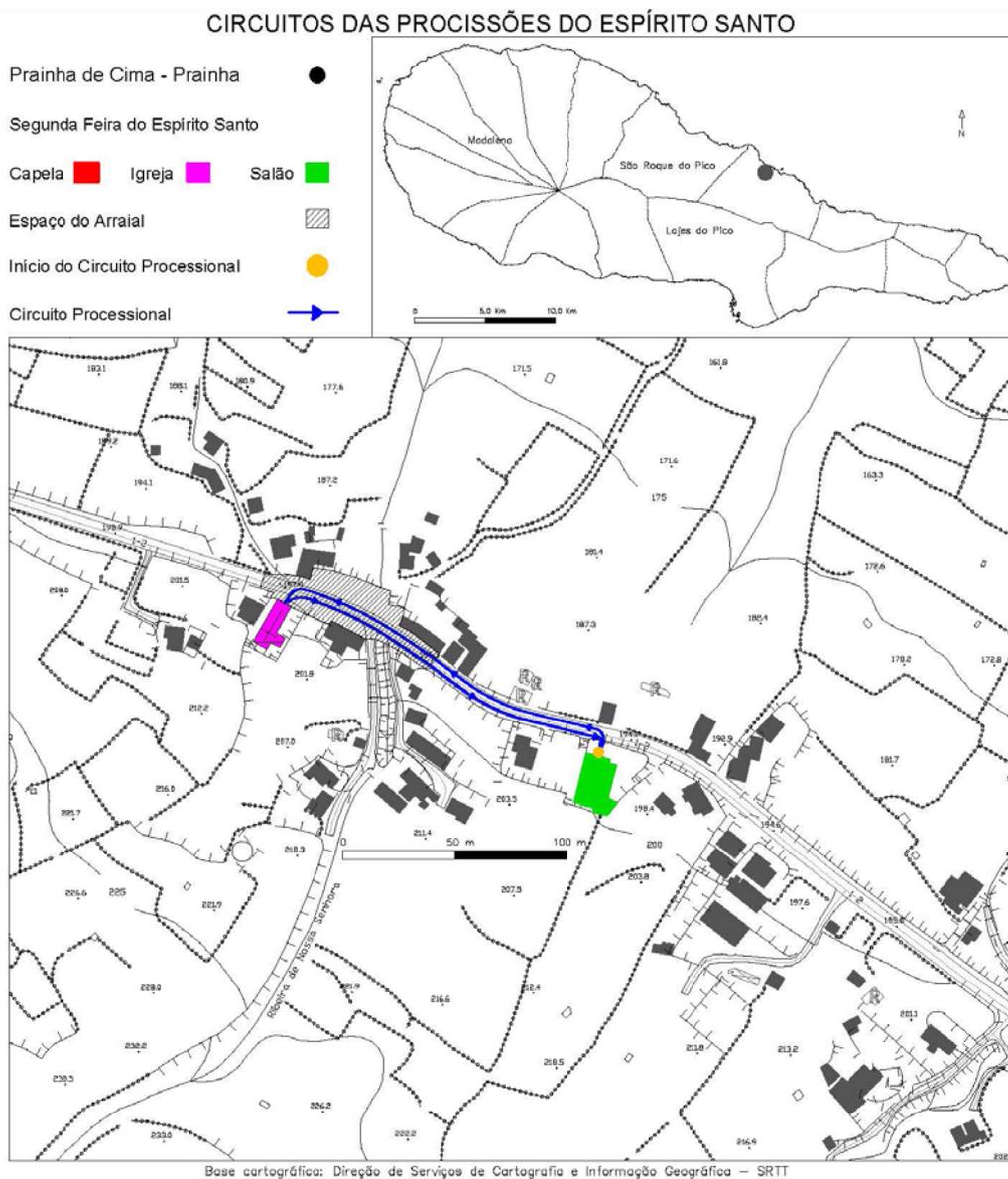


Figura 153 - Procissão do Espírito Santo na localidade da Prainha de Cima na Prainha (ver figuras 121 e 129).

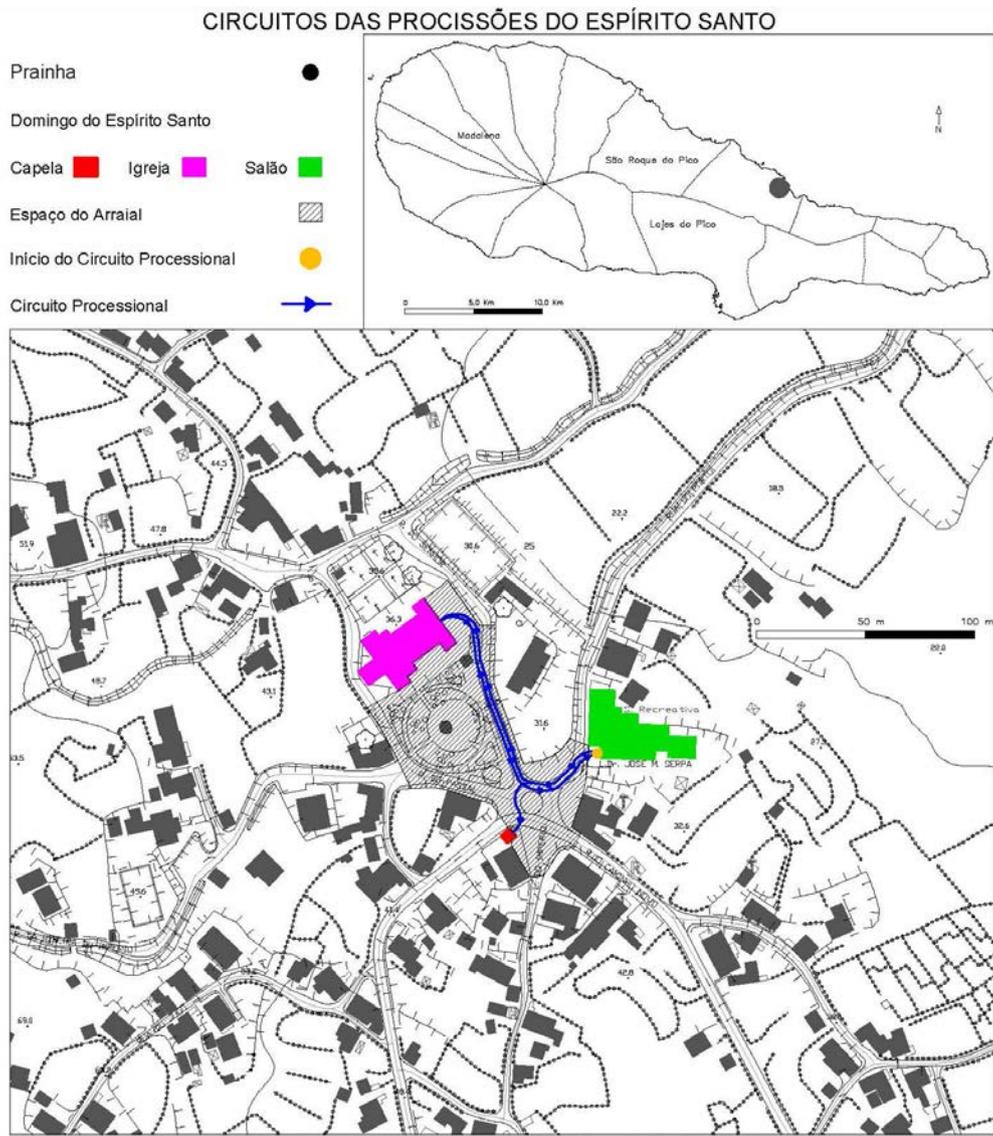


Figura 154 - Procissão do Espírito Santo na Prainha (ver figuras 121 e 129).

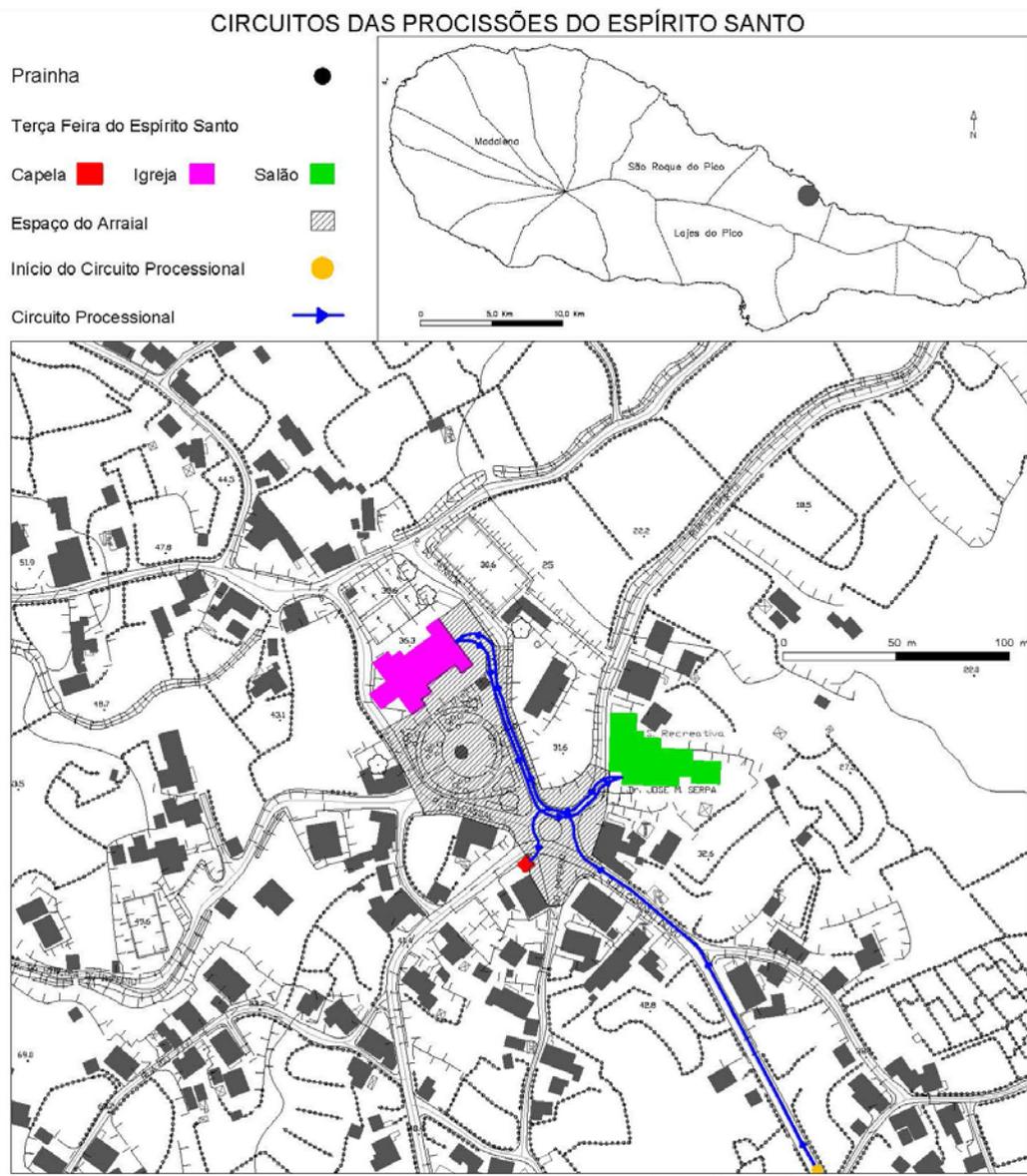


Figura 155 - Procição do Espírito Santo na Prainha (ver figuras 121 e 129).

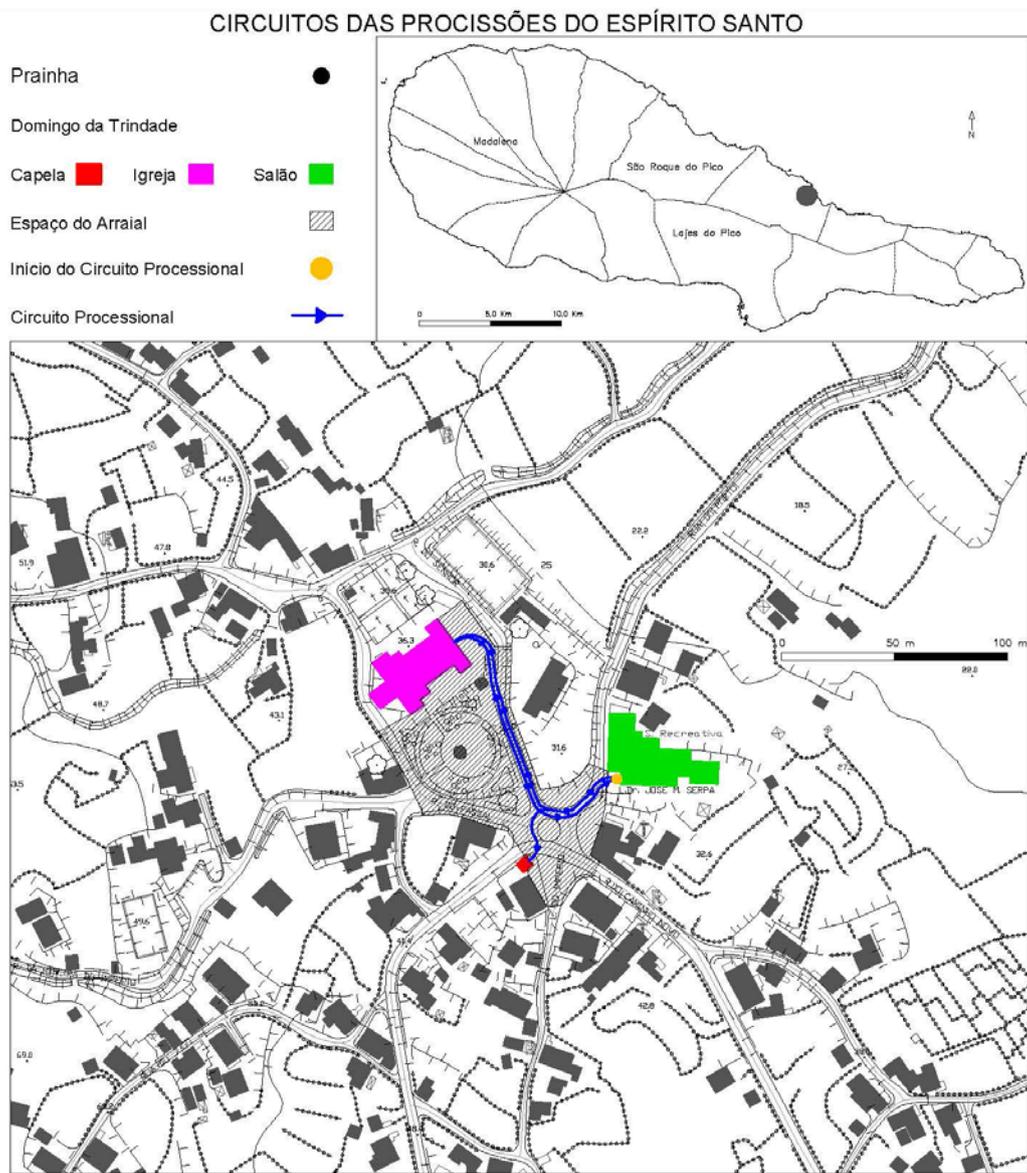


Figura 156 - Procissão do Espírito Santo na Prainha (ver figuras 121 e 129).

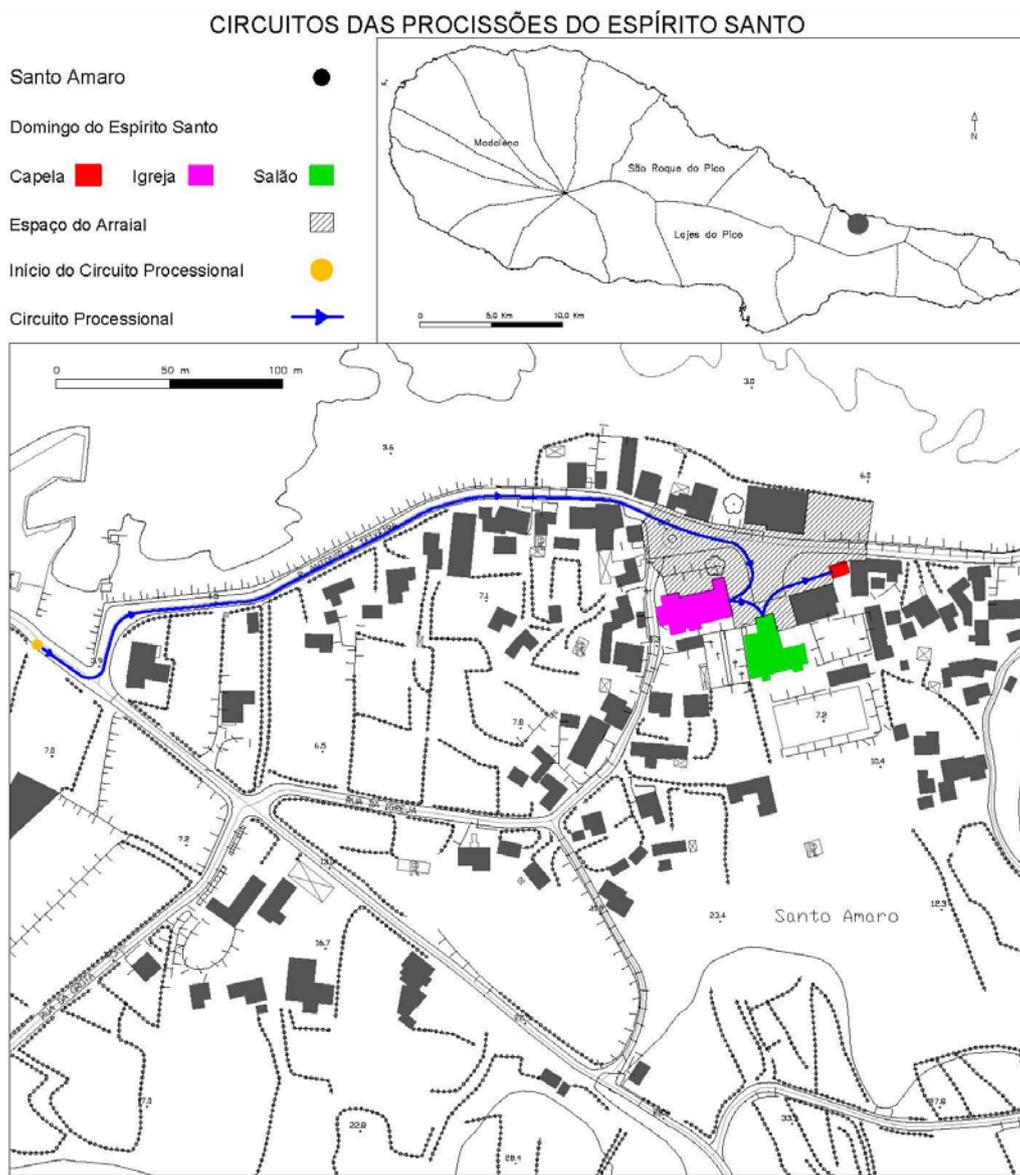


Figura 157 - Procissão do Espírito Santo em Santo Amaro (ver figuras 122 e 129).

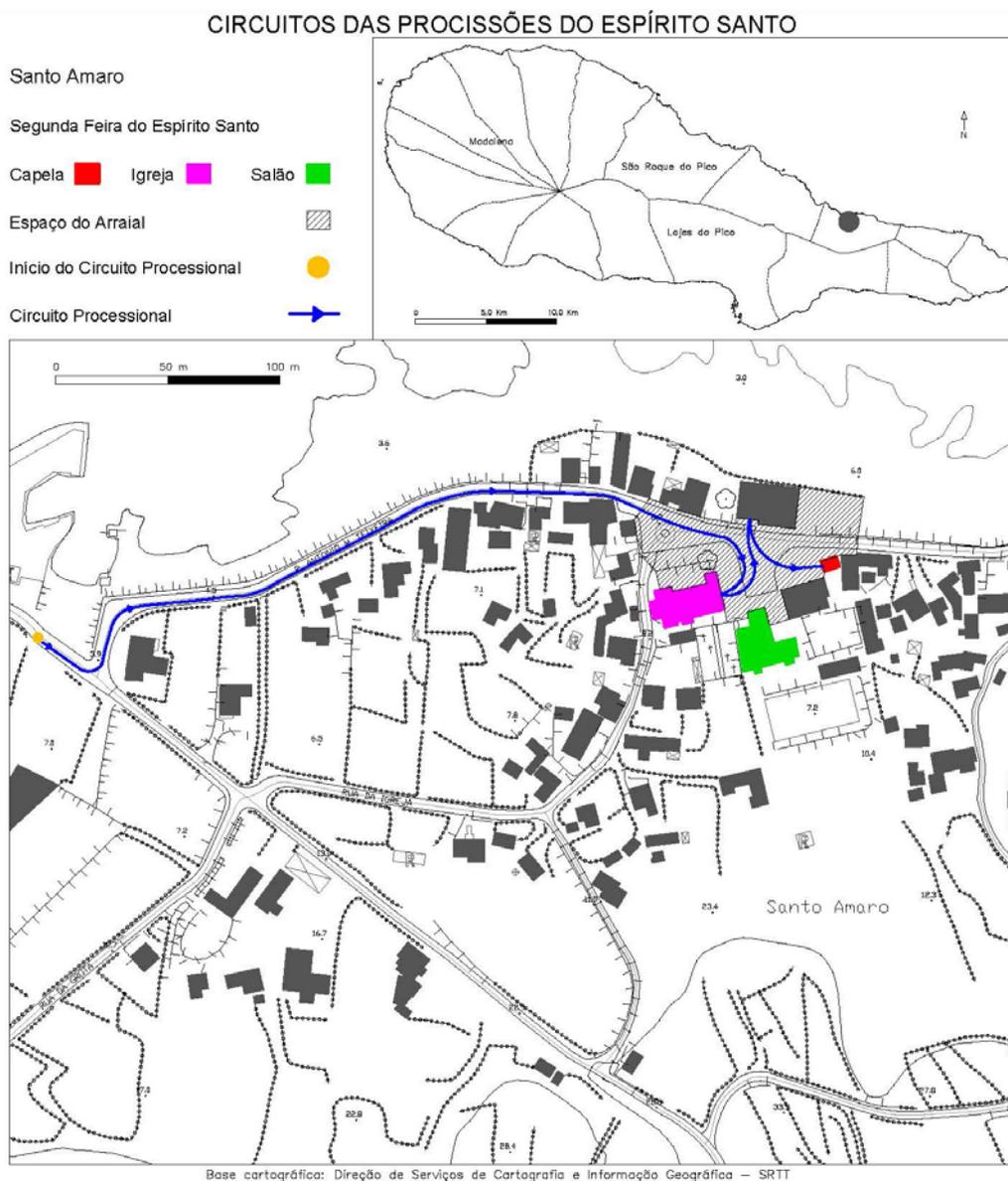


Figura 158 - Procissão do Espírito Santo em Santo Amaro (ver figuras 122 e 129).

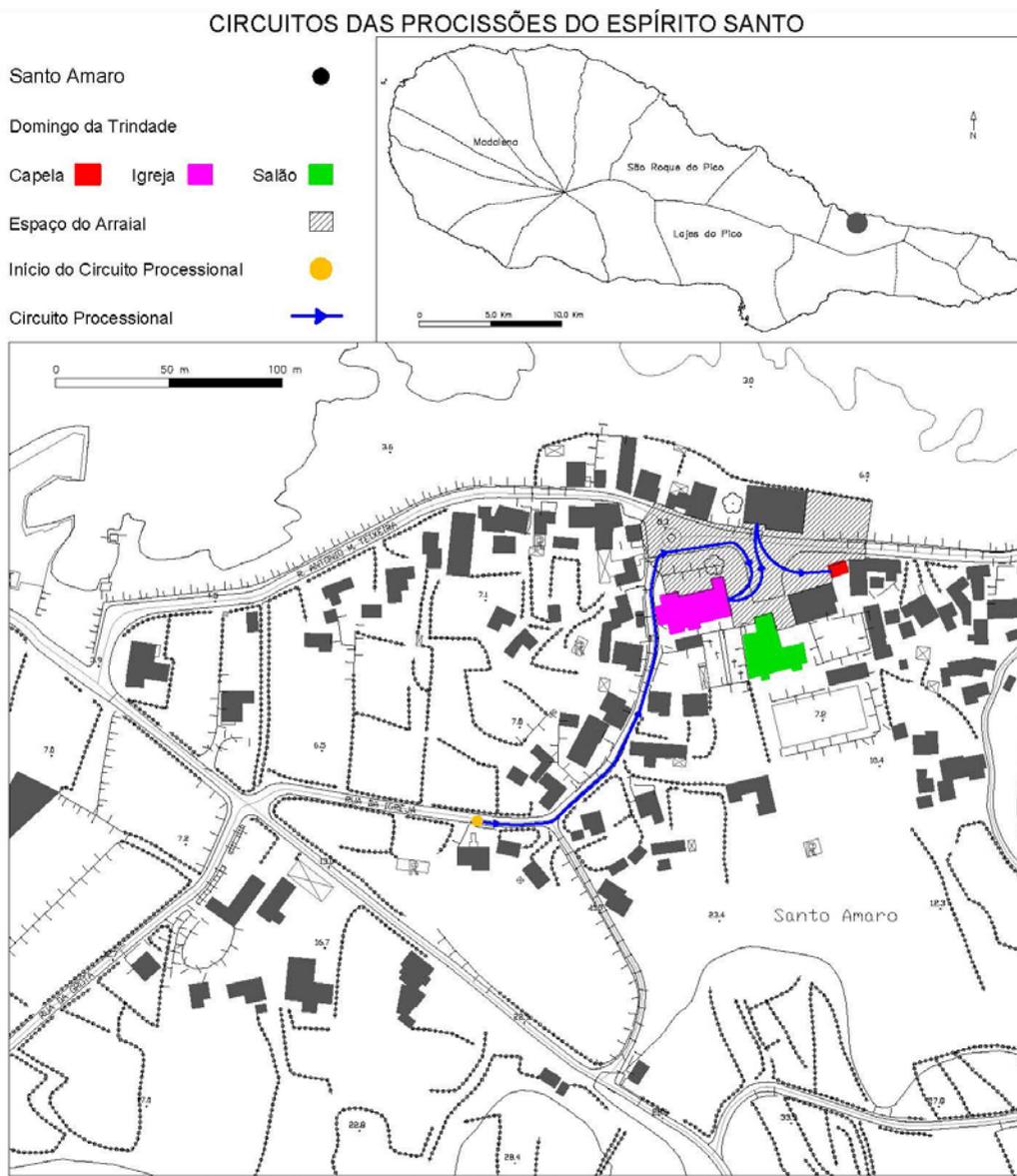
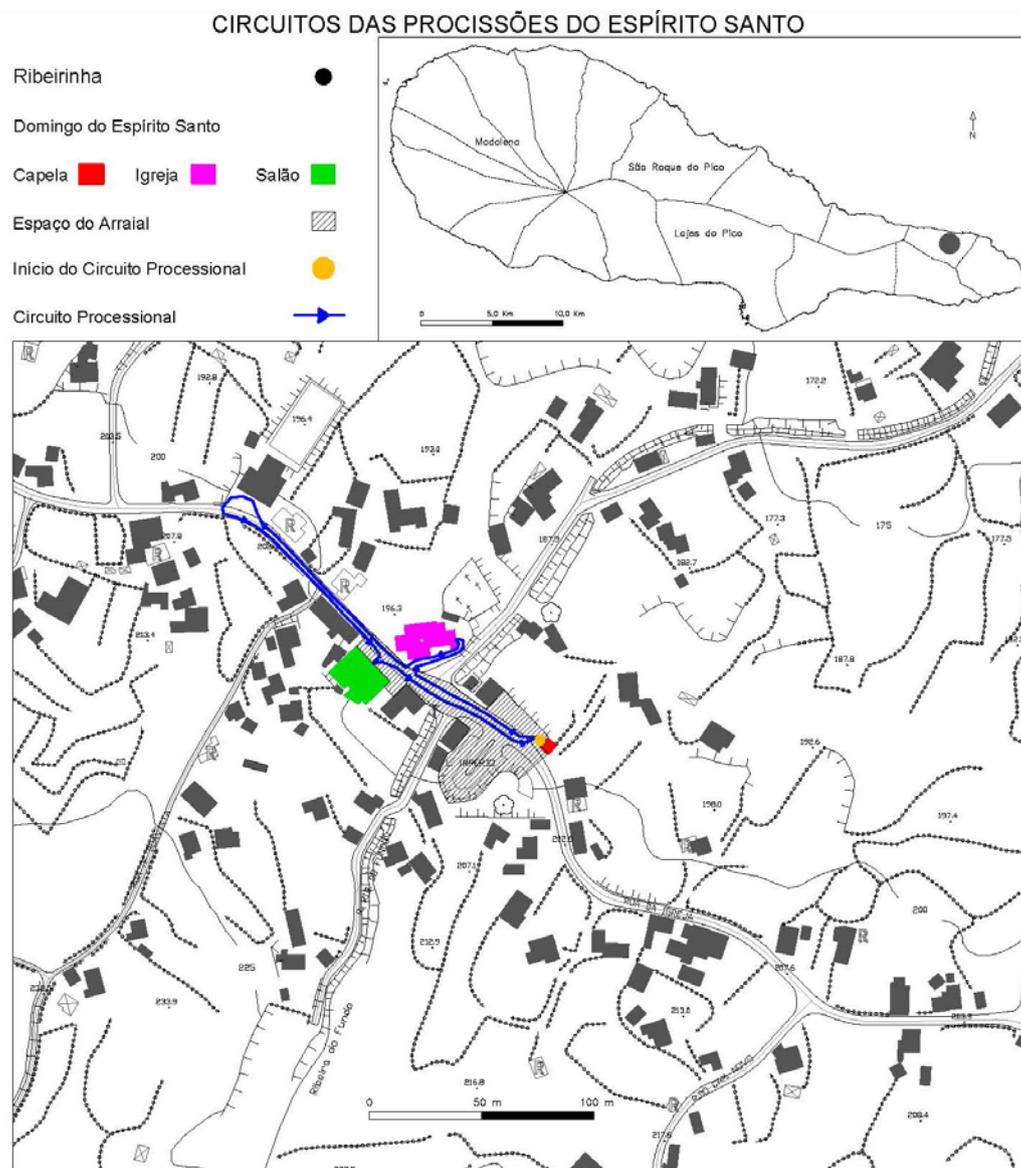


Figura 159 - Procissão do Espírito Santo em Santo Amaro (ver figuras 122 e 129).



Base cartográfica de 2011: Direção de Serviços de Cartografia e Informação Geográfica – SRTT
Figura 160 - Procissão do Espírito Santo na Ribeirinha (ver figuras 123 e 129).

CIRCUITOS DAS PROCISSÕES DO ESPÍRITO SANTO

- Ribeirinha ●
- Segunda Feira do Espírito Santo
- Capela ■ Igreja ■ Salão ■
- Espaço do Arraial ■
- Início do Circuito Processional ●
- Circuito Processional →

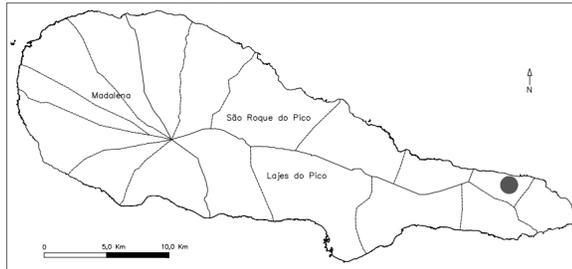
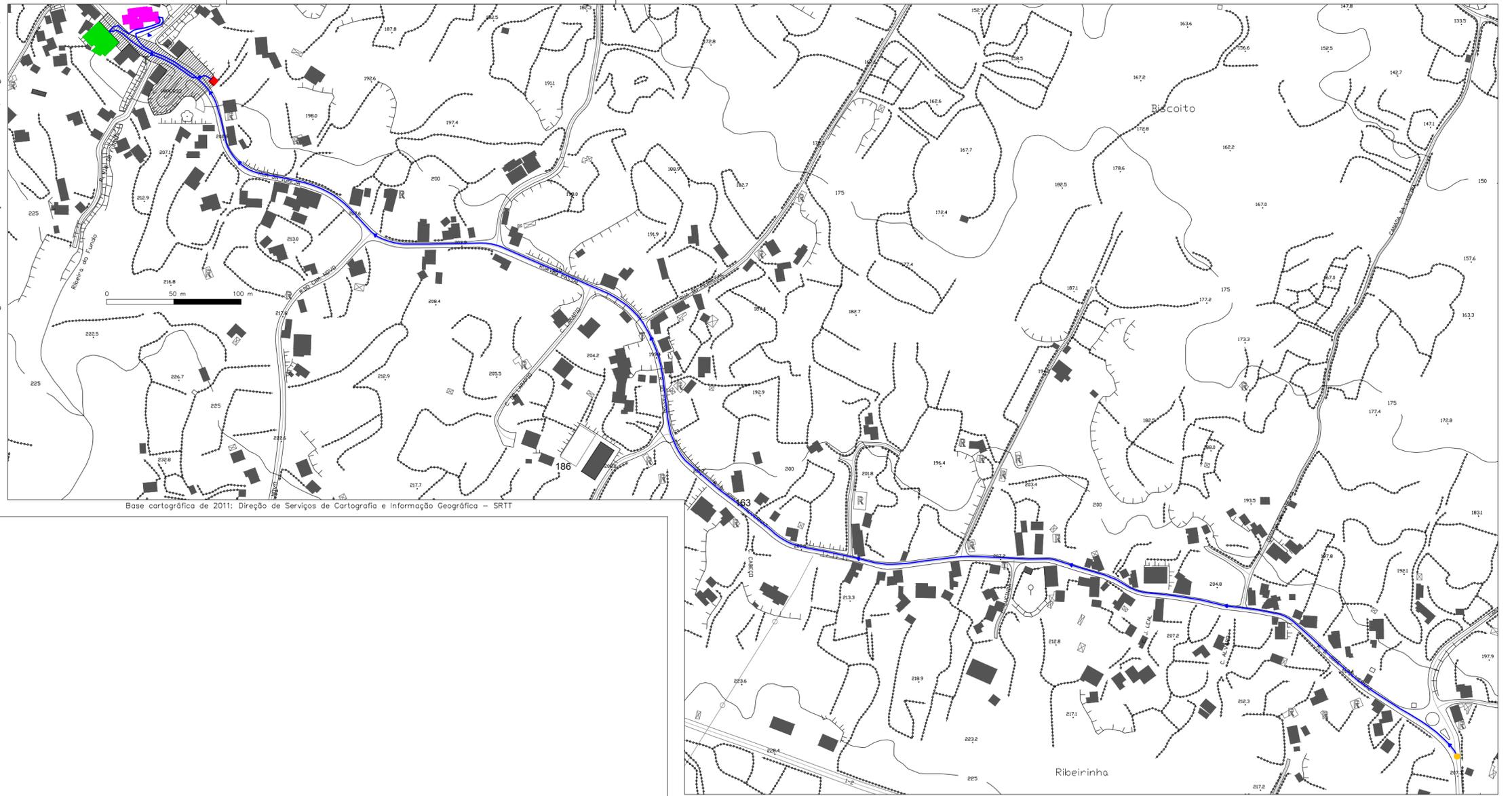


Figura 161 - Proissão do Espírito Santo na Ribeirinha (ver figuras 125 e 129).



Base cartográfica de 2011: Direção de Serviços de Cartografia e Informação Geográfica - SRTT

CIRCUITOS DAS PROCISSÕES DO ESPÍRITO SANTO

Ribeirinha



Domingo da Trindade

Capela



Igreja



Salão



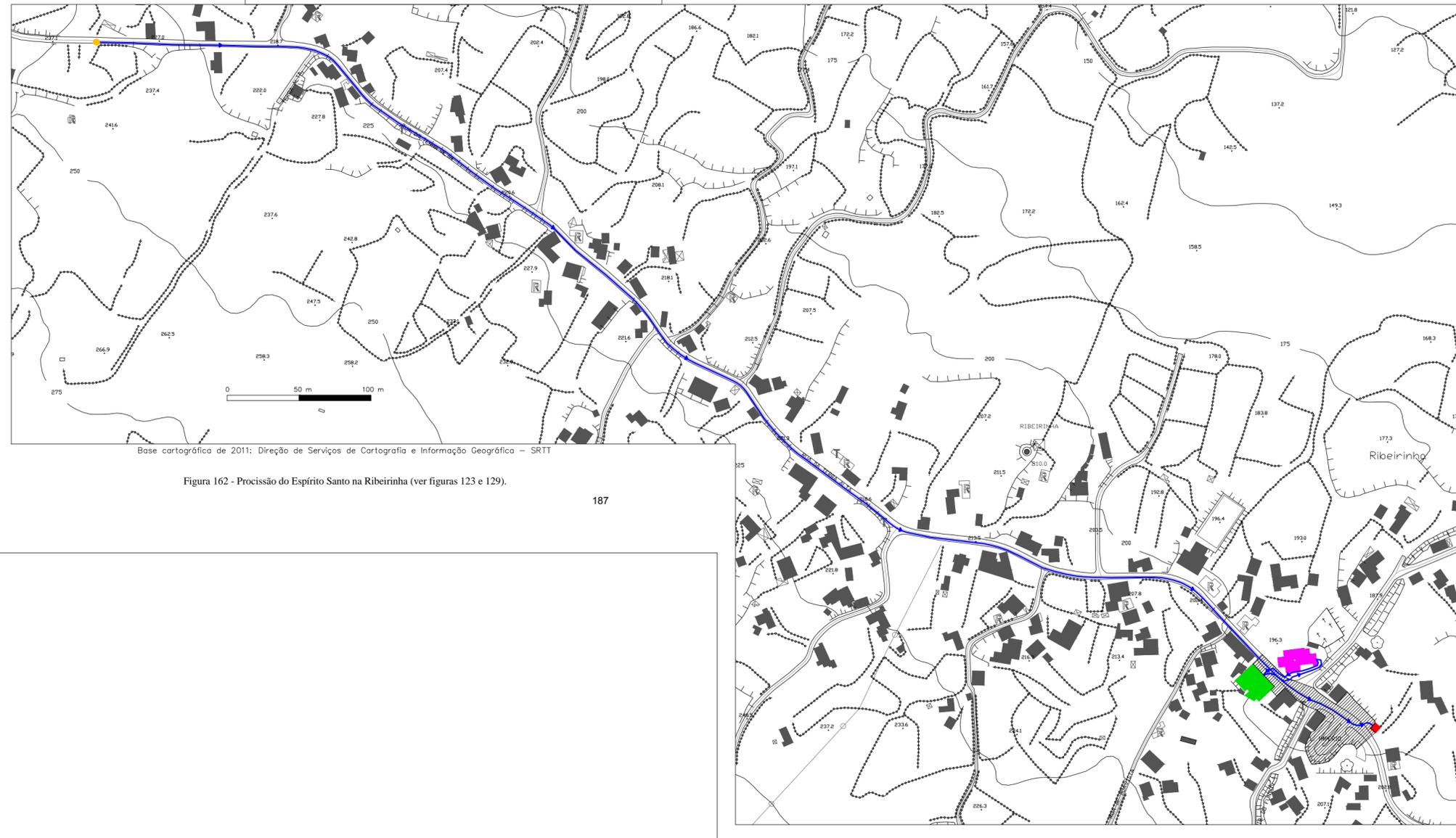
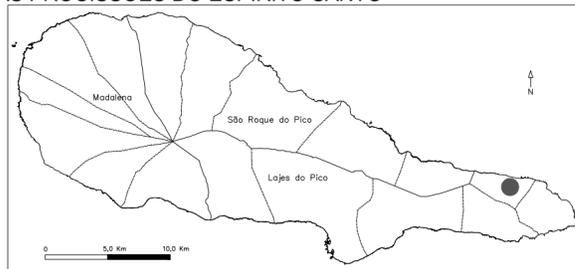
Espaço do Arraial



Início do Circuito Processional



Circuito Processional



Base cartográfica de 2011: Direção de Serviços de Cartografia e Informação Geográfica - SRTT

Figura 162 - Procissão do Espírito Santo na Ribeirinha (ver figuras 123 e 129).

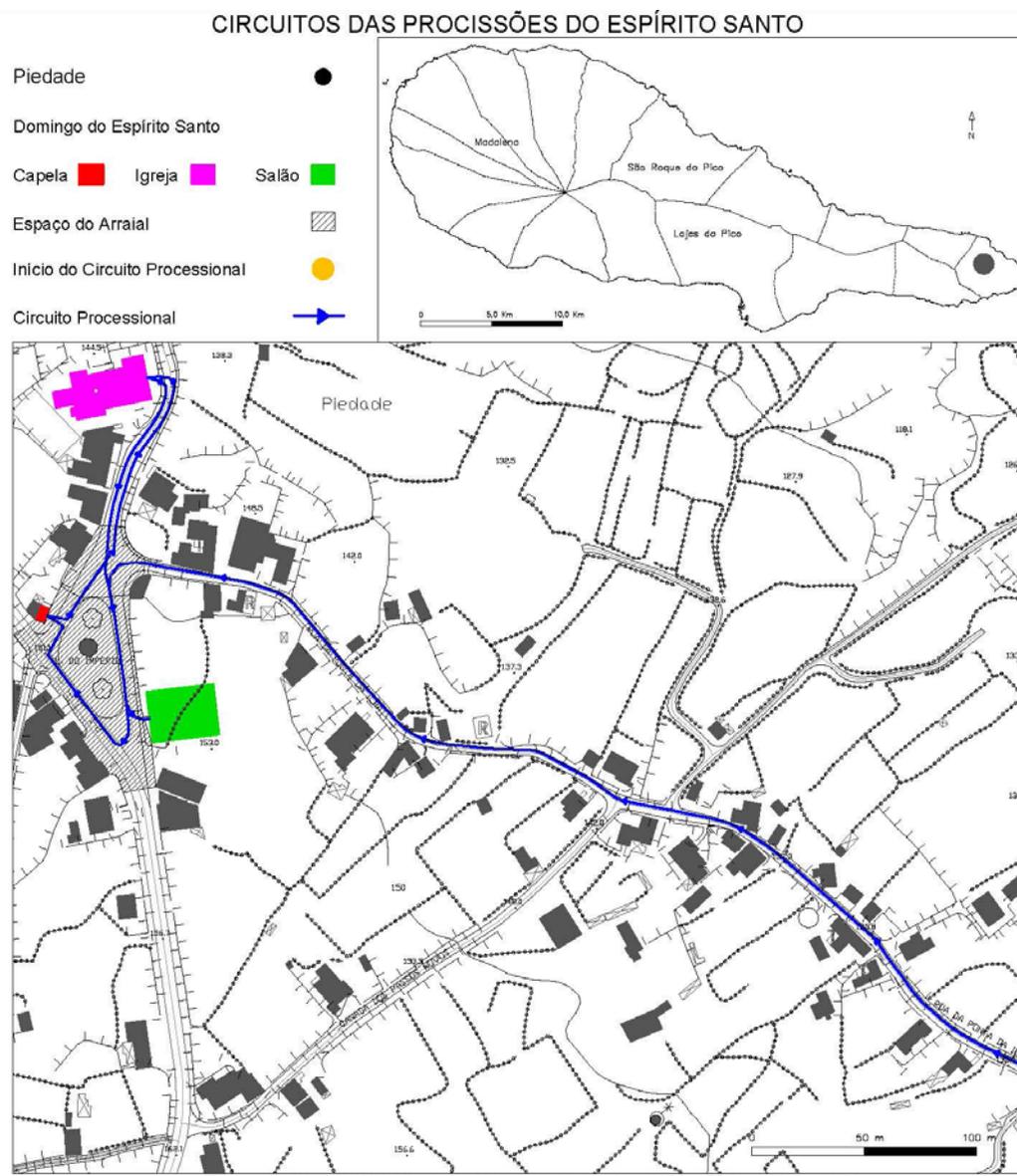


Figura 163 - Procição do Espírito Santo na Piedade (ver figuras 123 e 129).

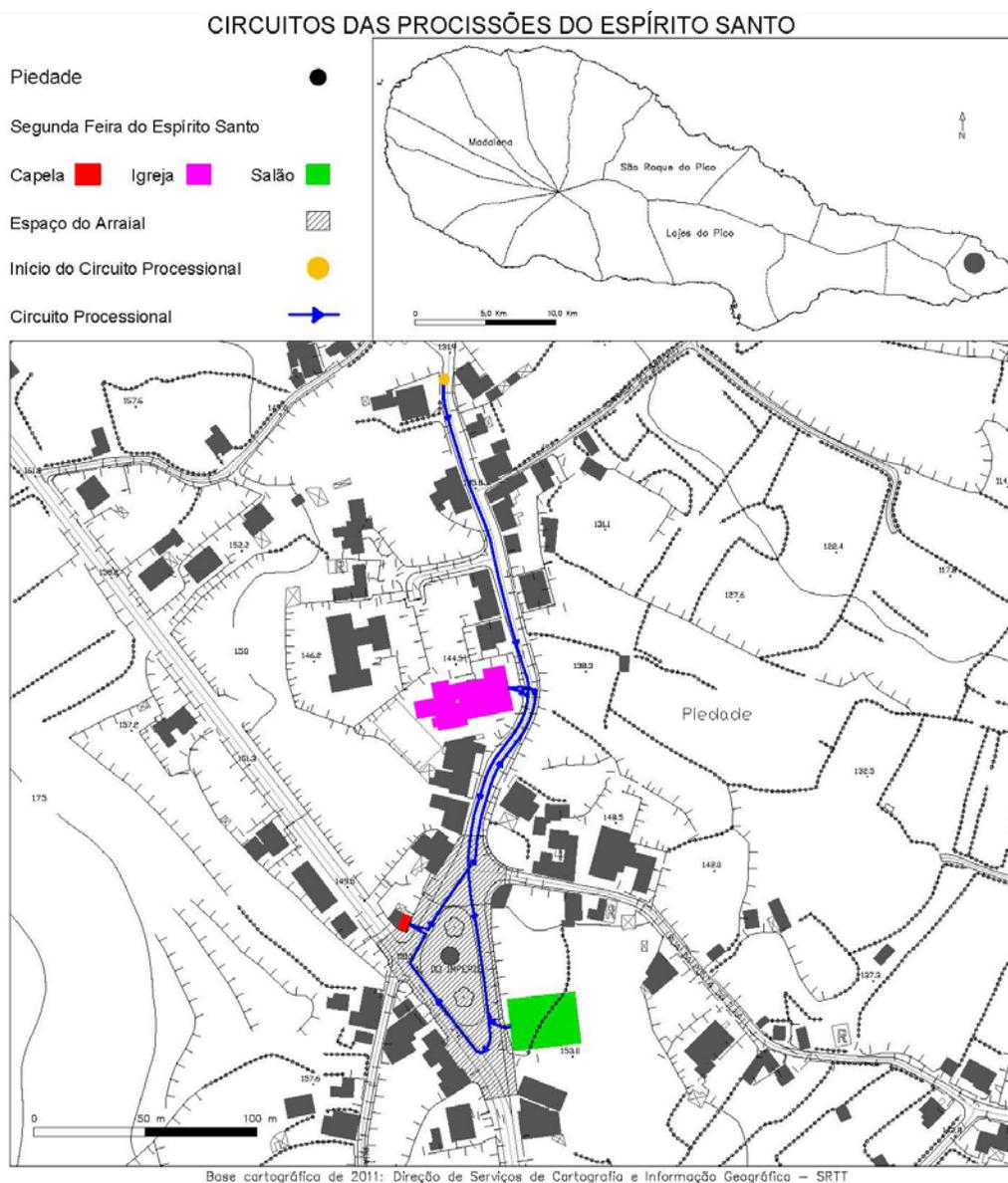


Figura 164 - Procissão do Espírito Santo na Piedade (ver figuras 124 e 129).

CIRCUITOS DAS PROCISSÕES DO ESPÍRITO SANTO

- Piedade ●
- Domingo da Trindade
- Capela ■ Igreja ■ Salão ■
- Espaço do Arraial ▨
- Início do Circuito Processional ●
- Circuito Processional →

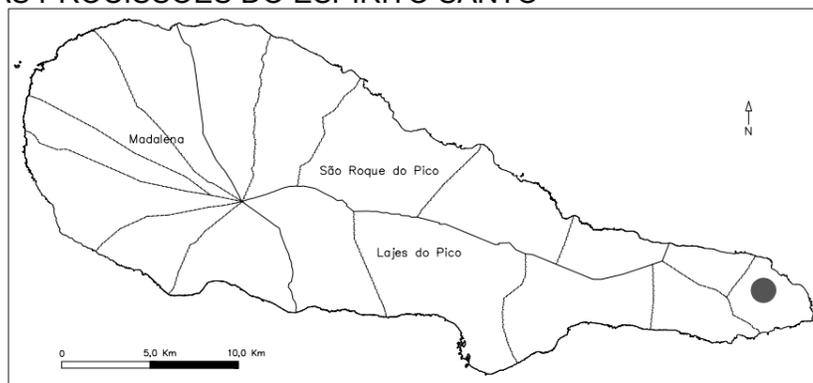
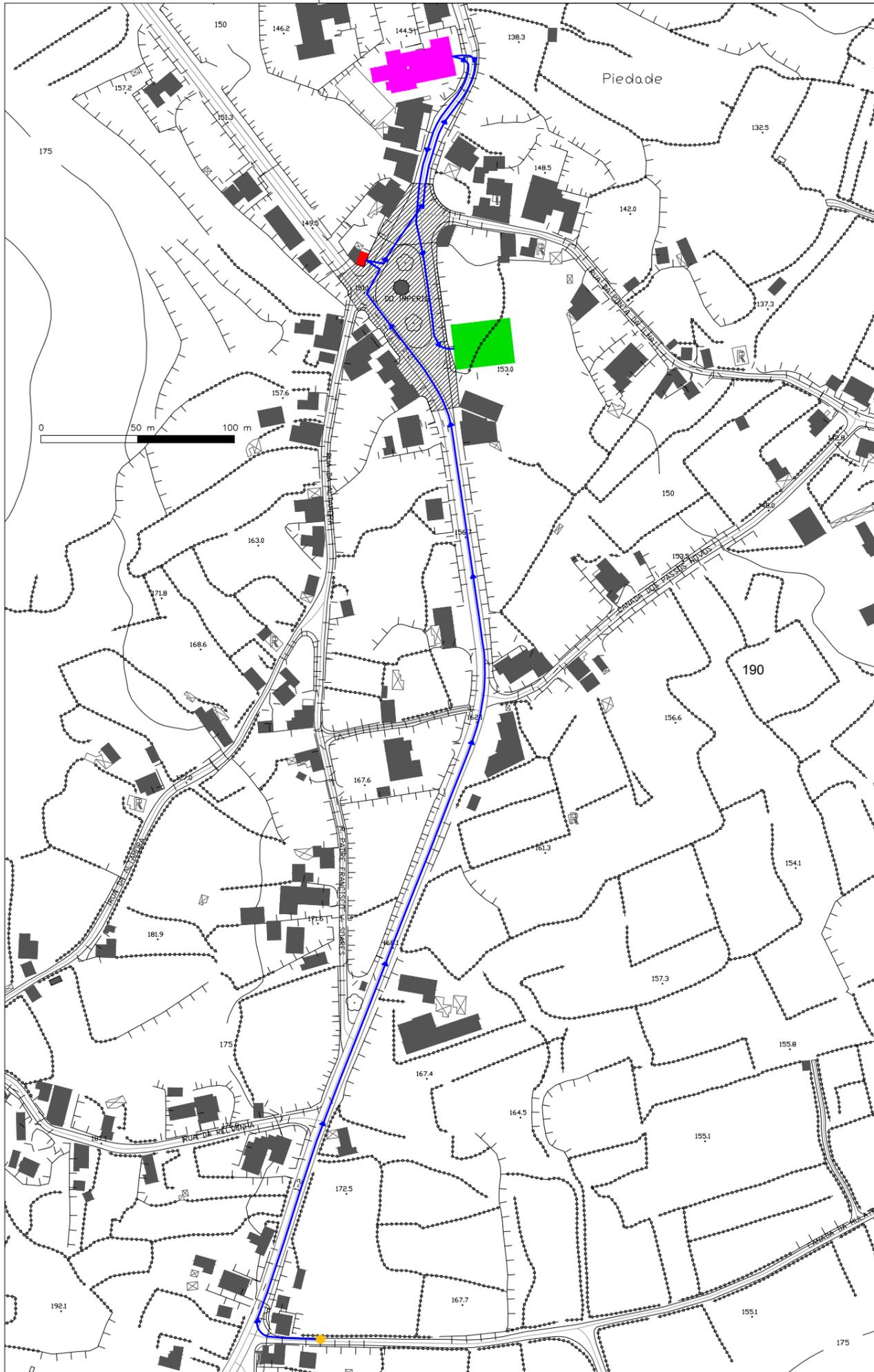


Figura 165 - Procissão do Espírito Santo na Piedade (ver figuras 124 e 129).



Base cartográfica de 2011: Direção de Serviços de Cartografia e Informação Geográfica – SRTT

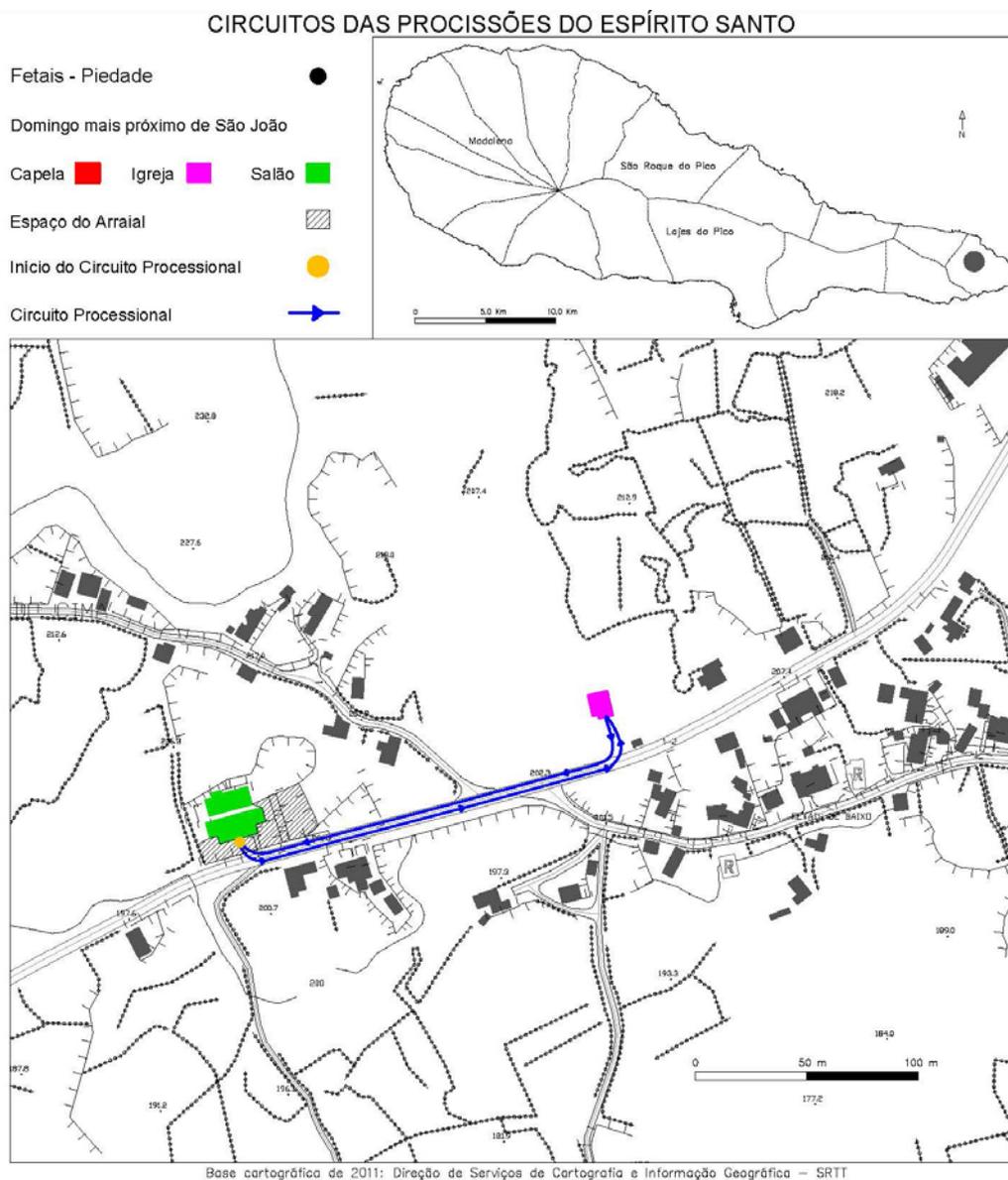


Figura 166 - Procissão do Espírito Santo na localidade dos Fetais na Piedade (ver figuras 124 e 129).

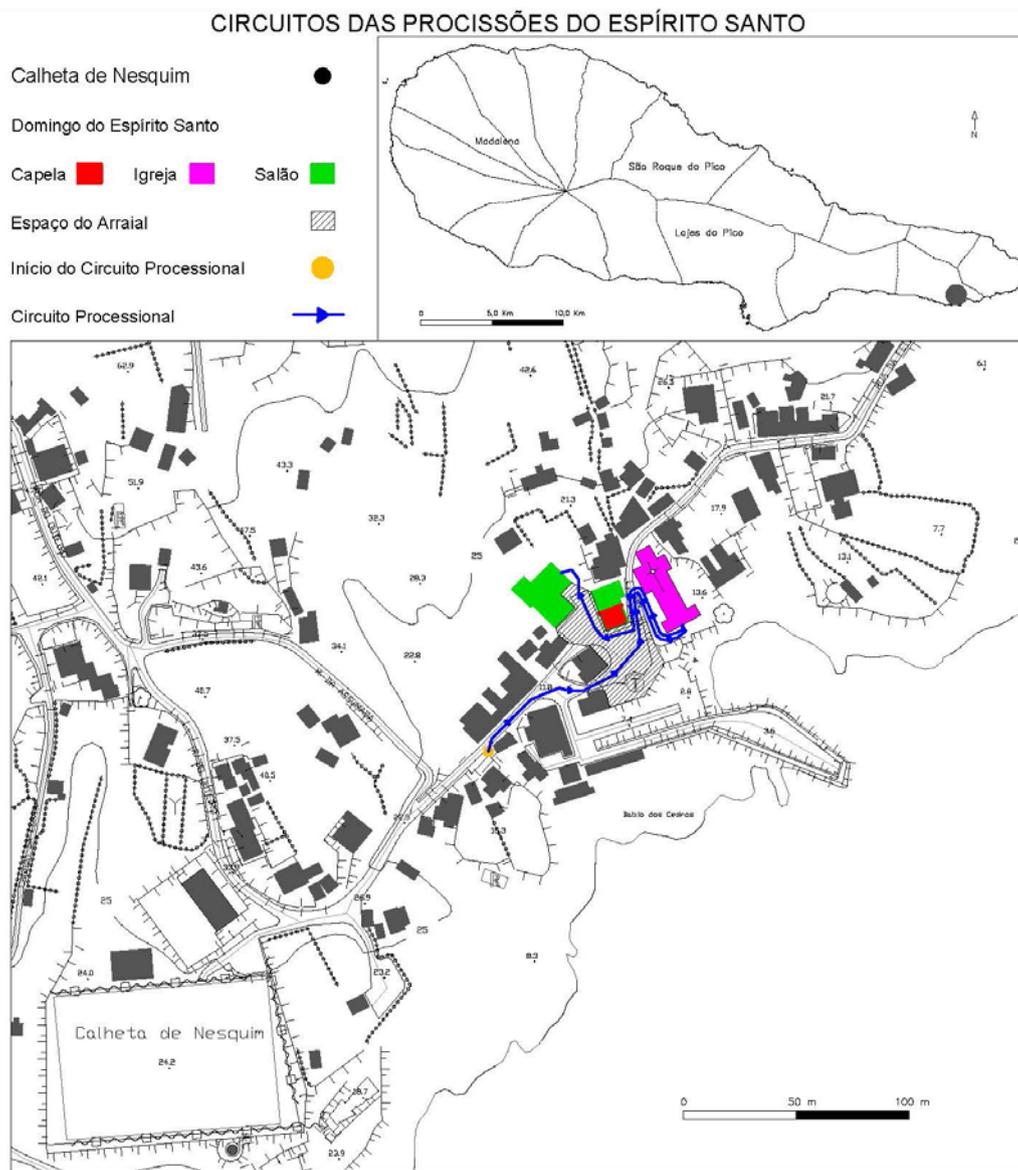
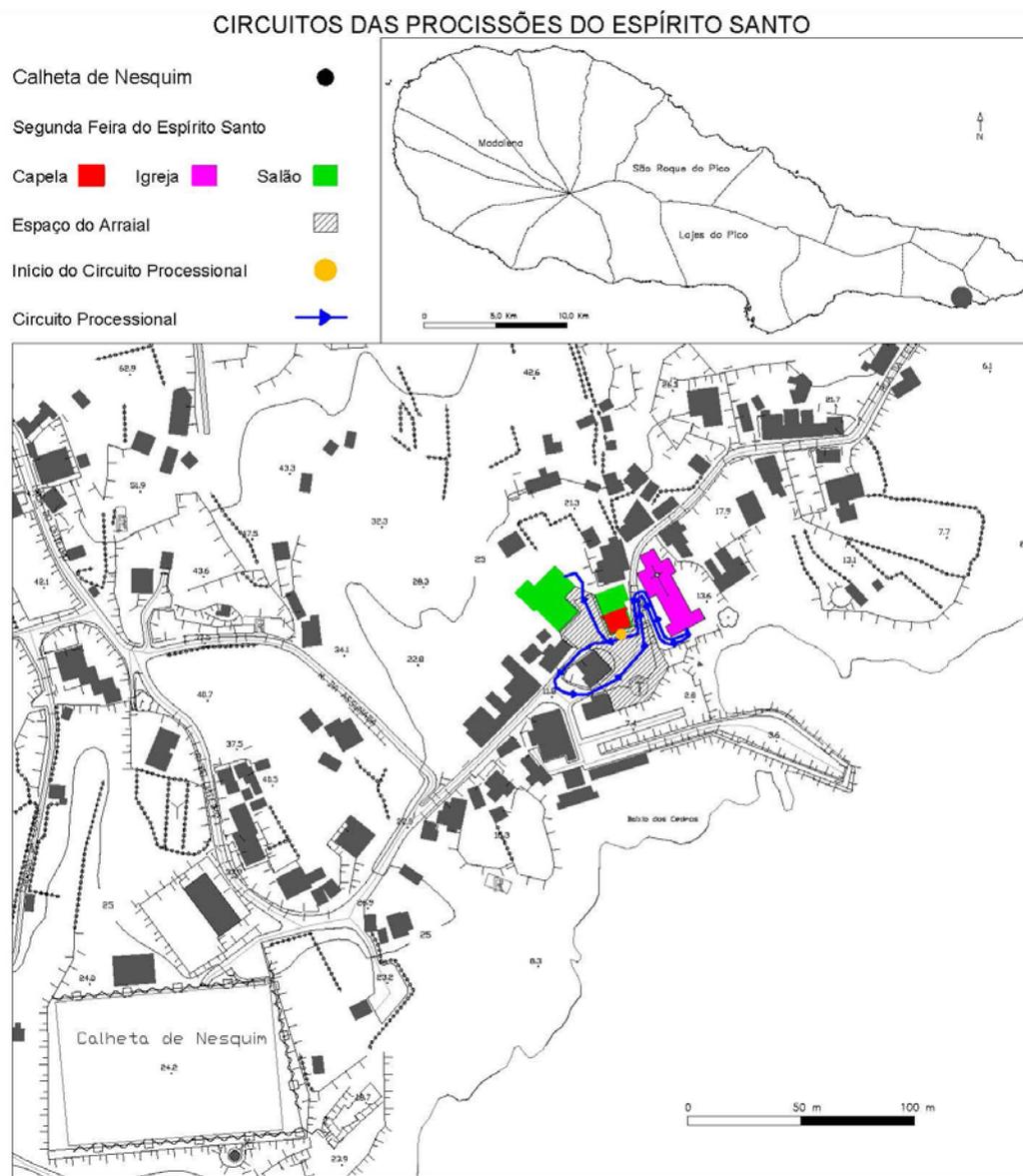


Figura 167 - Procissão do Espírito Santo na Calheta de Nesquim (ver figuras 125 e 129).



Base cartográfica de 2011: Direção de Serviços de Cartografia e Informação Geográfica – SRTT
Figura 168 - Procissão do Espírito Santo na Calheta de Nesquim (ver figuras 125 e 129).

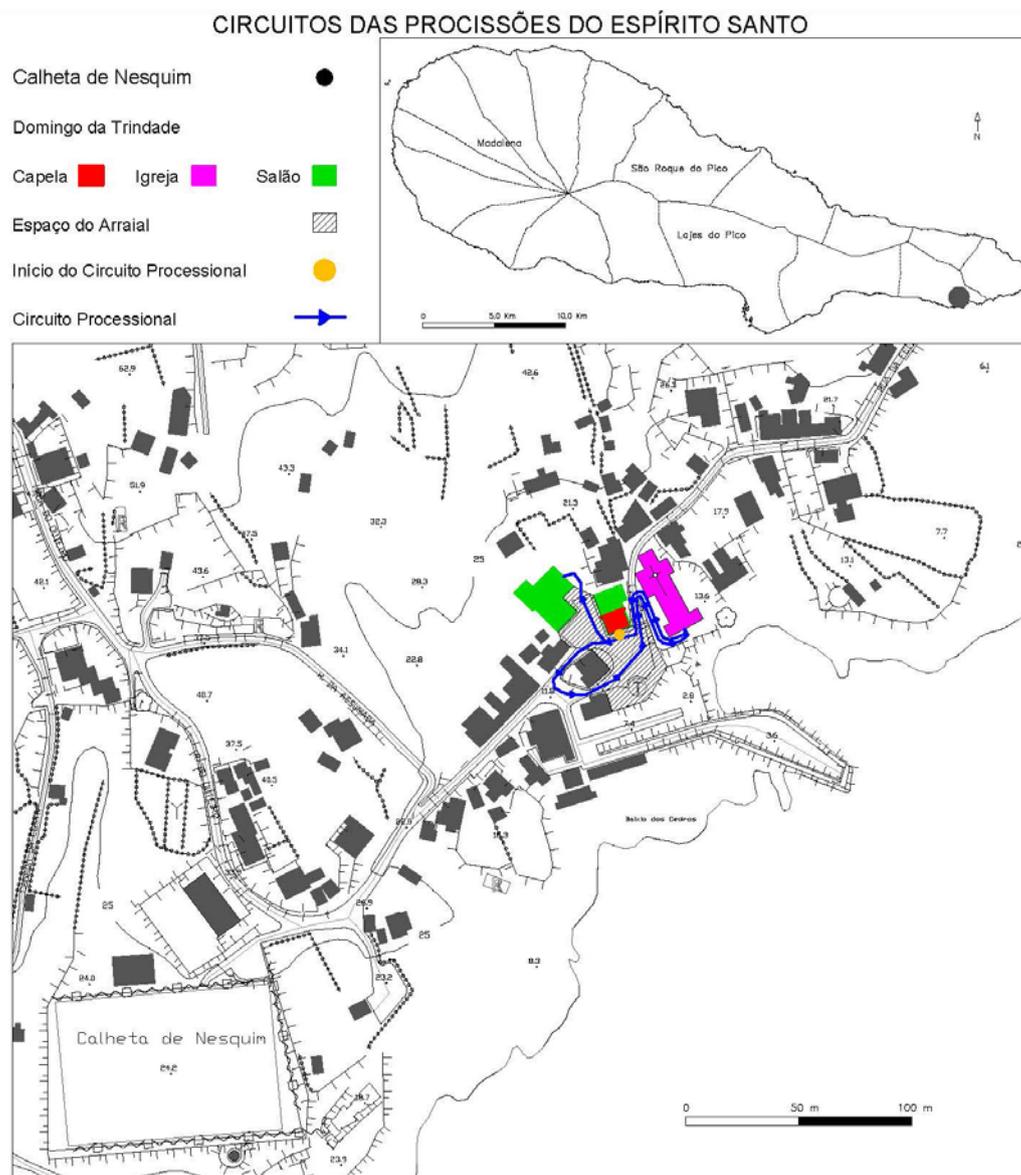


Figura 169 - Procissão do Espírito Santo na Calheta de Nesquim (ver figuras 125 e 129).

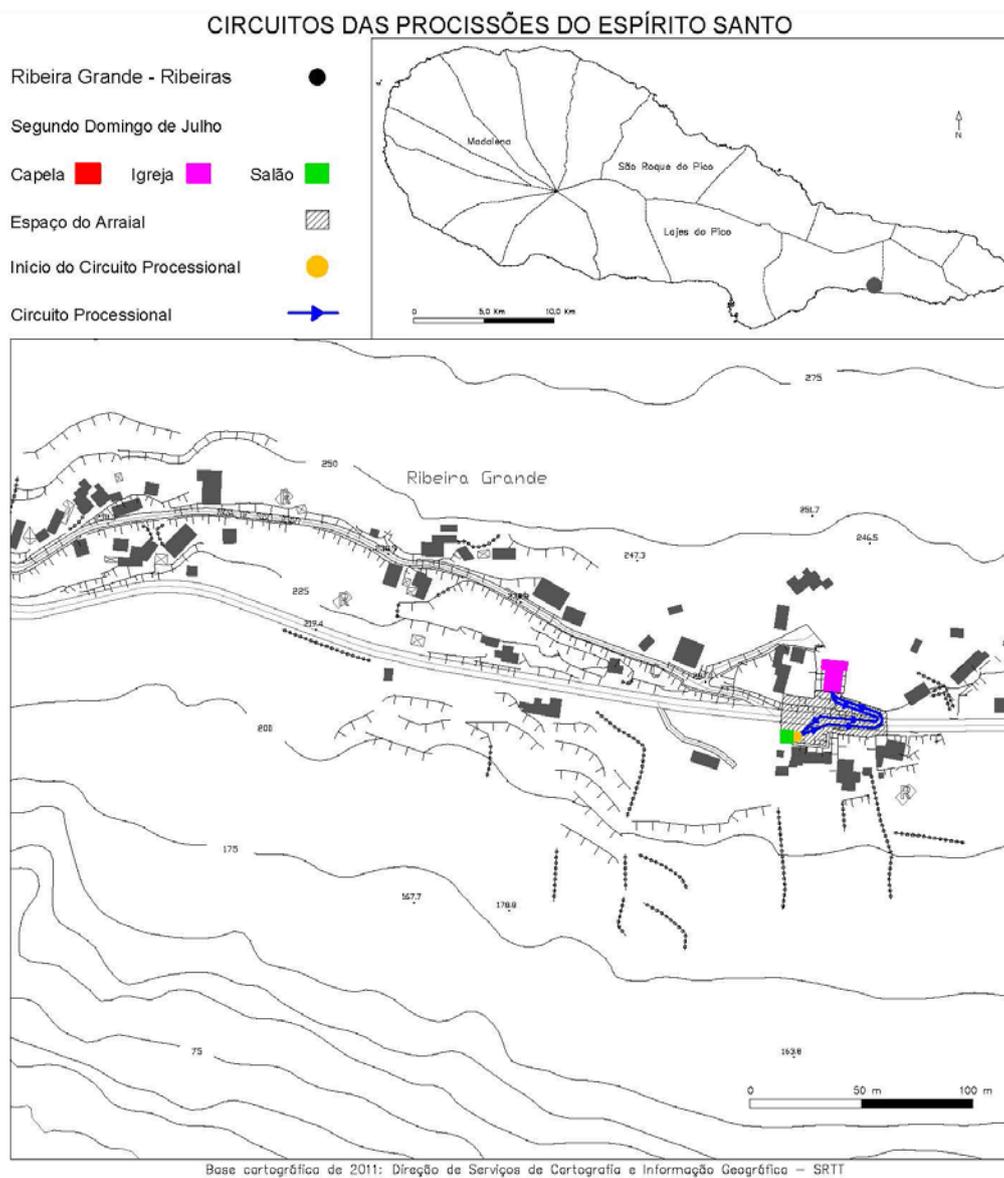


Figura 170 - Procissão do Espírito Santo na localidade da Ribeira Grande nas Ribeiras (ver figuras 126 e 129).

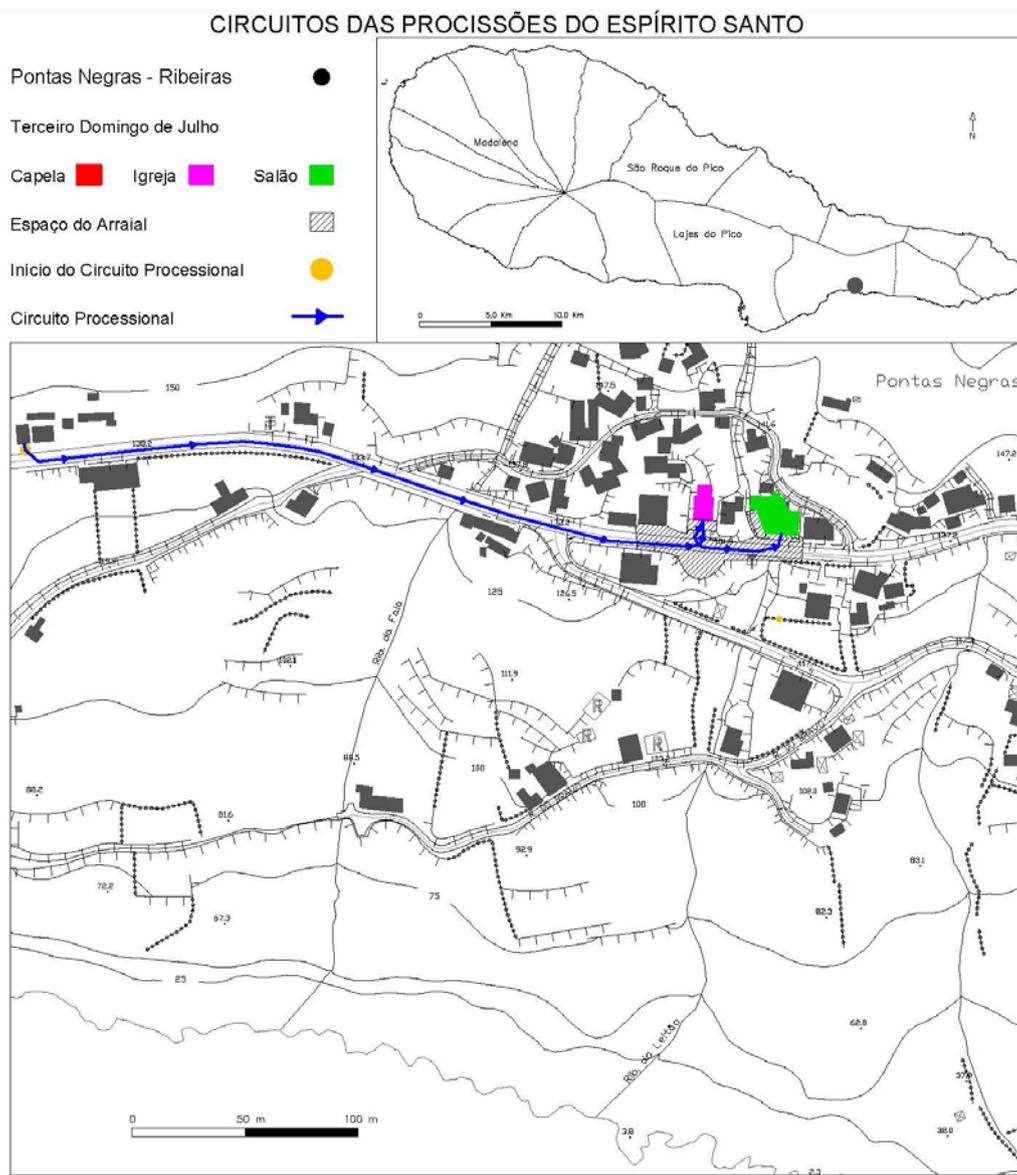


Figura 171 - Procissão do Espírito Santo na localidade das Pontas Negras nas Ribeiras (ver figuras 126 e 129).

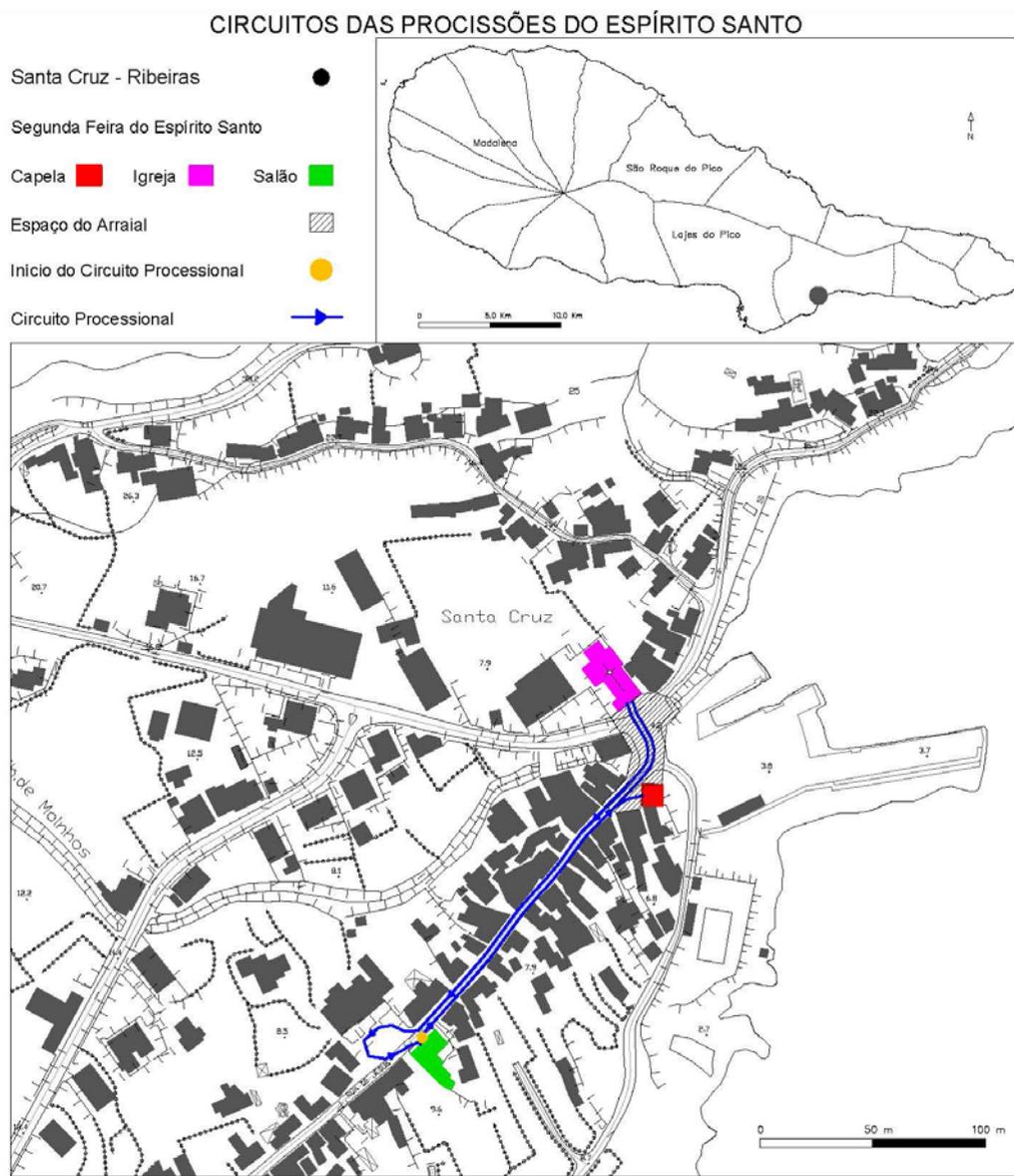


Figura 172 - Procição do Espírito Santo na localidade de Santa Cruz nas Ribeiras (ver figuras 126 e 129).

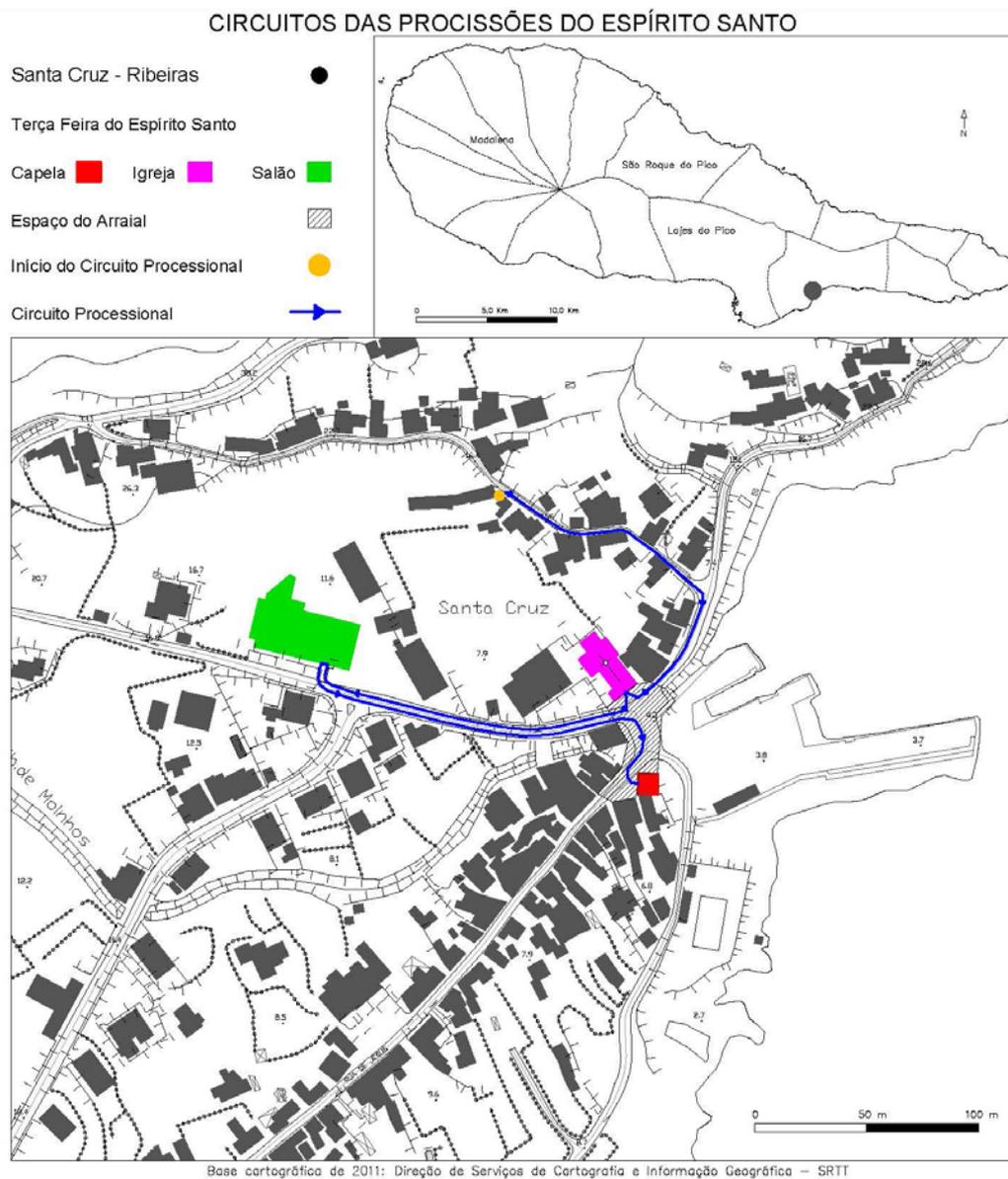


Figura 173 - Procição do Espírito Santo na localidade de Santa Cruz nas Ribeiras (ver figuras 126 e 129).

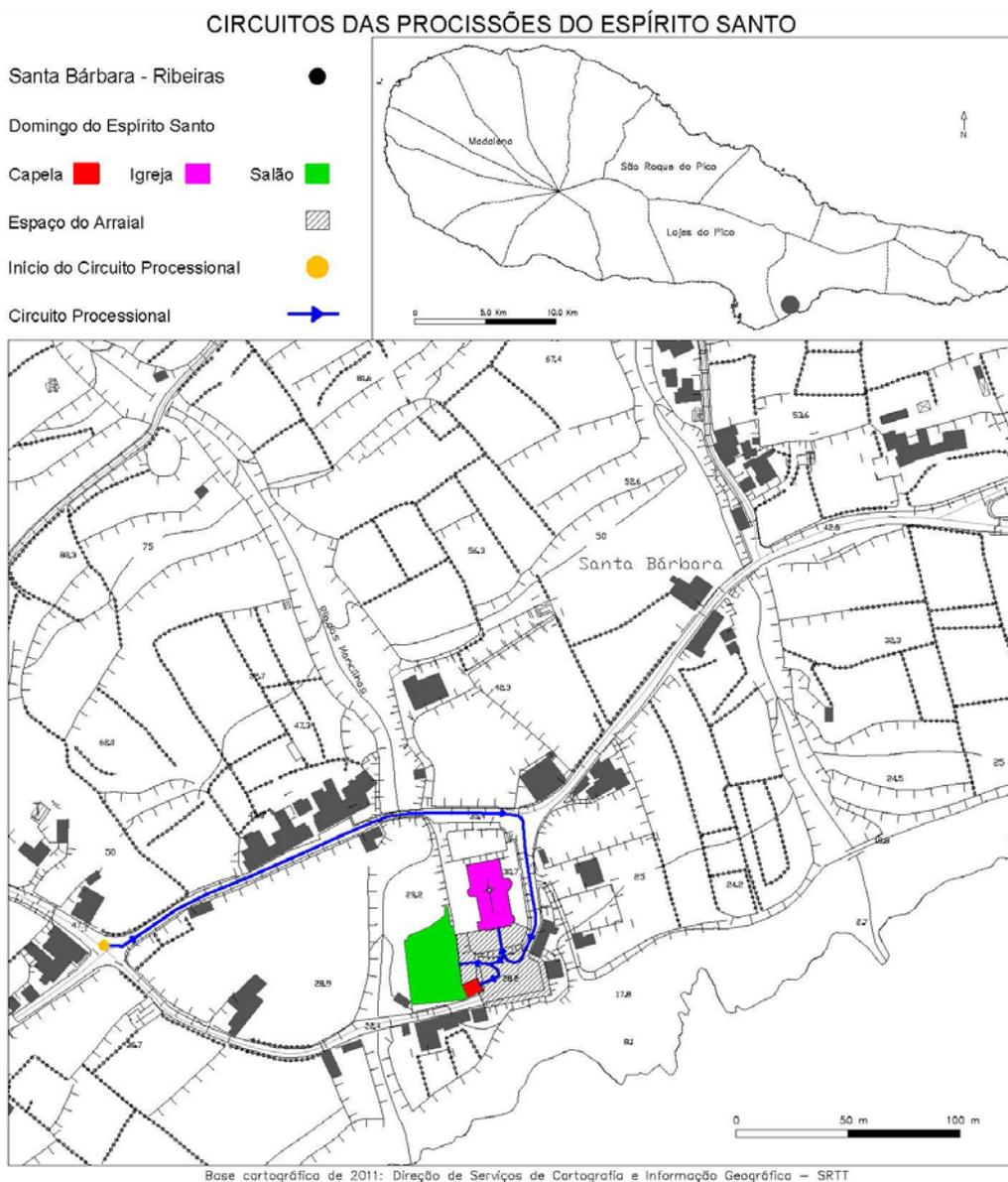


Figura 174 - Procissão do Espírito Santo na localidade de Santa Bárbara nas Ribeiras (ver figuras 126 e 129).

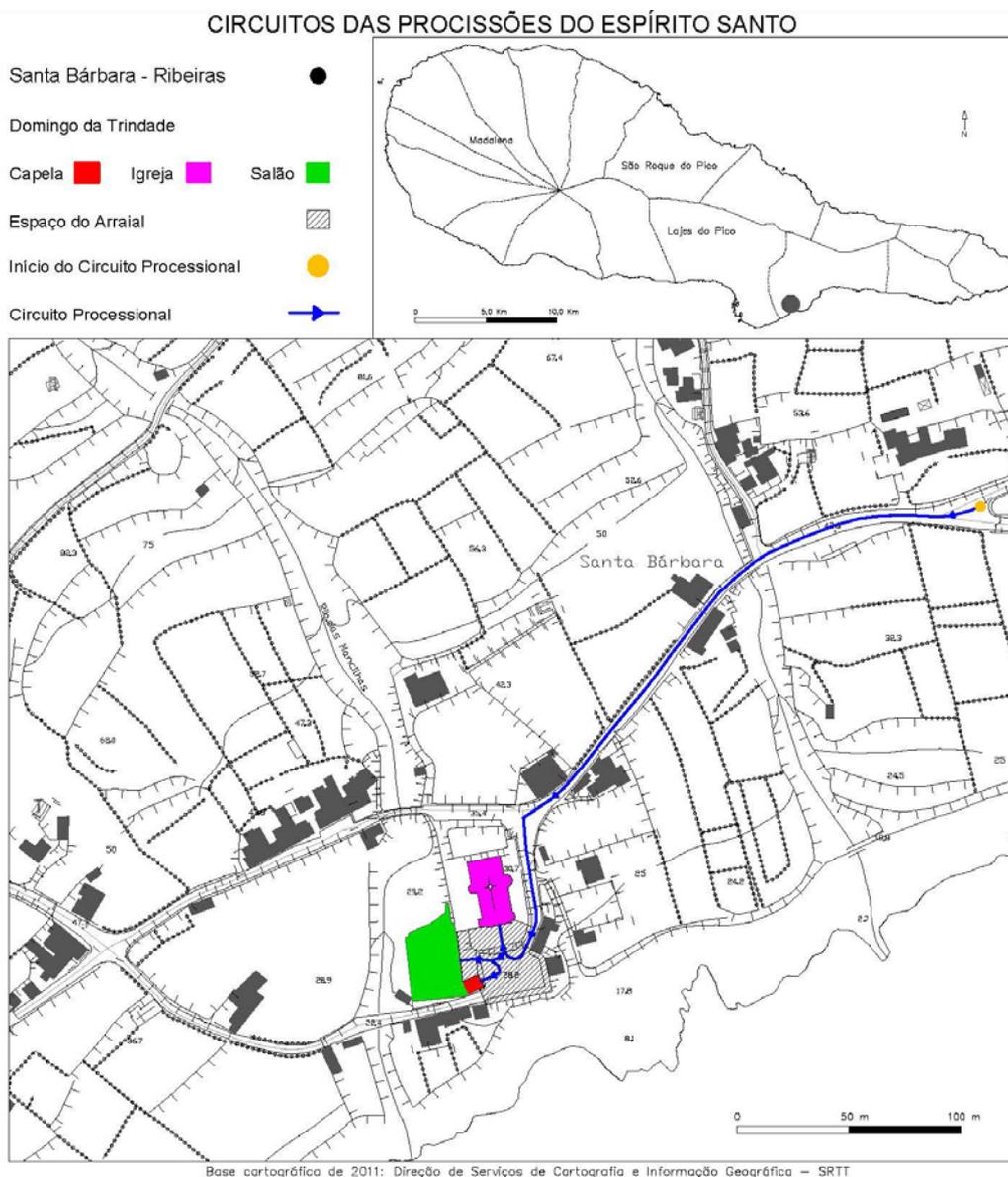


Figura 175 - Procissão do Espírito Santo na localidade de Santa Bárbara nas Ribeiras (ver figuras 126 e 129).

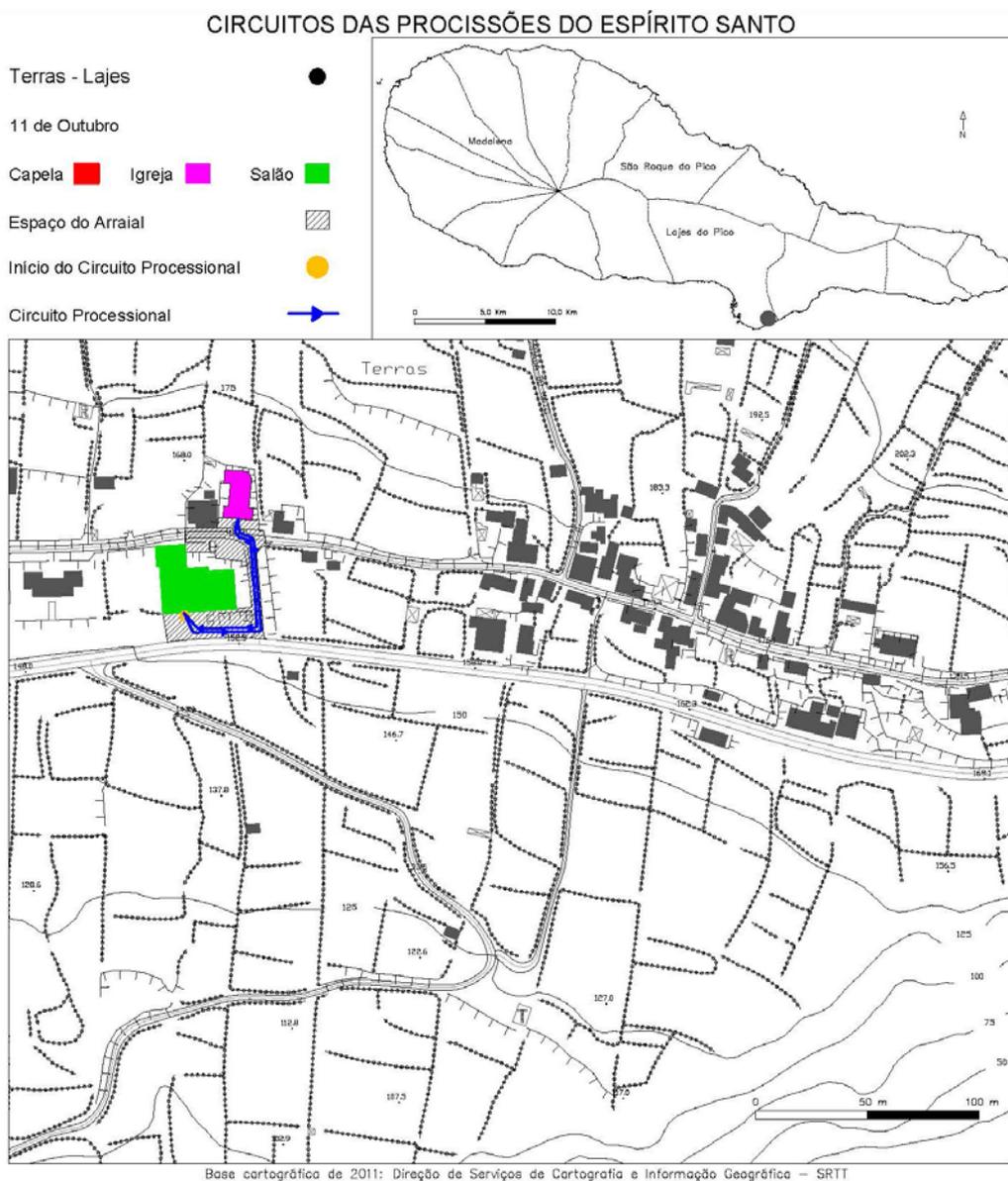


Figura 176 - Procissão do Espírito Santo na localidade das Terras nas Lajes do Pico (ver figuras 127 e 129).

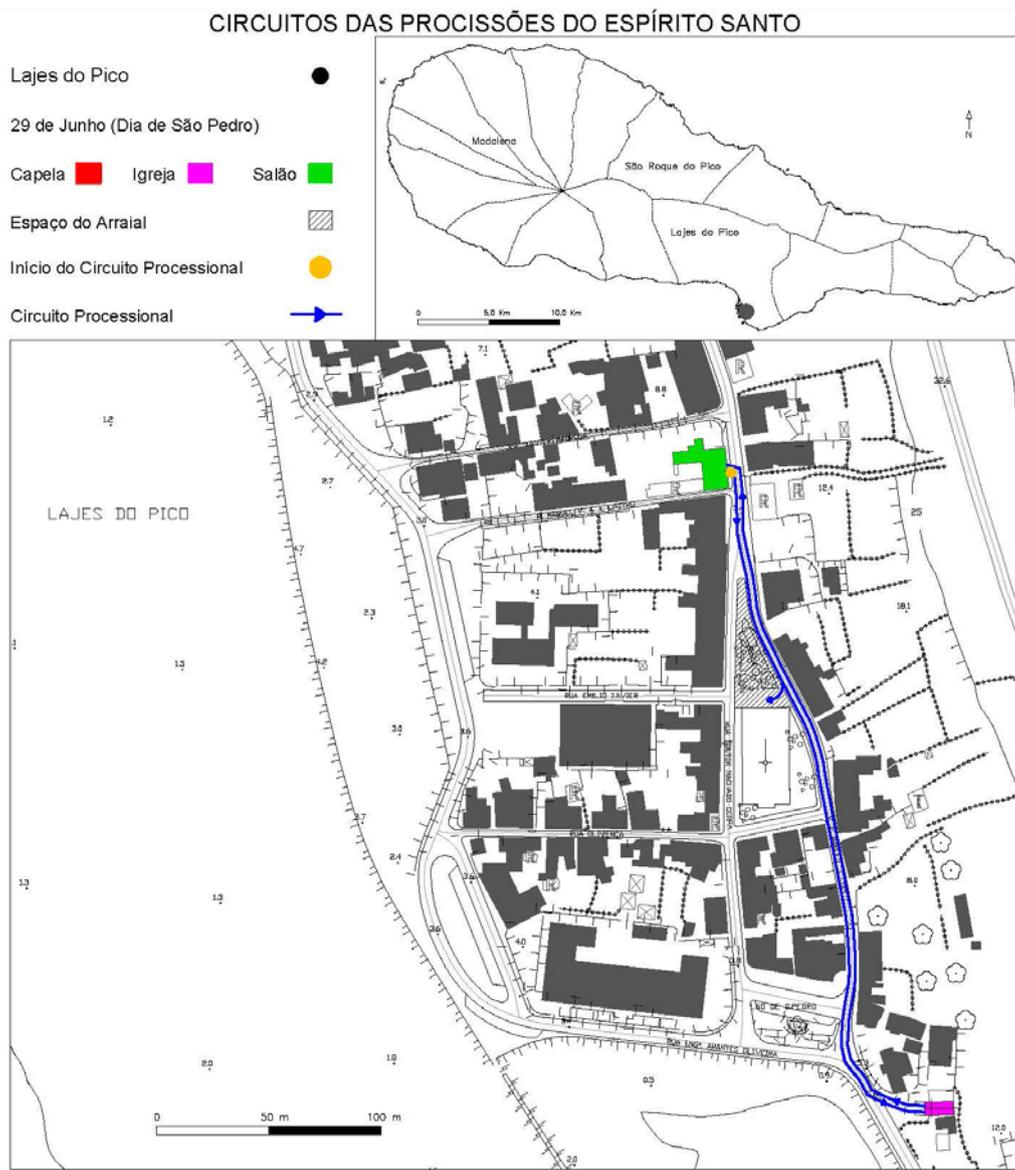


Figura 177 - Procissão do Espírito Santo nas Lajes do Pico (ver figura 127 e 129).

CIRCUITOS DAS PROCISSÕES DO ESPÍRITO SANTO

- Ribeira do Meio - Lajes do Pico ●
- Domingo do Espírito Santo
- Capela ■ Igreja ■ Salão ■
- Espaço do Arraial ▨
- Início do Circuito Processional ●
- Circuito Processional →

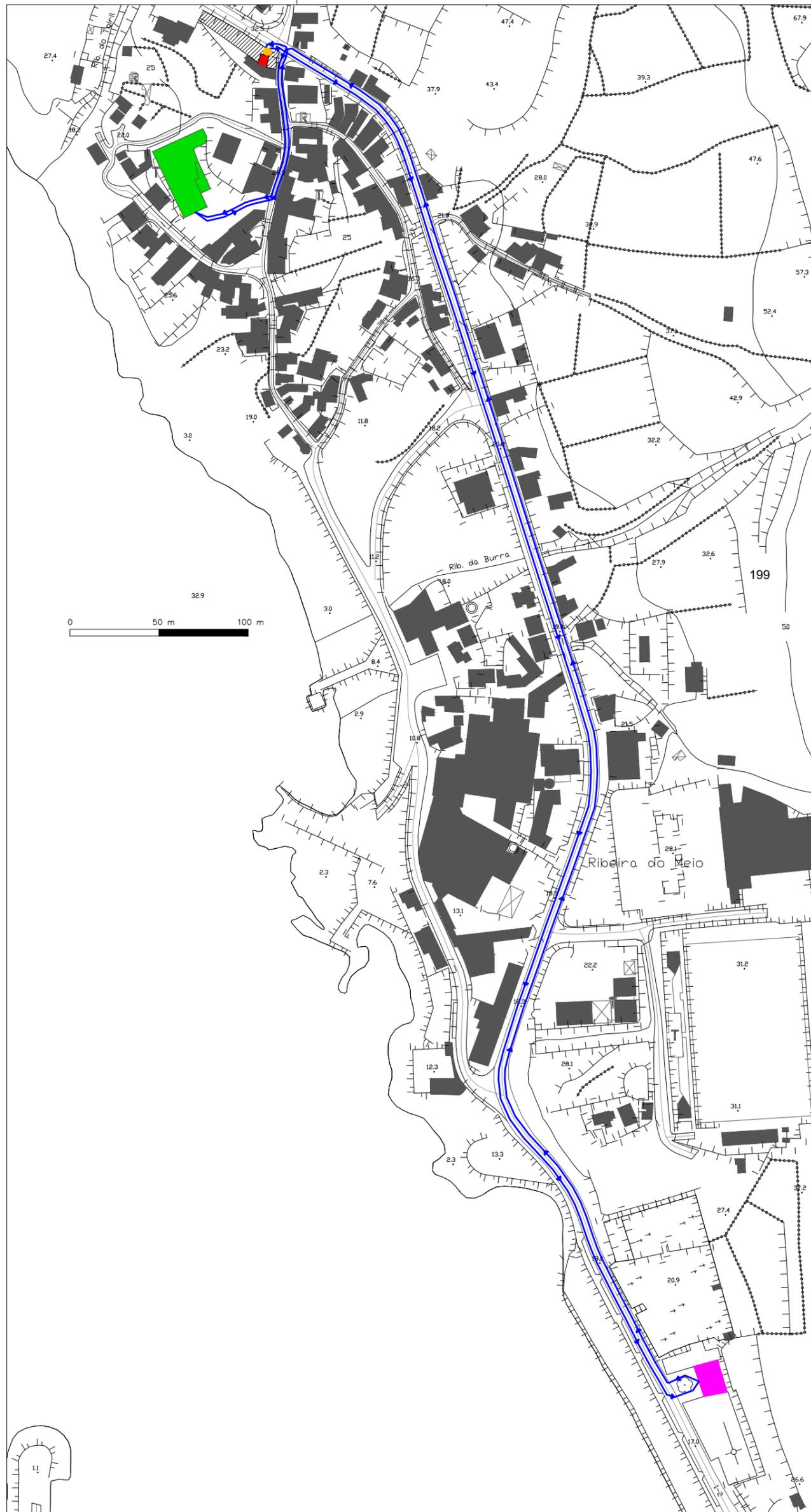
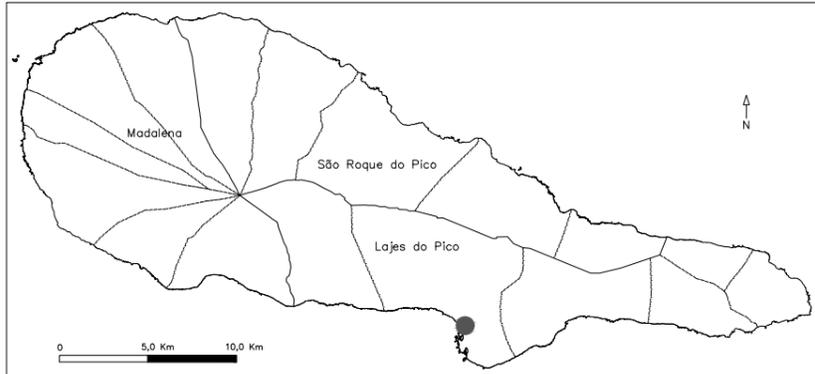
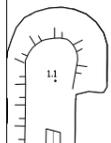


Figura 178 - Procissão do Espírito Santo na localidade da Ribeira do Meio nas Lajes do Pico (ver figura 127 e 129).



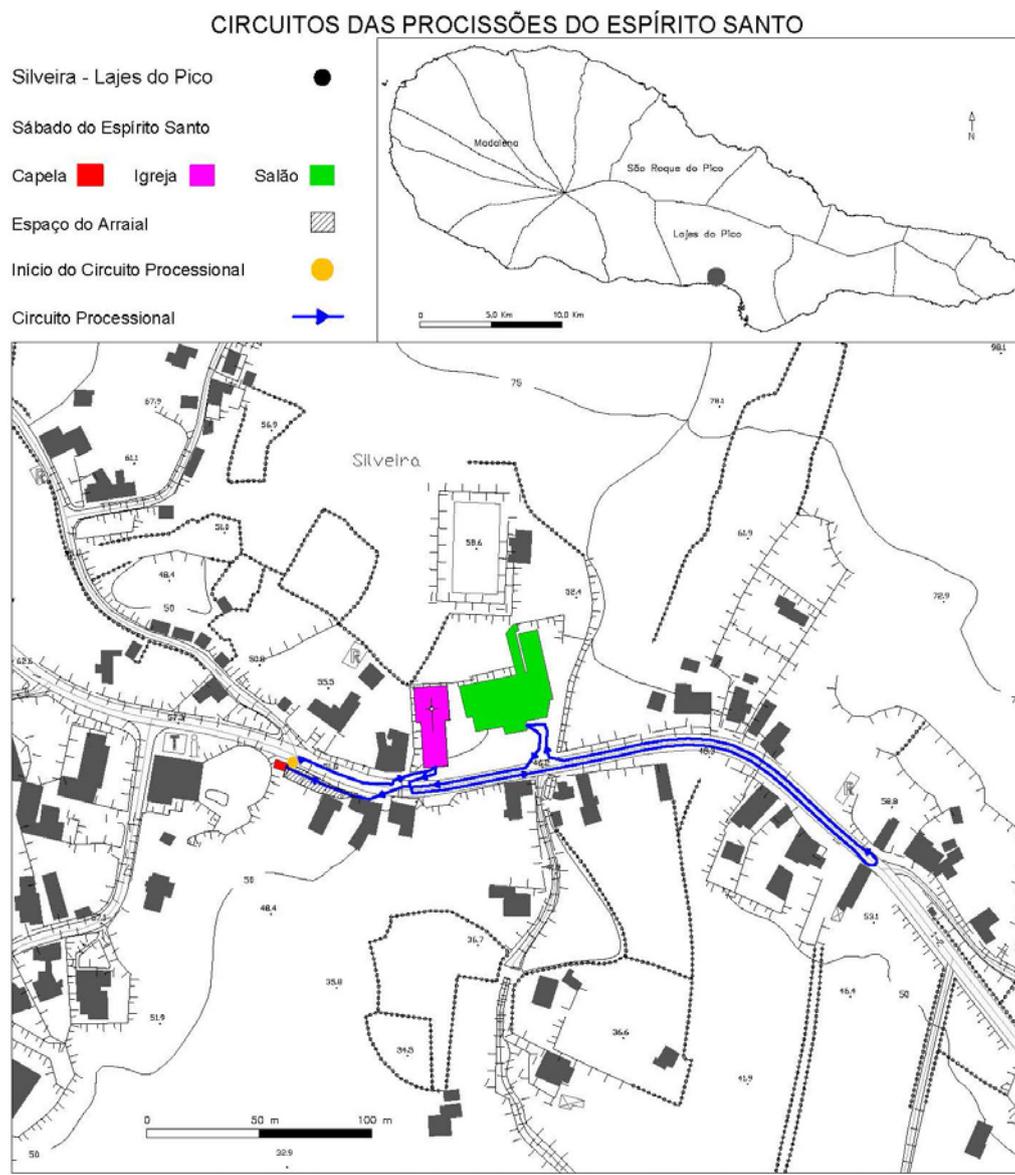


Figura 179 - Procissão do Espírito Santo na localidade da Silveira nas Lajes do Pico (ver figura 127 e 129).

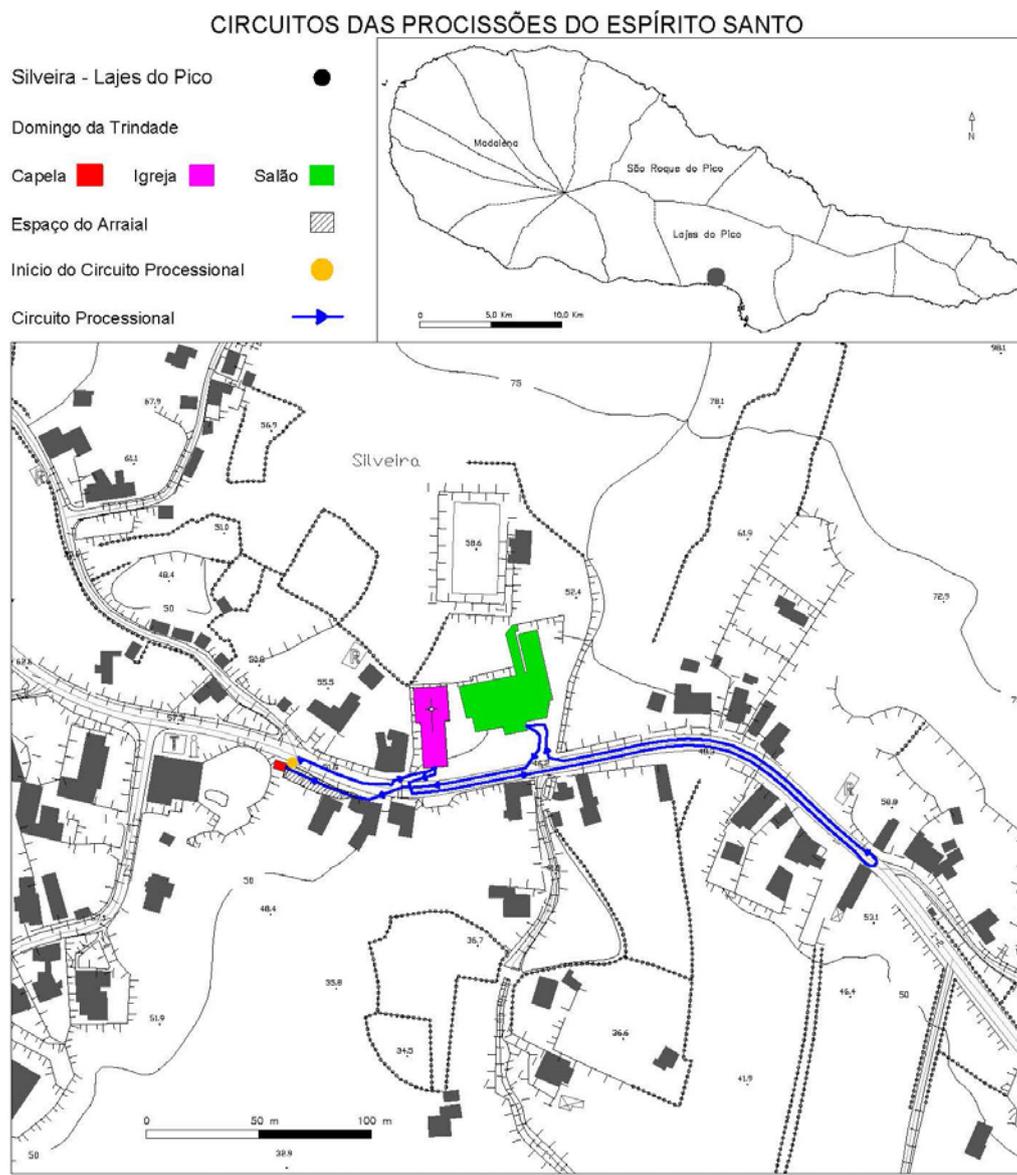


Figura 180 - Procição do Espírito Santo na localidade da Silveira nas Lajes do Pico (ver figura 127 e 129).

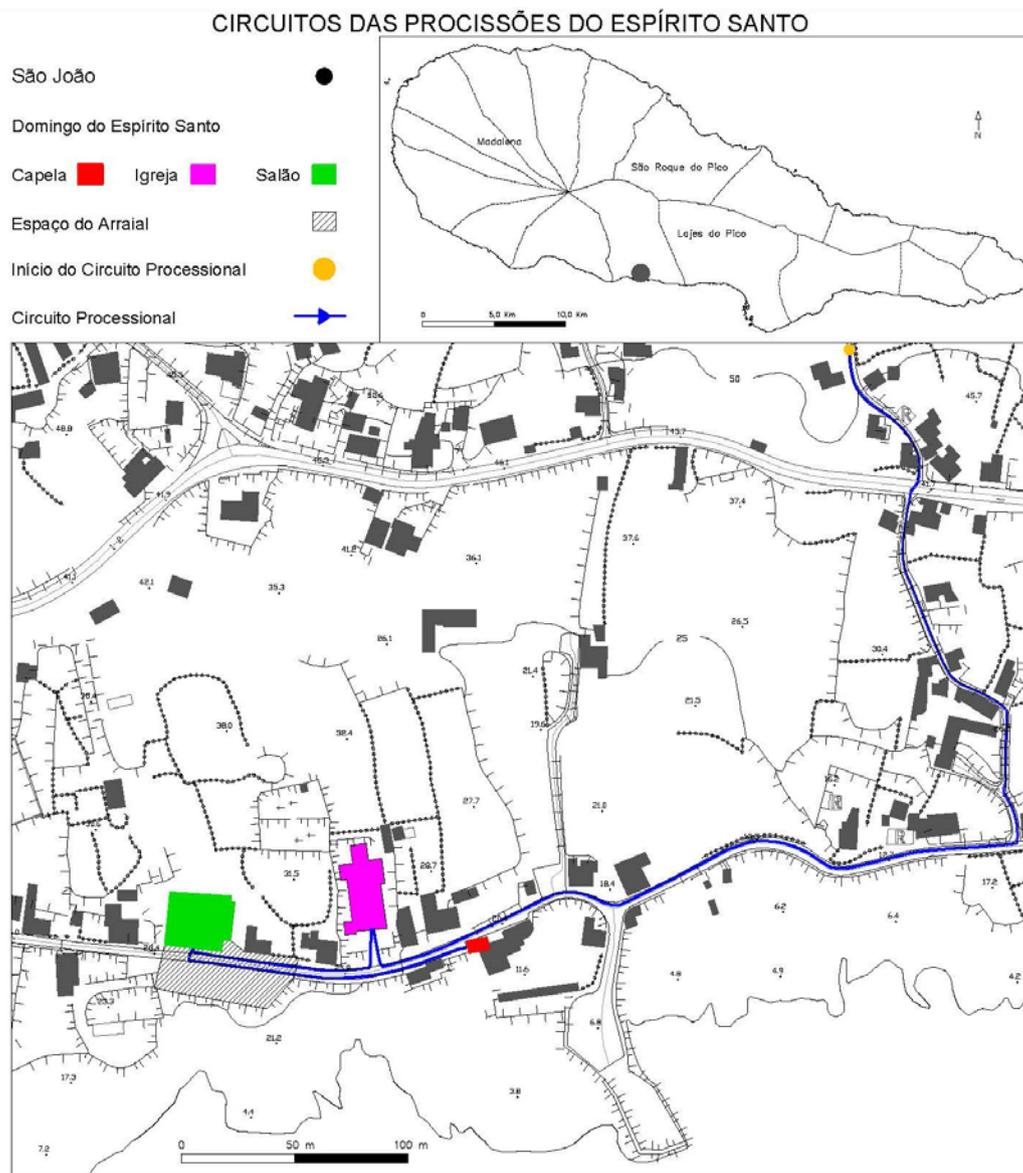


Figura 181 - Procissão do Espírito Santo em São João (ver figura 128 e 129).

CIRCUITOS DAS PROCISSÕES DO ESPÍRITO SANTO

São João



Terça Feira do Espírito Santo

Capela



Igreja



Salão



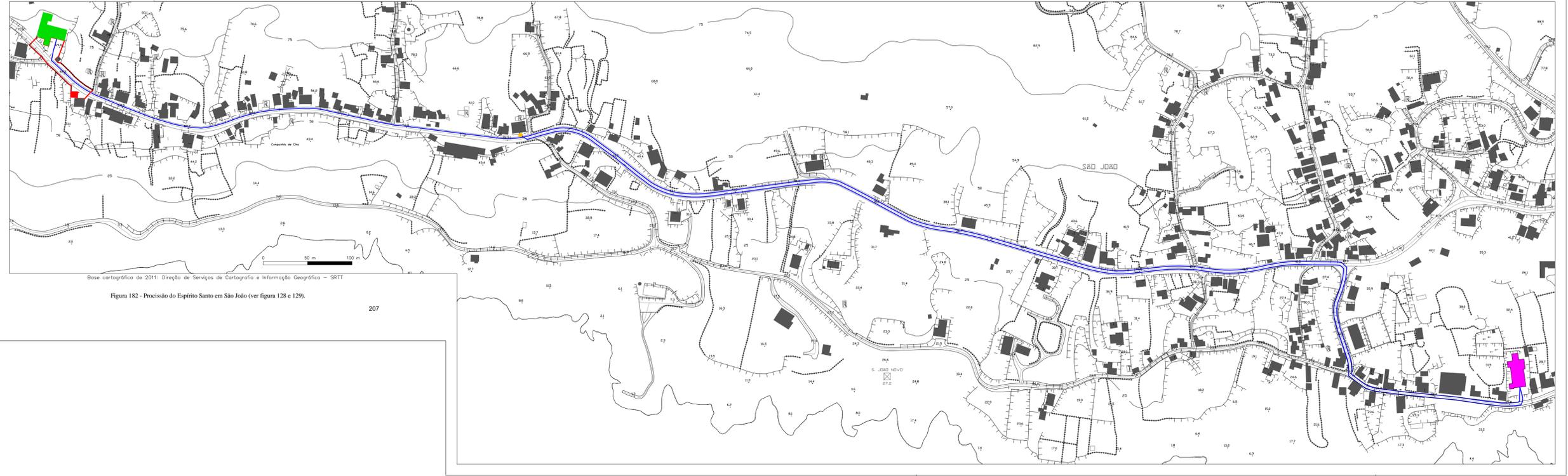
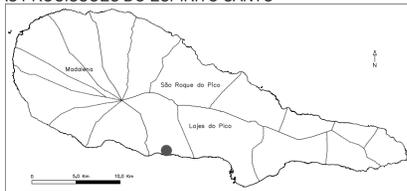
Espeço do Arraial



Início do Circuito Processional



Circuito Processional



Base cartográfica de 2011: Direção de Serviços de Cartografia e Informação Geográfica - SRTT

Figura 182 - Procissão do Espírito Santo em São João (ver figura 128 e 129).

O culto do divino Espírito Santo e a organização do espaço físico e ritual da ilha do Pico-Açores

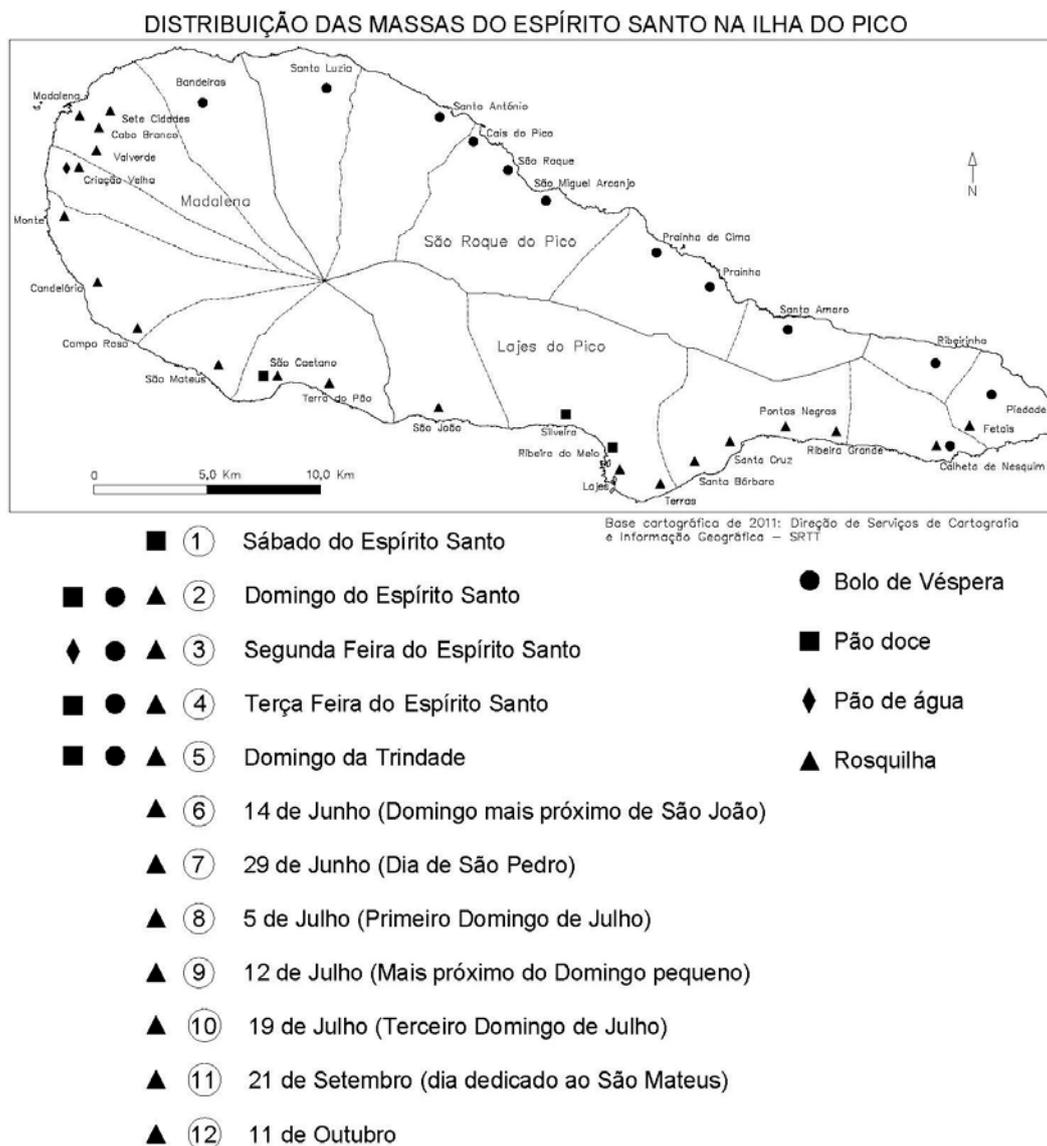


Figura 183 – Mapa com a distribuição das massas em todas as festas do Espírito Santo na ilha do Pico (ver figuras 129 a 182).